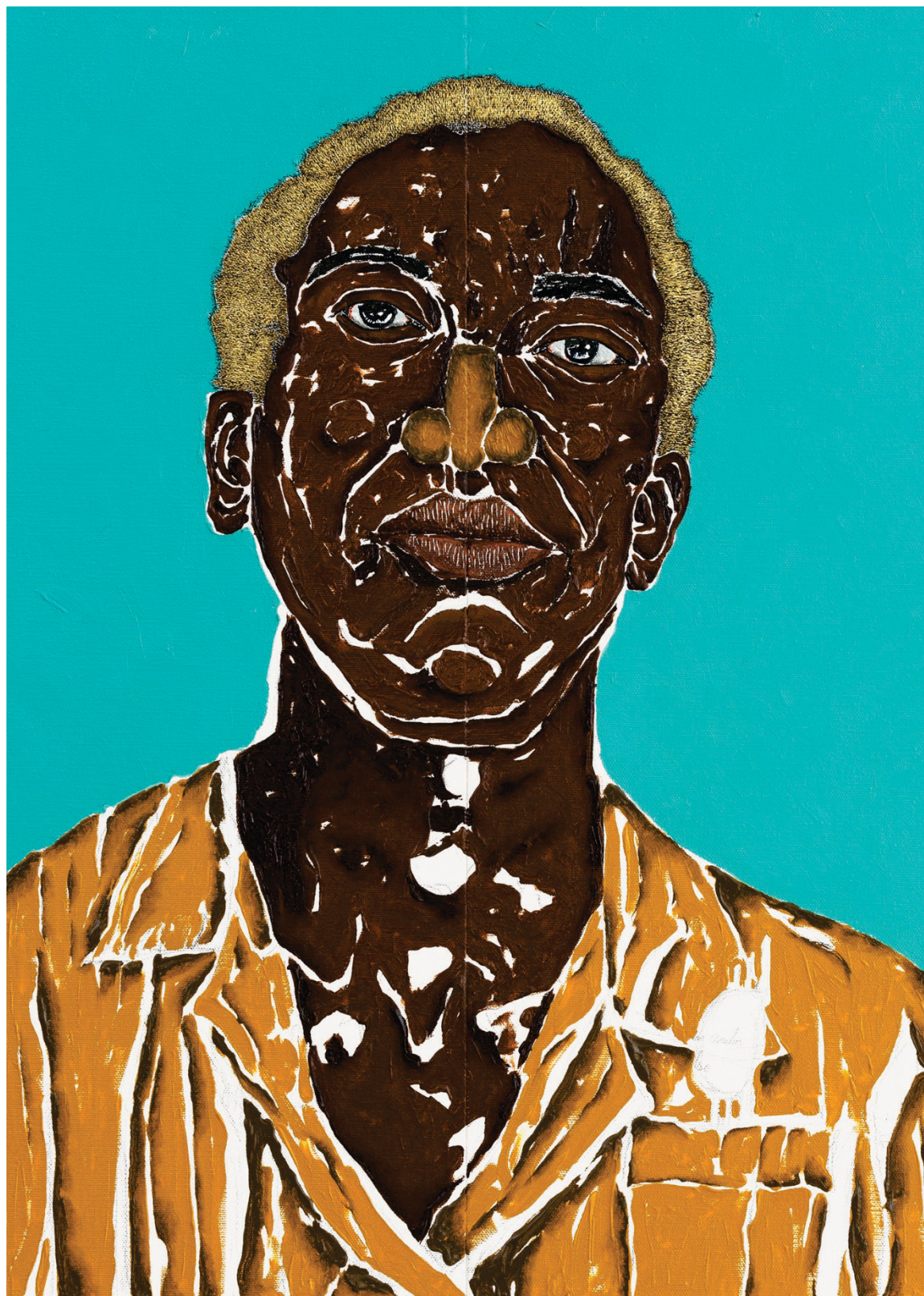


F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 16 - NÚMERO 4 - OUT./DEZ. 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Luiz Henrique Milani Queriquelli
SUB-CHEFE | Sandra Quarezemin

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADORA | Rosângela Pedralli
VICE-COORDENADORA | Ana Cláudia de Souza

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index> Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 17, n. 4 (2020)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2019 –Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-84121. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>DOAJ - <https://doaj.org>EBSCO - <http://www.ebsco.com>Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>Latindex - <http://www.latindex.org>Sumários.org - <http://www.sumarios.org>Redib: <https://www.redib.org>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 17 | NÚMERO 4 | OUT./ DEZ. 2020

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 17 | n.4 | p. 5171-5574 | out./dez.2020

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - SC, BR | Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | Eric Duarte Ferreira, UFFS, Brasil | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Agata Lechner. UFSC, Florianópolis, BR | Aline Aline Francieli Thessing. UFSC, Florianópolis, BR | Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | Anderson Jair Goulart. UFFS, Erechim, BR | Camila de Almeida Lara. UFSC, Florianópolis, BR | Igor Valdeci Ramos da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, BR | Jéssica Forini Ramon, Universidade Federal de Santa Catarina, BR | Letícia Berneira Cardozo, Universidade Federal de Santa Catarina, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR | Nathalia Müller Camozzato. UFSC, Florianópolis, BR | Nelly Andrea Guerrero Bautista , Florianópolis, BR | Priscila de Souza UFSC, Florianópolis, BR | Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Ana Demeurt . University of Cape Town, África do Sul | **Angela Bustos Kleiman** . UNICAMP, Campinas, BR | Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR | **Benedito Gomes Bezerra** . UFP, Recife, BR | Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | **Bento Carlos Dias da Silva** . UNESP, Araraquara, BR | Charles Briggs . UC Berkeley, EUA | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauén** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser**, Universität Konstanz, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **Jerry Lee**, University of California at Irvine, EUA | João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR | **João Wanderley Geraldi** . UNICAMP, Campinas, BR | José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | **Leonor Scliar Cabral** . UFSC, Florianópolis, BR | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | **Lilian Cristine Hübner** . PUCRS, Porto Alegre, BR | Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR | **Luiz Francisco Dias** . UFMG, Belo Horizonte, BR | Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | **Marci Fileti Martins** . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | Marco Jacquemet . University of San Francisco, EUA | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio**, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | **Marília Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni**, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPE, Passo Fundo, BR | **Tommaso Milani**, University of Gothenburg, Suécia | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Dalton Paula, 'Retratos', óleo sobre tela
Museu Itamar Assumpção

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

5187

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

UMA LEITURA DISCURSIVA DE ESCRITOS SOBRE MATTOSO CÂMARA JR. | 5192
Una lectura discursiva de escritos sobre Mattoso Câmara Jr. | A discursive reading
of writings about Mattoso Câmara Jr.

ROBERTO LEISER BARONAS

A METADISCURSIVIDADE EM NARRATIVAS NO CONTEXTO DA ATROFIA 5205
CORTICAL POSTERIOR | *La metadiscursividad de narrativas en el contexto de la*
atrofia cortical posterior | The metadiscursivity in narratives in the context of
posterior cortical atrophy

CAIO MIRA E KATIUSCIA CUSTODIO

CRONOTOPO PANDÊMICO E A PRODUÇÃO DE IMAGENS CORPÓREAS: REFLEXÕES INACABADAS | *Cronótopo pandêmico y la producción de imágenes corporales: reflexiones sin terminar* | Pandemic chronotope and the bodies image production: unfinished thoughts 5221

NÍVEA ROHLING

SUBVERTING THE CHRONOTOPE: THE *DONNIE DARKO* (2001) CASE | *Subvertendo o cronotopo: o caso Donnie Darko (2001)* | Subvertiendo el chronotope: el caso *Donnie Darko* (2001) 5238

MARCIA TIEMY MORITA KAWAMOTO

“TEM CONCERTO” PARA A ANGÚSTIA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ANSIOSO E DEPRESSIVO NAS LETRAS DE CLARICE FALCÃO E DE TIAGO IORC | *“Hay concierto” para la angustia: la constitución del sujeto ansioso y depresivo en las letras de Clarice Falcão y Tiago Iorc* | “Has concert for angst”: the constitution of the anxious and depressed subject in the letters of Clarice Falcão and Tiago Iorc 5247

THÂMARA SOARES DE MOURA E FRANCISCO VIEIRA DA SILVA

ULTRAPASSAGEM DE BARREIRA LINGÜÍSTICA E COOPTAÇÃO DE MÃO DE OBRA NO SUL DA BAHIA: PRIMEIROS ANOS DE COLONIZAÇÃO PORTUGUESA (1500-1549) | *Superación de la barrera lingüística y cooptación laboral en el sur de Bahia: primeros años de Colonización Portuguesa (1500-1549)* | Overcoming of linguistic barrier and cooptation of labor in the south of Bahia: first years of Portuguese Colonization (1500-1549) 5264

WAGNER ARGOLO NOBRE

A PAISAGEM SÓCIO-LINGUÍSTICA: A POLÍTICA, A DIVERSIDADE E A MIGRAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO | *El paisaje sociolingüístico: la política, la diversidad y la migración en el espacio público* | The sociolinguistic landscape: politics, diversity and migration in the public space 5275

KAROLINA BIELENIN-LENCZOWSKA

ENTRE O SERTÃO E O LITORAL: A TOPONÍMIA NOS TEXTOS DE EULÁLIO MOTTA PUBLICADOS NO JORNAL MUNDO NOVO | *Entre el interior y el litoral: la toponimia en los textos de Eulálio Motta publicados en el periódico Mundo Novo* | Between the sertão and the coast: toponymy in Eulálio Motta's texts published in the newspaper Mundo Novo 5292

IAGO GUSMÃO SANTIAGO E LILIANE LEMOS SANTANA BARREIROS

EMBATES ENTRE VOZES NA REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DE CURSOS DE LETRAS: O DISCURSO DA INTERDISCIPLINARIDADE EM QUESTÃO | *Embates entre voces en la reestructuración curricular de cursos de letras: el discurso de la interdisciplinarietà en cuestión* | Clashes among the voices in the curricular restructuring of undergraduate language teacher education programs: the discourse on interdisciplinarity under consideration 5311

JOZANES ASSUNÇÃO NUNES

ESCRITA ACADÊMICA NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO AO MÉDIO: NEGOCIAÇÕES EM TORNO DA ESCRITA DE UM TCC | *Escritura académica en la ecadución técnica integrada a la enseñanza media: negociaciones acerca de la escritura de un TCC* | Academic writing in technical education integrated to high school: negotiations around the writing of a Term Paper 5329

RAFAEL PETERMANN E NEIVA MARIA JUNG

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE A ESCRITA ACADÊMICA E SEU ENSINO NO CONTEXTO DO IsF | *Representaciones discursivas sobre la escritura académica y su enseñanza en el contexto del Programa Idiomas Sin Fronteras – IsF* | Discursive representations of academic writing and its teaching in the context of “The Language Without Borders Program” 5343

CRISTIANE CARVALHO DE PAULA BRITO

VIDEOMONTAGENS DE HUMOR: REFLEXÕES SOB A PERSPECTIVA DO GÊNERO | *Montaje de video humor: reflexiones bajo la perspectiva de género* | Humor video montages: some reflections from a gender perspective 5356

LÍGIA MARA BOIN MENOSSI DE ARAÚJO E MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ

DO QUE SE DIZ AO QUE SE FAZ: ANÁLISE DA CONSTITUIÇÃO DE UM LD DE ITALIANO PARA ESTRANGEIROS | *De lo que se dice a lo que se hace: análisis de la constitución de un LD de Italiano para Extranjeros* | What you say and what you do: analysis of the constitution of an LD of Italian for Foreigners 5366

JEFERSON EVARISTO

RECURSOS METADISCURSIVOS EM RESUMOS DE TESE: O ESTILO EM TEXTOS ESPECIALIZADOS | *Recursos metadiscursivos en resúmenes de tesis: el estilo en textos especializados* | Metadiscursive resources in thesis abstracts: the style in specialized texts 5381

ANTÔNIO LUCIANO PONTES, DANIEL MARTINS DE CARVALHO E EVERTON CASTRO DE ALMEIDA

O SISTEMA V2 PARCIAL DO PORTUGUÊS CLÁSSICO | *El sistema V2 parcial del Portugués Clásico* | The partial V2 system of Classical Portuguese 5398

ANDRÉ ANTONELLI

INTENSÃO E EXTENSÃO NA DESCRIÇÃO DE CENÁRIOS DO FUTEBOL | *Intensión y extensión en la descripción de escenarios de fútbol* | Intension and extension in description of soccer scenarios 5416

LARISSA MOREIRA BRANGEL E ROVE CHISHMAN

ENSAIO / ENSAYO / ESSAY

**A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO: POTÊNCIAS E DEVIRES PARA AS PRÁTICAS
EM ANÁLISE DO DISCURSO** | *La cartografía como método: potencias y devenires para
las prácticas en el análisis del discurso* | Cartography as a method: forces and becomings
for discourse analysis practices

5429

JULIANA SILVA RETTICH

DOSSIÊ / *DOSIER* / DOSSIER

APRESENTAÇÃO / *PRESENTACIÓN* / PRESENTATION

5442

RONICE MÜLLER DE QUADROS

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS | *Documentación de las lenguas de señas*
| *Documentation of sign languages*

5444

RONICE MÜLLER DE QUADROS, CHRISTIAN RATHMANN, JOHANNA MESCH E
JAIR BARBOSA DA SILVA

INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS | *Inventario nacional de Libras* | National
inventory of Libras

5457

RONICE MÜLLER DE QUADROS, JAIR BARBOSA DA SILVA, RODRIGO NOGUEIRA
MACHADO E CARLOS ROBERTO LUDWIG

SIGNBANK DA LIBRAS | *Banco de Señas de Libras* | *Libras Signbank*

5475

MARIANNE ROSSI STUMPF, ALINE LEMOS PIZZIO, JEFFERSON OSIEL LUCINDA,
RONICE MÜLLER DE QUADROS E ONNO CRASBORN

QUADRO DE REFERÊNCIA DA LIBRAS COMO L2 | *Marco de Referencia de Libras
como L2* | *Framework of Reference of Libras As L2*

5488

ALINE NUNES DE SOUSA, JULIANA TASCA LOHN, RONICE MÜLLER DE
QUADROS, LARISSA DIAS, NICOLLY NEVES E GUSTAVO GUSMÃO

ANTOLOGIAS LITERÁRIAS EM LIBRAS | *Antologías Literarias en Libras (Lengua de
Señas Brasileira)* | *Literary Anthologies in Libras (Brazilian Sign Language)*

5505

RACHEL SUTTON-SPENCE, FERNANDA DE ARAÚJO MACHADO, ANNA LUIZA
MACIEL E RONICE MÜLLER DE QUADROS

GRAMÁTICA DE LIBRAS: QUESTÕES METODOLÓGICAS | *Gramática de Libras:
cuestiones metodológicas* | *Libras Grammar: Methodological Issues*

5526

RONICE MÜLLER DE QUADROS, JAIR BARBOSA DA SILVA E MIRIAM ROYER

SOBREPOSIÇÃO DE LÍNGUAS: DESCRIÇÕES LINGUÍSTICAS | *Superposición de lenguas: descripciones lingüísticas* | Blending languages: linguistic descriptions

5543

RONICE MÜLLER DE QUADROS, DIANE LILLO-MARTIN E MARILYN MAFRA KLAMT

PORTAL DE LIBRAS | *Portal Libras* | Libras Portal

5561

RENATA KRUSSE, DANIELA SAITO E RONICE MÜLLER DE QUADROS

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

APRESENTAÇÃO | DOSSIÊ DOCUMENTAÇÃO DE LIBRAS

VOLUME 17, NÚMERO 4, OUT./DEZ.2020

ORGANIZAÇÃO:

RONICE MÜLLER DE QUADROS*

Este *Dossiê* apresenta um conjunto de artigos que relatam o desenvolvimento de pesquisas de desenvolvidos no escopo do projeto Documentação de Libras que contou com o financiamento do CNPQ Processo 440337/2017-8.

O *Dossiê* inicia com o artigo *Documentação de Línguas de Sinais* dos autores **Ronice Müller de Quadros, Christian Rathmann, Johanna Mesch e Jair Barbosa da Silva**, com um panorama geral sobre documentação de línguas de sinais. Os autores apresentam vários projetos existentes no mundo e as suas relações com a Documentação da Libras. Também há uma sessão específica sobre ética para a realização da documentação de línguas de sinais, assim como uma sessão sobre como organizar, disponibilizar e transcrever os dados em línguas de sinais para o desenvolvimento de pesquisas com línguas de sinais.

O artigo seguinte apresenta a implementação do *Inventário Nacional de Libras* no escopo da Documentação de Libras nos estados de Alagoas, Ceará e Tocantins pelos autores **Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Rodrigo Nogueira Machado e Carlos Ludwig**. A formação dos pesquisadores, a realização da coleta de dados nas comunidades surdas, a transcrição dos dados e sua validação são discutidas neste artigo, pois esta documentação toma uma dimensão nacional com dados comparáveis.

A seguir, os autores **Marianne Rossi Stumpf, Aline Lemos Pizzio, Jefferson Osiel Lucinda, Ronice Müller de Quadros e Onno Crasborn** apresentam o desenvolvimento do *Signbank da Libras*. Este banco de sinais resulta do aprimoramento do Identificador de Sinais, um software desenvolvido na UFSC para nomear sinais e apresentar suas traduções possíveis para o português e para a libras com o objetivo de padronizar as transcrições de produções em Libras. Este software mais antigo foi exportado para o *Signbank*, um *software* internacional para a disponibilização de sinais de uma dada língua de sinais com suas descrições em diferentes níveis linguísticos. O Signbank da Libras apresenta a mesma finalidade do Identificador de Sinais, mas inclui também o objetivo de uma descrição detalhada de cada sinal de forma sistematizada para fins de pesquisa linguística. A decisão de exportar os dados do

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPq. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

Identificador de Sinais para o *Signbank da Libras* se deu por causa da internacionalização das documentações de línguas de sinais, integrando a Libras neste processo por meio do *Signbank* global.

O artigo sobre o *Quadro de referência da Libras como L2*, de **Aline Nunes Sousa, Juliana Tasca Lohn, Ronice Müller de Quadros, Nicolly Neves, Larissa Dias e Gustavo Gusmão**, compõe este *Dossiê da Documentação de Libras*. Os autores apresentam o desenvolvimento deste quadro de referência da Libras que teve como objetivo apresentar os níveis de referência a serem seguidos para o ensino de Libras como segunda língua no nível universitário. A pesquisa envolveu uma análise do Quadro de Referência para o Ensino de Línguas Europeu e uma adaptação para a Libras.

O próximo artigo que compõe este *Dossiê* é sobre a *Antologia Literária em Libras*, que integrou a Documentação da Libras. Esta antologia reúne produções literárias de diferentes gêneros textuais produzidos na Libras. O objetivo foi desenvolver uma metodologia de registro e categorização das produções selecionadas para integrar esta antologia, no sentido de apresentar uma referência para a análise literária de produções em Libras. Os autores, *Rachel Sutton-Spence, Fernanda de Araújo Machado, Anna Luiza Maciel e Ronice Müller de Quadros* desenvolveram este trabalho no contexto da Documentação da Libras.

No artigo *Gramática da Libras: questões metodológicas*, **Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva e Miriam Royer** apresentam o desenvolvimento de uma gramática da Libras em Libras, a partir de um conjunto de esforços de vários linguistas que têm estudado a Libras, especialmente a partir dos dados do Corpus de Libras. Os autores apresentam a organização desta gramática a partir de análises da Libras com amostras de dados do Corpus de Libras de Surdos de Referências que integraram o Inventário Nacional de Libras. A Gramática da Libras é uma das primeiras iniciativas em articular as pesquisas linguísticas da Libras em diferentes níveis de análise linguística, considerando desde aspectos sociolinguísticos, fonologia, morfologia, sintaxe até a composição textual e criativa de produções em Libras.

No sétimo artigo, as autoras **Ronice Müller de Quadros, Marilyn Mafra Klamt e Diane Lillo-Martin** apresentam aspectos de análise linguística dos estudos com a sobreposição de línguas, um tipo de bilinguismo bimodal que envolve uma língua de sinais e uma língua falada/escrita que integra a *Documentação de Libras*. A sobreposição de línguas é um fenômeno muito típico que decorre do contato entre línguas de sinais e línguas faladas. No Brasil, temos o contato da Libras com a Língua Portuguesa que desdobra uma série de aspectos linguísticos comuns ao bilinguismo e, especialmente, específicos deste tipo de bilinguismo típico de práticas linguísticas envolvendo uma língua de sinais.

Por fim, o *Dossiê* é concluído com o *Portal de Libras*, um portal que exigiu o desenvolvimento de várias pesquisas para socializar dados linguísticos e materiais em línguas de sinais com o objetivo de oferecer uma interface para pesquisadores linguistas e literários, assim como para professores de sala de aula. As autoras **Renata Krusser, Daniela Saito e Ronice Müller de Quadros** apresentam as diferentes pesquisas realizadas até se chegar ao Portal de Libras disponibilizado de forma pública e irrestrita com componentes que viabilizam a integração e socialização de produções e conteúdos relativos à Libras desenvolvidos no país, tornando-se efetivamente um portal nacional.

Este *Dossiê* contou também com revisores que apresentaram sugestões importantes em sua versão final, aos quais registramos nosso agradecimento. Em especial, destaca-se aqui o trabalho incansável do editor, Atilio Butturi Junior, a quem prestamos nosso agradecimento profundo.

Ronice Müller de Quadros

Organizadora

DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

DOCUMENTACIÓN DE LAS LENGUAS DE SEÑAS

DOCUMENTATION OF SIGN LANGUAGES

Ronice Müller de Quadros*

Universidade Federal de Santa Catarina

Christian Rathmann**

Humboldt-Universität zu Berlin

Johanna Mesch***

Stockholm University

Jair Barbosa da Silva****

Universidade Federal de Alagoas

*... research in the Deaf community should be by Deaf, for Deaf, and with Deaf people.
... pesquisa na comunidade Surda deveria ser feita pelo Surdos, para o Surdo e com pessoas surdas.
Raychelle Harris, Heide M. Holmes and Donna M. Mertens (tradução dos autores)*

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão sobre a documentação de línguas de sinais, considerando motivações acadêmicas e sociais, assim como indicações de materiais que as comunidades surdas consideram relevantes integrarem tais documentações. Primeiramente, iremos apresentar uma discussão de ordem mais filosófica acerca da documentação linguística das línguas de sinais e, posteriormente, abordaremos as questões de ordem técnica e ética relativas à elaboração de *corpora* nessas línguas. A primeira parte do artigo, abordará três questões básicas: (1) o que constitui a documentação de línguas de sinais; (2) para quê documentar as línguas de sinais; (3) para quem é necessário documentar as línguas de sinais. A segunda parte do artigo trará práticas de documentação de línguas de sinais em diferentes países como referência de aproximação e valorização das comunidades surdas. Serão apresentadas práticas de documentação, em especial, a constituição de *corpora* de línguas de sinais enquanto língua das comunidades surdas; registro histórico das línguas de sinais; produções literárias em línguas de sinais; referências para o ensino de línguas de sinais; registro de produções de surdos bilíngues unimodais; registro de produções de bilíngues bimodais. Estas questões

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

** Professor e pesquisador da Humboldt-Universität zu Berlin. E-mail: christian.rathmann@hu-berlin.de.

*** Professora e pesquisadora da Stockholm University, na Suécia. E-mail: johanna.mesch@ling.su.se.

**** Professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: jair.silva@fale.ufal.br.

estão permeadas por aspectos éticos, uma vez que a documentação de línguas de sinais envolve as comunidades surdas que usam suas respectivas línguas de sinais. Ao final, faremos uma reflexão de como estas práticas de documentação se voltam para os interesses acadêmicos e sociais das comunidades surdas.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação de línguas. Línguas de sinais. Comunidades surdas.

RESUMEN: Este artículo presenta una discusión general sobre la documentación de las lenguas de señas, considerando sus motivaciones académicas y sociales, así como algunas recomendaciones de materiales que las comunidades sordas consideran relevantes para integrar dicha documentación. En primer lugar, presentaremos una discusión más filosófica sobre la documentación lingüística de las lenguas de señas y, posteriormente, abordaremos cuestiones técnicas y éticas relacionadas con la elaboración de *corpus* en estas lenguas. La primera parte del artículo, abordará tres cuestiones básicas: (1) ¿qué constituye la documentación en lenguas de señas?; (2) ¿para qué documentar las lenguas de señas?; (3) ¿para quién es necesario documentar las lenguas de señas? La segunda parte del artículo traerá prácticas de documentación de lenguas de señas como referencia para acercarse y valorar a las comunidades sordas. Se presentarán prácticas de documentación, en particular, la constitución de *corpus* de la lengua de señas como la lengua de las comunidades sordas, registro histórico de las lenguas de señas, producciones literarias en lenguas de señas, referencias para la enseñanza de lenguas de señas, registro de producciones de sordos bilingües unimodales y registro de producciones de bilingües bimodales. Estos temas están atravesados por aspectos éticos, ya que la documentación de lenguas de señas involucra a las comunidades sordas que utilizan sus respectivas lenguas de señas. Al final, reflexionaremos sobre cómo estas prácticas de documentación abordan los intereses académicos y sociales de las comunidades sordas.

PALABRAS CLAVE: Documentación de lenguas. Las lenguas de señas. Comunidades sordas.

ABSTRACT: This article presents a discussion about documentation of sign language, with special attention to the academic and social aspects, and a few recommendations as to what kinds of materials are considered relevant by Deaf communities in sign language documentation. First, we take a more philosophical approach in discussing the linguistic documentation of sign languages, after which we address technical and ethical aspects of compiling linguistic *corpora* of signed languages. As such, the first part of this article focuses on three basic questions: (1) what exactly constitutes documentation of sign languages; (2) why document sign languages at all; and (3) on whose behalf is it necessary to document sign languages. The second part of this article explores a number of exemplary practices in sign language documentation as executed in various countries that are highly valued and may serve as points of reference for diverse Deaf communities. Documentation practices will be presented, in particular, the creation of *corpora* to represent sign languages as they are used by Deaf communities; historical records of sign languages; literary production in sign languages; reference materials for teaching sign languages; records of bilingual-unimodal Deaf signers; and records of bilingual-bimodal signers. These issues carry with them numerous ethical implications, as the documentation of sign languages inevitably involves the Deaf communities of each respective language. As such, we close the article with a reflection on how these documentation practices relate to the academic and social interests of Deaf communities involved in such research.

KEYWORDS: Documentation of languages. Sign languages. Deaf communities.

1 INTRODUÇÃO

A palavra documentação remete à reunião de documentos que são fontes de informação registradas e devidamente organizadas para subsidiar alguma coisa. No caso específico da documentação de línguas, o termo envolve a reunião de dados para registrar línguas com o objetivo de servir de referência para diferentes fins: pesquisa linguística, históricos, educacionais, culturais, literários, dentre outros. Esta definição é bastante simplista, mas dá uma ideia geral do que iremos discutir neste artigo: a documentação das línguas de sinais.

As primeiras documentações de línguas foram constituídas de registro de termos para a composição de dicionários. Segundo McCarthy e O'Keeffe (2010), um dos primeiros registros de línguas foi feito para compor glossários da bíblia sagrada com o objetivo de especificar palavras contidas neste material altamente difundido na antiguidade. Posteriormente, os estudiosos começaram a registrar termos de obras literárias, como, por exemplo, Shakespeare. A partir disso, a documentação de línguas começou a ser

expandida e foram constituídos os *corpora* de línguas, o que teve como consequência o desenvolvimento de técnicas e de recursos metodológicos (sobretudo com o uso e propagação dos programas computacionais) constitutivos da Linguística de Corpus.

A documentação de línguas passou a integrar os *corpora* de línguas que se apresentam características específicas para fins voltados para a pesquisa linguística. Veja que "documentação" inclui "*corpus*", pois as línguas podem ser documentadas para diferentes fins com níveis de sistematização bastante diferentes. No caso específico de *corpora* de línguas, a documentação torna-se altamente especializada, pois passa a atender uma série de princípios mais técnicos para servir de registro para fins de pesquisa linguística contendo metadados que facilitem o processo de investigação.

Mccarthy e O'Keeffe (2010) apresentam um histórico sobre a ideia de *corpus* linguístico. Segundo os autores, a proposta de *corpus* começou a tomar forma na década de 60, quando os estudos do campo de lexicografia começaram a se desenvolver e a tecnologia começou a viabilizar formas de registro diferenciadas e em quantidades maiores. O primeiro *corpus* computadorizado foi o *Corpus* de Brown, compilado em 1960 na Brown University, contendo um milhão de palavras do inglês de textos literários. Em 1970, houve a consolidação da linguística de *corpus* com várias línguas e com diferentes propostas. Em 1990, a invenção do scanner foi uma revolução para a documentação de textos escritos. Na virada do milênio, os textos passam a ser digitalizados de forma ilimitada, viabilizando a composição de *corpora* de línguas com dimensões gigantescas. Atualmente, o Google é, por si só, uma forma de documentação de uma infinidade de textos que chega a permitir a computação de dados para fomentar a tradução automática. Diante dessa explosão de documentações, o problema do linguista mudou de foco: de acessar grandes quantidades de dados para elaborar metodologias confiáveis para descrever e dar conta das evidências linguísticas permitidas pelos dados organizados nos *corpora*.

A documentação de línguas para fins linguísticos começou a focar nos princípios da constituição de *corpora*. Segundo Rappen (2010), dependendo o tipo de questão a ser pesquisada, a construção do *corpus* pode ser uma tarefa razoavelmente eficiente e restrita, ou bastante ampla e demorada. Ter uma questão claramente definida é o primeiro passo na construção do *corpus*. Outro princípio básico é de que um *corpus* de língua deve ser representativo. O tamanho do *corpus* não é único. Não há um número específico de palavras e dados. A questão sobre o tamanho do *corpus* pode ser resolvida por dois fatores: (a) a representatividade (precisamos coletar textos e palavras suficientes para representar com exatidão a língua pesquisada); e (b) a praticidade (o tempo deve ser o mais restrito possível), ou seja, dados suficientes para representar o que está sendo estudado, sem exceder o que seja necessário de acordo com o tempo disponível para a realização de um determinado estudo. Rappen (2010) menciona que depois de a questão de pesquisa estar definida, a construção do *corpus* pode começar. A tarefa seguinte será identificar os textos e desenvolver um plano para a coleta. Quando a coleta for feita com pessoas e/ou instituições é essencial ter o consentimento das partes envolvidas, ter permissão (termo de consentimento assinado pelos participantes), o que implica uma questão ética a ser observada quando da elaboração de um *corpus* linguístico.

Rappen (2010) levanta um conjunto de questões que precisam ser respondidas antes de se criar um *corpus*, independentemente de ele estar representando a língua falada/sinalizada ou escrita:

- I. O que constitui um texto?
- II. Como os arquivos devem ser nomeados?
- III. Que informações serão incluídas em cada arquivo?
- IV. Como os textos serão armazenados (formato do arquivo)?
- V. Como os textos serão catalogados?

Estas questões gerais são importantes e evidenciam a necessidade de pré-definir um conjunto de procedimentos para realizar uma documentação que seja apropriada, especialmente quando os registros servirão de fonte de pesquisa. Por exemplo, um texto pode ser o registro de textos (orais, sinalizados, escritos etc.) diferentes que serão delimitados pelos objetivos propostos. No caso dos primeiros *corpora* estabelecidos, os textos envolveram a bíblia sagrada e textos literários. A forma de organização dos registros envolve definir se será escrito, áudio ou vídeo, por exemplo. Quando coletados, como estes dados serão categorizados? Uma possibilidade é definir pastas por dia de coleta, por tipo de texto, pelo nome do participante, por exemplo. O nome do arquivo pode

registrar claramente seu conteúdo, mostrando aspectos relevantes do texto para análise. Isso permite ao usuário classificar e agrupar em subcategorias de arquivos, ou criar sub *corpora* mais facilmente. Metadados precisam ser associados aos dados documentados para ser usados para fins de contextualização do dado (informações sobre os participantes, data da coleta, tipo de texto, formato do arquivo). A etapa de arquivamento dos registros também é muito importante, pois facilitará a sua localização, além do armazenamento propriamente dito. O problema do armazenamento está relacionado com o espaço, pois o tamanho do *corpus* e o tipo de material pode demandar espaços gigantescos de armazenamento. Isso tudo precisa ser considerado ao se documentar uma língua, sobretudo levando-se em consideração o formato da documentação. Por fim, a catalogação vai envolver também a anotação dos dados por meio de transcrições e estabelecimento de categorias de análise. Para isso, torna-se necessário registrar detalhadamente como será feita a transcrição, que ferramentas/softwarewares serão usados, quais os níveis de anotação serão registrados. Tudo isso precisa ser feito para viabilizar um sistema de busca eficiente.

No caso específico da documentação das línguas de sinais, a tecnologia propiciou a documentação no formato de vídeo viabilizando o seu registro. No entanto, há uma grande complexidade envolvida no registro de textos em línguas de sinais, uma vez que estas línguas são produzidas pelo corpo (mãos, face, tronco corporal) de forma tridimensional. Isso requer o registro em vídeos considerando diferentes ângulos da sinalização. A tecnologia tem avançado muito e as câmeras 3D já começaram a ser comercializadas, mas de modo geral, os registros têm sido feitos com várias câmeras combinadas para registrar diferentes perspectivas do corpo a fim de captar esta tridimensionalidade intrínseca destas línguas. A exemplo, apresentamos o uso de quatro câmeras simultâneas que registram a interação entre duas pessoas utilizando a língua de sinais para tentar captar o uso do corpo e do espaço que integram o texto das línguas de sinais.



Figura 1: Utilização de quatro câmeras para captar diferentes perspectivas da produção em sinais de duas pessoas conversando

Fonte: *Corpus* de Libras da UFSC

A complexidade envolvida no registro línguas de sinais envolve também o processo de anotação linguística dos sinais, uma vez que estas línguas ainda não contam com um sistema escrito difundido. Há alguns sistemas de escritas que têm sido usados e que requerem softwares independentes que permitem o registro dos sinais. No entanto, de modo geral, a maioria dos linguistas utilizam sistemas de anotação com base em sistemas de glosas que apresentam muitas limitações em face da tridimensionalidade das línguas de sinais e, sobretudo, das marcações não manuais com valor linguístico presentes nessas línguas. Diante disso, os *corpora* de línguas de sinais requerem ferramentas que permitam a visualização da língua de sinais sempre que os dados forem analisados. Um sistema de anotação amplamente usado é o *Eudico Annotator ELAN* (2020).

2 PARA QUÊ DOCUMENTAR AS LÍNGUAS DE SINAIS?

A documentação de uma língua pode atender a propósitos diversos, os quais vão desde razões de ordem técnica, como compilar as palavras que compreendem uma língua em forma de dicionários e glossários, por exemplo, até atitudes de política linguística, como salvar línguas em risco de extinção, fato frequente ao redor do mundo por razões políticas, econômicas, históricas, a exemplo do que ocorre com as línguas indígenas. Neste sentido, documentar uma língua é a garantia, por vezes, de revitalizar essa língua, ou, por outras, apenas manter um registro histórico dessa língua. O planejamento linguístico, as políticas de valorização e de manutenção do status linguístico de uma dada língua requerem documentação dessa língua. Para além disso, a descrição linguística se faz imperativa e, para tanto, os dados documentados são objeto de análise. Do ponto de vista linguístico mais amplo, um *corpus* linguístico pode subsidiar o pesquisador (linguista) para lidar com vasto espectro da linguagem humana a partir de diferentes práticas linguísticas (usos da língua).

Considerando que a linguagem humana se manifesta por meio de textos, os quais têm uma dada estrutura gramatical, mas também veiculam discursos, os *corpora* em linguística são sempre elaborados atendendo a certos princípios norteadores do ponto de vista técnico, bem como aos propósitos da pesquisa. Para Johnston (2009) a Linguística de Corpus tem como princípio a suposição de que uma grande quantidade de dados anotados e processados revelam certos padrões linguísticos sobre o uso e estrutura das línguas incapazes de serem alcançados pela introspecção dos pesquisadores, mesmo dos mais especializados. Assim, argumenta o autor, em Linguística de Corpus, "[...] quantitative analysis goes hand in hand with qualitative analysis!" (JOHNSTON, 2009, p. 18). Johnston (2014) também aborda sobre a importância de adicionar valores e extrair valores das descrições linguísticas por meio de anotações estratégicas que compreendem *corpora* de línguas de sinais.

Aliados aos aspectos linguísticos, tecnológicos e metodológicos constitutivos dos *corpora*, os aspectos éticos são tão relevantes quanto os demais. Questões éticas devem permear as razões que justificam a documentação de línguas, pois percorrem todo o planejamento que precisa envolver princípios éticos que ampliem a visão dos pesquisadores. Estas razões têm justificado a documentação das línguas de sinais.

Alguns princípios éticos mais gerais precisam ser considerados na documentação de línguas de sinais:

- a) O respeito pelos valores linguísticos, culturais, sociais, morais, religiosos, assim como costumes das comunidades surdas envolvidas.
- b) A garantia de benefícios às comunidades surdas envolvidas na documentação que se estendem para além do período da realização da coleta de dados.
- c) A consideração à diversidade envolvida nas comunidades surdas precisa ser levada em conta na consolidação da documentação das línguas.
- d) O fato de que pesquisa com surdos precisa ser feita por surdos, mesmo que os ouvintes estejam envolvidos (HARRIS; HOLMES; MERTENS, 2019).

Estes princípios precisam guiar o porquê da documentação de uma dada língua de sinais. Os surdos relatam que querem se enxergar na documentação, querem ser devidamente identificados enquanto autores do seu próprio texto, querem ver os vídeos que compõem o todo e, também, querem perceber nos materiais a herança surda.

Segundo Harris, Holmes e Mertens (2009), entre as várias perguntas que devem ser consideradas ao se pensar no para quê fazer a documentação de uma língua de sinais, as seguintes devem provocar reflexões:

- a) Quais são os princípios culturais mais apropriados para este grupo?
- b) O que incluiremos nas diretrizes para indicar o respeito e consideração a sua cultura?
- c) Como apresentamos a importância dos princípios culturais que regem esta população?

¹ A análise quantitativa anda de mãos dadas com a análise qualitativa.

d) Como os pesquisadores que estão conduzindo pesquisas em comunidades culturais complexas podem incorporar as vozes de seus membros quando diante de questões éticas e metodológicas?

Estas questões aplicadas às comunidades surdas precisam ser consideradas cuidadosamente pelos pesquisadores. No caso dos surdos, a complexidade cultural é permeada pelas relações entre os surdos e com os ouvintes. Um pesquisador ouvinte que pretende desenvolver uma pesquisa com as comunidades surdas precisará ter muita sensibilidade, respeito e ser justo no propósito de responder a estas questões juntamente com membros das comunidades pesquisadas, com a presença de pessoas surdas. Para tanto, como abordado ainda por Harris, Holmes e Mertens (2009), estes pesquisadores precisam desenvolver uma competência cultural, ou seja, estarem abertos, atentos, dispostos a aprender sobre esta comunidade, compreendendo e apreciando o contexto cultural no qual a pesquisa será implementada com a perspectiva de transformar as intervenções de tal forma que se tornem realmente legítimas aos participantes. Ainda e não menos importante, os pesquisadores precisam realmente ser sensíveis ao que os surdos pensam e sentem sobre o mundo e suas relações pessoais, reconhecendo de fato esses sentimentos e pensamentos porque reconhecem que eles merecem esse reconhecimento. Só assim é possível propor uma documentação da língua de sinais dessas comunidades.

Para além dos aspectos culturais relativos ao respeito às comunidades surdas elencados por Harris, Holmes e Mertens (2009), é importante ressaltar que a elaboração de *corpora* em línguas de sinais necessariamente envolve a exposição do surdo, uma vez que a expressão linguística nessas línguas se dá por meio de corpo (movimentos de mãos e expressões faciais) e espaço da sinalização. Assim, diferentemente do que ocorre com línguas orais ou com a escrita, a codificação dos dados não permite ocultar o participante da pesquisa. Dito de outra forma, a imagem do informante surdo estará sempre à mostra nos vídeos que constituirão os *corpora*, portanto, há de se estabelecer boas práticas de pesquisa, balizadas pela ética, de modo a não se violar aspectos culturais, identitários e históricos dos informantes surdos, além de lhes permitir compensação - no caso do Brasil, essa compensação não pode ser de ordem financeira, mas em termos de retorno à comunidade surda dos dados, dos produtos gerados a partir da documentação.

A documentação das línguas de sinais, portanto, é um trabalho científico de extrema relevância, de natureza interdisciplinar e plural, com vistas ao registro dessas línguas, sua disseminação, vitalização, descrição e guarda como patrimônio imaterial de um povo, o surdo.

3 A QUEM SERVE A DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS?

A pergunta "a quem serve a documentação de línguas de sinais?" é fundamental, pois envolve também aspectos de ordem ética. As comunidades surdas têm participado da constituição de vários *corpora* de línguas de sinais. Historicamente, os surdos são convidados a serem informantes de pesquisadores de línguas de sinais e nos deparamos com relatos de surdos que manifestam sua sensação de serem explorados.

No Brasil, vários surdos que foram consultados quanto a sua língua de sinais nas décadas de 80 e 90 relatam que não participaram efetivamente das pesquisas e que se sentiam explorados. O que significa este sentimento de "exploração"? De modo geral, os relatos sobre isso são muito claros: a sensação de servir de informante fornecendo dados e discutindo sobre eles sem participar efetivamente da pesquisa e sem entender claramente para que serve a pesquisa foi uma realidade. Estes surdos não foram autores destas pesquisas ou não receberam efetivamente nenhum retorno de seus resultados.

Por trás desta insatisfação está claramente colocada uma necessidade das comunidades surdas de serem autores dos estudos da própria língua. Quem pesquisa uma língua? Normalmente os próprios falantes da língua são os protagonistas das pesquisas com suas respectivas línguas. Até é possível contarmos com pesquisadores que não sejam falantes de uma língua incluírem em seus estudos aspectos linguísticos de análise de outra língua, mas de modo geral, os alemães pesquisam a língua alemã, os ingleses e os americanos pesquisam o inglês, os franceses pesquisam a língua francesa e assim por diante. Quem são os pesquisadores de línguas de sinais? Na grande maioria não são os próprios surdos e isso provoca uma série de reações entre os surdos, dentre elas, o sentimento de serem explorados.

A quem serve, então, a documentação das línguas de sinais? A resposta não deveria ser de que serve aos linguistas (que, na grande maioria, ainda nem são surdos!), mas sim devem servir aos interesses das comunidades surdas, aos próprios surdos para que assistam e participem da valorização de suas línguas, por meio de seus registros e dos resultados das pesquisas decorrentes de sua documentação. Há uma mudança no posicionamento dos pesquisadores em relação à realização de pesquisas com surdos, no sentido de garantir um trabalho colaborativo (HOCHGESANG, 2015), o que implica em decidir para quê a pesquisa servirá.

O discurso dos pesquisadores não basta na apresentação de um termo de consentimento no qual os participantes podem aceitar ou recusar a sua participação na documentação de sua própria língua. Os pesquisadores precisam estar comprometidos com as comunidades surdas envolvidas, ou seja, precisam conhecer profundamente os valores que constituem a relação com sua língua a partir do convívio com as comunidades surdas. O primeiro passo, portanto, é ser profundamente fluente na língua de sinais destas comunidades. A partir da língua, os pesquisadores precisam conhecer o que rege as relações interpessoais de seus participantes na relação entre os próprios surdos e na relação com os ouvintes. O pesquisador enquanto surdo ou ouvinte precisará estar muito consciente destas relações para poder discutir sobre elas e planejar a documentação da língua.

Singleton *et al.* (2014) investigaram o quanto os participantes surdos efetivamente dão a sua aprovação ao assinarem o termo de consentimento. Eles entrevistaram surdos que participaram de pesquisas e identificaram que muitos deles sentem-se constrangidos ou não confortáveis diante dos pesquisadores que pode ser decorrente tanto da falta de sensibilidade cultural, como das limitações na comunicação. Um exemplo dado pelos autores é da apresentação do termo de consentimento na forma escrita, sem uma versão na língua de sinais. Outro fator identificado é que devido às limitações na comunicação, muitas vezes o que o participante apresentou não era exatamente o que havia sido solicitado levando a resultados que não representam o que realmente poderia ser obtido. Singleton *et al.* (2014), então, apresentaram alguns pontos a serem considerados no desenvolvimento de pesquisas: (1) incorporação da consciência cultural e linguística; (2) criação de práticas acessíveis com termos em língua de sinais e processos de desenvolvimento da pesquisa na língua de sinais e na língua escrita organizados de forma acessível; (3) o retorno dos resultados das pesquisas aos participantes, especialmente aos que manifestarem interesse em conhecer os resultados da pesquisa; (4) reestruturar modelos colaborativos envolvendo surdos e ouvintes de forma transparente. Essas considerações éticas são importantes nas propostas de documentação de línguas de sinais.

O porquê e o para quem precisam ter sempre como objetivo maior da documentação servir aos surdos e suas comunidades. Os direitos e a integridade dos surdos devem ser a base das propostas de documentação de línguas de sinais. Para isso, é importante situar temporalmente cada parte integrante da documentação, elucidando o seu contexto e a sua função social no momento da sua constituição. Os materiais a integrem a documentação podem passar por gerações e, por isso, precisam ser devidamente contextualizados, pois envolvem participantes de um determinado tempo e de um contexto específico. Outro aspecto importante é a questão da comunicação, pois várias pesquisas não comunicam devidamente por causa das limitações dos pesquisadores em relação à língua de sinais usada pela comunidade envolvida. É fundamental a presença de surdos pesquisadores que pertençam à comunidade. Isso garante o respeito à integridade daqueles que aceitaram participar de um determinado projeto que integrará a documentação. Ao pesquisador compete ser responsável pela promoção das pessoas surdas e de suas comunidades por meio da documentação. Assim, garantimos a integridade de quem participa na consolidação da documentação de sua língua.

Independente de quem participa na documentação das línguas de sinais, precisamos propiciar que os próprios surdos tornem-se autores da documentação de suas línguas de sinais (HOCHGESANG, 2015). Nos processos de documentação de línguas de sinais, muitas vezes os pesquisadores ouvintes ficam constrangidos por não serem surdos e, às vezes, não usuários de língua de sinais. É importante discutirmos sobre isso, pois os autores surdos sempre reforçam a importância de surdos estarem decidindo para quê e para quem servem as pesquisas, especialmente, as documentações de suas línguas de sinais e sempre citam que contam com pesquisadores ouvintes que são sensíveis aos surdos, são usuários da língua de sinais e são verdadeiros parceiros nas proposições de pesquisa. Assim, os pesquisadores ouvintes não precisam se sentir constrangidos se efetivamente estiverem trabalhando juntamente com pesquisadores surdos e, muitas vezes ainda, motivando os surdos a assumirem estas posições. Neste sentido, as pesquisas colaborativas contando com surdos e ouvintes podem ser pesquisas que partem do olhar dos próprios surdos para a constituição de diferentes tipos de documentação de línguas de sinais. Nos termos de Singleton, Martin e Morgan (2014, p. 08) "When hearing

researchers work closely with Deaf researchers, the resulting collaboration can bring positive rewards; but it does not come without preparation and conscientious effort²”.

4 DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS EM DIFERENTES PAÍSES

Nesta seção, apresentamos alguns projetos de documentação em diferentes línguas de sinais que atentaram a importância do envolvimento das comunidades surdas locais no estabelecimento da documentação de suas línguas de sinais.

Hochgesang (2015) apresenta um projeto de documentação da língua de sinais do Kenya (LSK) que tinha como objetivo a elaboração de um dicionário da língua de sinais. A autora relata sua experiência enquanto um exemplo de empoderamento da comunidade de surdos e o desenvolvimento educacional de uma pessoa surda local. A autora seguiu um dos princípios éticos fundamentais: compreender a língua de sinais de uma comunidade e identificar como estabelecer um benefício mútuo por meio de uma parceria com base no respeito entre o pesquisador e o pesquisado. Hochgesang partiu de Harris, Holmes e Mertens (2009) que apresentam questões éticas a serem consideradas no desenvolvimento de pesquisas com surdos e comunidades surdas.

Harris, Holmes e Mertens (2009) chamam a atenção para o fato de que comunidades surdas estão centradas em práticas linguísticas e culturais com as línguas de sinais, uma vez que a partir dessas línguas a coletividade surda se estabelece. As questões éticas discutidas pelos autores partem de três princípios básicos: respeito (tratamento das pessoas enquanto agentes autônomos), benefícios (segurança aos participantes quanto os benefícios para os próprios surdos e para suas comunidades, benefícios considerando seus interesses) e justiça (que a pesquisa seja algo que garanta a justiça na relação entre o pesquisador e o pesquisado e sua comunidade). O objetivo é engajar os participantes de um grupo culturalmente diverso considerando a justiça social. Quais os benefícios para os surdos e suas comunidades que garantem uma justiça social? Hochgesang (2015) formulou esta pergunta ao contribuir com a documentação da LSK. A autora assumiu uma posição de realizar a documentação colaborativamente com a comunidade surda envolvida, assim passou a contar com um colega surdo do Kenya enquanto pesquisador coautor na implementação da documentação desta língua. Assim, a proposta da pesquisa, a implementação e o uso dos dados coletados foram altamente sensíveis às demandas da própria comunidade. Logo, a relação da pesquisa com a comunidade e seus membros passou a desempenhar um papel empoderador (HARRIS; HOLMES; MERTENS, 2019), passando a ter um efeito transformador.

Hochgesang (2015) também mostrou o quanto faz-se necessário negociar entre o que os surdos locais querem e o que é possível fazer. Ela cita o exemplo do desejo dos surdos de terem um dicionário todo elaborado na LSK, mas que diante do contexto no qual as crianças surdas do Kenya estão inseridas, constatou-se a importância de incluir também a língua escrita do país, pois seus professores desconheciam a LSK. Isso foi discutido junto à comunidade que compreendeu essa necessidade, mas ficou, de certa forma, desapontada. No entanto, essas decisões foram feitas em conjunto com a comunidade. O pesquisador precisa perguntar à comunidade o que eles querem e pensar juntamente com eles sobre como viabilizar esses desejos, especialmente considerando todos os fatores contextuais que irão determinar como efetivamente será possível viabilizá-los. Após essa etapa, todo o processo de documentação precisa envolver surdos das comunidades em todas as etapas de execução. O projeto proposto de documentação da LSK sempre foi um projeto da comunidade surda do Kenya, assim o dicionário contou com surdos quenianos como coautores.

Há também um bloco de documentação de línguas de sinais para a constituição de *corpora* comparáveis entre variantes da mesma língua de sinais e entre diferentes línguas de sinais, uma vez que a metodologia da implementação destes *corpora* são similares. Os *corpora* constituídos estão disponíveis *on-line*:

Língua de Sinais Alemã (DGS) - <https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/index.php>

Língua de Sinais Australiana (Auslan) – <http://www.auslan.org.au/about/corpus/>

Língua Brasileira de Sinais (Libras) – <https://corpuslibras.ufsc.br>

² Tradução nossa: “Quando pesquisadores ouvintes trabalham em estreita colaboração com pesquisadores surdos, a colaboração resultante pode trazer recompensas positivas; mas não vem sem preparação e esforço consciencioso”.

Língua de Sinais Britânica (BSL) – <https://bslcorpusproject.org/>
 Língua de Sinais Holandesa (NGT) - <https://www.ru.nl/corpusngten/>
 Língua de Sinais Japonesa (JSL) - <http://research.nii.ac.jp/jsl-corpus/public/en/index.html>
 Língua de Sinais Polonesa (PJM) - <https://www.plm.uw.edu.pl/>
 Língua de Sinais Sueca (STS) - <https://www.ling.su.se/teckenspraks-korpus>

Todos estes *corpora* se inspiraram no primeiro *corpus* de língua de sinais estabelecido, o *corpus* da Auslan. Atualmente, estes *corpora* já apresentam características diferentes, mas vários dados são comparáveis, como aspectos que compõem a metodologia e os tipos de textos disponíveis: entrevistas, conversas informais, narrativas e enunciação de lista de vocabulário, normalmente seguindo a proposta básica da Lista Swadesh. Outro ponto comum entre estes *corpora* envolve a disponibilização pública de, pelo menos, parte dos dados coletados para socialização nas comunidades surdas locais e internacionais. As questões metodológicas comuns incluem a coleta de dados feita por surdos locais das respectivas regiões do país, o que minimiza interferências de ordem sociolinguísticas. Estes *corpora* apresentam um objetivo mais acadêmico, mas mesmo assim vários deles procuraram congregar aspectos técnicos com aspectos socioculturais. Assim, os dados estão sendo anotados para sistematizar as buscas para fins de pesquisa linguística, mas também há socialização de vídeos para serem assistindo e usados pelas comunidades surdas e para outros fins, tais como, fins educacionais.

Entre estes *corpora*, exemplificamos este bloco com o *Corpus* da Língua de Sinais Sueca que se constituiu na Universidade de Estocolmo, no Departamento de Linguística. Esse *corpus* apresenta vários tipos de dados que são úteis para as pesquisas empíricas e para o ensino da STS, especialmente pelo banco de dados lexical e pelos *corpora*. Os objetivos do dicionário da STS é de oferecer uma obra o mais completa possível dos sinais desta língua. O grupo de lexicógrafos da seção de língua de sinais do Departamento de Linguística já documentou 19.000 sinais. O banco lexical está disponível online de forma pública desde 2008 e é atualizado desde então. A maioria dos sinais são acompanhados de produções contextualizadas, variações existentes dos sinais, uso de exemplos e fotos ilustrativas. Os principais critérios de busca incluem a palavra, a tradução, outros significados do sinal, sinais alternativos, configurações de mão e área de especialidade, quando é o caso (STS, 2020).

O primeiro *corpus* da STS foi estabelecido em 2004 no contexto do projeto ECHO (CRASBORN *et al.*, 2007). O banco de dados do *Corpus* da STS (2009-2011) consiste de 24 horas de vídeos (conversação, narrativas e apresentações pessoais) de 42 sinalizantes, entre 20 e 82 anos de idade de três regiões da Suécia. Os dados foram compartilhados como domínio público (ÖQVIST *et al.*, 2020) na página do *corpus* da STS (2020). Além destes *corpora* da STS, a Suécia conta com um *corpus* da Língua de Sinais Sueca Tátil, que consiste de diálogos e elicitación de produção com oito sinalizantes surdocegos (MESCH, 2016). Também, os *corpora* da STS contam com um *corpus* de STS como segunda língua com dados longitudinais coletados com 38 adultos ouvintes aprendizes de STS como L2 (SCHÖNSTRÖM; MESCH 2017, no prelo; LEESON *et al.*, 2019).

No caso do Brasil, o *Corpus* de Libras integra o Inventário Nacional de Libras que segue esta metodologia internacional para fins de pesquisa linguística, mas também socializa as produções que podem ser usadas em sala de aulas enquanto registro histórico das comunidades surdas brasileiras, assim como para fins literários da Libras. Além deste *corpus* mais formal, há também outros *corpora* da Libras que integram textos mais ou menos acadêmicos, assim como textos literários em Libras para serem utilizados com diferentes aplicações (ver aplicações QUADROS *et al.*, 2020).

É importante registrar que estes *corpora* precisam também servir para as comunidades surdas, uma vez que representam um registro histórico do estado sincrônico das respectivas línguas de sinais coletados em um momento específico que podem ser acessados pelos seus sinalizantes em diferentes momentos da história de sua língua, ou seja, podem servir para fins de pesquisa diacrônica no futuro. Também podem incluir produções em Libras que referendam as histórias surdas, portanto, servirem como produções de narrativas e de histórias nas línguas de sinais que podem ser usadas em sala de aula.

5 DIFERENTES TIPOS DE DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA DE LÍNGUAS DE SINAIS

As línguas de sinais são, ainda, um fenômeno humano pouco conhecido. Muitas pessoas pensam que elas são universais, ou que são uma codificação das línguas orais, ou que são inferiores a estas. No entanto, essas línguas circulam há muito em cada país onde surdos têm a possibilidade de viver em comunidade e de interagir entre si usando suas línguas de sinais. Desse modo, análogo ao que ocorre com as línguas orais, cada país tem sua própria língua sinalizada, a qual é manifesta por uma gramática com estrutura própria e marcada por fatores sociolinguísticos das comunidades de fala específicas desses países. Assim, não é porque na Inglaterra, Estados Unidos e Austrália se fala inglês que as línguas de sinais desses países são as mesmas (SCHEMBRI, 2010). Essa relação não é necessária. Sendo a língua um dos mais importantes e representativos elementos da cultura de um povo, atravessada por processos sócio-históricos, em cada país os surdos marcam sua identidade linguístico-cultural nas suas línguas de sinais, o que, em muitos casos, torna ininteligível a comunicação entre surdos de países diferentes.

Dada a diversidade linguística de línguas de sinais ao redor do mundo, bem como aos propósitos emergentes da Ciência, a documentação de uma língua pode ser feita de diversas maneiras, o que vai implicar diferentes tipos de documentação linguística. Cabe ao pesquisador delinear o tipo de *corpus* linguístico mais se adequado à pesquisa que ele quer empreender, sem, no entanto, esquecer aquele princípio básico para a realização de documentação linguística em comunidades surdas: a compensação (retorno) que a minha comunidade de informantes terá com a minha pesquisa e de que forma o surdo pode/deve protagonizar a pesquisa.

A documentação linguística de língua reflete, portanto, os objetivos que se quer alcançar. Assim, pode-se elaborar *corpora* dos seguintes tipos:

- a) *Corpus* Monolíngue - aqueles em que se usam apenas uma língua. Tipo de *corpora* que permitem ao usuário uma gama de ferramentas para manuseio dos dados, bem como verificar padrões e tendências da língua documentada.
- b) *Corpus* Paralelo (ou multilíngue) - aqueles constituídos por textos por dois (ou mais) *corpora* monolíngues, em que um texto é a tradução do outro. Nesse tipo de *corpora*, o usuário pode colocar um texto alinhado ao outro para fazer diferentes comparações quanto aos processos de segmentação e de análise linguística.
- c) *Corpus* Diacrônico - aqueles cujos registros datam de diferentes períodos de tempo e visam analisar as mudanças nas línguas.
- d) *Corpus* Comparável - aqueles formados por mais de dois *corpora* monolíngues, levando-se em consideração os mesmos metadados e princípios de elaboração, o que torna os resultados comparáveis.
- e) *Corpus* do aprendiz - aqueles formados a partir de produções linguísticas de aprendizes de uma língua estrangeira. Tem sempre por objetivo trabalhar aspectos relacionados ao ensino de línguas.
- f) Mistos - os que mesclam mais de um tipo de *corpora*.

Diante da diversidade de tipos de *corpora* que se pode elaborar, cabe a reflexão sobre o que se tem feito em línguas de sinais: a) quando se faz o uso de glosa para representar a produção linguística de um surdo captada em vídeo tem-se aí um *corpus* paralelo? b) Os *corpora* que envolvem tradução para a língua oral oficial do país de uma dada comunidade surda constituem *corpora* paralelos?



Figura 2: Tela do ELAN com Sinal em Libras + Glosa em Português + Tradução para o Português

Fonte: Corpus de Libras da UFSC

Parece razoável não considerar que se tem na tela acima a presença de um *corpus* paralelo, uma vez que nem a glosa referente à unidade sintática [EU ASSUSTAR], tampouco a tradução [Eu ficava assustado] são decorrentes de um planejamento do pesquisador para que se possam comparar línguas diferentes (Libras/Português), mas apenas um recurso para busca de termos (glosa) e para compreensão daqueles possíveis pesquisadores que não sabem Libras o suficiente para compreender a produção em vídeo. Por essa linha de raciocínio, portanto, o *corpus* de Libras parece ser mais adequadamente classificado como monolíngue. Por outro lado, há muitas similitudes com a elaboração de outros *corpora*, a exemplo do *corpus* da Auslan, e é um modelo replicado em diversos estados brasileiros, o que o torna, também, um *corpus* comparável.

No geral, os *corpora* de línguas de sinais são do tipo monolíngues e comparáveis e a eles são vinculados recursos tecnológicos de busca e que visam à melhor compreensão dos vídeos, o que é feito por meio de glosas e da tradução, respectivamente. Pode-se dizer que a prática de elaboração de *corpora* em línguas de sinais é algo relativamente novo, mas um campo em expansão, o que significa dizer que se tem uma área de estudos em se constituindo e, portanto, com diversas possibilidades e desafios a serem enfrentados. Assim, *corpora* diacrônicos, paralelos, comparáveis (sobretudo entre línguas de sinais) e do tipo *corpus* do aprendiz devem ser feitos a fim de se empreender pesquisas que contemplem estudos históricos, comparados e voltados para o ensino de línguas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios de se documentar uma língua de modo representativo por meio de um *corpus* teórico-metodologicamente consistente, levando-se em conta preceitos éticos, especialmente com comprometimento com a comunidade de informantes não é exatamente uma tarefa ordinária. Em se tratando de uma língua de modalidade visual-espacial, cujos informantes-alvo devem ser os surdos, a tarefa torna-se mais complexa, por um lado, e, por outro, extremamente necessária.

A documentação de línguas é necessariamente uma área multidisciplinar, em que diferentes áreas do conhecimento interagem: computação, linguística, história, cultura, antropologia, dentre outras. A elaboração de *corpora* em línguas de sinais atende, portanto, a propósitos que vão além da descrição gramatical dessas línguas. Por se tratar de línguas minoritárias, em conformidade com o que preconiza a UNESCO, são línguas em risco de extinção. Documentar é, nesse caso, uma estratégia de planejamento de políticas linguísticas capazes de fortalecer e disseminar as línguas de sinais, além de viabilizar seus status sociolinguístico e histórico.

Corpora que envolvam comparação entre diferentes línguas de sinais, produções literárias em diversos gêneros textuais, produções voltadas para ensino de línguas de sinais, produções de crianças surdas e codas são necessários para a ampliação e formação de pesquisadores na área de documentação de línguas de sinais. Tudo isso, necessariamente, incluindo o surdo nesses processos formativos e de registro da sua língua, tornando-o autor e ator dessa obra.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (440337/2017-8).

REFERÊNCIAS

CRASBORN, O. *et al.* Sharing sign language data online: experiences from the ECHO project. *International Journal of Corpus Linguistics*, v.12, n.4, p.535-562, 2007.

ELAN. *Sistema Eudico Annotator*. 2020. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 16 abr. 2020.

HARRIS, R.; HOLMES, H. M.; MERTENS, D. M. Research ethics in sign language communities. *Sign Language Studies*, v. 9, n.2, p.104-131, 2009.

HOCHGESANG, J.A. Ethics of researching signed languages: the case of Kenyan Sign Language (KSL). In A.C. Cooper & K.K. Rashid (ed.). *Signed Languages in Sub-Saharan Africa: Politics, citizenship and shared experiences of difference*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2015. p.11-30.

JOHNSTON, T. The reluctant oracle: annotating a sign language *corpus* for answers to questions we can't ask any other way. *Abstract of a Paper Presented at the Sign Language Corpora: Linguistic Issues Workshop*, London, 2009.

JOHNSTON, T. The reluctant oracle: adding value to, and extracting value from, a signed language *corpus* through strategic annotations. *Corpora*, v.9, n.2, p.155-189, 2014.

LEESON, L. *et al.* The uses of *corpora* in L1 and L2/Ln sign language pedagogy. In: ROSEN, S. R. (ed.) *The Routledge Handbook of Sign Language Pedagogy*. Routledge, 2019. p. 339-352.

MCCARTHY, M.; O'KEEFFE, A. Historical perspective: what are *corpora* and how have they evolved? In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M.. *The Routledge Handbook of Linguistics*. New York: Routledge, 2010. p. 3-14.

MESCH, J. Korpus för taktilt svenskt teckenspråk: Datamängd. [Tactile Swedish Sign Language Corpus]. *Section for Sign Language*, Department of Linguistic, Stockholm University, 2016.

ÖQVIST, Z.; RIEMER KANKKONEN, N.; MESCH, J. STS-korpus : A sign language web *corpus* tool for teaching and public use. In: EFTHIMIOU, E. (ed.). Proceedings of the [LREC2020] 9th *Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Sign Language Resources in the Service of the Language Community, Technological Challenges and Application Perspectives*. European Language Resources Association (ELRA), Marseille, France, 2020. p. 177-180.

QUADROS, R. M. de *et al.* *Corpus de Libras*. 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

RAPPEN, R. Building a Corpus: What are the key considerations? *In: OKEEFFE, A.; McCARTHY, M. The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. New York: Routledge, 2010. p.31-37.

SCHEMBRI, A. Documenting sign languages. *In: AUSTIN, P.K (ed.). Language documentation and description*, v. 7. London: SOAS, 2010. p. 105-143.

SCHÖNSTRÖM, K.; MESCH, J. *Datamängd*. Projektet Från tal till tecken – att lära sig svenskt teckenspråk som andraspråk. [Dataset. The project From speech to sign – learning Swedish Sign Language as a second language], Department of Linguistics, Stockholm University, 2017.

SCHÖNSTRÖM, K.; MESCH, J. [no prelo]. Cross linguistic influence across modalities – the case of mouth actions in L2 sign language learners. *Sign Language Linguistics*.

SINGLETON, J. L.; JONES, G.; HANUMANTHA, S. S. Toward ethical research practice with Deaf participants. *Journal of Empirical Research on Human Research Ethics*, n.9, p.59-66, 2014.

SINGLETON, J.; MARTIN, A.; MORGAN, G. Ethics, deaf-friendly research, and good practice when studying sign languages. *In: ORFANIDOU, E.; WOLL, B.; GARY, M. (org.). Research methods in sign language studies: a practical guide*. Malden/USA – Oxford/UK: John Wiley & Sons Inc., 2015. p. 5-20.

STS. Disponível em: <https://teckensprakslexikon.su.se>. Acesso em: 17 fev. 2020.



Recebido em 24/09/2020. Aceito em 08/10/2020.

INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS

INVENTARIO NACIONAL DE LIBRAS

NATIONAL INVENTORY OF LIBRAS

Ronice Müller de Quadros*

Universidade Federal de Santa Catarina

Jair Barbosa da Silva**

Universidade Federal de Alagoas

Rodrigo Nogueira Machado***

Universidade Federal do Ceará

Carlos Roberto Ludwig****

Universidade Federal do Tocantins

RESUMO: A documentação da Libras inclui o Inventário Nacional da Libras que integra o Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL) com o objetivo de documentar a Libras de forma representativa no país. Este artigo apresenta o Inventário Nacional da Libras estabelecido, inicialmente, em Santa Catarina e a sua replicação nos estados de Alagoas, Ceará e Tocantins. Estes estados passam a ser agentes multiplicadores para a futura replicação do Inventário Nacional da Libras nos demais estados brasileiros garantindo-se, assim, a representação nacional do *corpus* da Libras estabelecido no escopo do INDL. Este artigo apresenta as diretrizes que norteiam a coleta, o arquivamento e a transcrição de dados, assim como as especificidades da constituição do *corpus* em cada estado brasileiro nesta primeira etapa de replicação do Inventário Nacional da Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Documentação Linguística. *Corpus* de Libras.

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

** Professor de Linguística no Curso de Letras-Libras: licenciatura e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, onde atua também como pesquisador. E-mail: jair.silva@fale.ufal.br.

*** Professor e pesquisador da Linguística no Curso de Letras Libras em licenciatura da Universidade Federal do Ceará e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: roflam@gmail.com.

**** Professor e pesquisador da Universidade Federal do Tocantins, nos cursos de Letras: Libras e Mestrado em Letras. E-mail: carlosletras@mail.uft.edu.br.

RESUMEN: La documentación de la Lengua de Señas Brasileña (Libras) incluye el Inventario Nacional de Libras que forma parte del Inventario Nacional de Diversidad Lingüística (INDL) con el objetivo de documentar la Libras de manera representativa en el país. Este artículo presenta el Inventario Nacional de Libras establecido, inicialmente, en Santa Catarina y su réplica en los estados de Alagoas, Ceará y Tocantins. Estos estados se convierten en agentes multiplicadores para la futura reproducción del Inventario Nacional de Libras en otros estados brasileños, garantizando así la representación nacional del corpus de Libras establecido en el contexto del INDL. Este artículo presenta las pautas que orientan la recolección, archivo y transcripción de datos, así como las especificidades de la constitución del corpus en cada estado brasileño en esta primera etapa de reproducción del Inventario Nacional de Libras.

PALABRAS CLAVE: Libras. Documentación lingüística. Corpus de Libras.

ABSTRACT: The Libras documentation includes the National Inventory of Libras that integrates the National Inventory of the Linguistic Diversity (INDL) with the goal to document the Libras in a representative way in Brazil. This paper shows the National Inventory of Libras established, firstly, in Santa Catarina state, and then spreading to Alagoas, Ceará and Tocantins states. These states became charged, as well, to spreading even more that future replication of the National Inventory of Libras around the country to guarantee, then, the national representation of the Libras Corpus established in the scope of INDL. This paper presents the procedures that are common for the data collection, the documentation and annotation of the data, as the specificities of the corpus constitution in each Brazilian state in this first step of the replication of the National Inventory of Libras.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language (Libras). Linguistic Documentation. Corpus of Libras.

1 INTRODUÇÃO

A documentação da Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras) integra o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) que foi instituído pelo decreto presidencial 7387/10 como um instrumento de *identificação, reconhecimento, valorização e promoção* das línguas faladas no Brasil. Ele deve ser visto como o instrumento do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial para dar conta das especificidades semióticas, socioculturais, políticas etc., das línguas faladas no Brasil, em contraponto às *referências culturais* contempladas por outros instrumentos do PNPI, como o Registro e o Inventário Nacional de Referências Culturais (IPHAN, 2012, p. 1).

Visto como um todo, o INDL pode ser definido como:

1. Um conjunto de informações sobre as línguas faladas no Brasil;
2. Uma base para se conhecer o universo linguístico nacional;
3. Uma política de reconhecimento patrimonial das línguas;
4. Uma política catalisadora de recursos e ações governamentais e não governamentais visando à salvaguarda das línguas.

(IPHAN, 2012, p. 1)

Em relação à Libras, iniciamos o Inventário Nacional da Libras para registrar esta língua usada nas comunidades surdas brasileiras. A Libras é uma língua nacional, reconhecida legalmente por meio da Lei 10.436/2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. A documentação da Libras está sendo uma forma de organizar as informações sobre essa língua e mapear os aspectos linguísticos que a constitui. Além disso, tem sido uma forma de apresentar um conjunto de dados sobre esta língua à comunidade surda e acadêmica para fins de interesse político, social, cultural, educacional, linguístico e científico.

No Brasil, o estudo científico da Libras teve início na década de 80, com os trabalhos importantes da linguista Lucinda Ferreira Brito (UFRJ) e a inclusão do Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Apesar disso, no desenrolar das décadas de 80 e 90, o estudo da Libras permanece ainda bastante marginal ao interesse da maioria dos pesquisadores brasileiros. Foi apenas na década de 2000-2010 que pudemos testemunhar o início do processo de consolidação do campo de investigação da Libras no Brasil. Com a promulgação de duas leis relativas à Libras – a lei n. 10.436, de 2002, que a reconhece como língua da comunidade surda brasileira, e o Decreto n. 5626, de 2005, que a regulamenta –

podemos observar uma série de avanços importantes para o campo no Brasil: a criação de cursos de Letras-Libras nas modalidades presencial e a distância, atendendo à necessidade de formação de professores e intérpretes de Libras em todo o país; a criação do exame de certificação nacional de proficiência em Libras (PROLIBRAS), com o intuito de certificar professores e intérpretes de Libras já atuantes na área, mas ainda carentes de uma formação; e a intensificação da produção científica voltada para a Libras em nível de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, com destaque para o ingresso crescente de pessoas surdas em programas de mestrado e doutorado – um importante marco na história de nosso país.

O estudo científico da Libras, portanto, passa hoje por uma fase decisiva. A demanda acadêmica e social por conhecimento relativo à Libras é grande, mas o campo de investigação tendo como foco essa língua ainda está se estruturando. De modo geral, observa-se no Brasil a mesma dificuldade enfrentada no campo de pesquisa com línguas de sinais ao redor do mundo: há uma enorme variação e inconsistência nos critérios de registro, documentação, análise e apresentação dos dados de línguas sinalizadas à comunidade acadêmica (MILLER, 2001). Esse quadro dificulta um debate rico, empiricamente fundamentado, sobre os diferentes aspectos linguísticos das línguas de sinais, bem como a utilização desse conhecimento em vários âmbitos aplicados, como é o caso da educação de surdos, o ensino de Libras como L1 e L2, a formação de intérpretes de Libras, traduções literárias para a Libras, dentre outros.

Não por acaso, a sistematização dos procedimentos de coleta, documentação e recuperação de dados e metadados de línguas de sinais tem adquirido grande relevância mundial nas últimas décadas (e.g. CRASBORN; VAN DER KOOIJ; MESCH, 2004; EFTHIMIOU; FOTINEA, 2007; HANKE, 2000; LEESON; SAEED; BYRNE-DUNNE, 2006; LEITE, 2008; SCHEMBRI, 2008, CHEN-PICHLER *et. al.*, 2010; LEITE; QUADROS, 2014; QUADROS, 2016; QUADROS *et. al.*, 2019). Com a Libras, não poderia ser diferente. A criação de *corpora* de Libras e a sistematização de seu processo de construção está contribuindo de diferentes maneiras para a consolidação do campo teórico e aplicado relativo à Libras no Brasil.

No sentido de fomentar ações voltadas para políticas públicas no campo linguístico e educacionais, de uma forma mais direta, a pesquisa do Inventário Nacional de Libras começa a disponibilizar para os órgãos públicos, os seguintes materiais:

1. um *corpus* da Libras empiricamente abrangente e teórico-metodologicamente bem fundamentado, representando, também, um inventário da Libras das regiões metropolitanas de Florianópolis, do Estado de Santa Catarina; Maceió, do Estado de Alagoas; Fortaleza, do Estado do Ceará; e Palmas, Estado do Tocantins, de forma gratuita e online, a outros pesquisadores da Libras e a profissionais que atuam com pessoas surdas e que desejem utilizá-lo para fins variados, especialmente para uso na educação (QUADROS *et al.*, 2020);
2. diretrizes para a constituição de *corpus* de Libras em futuras pesquisas, particularmente no que tange ao registro, à documentação e à recuperação de dados para fins de análise linguística;
3. disseminação à comunidade acadêmica as alternativas tecnológicas de que hoje dispomos para fundamentar empiricamente as pesquisas com Libras de uma maneira consistente;
- 4.
5. um importante registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas de quatro regiões do país, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira, podendo, posteriormente, ser estendido a outras regiões do país.

2 HISTÓRICO DA DOCUMENTAÇÃO DE LIBRAS

A documentação da Libras começou a ser constituída em 1995¹. Este material envolve diferentes projetos compreendendo dados de fontes diversas e diretrizes para o registro dos dados e metadados nessa língua. O primeiro deles documenta dados de estudos longitudinais com crianças surdas filhas de pais surdos adquirindo a Libras. Posteriormente, foram incluídas crianças surdas, filhas

¹ A documentação da Libras está sendo constantemente alimentada e encontra-se disponível no Portal de Libras, [https://libras.ufsc.br] no link do *corpus*, que pode ser acessado diretamente em [http://www.corpuslibras.ufsc.br/]. Os dados disponibilizados envolvem projetos que contaram com diferentes fontes de fomento: CNPQ, CAPES, IPHAN e NIH.

de pais ouvintes; crianças surdas com implante coclear, filhas de pais surdos e pais ouvintes; e crianças ouvintes, filhas de pais surdos (Codas).

O Banco de Dados de aquisição da Libras atingiu maturidade metodológica, pois desenvolveu uma série de ferramentas que possibilitaram a organização dos dados para a realização das análises. Os dados estão organizados de tal forma a viabilizar pesquisas por terceiros, contando sempre com as devidas precauções observadas pelo Comitê de Ética. O acesso aos dados começa a ser mais amplo, mas se mantém restrito, no sentido de resguardar a visualização dos vídeos de crianças. Para isso, o Comitê de Ética exigiu cartas de consentimento que especificassem a permissão explícita dos pais e, quando possível, da própria criança para o acesso irrestrito a demais pesquisadores. O acesso irrestrito enriquece o próprio banco de dados e as produções de pesquisa que se multiplicam, pois permite a inclusão de transcrições adicionais, bem como de análises dos dados que constituem as pesquisas no próprio banco de dados, consolidando o *Corpus* de Libras de aquisição da linguagem. A metodologia estabelecida no escopo deste banco de dados serviu de referência para os materiais que estão sendo usados no Inventário Nacional de Libras que integra o *Corpus* de Libras (QUADROS, 2016). Esse inventário tem o objetivo de estabelecer a documentação da Libras em âmbito nacional e já conta com dados coletados da grande Florianópolis, Santa Catarina; da grande Maceió, Alagoas; da grande Fortaleza, Ceará; e da grande Palmas, Tocantins². Essa coleta de dados objetiva ser replicada em todo o Brasil para o estabelecimento de um *Corpus* da Libras com dados que permitam análises comparáveis da Libras de diferentes regiões do país. A metodologia usada para o Inventário Nacional de Libras compreende interações de surdos em pares divididos em três grupos, por idade e por gênero. Todos os procedimentos para a coleta dos dados, organização dos dados e metadados, transcrição dos dados foram aplicados e ajustados para serem usados em todo o país e permitir dados em Libras comparáveis entre os surdos de diferentes regiões do país. Assim, com os dados seguindo os mesmos procedimentos metodológicos, teremos condições de analisá-los para identificar os fatores contextuais que influenciam a variabilidade da Libras, explicando os fenômenos linguísticos estudados.

A documentação de Libras também inclui dados do Libras Acadêmico, que compreendem produções do Exame ProLibras e do Curso de Letras Libras EAD da Universidade Federal de Santa Catarina. O Libras Acadêmico inclui a publicação de vários materiais produzidos pelos alunos durante a oferta do curso, especialmente trabalhos produzidos em Libras e literatura em Libras. Neste caso, os materiais disponibilizados contam com a permissão direta de ex-alunos e dos participantes das atividades do Exame ProLibras. Os materiais coletados foram catalogados e publicados no *Corpus* de Libras Acadêmico no respectivo estado do polo no qual o aluno estava frequentando o curso. Esses materiais são muito úteis para alunos surdos, alunos interessados em Libras, professores de Libras e educadores bilíngues. Esta documentação está sendo complementada por meio do Inventário Nacional de Libras, com o financiamento do Ministério da Cultura, pelo IPHAN, por meio de uma parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL) e a Universidade Federal de Santa Catarina.

Além destes dados, a documentação integra a Antologia de Poemas em Libras. Segundo Machado (2017), uma antologia de línguas de sinais constitui uma forma de registro da cultura surda por meio de produções poéticas. Essa antologia compreende poemas produzidos por surdos com diferentes estilos objetivando representar a produção poética em Libras e em breve estará disponível no *Corpus* de Libras.

Além disso, os dados do Inventário da Libras são utilizados para alimentar o Banco de Sinais da Libras (*Signbank Libras*). Trata-se de um banco de dados do léxico da língua brasileira de sinais com variantes da Libras dos estados que já realizaram coleta de dados e, no momento, realizam a transcrição dos dados (UFSC, 2020).

Novos projetos podem passar a compor a documentação da Libras, tornando-o mais amplo e variado e compreendendo uma documentação da Libras para ser acessada para diferentes fins, entre eles, para fins históricos, para o ensino e para a pesquisa.

² O Inventário de Libras da Grande Florianópolis está sob a coordenação de Ronice Müller de Quadros e contou com o financiamento do CNPQ (Processos 303725/2013-3 e 471355/2013-5) e o Inventário de Libras de Maceió está sob a coordenação de Jair Barbosa da Silva com o financiamento do CNPQ/Universal (460589/2014-8). Os Inventários da Grande Fortaleza, da Grande Palmas, da Grande Maceió também contam com o financiamento no escopo da Documentação da Libras (CNPQ Processo 440337/2017-8). O Inventário de Libras da Região de Palmas, sob coordenação de Carlos Ludwig, também possui apoio financeiro da Capes, projeto Procad-Amazônia, em parceria com a UFSC (Processo 23038.005350/2018-78).

Os dados compreendidos na documentação da Libras incluem também arquivos de transcrição e anotação dos dados. O objetivo das transcrições e anotações é permitir a análise linguística sistematizada. Para isso, foram estabelecidas normas para a realização dessas transcrições e anotações objetivando atingir consistência que permita aos pesquisadores compreender os registros realizados, bem como comparar os dados em análise. A seção que descreve a metodologia apresentará os estudos já realizados sobre transcrições e anotações de línguas de sinais e, posteriormente, explicitará o processo de estabelecimento destas normas para o *Corpus* de Libras, especialmente, para o Inventário Nacional de Libras que tem servido de fonte para a constituição das gramáticas da Libras (QUADROS, 2017).

3 DA FORMAÇÃO DOS PESQUISADORES COLABORADORES

Os pesquisadores colaboradores do Inventário Nacional da Libras passam por um processo de formação que envolve tanto aspectos teóricos quanto aspectos práticos do trabalho de constituição de *corpus*.

Inicialmente, o pesquisador coordenador da pesquisa, juntamente com o pesquisador local surdo dos estados de Alagoas, Ceará e Tocantins estiveram na UFSC em para participar da formação que foi realizada por meio da exposição e prática efetiva de todas as etapas do processo de constituição do *corpus* (coleta, arquivamento e transcrição).

4 DA COLETA DOS DADOS

A coleta de dados tem seguido um mesmo padrão metodológico para os três estados envolvidos a fim de que se possam tornar os dados comparáveis e qualitativamente equivalentes. Desse modo, os recursos tecnológicos para coleta, tratamento (edição e transcrição) e armazenamento serão os mesmos, assegurando-se, no final, um *corpus* homogêneo com registros consistentes da Libras, com vistas às pesquisas nas áreas de Linguística, Literatura, Cultura, dentre outras. Os dados coletados a partir desta metodologia integram os estudos linguísticos da Libras.

A fim de compor o quantitativo de participantes envolvidos na pesquisa, segue-se a descrição abaixo:

1. Um professor pesquisador ligado a cada Universidade envolvida;
2. Um pesquisador local surdo (uma liderança surda representante da comunidade surda);
3. 36 surdos das capitais onde as Universidades estão alocadas, os quais serão gravados em duplas, formando, assim, 18 entrevistas.

O pesquisador local surdo apresenta o seguinte perfil para se engajar no Projeto: i) nato da capital, ou residir e conviver com a comunidade surda local por no mínimo 10 anos; ii) pessoas extrovertidas e articuladas, de preferência com experiência acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação; iii) pessoas com conhecimento tecnológico básico para as finalidades do projeto e com facilidade de acesso diário a computador e internet. Por outro lado, para ser selecionado como *informantes* da pesquisa, os sujeitos têm de atender aos seguintes critérios: i) ser nato do estado da capital onde o projeto estiver em desenvolvimento ou nela residir há pelo menos 10 anos; ii) ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade; iii) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. Além disso, é importante que, dentre as 18 duplas a serem entrevistadas, o pesquisador local busque selecionar duplas com perfis variados, considerando critérios tais como: iv) surdos que representem aproximadamente 3 diferentes gerações, incluindo jovens (até 30 anos), adultos (entre 30 e 60 anos) e idosos (a partir de 60 anos); v) surdos homens e mulheres; vi) surdos com diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo). Por fim, só serão incluídos como informantes no projeto aqueles surdos que consentirem sem quaisquer restrições a todas as condições de uso e distribuição de suas imagens, tal como será definido no *Termo de Participação em Pesquisa*. Para a coleta dos dados, os informantes vão ao estúdio montado na Universidade ou os pesquisadores vão aos espaços onde os informantes surdos se sintam mais confortáveis para serem gravados – associações, escolas etc. Nesse sentido a equipe de coleta de dados deve envolver: um (1) pesquisador colaborador da equipe de coordenação e um técnico. A este cabe a montagem e

desmontagem do estúdio, supervisão técnica do processo de gravação e arquivamento dos dados; àquele, a tarefa de condução da entrevista.

O estúdio conta com 4 filmadoras para captar os informantes em diferentes tomadas, o que se faz necessário para uma análise minuciosa dos articuladores manuais e não manuais em contextos conversacionais (Leite, 2008). Cada participante tem acesso a 1 notebook, onde assiste aos estímulos que servirão de base para a sua produção, e o pesquisador dispõe de um terceiro notebook para manipulação dos estímulos e registro de informações pertinentes às sessões de gravação. Os postes de luz, bem como o tecido de lycra, que servirá de plano de fundo das gravações, têm como objetivo garantir condições ótimas de visualização dos sinalizadores.

As câmeras são posicionadas de acordo com configurações espaciais previamente testadas e planejadas, o que irá variar de acordo com a atividade que está sendo gravada (e.g. eliciação individual vs., conversação livre). Em particular, em cada atividade deverá atentar-se para a necessidade de se ter pelo menos uma tomada com foco no rosto do sinalizador e uma tomada com foco no espaço de sinalização mais geral.

As entrevistas com os informantes são compostas pelas seguintes atividades, que totalizam aproximadamente 2 horas por entrevista:

- i) atividade de descontração e entrevista de vida (30 minutos): por meio de uma entrevista semiestruturada e semiaberta, o pesquisador buscará eliciar do informante relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a Libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais;
- ii) atividade de eliciação de narrativas (20 minutos): o participante irá recontar três narrativas que já foram utilizadas em diversos estudos linguísticos e, portanto, poderão ser utilizadas em pesquisas comparativas com outras línguas orais e línguas de sinais: a *Pear Story*; a *Frog: where are you?*; e a *Canary Row*, de Tweety & Sylvester;
- iii) intervalo de 20 minutos para descanso;
- iv) atividade de eliciação gramatical e lexical (30 minutos): o participante será apresentado a estímulos criados especificamente para a eliciação de construções gramaticais e itens lexicais da Libras, a serem adaptados do projeto de *corpus* da língua de sinais alemã (NISHIO *et al.*, 2010);
- v) conversação (até 20 minutos): a dupla será deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo.

As entrevistas devem ser desenvolvidas de modo a garantir o registro de expressões culturais verbais, amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico à realidade cultural, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática, demonstração de variedades dialetais e elementos que singularizam a língua tipologicamente dentro da região e universalmente. Além disso, devem ser consideradas formas de documentação da Libras em situações cotidianas, o que exigirá o desenvolvimento de uma metodologia adequada para filmagem em ambientes externos não controlados.

Além destas 2 horas de coleta de dados em estúdio, os participantes são filmados em interações espontâneas por 30 minutos dentro da Associação de Surdos local, totalizando 2 horas e 30 minutos de dados (150 minutos) por dupla, considerando 18 duplas, perfazendo 45 horas (2.700 minutos).

5 DA TRANSCRIÇÃO

Primeiramente, os pesquisadores colaboradores, pesquisador local surdo, estudantes de iniciação científica e demais envolvidos na pesquisa passaram por rigoroso processo de formação, o qual foi feito em parceria com a UFSC, a fim de que se possa fazer transcrições de boa qualidade, haja vista que é o processo que mais demanda tempo, atenção e acuidade.

É importante salientar que a transcrição de línguas de sinais, uma vez que não se dispõe de um sistema especificamente adaptado de forma plena para transcrição, demanda bastante tempo, razão por que os dados que serão recolhidos terão sua transcrição total realizada sempre em função da mão de obra que se disponibilize para esse fim (bolsistas, pesquisadores). Dada a complexidade de transcrição de Libras, os dados do Inventário Nacional de Libras se atém em apenas a seis trilhas do ELAN, no primeiro momento: a) glosagem de sinais manuais da mão direita, b) a glosagem de sinais manuais da mão esquerda; ambas de forma integrada ao Identificador de Sinais; c) tradução de enunciados para o português, d) a tradução das glosas para o inglês da mão direita; e) a tradução das glosas para o inglês da mão esquerda; e f) a tradução de enunciados do português para o inglês.

A transcrição é feita com base num arquivo: modelo de transcrição do ELAN desenvolvido pela equipe do Projeto matriz (UFSC) e que é introduzido aos pesquisadores colaboradores ao longo de sua formação. Ainda que o arquivo-modelo de transcrição possibilite a transcrição de todos os articuladores manuais e não manuais necessários à descrição da Libras (ver Leite, 2008), os pesquisadores colaboradores deverão operar apenas com as trilhas correspondentes aos principais aspectos mencionados no parágrafo anterior, reservando a transcrição de outros articuladores para um momento subsequente deste trabalho. Essa opção é viável, tendo em vista que o ELAN permite a visualização apenas das trilhas de interesse imediato, as demais permanecendo no arquivo de forma oculta.

Todas as transcrições passam por um processo de validação. Para isso, membros do projeto com experiência em transcrição realizam uma segunda transcrição em amostras estatisticamente significativas dos dados coletados em outros estados, com fins de comparação com as transcrições originais. Esse processo é realizado periodicamente a fim de avaliar o processo de transcrição e introduzir ajustes quando necessário. Além disso, um pesquisador é encarregado de revisar a transcrição original em busca de inconsistências com relação às convenções de anotação desenvolvidas no projeto. No âmbito desta etapa do Inventário Nacional de Libras, foi realizado um processo de validação entre os três estados em conjunto com a UFSC. O resultado deste processo de validação determinou ajustes no manual de transcrição da Libras.

6 INVENTÁRIO NACIONAL DE LIBRAS: ALAGOAS, CEARÁ E TOCANTINS

A partir do modelo metodológico desenvolvido em Santa Catarina com diretrizes para a constituição do Inventário Nacional da Libras, a coleta, o arquivamento e as transcrições estão sendo replicados gradativamente no Brasil para a constituição de um *corpus* nacional da Libras representativo. Nesta primeira replicação, os estados de Alagoas, Ceará e Tocantins integraram o Inventário Nacional da Libras.

A seguir apresentamos o Inventário Nacional da Libras nos estados de Alagoas, Ceará e Tocantins.

6.1 INVENTÁRIO DA LIBRAS DE ALAGOAS

Em 2014, quando o Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Alagoas estava em fase de implantação, os coordenadores do Curso, professores Jair Barbosa da Silva (coordenador) e Humberto Meira de Araújo Neto (vice-coordenador), fizeram uma visita técnica à UFSC por ser esta a Universidade referência no Brasil nesse tipo de curso. A equipe da UFAL foi recebida pela coordenação do Letras-Libras da UFSC, professora Karin Strobel, e pela pesquisadora Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros, a qual apresentou-nos, dentre outros projetos, o Inventário da Libras da grande Florianópolis. Coincidentemente, o Edital/Universal/CNPq/2014 estava com chamada aberta. Encantados com o projeto da UFSC e cientes de que a pesquisadora gostaria de que ele fosse replicado em todo o país, não hesitamos em submeter um projeto para financiamento pelo CNPq, nos mesmos moldes do da UFSC. O projeto da UFAL foi aprovado, processo (460589/2014-8), tendo os recursos disponibilizados em 2015 e 2016, o que retardou o início da coleta de dados. Outro fator que causou atraso na recolha dos dados foi a mudança de prédio

do curso de Letras-Libras (antes instalado em prédio provisório e, a partir de 2018, passou a ter sede própria na Universidade).

Entre o segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015, foi montada uma equipe formada por professores e alunos do Letras-Libras para a execução do projeto. Por meio da chamada do PIBIC/UFAL, ciclo 2014/2015, selecionamos dois alunos de iniciação científica, sendo um bolsista e uma colaboradora. O bolsista, Sergio José da Silva, aluno surdo do Letras-Libras, era também o nosso surdo de referência, conforme modelo do projeto matriz (UFSC), para intermediar junto à comunidade surda da grande Maceió os contatos e convites aos surdos participantes do projeto. Em março de 2015, o coordenador executivo do projeto, professor Dr. Jair Barbosa da Silva, juntamente com Sergio José da Silva participaram de uma formação por dois dias na UFSC sobre a coleta, a transcrição e guarda de dados do projeto, conforme protocolos do projeto já em andamento da UFSC.

Ainda em 2015, formamos a equipe da UFAL para a execução do projeto em termos científicos, técnicos, tecnológicos e éticos e, então, começamos a coleta dos dados, fazendo todos os testes relativos à qualidade de luz, de imagem, ajustes gerais nos instrumentos de coleta, por meio de uma coleta-piloto. Concluída essa etapa, começamos a coleta com o primeiro grupo etário de informantes (de 18 a 30 anos). Em 2016 e 2017, a equipe de execução do projeto em Maceió ganhou novo integrantes, bolsistas e colaboradores, o que deu celeridade ao processo de coleta dos dados e início das transcrições e armazenamento, tendo esse processo sido interrompido pela mudança de espaço físico do curso de Letras-Libras para prédio próprio, cuja efetivação foi concluída apenas abril de 2018, quando retomamos as atividades práticas do projeto, especialmente, o término das coletas.



Figura 1: Visita técnica das pesquisadoras Ronice Müller de Quadros e Diane Lillo-Martin ao Projeto da UFAL - 2017

Fonte: Inventário da Libras da Grande Maceió (2017)

A equipe integrante do projeto atuou em diversas atividades - formação inicial e contínua, leituras, pré-testes para as coletas, tradução, interpretação e gravação do TCLE em Libras, contato com os informantes, recepção dos informantes, preparação do estúdio para coletas, coletas, edição dos vídeos, transcrição dos dados, validação dos dados e armazenamento dos dados em dispositivos físicos e no servidor da UFSC. Constituíram a equipe de trabalho alunos e professores da UFAL, em grande parte vinculados ao Letras-Libras, a quem agradecemos muito sinceramente e nominalmente, pois se trata de um trabalho cuja realização só acontece no coletivo:

Jair Barbosa da Silva - Coordenador executivo do projeto e pesquisador;

Bruno Silva Pedra da Rocha - Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, colaborador PIBIC de 2017 - 2018;

Daniel Cícero dos Santos Barbosa - Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, colaborador PIBIC de 2016 - 2017;

Elétrica Pinheiro da Silva - Graduanda do curso de Letras-Francês, colaboradora PIBIC de 2014 - 2015;

Evely de Souza Mendonça Silva - Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC de 2016 - 2018;
 Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque - Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, bolsista PIBIC/CNPq de 2015 - 2019;
 Humberto Meira de Araújo Neto - Professor colaborador e pesquisador;
 Jéssica Nobre Cedrim Lucena - Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC de 2015 - 2017;
 Karoline Morgana Gomes Nicácio Araújo - Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC/CNPq de 2018 - 2020;
 Lívia Andrade da Conceição - Professora surda colaboradora;
 Magda Souto Rosa do Monte - Professora surda colaboradora;
 Maiara Silva Santos - Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, bolsista PIBIC de 2015 - 2020;
 Raimundo Nonato Maia Júnior - Graduando do curso de Letras-Libras, colaborador, de 2016 - 2018;
 Sergio José da Silva - Surdo de referência, graduando do curso de Letras-Libras e bolsista do PIBIC de 2014 - 2018.

Os dados de Alagoas foram coletados com informantes surdos da região metropolitana de Maceió, a qual é formada por treze municípios, a saber: Maceió (capital), Paripueira, Barra de Santo Antônio, Murici, Messias, Rio Largo, Atalaia, Pilar, Satuba, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Marechal Deodoro e Barra de São Miguel, seguindo-se o mesmo protocolo da UFSC em termos de perfil dos informantes quanto ao processo aquisicional da Libras ou ao contato com essa língua e com a comunidade surda a que pertence, como descrito na seção 4. Embora o projeto preveja a presença de surdos da região metropolitana de Maceió, a maior parte dos que compuseram a coleta de dados são de Maceió, fato que se deve, sobretudo, à maior facilidade de deslocamento para o *locus* da coleta, o LabLibras (Laboratório de Libras), na UFAL.

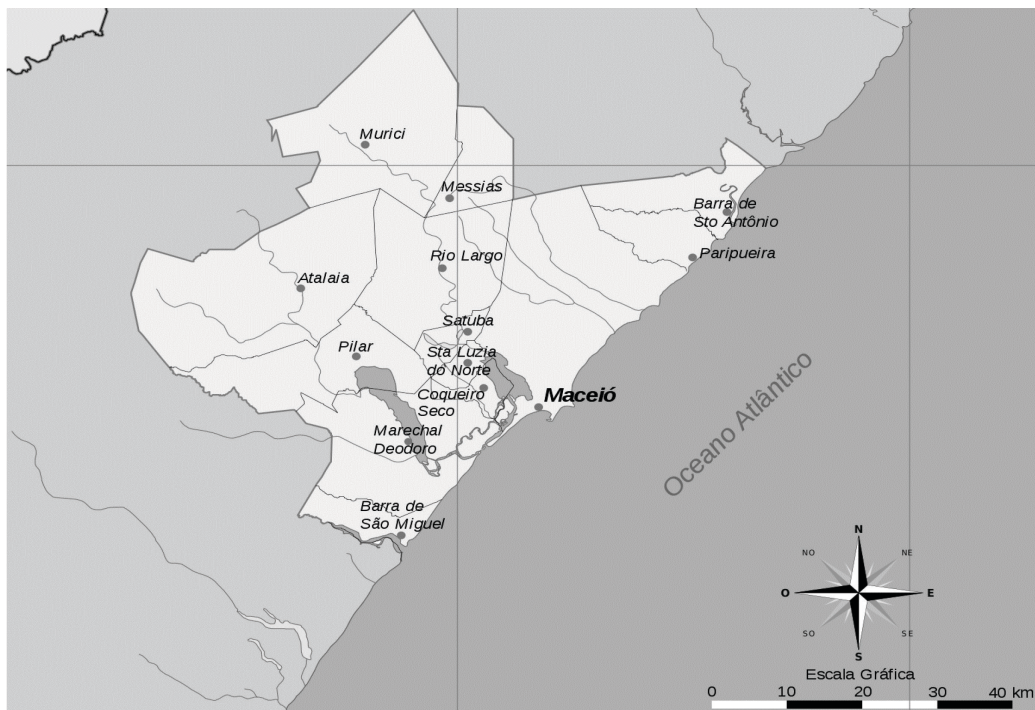


Figura 2: Mapa da Região Metropolitana de Maceió – Alagoas

Fonte: WIKIPEDIA (2020)

Em 2019, dois importantes processos se deram: a) reunião com o grupo do Inventário Nacional de Libras em maio de 2019, na UFAL, com o objetivo de fazer a validação dos dados do projeto, com a presença da Professora Ronice Müller de Quadros (UFSC), coordenadora geral do projeto, do professor Carlos Roberto Ludwig (UFT), coordenador executivo do projeto do Tocantins, do professor Rodrigo Nogueira Machado (UFC), coordenador executivo do projeto do Ceará, e da professora Ana Regina Campello (INES), coordenadora do projeto no Rio de Janeiro, com seus respectivos bolsistas; b) armazenamento dos dados de Alagoas do servidor da UFSC e disponibilização pública dos dados no site do *Corpus* de Libras (QUADROS *et al.*, 2020)

O Inventário da Libras de Alagoas hoje está vinculado a outro projeto nacional, o de Documentação da Libras, também coordenado

pela professora Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC), e encontra-se em fase de ajustes de transcrições (revisões) e tem impactado diretamente naquilo a que se propõe: um conjunto de dados teórico-metodologicamente estruturado para fins de pesquisa sobre a Libras. Dois dos nossos bolsistas surdos de iniciação científica, Sergio José da Silva e Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque, fizeram TCC a partir de dados do *corpus* e acabaram de ingressar no mestrado no programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFAL, onde continuarão com suas pesquisas realizadas nos TCCs; Vanessa Lima Vidal, aluna de doutorado em Linguística da UFAL e professora da UFC, fará estudo sobre variação linguística usando dados dos *corpora* de Alagoas e do Ceará; Maiara Silva Santos, nossa bolsista de PIBIC está em fase de elaboração de TCC, sob orientação do professor colaborador Humberto Meira de Araújo Neto, também usando dados do *Corpus*; além disso, pelo menos mais cinco pesquisadores (do Letras-Libras ou do PPGLL/UFAL), não vinculados ao projeto do *Corpus*, utilizaram-se de dados dele para suas pesquisas.

Em suma, pode-se dizer que, para além da documentação da Libras em si, na variedade de Alagoas, o Inventário de Libras da Grande Maceió já encontra-se rendendo frutos no que concerne à pesquisa, de modo análogo ao que tem acontecido com em Florianópolis, onde pesquisadores envolvidos no Projeto e pesquisadores externos começam a lançar mão de dados do *Corpus* para o desenvolvimento de suas pesquisas. Destaque-se, ainda, as pesquisas que começam a ser feitas comparativamente com os dados de estados diferentes, como o fará Vanessa Lima Vidal, cuja investigação de doutorado implicará a comparação de dados de Alagoas e do Ceará. Outro ponto que salta aos olhos nesse tipo de projeto é a formação de novos pesquisadores no que tange a recursos técnicos, tecnológicos, teórico-metodológicos e éticos, principalmente dos alunos de graduação, por meio da Iniciação Científica

6.2 INVENTÁRIO DA LIBRAS DO CEARÁ

Esta parte tem a finalidade de apresentar a organização de um *corpus* de Libras, representativo do estado de Ceará, e está vinculado ao Projeto Inventário da Libras, da UFSC, considerado os mesmos parâmetros do projeto matriz. Este projeto está vinculado à proposta de trabalho e de expansão do Inventário Nacional da Libras da UFSC, projeto coordenado pela pesquisadora Ronice Müller de Quadros, a fim de tornar os dados comparáveis e mesmo de atender àquela proposta, ou seja, de formar um *corpus* de Libras do Brasil, adotaremos os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto. Desse modo, a grande Fortaleza integra o Inventário Nacional da Libras, juntamente com as demais capitais que hoje fazem parte do Projeto.

Da mesma forma que o projeto Inventário Nacional da Libras da UFSC, o Inventário da Libras da Região de Fortaleza coletará apenas os dados da Região Metropolitana de Fortaleza. Por esse motivo, trata-se de um “*corpus* representativo”, visto que teremos a coleta da língua sinalizada da comunidade surda de uma das regiões do estado do Ceará. A Região Metropolitana de Fortaleza (CE) foi atualizada recentemente pela Lei complementar N° 180, de 18 de julho de 2018, e é composta por 19 municípios, conforme a figura 3. Futuramente, pretende-se ampliar a coleta para outras regiões do Estado.

e um técnico de edição de vídeos. O Centro de Humanidades da UFC cedeu uma sala para abrigar o estúdio, que divide espaço com um Laboratório de Informática, próximo à área do Curso de Letras Libras. Foram necessários recursos e apoio de diferentes instituições e setores para a organização completa do projeto e do estúdio de gravação.

O Inventário da Libras do Ceará começou a organizar suas atividades no primeiro semestre de 2018, mas projeto estava sendo já proposto anteriormente em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina para submetê-lo a um edital do CNPq, que foi aprovado em 2017. Até o momento foram realizadas orientações e planejamento dos trabalhos junto à equipe que contou com a apresentação sobre *Corpus* da Libras: Conhecendo o Inventário Nacional para todos alunos de curso de Letras Libras e os demais interesses no evento de 24 de abril de 2018 como comemoração de Lei da Libras. Ainda em 2018, foi realizado o primeiro treinamento como Formação do Inventário Nacional da Libras – UFSC, em Florianópolis, no período de 11 a 13 de junho, juntamente com outros pesquisadores da UFAL, UFT e INES. No treinamento, também recebemos os materiais e equipamento cedidos pela UFSC/CNPq. Em novembro de 2018, a emenda que inclui a Universidade Federal do Ceará foi aprovada pelo Comitê Ética em Pesquisa (CEP), na Plataforma Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2019, tivemos uma apresentação do Pôster do nosso trabalho do Congresso de ABRALIN 50 – XI Congresso Internacional da ABRALIN, no período de 05 a 08 de maio de 2019 e participamos do Encontro Nacional de Documentação da Libras, para Formação e Validação do Inventário Nacional da Libras, realizado na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em Maceió, no período de 13 a 14 de maio de 2019. Foi discutido a validação de ID glosas para estabelecer um padrão nacional para a transcrição dos dados no ELAN, juntamente com outros pesquisadores da UFSC, UFAL, UFT e INES. Neste ano de 2019, conseguimos concluir a organização do estúdio para realizar as filmagens que contaram com equipamentos da própria universidade e equipamentos do projeto de Documentação da Libras, com financiamento do CNPQ (# 440337/2017-8). Também, realizamos o treinamento sobre as filmagens no estúdio do projeto, ministrado pelos alunos bolsistas da UFAL, que foram convidados especialmente para a oficina de Inventário de Libras, falando sobre sua experiência da UFAL, na Universidade Federal do Ceará. O treinamento aconteceu nos dias 11 a 13 de novembro de 2019. Foi realizada a testagem de gravação no estúdio e também foram dadas orientações sobre prática das filmagens. Também os 3 alunos bolsistas da UFAL ministram palestras sobre o projeto do inventário de Alagoas para alunos do Curso de Letras Libras na UFC.

Após a alocação do espaço físico para a montagem do estúdio de gravação, iniciamos os testes da coleta (ver figura 4). Iniciamos então a identificação dos informantes. Os dois bolsistas filmaram o TCLE do projeto, a fim de adequá-lo às variações linguísticas do estado do Ceará. Os instrumentos de coleta de dados também foram adaptados de acordo com as especificidades culturais do Ceará. As filmagens terão continuidade em 2020. Além disso, estamos ajudando na transcrição dos dados do projeto da Inventário da Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



Sala da Reunião, edição de vídeos e transcrição dos dados



Sala do estúdio de gravação para coleta de dados

Figura 4: Sala exclusiva do projeto de Inventário da Libras: Fortaleza – Ceará

Fonte: os autores

Ainda que o Inventário de Libras do Ceará não tenha iniciado a coleta de dados, interrompida pela pandemia, já foram agendados com alguns informantes as entrevistas que devem acontecer após terminar o período de quarentena devido ao COVID-19. Depois

da coleta de dados, a última etapa será a transcrição dos dados e a realização das pesquisas voltadas para o inventário da Libras.

A partir disso, o Inventário da Libras do Ceará, assim como o Inventário de Libras de Alagoas e do Tocantins, integrarão a Documentação de Libras, por meio do *Corpus* de Libras, no Portal de Libras organizado de forma acessível e didática para pesquisadores, professores, tradutores, intérpretes de língua de sinais utilizarem como recurso e fonte de pesquisa.

Rodrigo Nogueira Machado - professor da UFC e coordenador do projeto

Kátia Lucy Pinheiro - professora da UFC e pesquisadora do projeto

Vanessa Lima Vidal Machado - professora da UFC e pesquisadora do projeto

Marcus Weydson Pinheiro - professor da UFC e responsável pelas filmagens e edição dos vídeos do projeto

Patrícia Araújo Vieira - professora da UFC e pesquisadora do projeto

Willer Cysne Vasconcelos - professor da UNIFOR, pesquisador surdo local e líder da comunidade surda

Diná Souza da Silva - professora da UECE e pesquisadora do projeto

Marcelo Lúcio Correia de Amorim - professor da UFRGS e responsável pelos armazenamentos de dados do projeto

Cleyton Costa - bolsista de iniciação científica do CNPq e aluno do curso de Letras Libras

Amanda de Moura Barreto - bolsista de extensão da PREX/UFC - aluna do curso de Letras Libras.

6.3 INVENTÁRIO DA LIBRAS DO TOCANTINS

Esta seção apresenta o desenvolvimento do projeto Inventário da Libras da Região de Palmas – Tocantins. Nesse sentido, o Inventário da Libras no Tocantins supre uma necessidade de identificação, reconhecimento, valorização e documentação da língua brasileira de sinais, em particular as variantes em uso no estado do Tocantins. Além da documentação da Libras no Tocantins, análises com dados do *corpus* da Libras estão sendo desenvolvidas, a fim de oportunizar mais estudos linguísticos da Libras não só no estado, mas também no cenário nacional. Nesse sentido, análises das variantes locais, bem como análises comparativas com os dados do inventário de outros estados brasileiros contribuem qualitativamente e quantitativamente para a analisar aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.

Considerando que o projeto do Inventário da Libras da Região Metropolitana de Palmas – TO está vinculado a um projeto maior – Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, seus objetivos são os mesmos utilizados pelo projeto matriz, devidamente adaptados à realidade do Estado do Tocantins. O Inventário da Libras da Região de Palmas tem por finalidade criar um *corpus* da Libras representativo do estado do Tocantins e está vinculado ao Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC, chamado de projeto matriz, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros. Nesse sentido, esse projeto é uma *replicação* do Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais no Estado do Tocantins, conforme prevê o projeto matriz. Por esta razão, serão adotados os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto, a fim de se comparar os dados coletados no Estado do Tocantins com os dados de *corpora* de outros Estados brasileiros.

Da mesma forma que o projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de sinais da UFSC, o Inventário da Libras da Região de Palmas coletará apenas os dados da Região Metropolitana de Palmas. Por esse motivo, trata-se de um “*corpus* representativo”, visto que teremos a coleta da língua sinalizada da comunidade surda de algumas as regiões do Tocantins. A Região Metropolitana de Palmas (TO) foi criada pela Lei Estadual N° 2.824, de 30 de dezembro de 2013. A região metropolitana de Palmas é composta por 16 municípios³, conforme a figura 5. Futuramente, pretende-se ampliar a coleta para outras regiões do Estado.

³ Os municípios que integram a região metropolitana de Palmas são os seguintes: Palmas, Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Brejinho de Nazaré, Fátima, Ipueiras, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, Monte do Carmo, Oliveira de Fátima, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional, Pugmil, Silvanópolis e Tocantínia.



Figura 5: Mapa da Região Metropolitana de Palmas – Tocantins

Fonte: Bastos (2014)

A Universidade Federal do Tocantins possui atualmente doze professores surdos efetivos que, articulados à comunidade surda local, contribuem para a implementação de políticas frente às demandas legais que ora se apresenta no cenário Estadual e municipais. A sede do projeto é no Curso de Letras: Libras, da Universidade Federal do Tocantins, na cidade de Porto Nacional. A escolha da cidade de Porto Nacional para a realização da coleta, armazenamento e transcrição dos dados se deve ao fato de o Curso de Letras: Libras da UFT ter sua sede na cidade de Porto Nacional, situada a 64 km da capital Palmas – TO. O curso de Letras: Libras possui nove professores surdos efetivos, os quais atuarão diretamente no projeto Inventário da língua brasileira de sinais da Região de Palmas – Tocantins. Esses nove professores surdos estão envolvidos na equipe do inventário, realizando a coleta de dados, a transcrição e validação dos dados.

O Inventário da Libras do Tocantins iniciou suas atividades em 2018, com a elaboração do projeto e aprovação no comitê de ética. Além disso, de 11 a 13 de junho de 2018, foi realizado o primeiro treinamento do Inventário da Libras na UFSC. Participaram seis professores do Curso de Letras: Libras, além de um bolsista de PIBIC-CNPq, juntamente com outros pesquisadores da UFAL, UFC e INES.

Entre os meses de novembro de 2018 a março de 2019, houve a reforma de uma sala para abrigar as atividades do projeto. São 2 espaços físicos do Inventário da Libras: um para coleta de dados e outro para a transcrição dos dados. De abril a agosto de 2019, foram realizadas adaptações e a pintura da sala da coleta de dados. A sala possui cor azul turquesa, como percebemos na figura 6. Além disso, foram instaladas 4 câmeras e 2 monitores para envio dos estímulos linguísticos da coleta de dados, a partir de 2 notebooks instalados na sala de transcrição.



Figura 6: Entrevista na Coleta de Dados do INDL-Libras de Palmas – Tocantins

Fonte: Coleta de Dados do Inventário da Libras do Tocantins, tomada da câmara 3. À esquerda está a informante 1, da dupla 1, grupo 1; à direita, o entrevistador, surdo pesquisador local

Assim, após pesquisa e discussão com o grupo de pesquisadores do *Corpus* da Libras do Tocantins, escolhemos um dos pesquisadores do *Corpus*: Renato Jefferson Bezerra Leão. Ele tem 30 anos, é natural de Petrolina – PE, professor universitário de Libras e escrita de sinais do Curso de Letras: Libras, da UFT/Campus de Porto Nacional. Ele atende os requisitos propostos no projeto inicial em sua totalidade: reside em Palmas e convive com a comunidade surda local por 10 anos, é articulado e extrovertido. Como assistente de identificação dos participantes e das filmagens, foi selecionada Roselba Gomes de Miranda. Ela tem 50 anos, é natural de Balsas – MA, professora universitária de Libras do Curso de Letras: Libras da UFT/Campus de Porto Nacional, vive há mais de 10 anos no estado e circula na comunidade surda da região de Palmas com muita desenvoltura. Além disso, os dois pesquisadores filmaram o TCLE do projeto, a fim de adequá-lo às variações linguísticas do estado do Tocantins. Os instrumentos de coleta de dados também foram adaptados de acordo com as especificidades culturais do Tocantins.

Em novembro de 2019, o Inventário de Libras do Tocantins iniciou a coleta de dados. Visto que a coleta ainda está em andamento, nem todas as cidades tiveram surdos entrevistados. Foram selecionados informantes surdos de Palmas, Porto Nacional, Miracema do Tocantins, Paraíso do Tocantins e Silvanópolis. Considerando que algumas cidades possuem população pequena de surdos, as possibilidades de constituir uma dupla de surdos da mesma cidade são mais restritas. Por isso, ainda não foi possível incluir outras cidades.

O próximo passo, após a finalização da coleta, é a transcrição dos dados e a realização das pesquisas voltadas para o inventário da Libras. Dentre as pesquisas em andamento, há duas pesquisas que já estão analisando dados do Inventário da Libras do Tocantins. Uma pesquisa de sentenças complexas em Libras, em particular as estruturas hipotáticas em Libras. É realizada pelos docentes do curso de Letras: Libras Carlos Ludwig e Bruno Carneiro, com a participação do bolsista Cleysson Wender Pires. A outra pesquisa foca a variação no léxico da Libras, com dados da coleta da lista *Swadesh*. É realizada por Carlos Ludwig e o bolsista Lucas Fagundes.

Integrantes do Inventário de Libras do Tocantins

Carlos Roberto Ludwig - Coordenador e Pesquisador do projeto
 Alanna Alencar de Araújo Cruz - Professora da UFT e Pesquisadora do projeto
 Bruno Gonçalves Carneiro - Professor da UFT e Pesquisador do projeto
 Cleysson Wender Fernandes Pires - Bolsista do CNPq e aluno do Curso de Letras: Libras
 Cristiano Pimentel Cruz - Professor da UFT e Pesquisador do projeto
 Felipe de Almeida Coura - Professor da UFT e Pesquisador do projeto
 Gabriela Otaviani Barbosa - Professora da UFT e Pesquisadora do projeto

Gesica Suellen Sobrinho Costa - Professora da UFT e Pesquisadora do projeto
 José Ishac Brandão El Khouri - Professor da UFT e Pesquisador do projeto
 Lucas Fagundes - Bolsista do CNPq e aluno do Curso de Letras: Libras
 Maria Inez Souza Maia - Professora da UFT e Pesquisadora do projeto
 Renato Jefferson Bezerra Leão - Pesquisador Surdo Local, Professor da UFT e pesquisador do Projeto
 Rodrigo Augusto Ferreira - Professor da UFT e Pesquisador do projeto
 Roselba Gomes de Miranda - Professora da UFT e Pesquisadora do projeto
 Vinícius Hidalgo Pedroni - Professor da UFT e Pesquisador do projeto

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Inventário Nacional de Libras iniciado no estado de Santa Catarina começa a ter uma dimensão nacional ao ser replicado em mais três estados brasileiros: Alagoas, Ceará e Tocantins. O objetivo do projeto é ainda atingir todos os estados brasileiros. Estamos ampliando a composição deste inventário gradativamente, por meio de recursos locais e recursos do CNPQ. A proposta é termos um registro de produções em Libras de todo o território brasileiro com dados comparáveis para análises da Libras que evidenciam a diversidade sociolinguística manifestada por meio da sua estrutura. Mesmo sendo uma língua nacional, a língua reflete aspectos sociolinguísticos específicos de cada comunidade surda brasileira que precisam ser devidamente registrados e estudados. A partir deste mapeamento inicial, já podemos começar a verificar a riqueza linguística e cultural da Libras por meio de práticas linguísticas comuns.

O Inventário Nacional de Libras consolida a Libras como língua que compõe o patrimônio da diversidade linguística brasileira. As pesquisas desdobradas deste Inventário Nacional fortalecem a valorização da Libras, assim como subsidiam as políticas linguísticas brasileiras e a produção em Libras que pode ser usada para fins de pesquisa e para fins educacionais.

Além da documentação da Libras propiciada por esse projeto, é importante destacar o impacto que ele tem na formação de novos pesquisadores. Documentar uma língua é, em última instância, também tomar decisões sobre o *quê* e *como fazer* nos momentos de coleta, transcrição e armazenamento dos dados. Essas ações demandam conhecimentos linguísticos (teóricos e práticos - uso da língua), técnicos, tecnológicos, éticos e metodológicos que impactam na formação dos envolvidos no projeto, quer pesquisadores iniciantes, como é o caso dos alunos de graduação, quer de pesquisadores mais experientes, como os alunos de pós-graduação ou professores mais experientes em pesquisas. As pesquisas envolvendo línguas de sinais no mundo ainda são bastante recentes, incluindo-se aí a constituição de *corpora* dessas línguas, o que sugere dois pontos igualmente relevantes: i) a necessidade de formação de pesquisadores na área; ii) a documentação e descrição das línguas de sinais certamente têm muito a contribuir com a tradição de estudos de línguas orais.

Por fim, esperamos, com este trabalho coletivo, contar com outros estados integrando o Inventário Nacional da Libras a partir deste projeto, a fim de que possamos ter uma amostra mais representativa da Libras usada no Brasil, em face das variações, mas também daquilo que lhe é padrão.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível parcialmente pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8), assim como parcialmente por recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Ministério da Cultura, em parceria com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL).

REFERÊNCIAS

- BASTOS, P. Região Metropolitana de Palmas reúne 15 municípios e 430 mil moradores. SECOM, TO, 14 jan. 2014. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/regiao-metropolitana-de-palmas-reune-15-municipios-e-430-mil-moradores-174518/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CEARÁ EM MAPAS. *Região metropolitana de Fortaleza*. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/125x.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- CHEN PICHLER, D. *et al.* Conventions for sign and speech transcription of child bimodal bilingual corpora in ELAN. *Language, Interaction and Acquisition*. v.1, 2010, p. 11-40, 2010.
- CRASBORN, O.; VAN DER KOOJI, E.; MESCH, J. European cultural heritage online (ECHO): Publishing sign language data on the internet. In: CONFERENCE ON THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH, 8., Barcelona, 2004. *Proceedings...* Barcelona: ECHO, 2004. p. 535-562.
- EFTHIMIOU, E.; FOTINEA, S-E. Creation and annotation of a Greek Sign Language corpus for HCI. Universal access in human computer interaction: coping with Diversity. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON UNIVERSAL ACCESS IN HUMAN-COMPUTER INTERACTIONS, 4., Beijing, 2007. *Proceedings...* Beijing: ILSP, 2007. p. 1-10.
- IPHAN. Ministério da Cultura. *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL*, 2012. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>
- HANKE, T. (ed.). *ViSiCAST Deliverable D5-1: interface definitions*. 2000. Disponível em: <http://www.visicast.co.uk/members/milestones/ViSiCASTD5-1.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2006.
- LEESON, L.; SAEED, J.; BYRNE-DUNNE, D. *Moving heads and moving hands: Developing a digital corpus of Irish Sign Language. The 'Signs of Ireland' corpus development project*. 2006. Disponível em: <http://webird.tcd.ie/bitstream/2262/1597/1/ITT+paper+vfinal.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2009.
- LEITE, T. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: *Estudos da Língua de Sinais*. v. 2. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 15 - 27.
- LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://portal.libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- MILLER, C. Some reflections on the need for a common sign notation. *Sign Language and Linguistics*, v. 4, n.1/2, p.11-28, 2001.
- QUADROS, R. M. de *et al.* *Corpus de Libras*. 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- QUADROS, R. M de. Documentação da Libras. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, 2014, Foz do Iguaçu. Brasília: IPHAN - Ministério da Cultura. vol. 1. 2016. p. 157-174.
- QUADROS, R. M. *et al.* *Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2019.

SCHEMBRI, A. C. The British Sign Language corpus project: open access archives and the observer's paradox. *In*: CRASBORN, O.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; THOUTENHOOFD, E. D.; ZWITSERLOOD, I. *Proceedings of the Construction and exploitation of sign language corpora workshop*, Marrackech, 2008. p. 165-169.

UFSC. Libras. *SignBank* da Libras, 2020. Disponível em: <http://signbank.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WIKIPEDIA. *Imagem de Maceió, 2020.* Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_\(AL\).svg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_(AL).svg). Acesso em: 20 nov. 2020.



Recebido em 24/09/2020. Acesso em 02/12/2020.

SIGNBANK

DA

LIBRAS

BANCO DE SEÑAS DE LIBRAS

LIBRAS SIGNBANK

Marianne Rossi Stumpf*

Universidade Federal de Santa Catarina

Aline Lemos Pizzio**

Universidade Federal de Santa Catarina

Jefferson Osiel Lucinda***

Universidade Federal de Santa Catarina

Ronice Müller de Quadros****

Universidade Federal de Santa Catarina

Onno Crasborn*****

Radboud University

RESUMO: Nós estamos documentando a Libras por meio de diferentes recursos com o objetivo de disponibilizar vídeos em Libras e anotações para fins educacionais e para fins de pesquisa. O objetivo principal é sistematizar os dados por meio de ferramentas de busca de acesso aberto. Isso favorece o empoderamento da Libras no Brasil em todos os estados brasileiros (QUADROS *et al.*, 2014). Para esta documentação, além de constituir um *corpus* da Libras e a documentação de vários materiais, nós estamos estabelecendo o Banco de Sinais da Libras no contexto do banco de sinais global, que compõem o Portal de Libras (disponibilizado pela primeira vez em 2014 e atualizado em 2020). Neste artigo, nós apresentamos o Banco de Sinais da Libras que usa o modelo dos bancos de sinais global (CASSIDY *et al.*, 2018; CRASBORN *et al.*, 2012, 2018) com a integração de aspectos fonológicos da Libras, assim como

* Marianne Rossi Stumpf é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras. E-mail: stumpfmarianne@gmail.com.

** Aline Lemos Pizzio é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras. E-mail: alinelemospizzio@gmail.com.

*** Jefferson Osiel Lucinda é estudante do curso de graduação em Letras Libras, bacharelado em tradução/interpretação Libras/Português, na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: jefferson.lucinda@gmail.com.

**** Ronice Müller de Quadros é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

***** Onno Crasborn é professor e pesquisador na Radboud University, em Nijmegen, Holanda. E-mail: o.crasborn@let.ru.nl.

alguns desenvolvimentos específicos relacionados com as configurações de mãos e ferramentas de busca. Nós importamos todos os dados do banco existente anteriormente, o Identificador de Sinais, e atualizamos o formato e informações linguísticas, adequando a estrutura aos bancos de sinais internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Banco de sinais. Libras. Aspectos fonológicos.

RESUMEN: Estamos documentando la Lengua de Señas Brasileña (Libras) a través de diferentes recursos para que los videos en Libras y las notas estén disponibles con fines educativos y de investigación. El objetivo principal es sistematizar los datos mediante herramientas de búsqueda de acceso abierto. Esto favorece el empoderamiento de Libras en Brasil, en todos los estados brasileños (QUADROS *et al.*, 2014). Para esta documentación, además de conformar un *corpus* de Libras y la documentación de diversos materiales, estamos estableciendo el Banco de señas de Libras en el contexto del banco de señas global, que componen el Portal de Libras (disponible por primera vez en 2014 y actualizado en 2020). En este artículo presentamos el Banco de señas de Libras que utiliza el modelo del banco de señas global (CASSIDY *et al.*, 2018; CRASBORN *et al.*, 2012, 2018) con la integración de los aspectos fonológicos de Libras, así como algunos desarrollos específicos relacionados con la configuración manual y las herramientas de búsqueda. Importamos todos los datos del banco previamente existente, el Identificador de Señas y actualizamos el formato y la información lingüística adaptando la estructura a los bancos de señas internacionales.

PALABRAS CLAVE: Banco de señas. Libras. Aspectos fonológicos.

KEYWORDS: We are available the Libras videos and annotations for research and educational purposes. The main goal is to systematize the data through searching tools with open access. This also means to empower Libras in Brazil in all the states of the country (QUADROS *et al.*, 2014). For this documentation, besides building a Libras Corpus and other materials, we are working on a Libras SignBank in the global signbank context as part of the Libras Portal (it was built in the first place in 2014 and it is being updated to include all the new resources since 2018 to be implement in 2020). In this paper, we present the Libras SignBank, that uses the Global SignBank structure (CASSIDY *et al.*, 2018; CRASBORN *et al.*, 2012, 2018) with the integration of the phonological aspects from Libras, as well as some specific development related to Libras handshapes and the searching tool. We have imported all the previous data that we had compiled in our SignID to SignBank updating the information.

KEYWORDS: Sign bank. Libras. Phonological aspects.

1 INTRODUÇÃO

O banco de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) começou a ser estabelecido em 2008 por meio do Identificador de Sinais que referimos atualmente como o antigo banco de sinais da Libras (QUADROS *et al.*, 2014).

O Identificador de Sinais foi desenvolvido para compor os nomes dos sinais para fins de referência para a transcrição de sinais. Ao surgir um novo sinal, os transcritores faziam propostas de uma nova glosa que era avaliada e aprovada para integrar esse banco de sinais. O Identificador de Sinais se destacou pela proposta de um sistema de busca que além de oferecer a possibilidade de localização de um termo por seu nome em português, possibilitava também a busca pelos parâmetros do sinal, isto é, pelas características visuais do sinal. O sistema de busca por parâmetros do sinal, inicialmente, tinha dois filtros de busca: a *configuração de mão* inicial do sinal e a *localização* do sinal. O resultado da busca apresentava uma tela com o nome que identificava o sinal em português, o vídeo do sinal e as traduções do nome para o português e o inglês. Atualmente o sistema foi migrado para o *Signbank* de Libras, perdendo a funcionalidade de busca pelos parâmetros dos sinais. A decisão de perder esta funcionalidade tão importante foi porque o sistema não era amigável ao usuário, deixando, portanto, de ser aplicado. No entanto, a nossa proposta atual é de desenvolver um sistema de busca mais funcional para que seja efetivamente usado integrando-o ao *Signbank* enquanto código aberto para ser aplicado ao *Signbank* da Libras e aos demais bancos de sinais que integram o *Global Signbank*.

Na perspectiva do *Global Signbank*, estamos consolidando o *Signbank* da Libras para armazenar sinais produzidos em produções em Libras, especialmente, no *Corpus* de Libras, no Inventário Nacional de Libras. Seguindo a metodologia do *Global Signbank*, o *Signbank* da Libras apresenta informações associadas a cada sinal disponível on-line por meio da web deste software de livre acesso. O objetivo é disponibilizar um banco de sinais da Libras aberto às comunidades surdas nacionais e internacionais, assim como servir

de fonte de pesquisa linguística. O fato de se integrar ao *Global Signbank*, permite o acesso internacional e a possibilidade de desenvolvimento de estudos comparativos entre diferentes línguas de sinais. Além disso, permite ser linkado diretamente ao software ELAN, sistema de anotação de línguas, usado também no Brasil para anotação da Libras (CRASBORN *et al.*, 2012, 2018; QUADROS, 2016).

Neste artigo, iremos apresentar o *Global Signbank* já aplicado a algumas línguas de sinais e, então, apresentar o andamento da consolidação do *Signbank* da Libras, focando em seus aspectos fonológicos.

2 OS BANCOS DE LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO

O *Signbank* é uma aplicação que foi originalmente construída para dar suporte ao banco de sinais da língua de sinais australiana (Auslan) para um dicionário digital disponível por meio da web, que depois foi aperfeiçoada com versões mais atuais com o objetivo de se tornar global, podendo ser aplicada para quaisquer línguas de sinais. O aplicativo fornece uma estrutura para o desenvolvimento de um banco de dados lexical de línguas de sinais, incluindo vídeos dessas respectivas línguas. Como um projeto de código aberto, o *Signbank* original formou a base de vários novos dicionários e *corpora* de línguas de sinais, incluindo os de língua de sinais britânica (BSL), língua de sinais da Holanda (NGT) e língua de sinais finlandesa (FinSL). Estão em desenvolvimento versões para a língua de sinais americana (ASL) e a língua de sinais flamenga (VGT), assim como a Libras (CASSIDY *et al.* 2018; CRASBORN *et al.*, 2012, 2018).

Entretanto, há diferenças na descrição linguística de sinais, dependendo dos objetivos de cada grupo de pesquisa que deram origem aos diferentes bancos de sinais. Existem vários modelos fonológicos que descrevem de forma diferente as formas fonológicas dos sinais. Sendo assim, pode haver diferenças nos campos necessários para especificar a forma fonológica de um sinal em cada língua. Cassidy *et al.* (2018) afirmam que, para tornar os conjuntos de dados compatíveis, é necessário um trabalho para tentar identificar exatamente o que é sobreposição entre as diferentes maneiras de descrever a forma de um sinal e onde as perspectivas diferem.

Assim, importa oferecer uma interface que permita ao usuário analisar de uma forma interativa, optando entre a análise descritiva ou análise simples em vários níveis de complexidade. Pode ser transformado em sistemas de anotação especificada para diferentes usos, com identidade dos sinais ou código no texto que serão armazenados automaticamente.

A seguir, vamos tratar especificamente do Libras *Signbank* e dos aspectos que estão sendo desenvolvidos até o momento.

3 O BANCO DE SINAIS DA LIBRAS

O *Signbank* da Libras (UFSC, 2020) está disponível abertamente para consulta de sinais, seus identificadores, traduções e informações linguísticas em [<http://signbank.libras.ufsc.br/>]. Cada um destes elementos compreende um conjunto de informações que compõem os dados de referência de cada entrada.

Os sinais são apresentados no formato de vídeo com uma capa de referência visual do sinal para facilitar a sua localização visual juntamente com um identificador do sinal que representa uma palavra escrita em português para nomear o sinal. Esse uso do identificador foi estabelecido com o objetivo de padronizar as glosas nas transcrições de vídeos em Libras. O nome atribuído advém de discussões com transcritores surdos e ouvintes que anotaram dados do *Corpus* de Libras que integra a documentação desta língua.

Após definido o identificador do sinal, são verificadas as possíveis traduções para o português e o inglês de acordo com suas ocorrências em diferentes contextos dentro do *Corpus* de Libras. As traduções possíveis são incluídas em cada entrada para serem usadas como referência na tradução das produções em Libras. O identificador de sinais e as traduções podem ser diferentes. Normalmente, um identificador de sinais pode ter várias traduções. Vejam o exemplo a seguir:

The screenshot shows the Libras signbank interface. At the top, there is a navigation bar with 'Home', 'Sobre', 'Sinais', 'Feedback', and 'Datasets'. Below this is a search bar for glosses and translations. The main content area is divided into two columns. The left column contains a video player showing two frames of a person performing the sign 'ABRIR-MENTE'. The right column contains a table of metadata for the sign.

Lemma ID Gloss	ABRIR-MENTE
Annotation ID Gloss (English)	-
Annotation ID Gloss (Brazilian Portuguese)	ABRIR-MENTE
Translation equivalents (English)	to open the mind, open[subject] mind, to broad-minded
Translation equivalents (Brazilian Portuguese)	abrir a mente, abrir a cabeça, aceitar novas coisas
SignWriting	
Annotation instructions	---
Word class	Verbo/Substantivo

Below the table, there are several expandable sections: Morphology, Phonology, Minimal Pairs, Semantics, and Relations to Other Signs.

Figura 1: ABRIR-MENTE

Fonte: UFSC (2020)

O sinal em vídeo, a capa, o identificador e as traduções para o português e o inglês são as primeiras a serem apresentadas. A partir disso, a estrutura linguística do sinal é descrita considerando aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos.

Quanto à fonologia, os parâmetros de referência incluem as configurações de mãos, os movimentos associados a cada entrada, as locações nas quais os sinais são realizados e as orientações das mãos, sendo que cada um desses aspectos é detalhado em elementos mais específicos, conforme será apresentado na seção 4.

A estrutura morfológica inclui dois tipos de informação: a morfologia sequencial e a morfologia simultânea. A classe de palavras a que pertence o sinal também é um aspecto considerado. Embora alguns sinais possam ser usados apenas em uma função gramatical específica (por exemplo, referencial), muitos sinais têm mais possibilidades. Para cada sinal, a(s) função(ões), ou parte do discurso, para a qual ele pode ser usado pode ser especificada com as seguintes opções: substantivo, verbo, substantivo ou verbo (para sinais que são ambíguos ou que podem ser usados para ambos), adjetivo, interjeição ou partícula.

Na semântica, são apresentados os significados que o sinal possa ter, se o sinal representa um ou mais aspectos de uma entidade ou evento, uma descrição da imagem (ns) visual (is) do sinal como um todo (no sentido de construção de imagem do modelo de Taub (2001) que pode ser fornecida). Os campos semânticos aos quais o sinal pode estar vinculado e a classificação dos tipos de nomes, seguindo categorias para nomear entidades, também são descritas no banco de sinais.

Além desses aspectos, é também apresentado o sinal em *SignWriting*, que é um sistema de transcrição fonética, um nível de detalhe fonético muito maior do que o necessário para organização / classificação do banco de dados. Além disso, precisávamos da capacidade de procurar / classificar por várias combinações de parâmetros fonológicos. É por esse motivo que o banco de dados lexical de Libras contém campos que codificam redundantemente informações sobre os principais parâmetros fonológicos para cada entrada de Libras (mão, forma e localização). Vejam o exemplo a seguir:

The screenshot shows the Libras signbank interface. At the top, there is a navigation bar with 'Home', 'Sobre', 'Sinais', 'Feedback', and 'Datasets'. Below this, there are search fields for 'Search gloss' and 'Search translation'. The main content area is divided into two columns. The left column contains two video frames of a signer performing the sign 'A-VISTA'. The right column contains a table of metadata for the sign.

Lemma ID Gloss	A-VISTA
Annotation ID Gloss (English)	-
Annotation ID Gloss (Brazilian Portuguese)	A-VISTA
Translation equivalents (English)	in cash
Translation equivalents (Brazilian Portuguese)	a vista
SignWriting	
Annotation instructions	-
Word class	-
Localização	espaco_neutro
Configuração da mão direita	4

Below the table, there are several tabs: 'Frequency', 'Publication Status', 'Notes', and 'Other media'. A small note at the bottom of the video player says 'Provide feedback about this sign'.

Figura 2: A-VISTA

Fonte: Identificador do Sinal do Libras *Signbank* - UFSC

Esta estrutura está estabelecida e será alimentada na medida em que os pesquisadores desenvolverem análises de cada nível. O banco de sinais pode ser alimentado por todos os integrantes do *Signbank* da Libras do país. Os integrantes compreendem os pesquisadores que integram o *Corpus* de Libras a partir do Inventário Nacional de Libras. Atualmente, os integrantes incluem a Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação de Jair Barbosa da Silva; a Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação do Rodrigo Nogueira Machado; a Universidade Federal de Tocantins, sob a coordenação do Carlos Ludwig; e o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Ana Regina e Souza Campello. A proposta é que cada estado esteja representado à medida que integre o *Corpus* de Libras, por meio do Inventário Nacional de Libras, pois são estes dados que alimentam o *SignBank* da Libras, dados do *Corpus* de Libras.

Em nosso banco de sinais, há, até este momento, 3.061 sinais que contam com o identificador do sinal, as traduções e com as informações fonológicas. Na próxima seção, apresentaremos o detalhamento da organização das informações fonológicas.

4 ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES FONOLÓGICAS

Atualmente, o Banco de Sinais da Libras possui um acervo lexical com 3.061 sinais, todos eles catalogados através do Inventário Nacional da Libras que integra o *Corpus* de Libras da UFSC. Cada um desses itens lexicais contará com descrição gramatical favorecendo futuras pesquisas.

A organização das informações fonético-fonológicas do *Signbank* da Libras tem como base o modelo do *Signbank* Holandês pioneiro neste tipo de detalhamento.

A organização fonológica dos sinais da Libras apresentados em nosso banco de sinais é dividida de forma geral pelos seguintes parâmetros: i) Quantidade de Mãos (Lateralidade), ii) Configuração da Mão (CM); iii) Localização (L); iv) Movimento (M); v) Orientação (OR). O parâmetro fonológico Expressão Facial ainda não está sendo abordado em nossas descrições. Essas informações serão tratadas em trabalhos futuros.

Os campos para outros parâmetros fonológicos (por exemplo, movimento, configuração de mão, localização) serão adicionados após a primeira classificação lexical, para verificação de que tipos de parâmetros serão necessários para distinção dos sinais em um nível detalhado. Nos próximos tópicos detalharemos como estão sendo feitas as descrições fonético-fonológicas do banco de sinais da Libras.

4.1 QUANTIDADE DE MÃOS

Iniciamos nossas descrições com o campo Mãos (lateralidade), onde é registrada a quantidade de mãos que o sinalizante utiliza no momento da produção do léxico, utilizando a seguinte nomenclatura:

1 – sinal produzido com uma mão;

2a – sinal produzido com as duas mãos assimétricas onde a mão fraca serve de base;

2s – sinal produzido com as duas mãos simétricas com o mesmo movimento e mesma configuração de mão;

2n – sinal produzido com as duas mãos em movimento, sem que haja espelhamento das mãos no plano sagital. Pode haver diferença na configuração da mão;

X – sinais que não precisam de descrição fonológica (códigos usados para anotação).

4.2 CONFIGURAÇÃO DA MÃO (CM)

Uma das características da descrição fonética dos bancos de sinais é a possibilidade de nomear as configurações da mão. Essa classificação em nosso antigo sistema, o Identificador de Sinais, se dava através da numeração das configurações da mão e os grupos se dividiam conforme a quantidade de dedos selecionados no momento da produção do sinal.

No sistema atual, é dado nome à mão dominante (mão forte) e, para os sinais produzidos com as duas mãos, é dado nome à mão base (mão fraca). Essa nomeação acontece com base em dois grupos distintos, os sinais que são nomeados com referência ao alfabeto e os sinais que são nomeados com referência aos numerais, respeitando o modelo de descrição que utilizamos como base, o da NGT. Dos nomes das CMs dos 3.061 sinais atualmente contidos no banco de sinais da Libras, também divididos entre esses dois grupos, identificamos 56 nomes diferentes de CMs com referência ao alfabeto e 18 nomes diferentes de CMs com referência aos numerais. Este quantitativo respeita a existência de variação entre a descrição das CMs da NGT e a descrição das CMs da Libras. Um exemplo dessa variação entre as duas línguas de sinais é a CM *T*, como nos sinais de TECNOLOGIA e TEORIA2 (UFSC, 2020). Na NGT, a CM que conhecemos na Libras como *T*, é classificada como F, comprovando essa variação de nomeação entre essas duas línguas de sinais.

4.3 LOCAÇÃO DA MÃO

Em nossa análise inicial do parâmetro fonológico ligado à locação da mão no momento da produção do sinal, separamos esses pontos em quatro principais grupos: cabeça, corpo, extremidades e espaço neutro. Abaixo apresentaremos a lista dessas locações separadas por cada grupo:

Cabeça	Corpo	Extremidades	Espaço neutro
Base do Nariz	Barriga	Antebraço	Espaço Neutro
Base do Pescoço	Flanco	Base da mão fraca	Plano Horizontal
Boca	Ombros	Braço	Plano Paralelo
Bochecha	Peito	Cotovelo	R-loc

Cabeça (lateral ou superior)	Quadril	Dorso da mão fraca	Variável
Dente	Tronco	Interior da mão	-
Língua	Umbigo	Lateral da mão fraca (ulnar e radial)	-
Maxilar	-	Lateral dos dedos (ulnar e radial)	-
Nariz	-	Mão fraca	-
Olho	-	Mão fraca: Dedo anelar	-
Orelha	-	Mão fraca: dedo indicador	-
Pescoço	-	Mão fraca: Dedo médio	-
Queixo	-	Mão fraca: Dedo mindinho	-
Rosto (frente da cabeça)	-	Mão fraca: dedo polegar	-
Têmpora	-	Mão fraca: Dedos	-
Testa	-	Mão fraca: Dorso dos dedos	-
-	-	Mão fraca: Palma dos dedos	-
-	-	Mão fraca: Ponta dos dedos	-
-	-	Palma da mão fraca	-
-	-	Pulso	-

Quadro 1: Locações

Fonte: CRASBORN; ZWITSERLOOD; VAN DER KOOIJ; SCHULLER (2018, p. 13-15)

O quantitativo das locações dos sinais contidos no banco de sinais da Libras é um valor aproximado devido ao aprofundamento das pesquisas para esse parâmetro. Alguns dos sinais possuem um feixe articulatorio complexo, possibilitando que o sinal flexione e varie sua localização, contabilizando assim, mais de uma locação para um só sinal.

Dos 1.180 sinais com a locação já classificada em nossas pesquisas, aproximadamente: 320 sinais possuem interação com o grupo de locações da cabeça, 80 sinais possuem interação com o corpo, 360 sinais possuem interação com as extremidades do corpo e 430 sinais interagem com o espaço neutro no momento da sinalização.

4.3.1 Tipo de contato

Para a classificação e quantificação deste feixe articulatorio foram analisados 1.161 sinais do banco de dados da Libras. Os léxicos analisados que não apresentavam contato foram classificados como *sem contato*. O detalhamento a seguir demonstra a quantificação de cada tipo de contato para os sinais analisados até o momento:

- 152 sinais analisados apresentam contato *Inicial*;
- 250 sinais possuem contato *Final*;
- 236 sinais não possuem nenhum tipo de contato, ou seja, sinais *sem contato*;
- 209 sinais apresentam contato *Contínuo*;
- 247 sinais apresentam contato *Duplo*;
- 165 sinais apresentam a característica de *Esfregar*.

A quantificação alcançada para os diferentes tipos de contato leva em conta os sinais que possuem contato simples e os sinais com mais de um tipo de contato, como por exemplo o sinal *ACONSELHAR* (UFSC, 2020). Para este sinal em específico, produzido com as duas mãos em *B*, esfrega-se a palma da mão dominante por duas vezes na lateral radial da mão base. O sinal *TABLET* (UFSC, 2020) também é um sinal que classificamos com mais de um tipo de contato, neste caso, com a mão dominante configurada em *5m*, esfrega-se a ponta do dedo médio por mais de uma vez na palma da mão fraca, com movimentos que variam entre *contralateral* e *ipsilateral*, classificando assim, um sinal com tipo de contato *Esfregar+Duplo*.

4.4 MOVIMENTO DIRECIONAL

Ao descrever a direção tomada pelo movimento de um sinal no espaço, levamos em conta a locação do sinalizante, assim como, a relação com o articulador para os sinais que apresentam assimetria. Analisamos um total de 1.180 sinais do banco de sinais da Libras para descrição do trajeto tomado pelas mãos na produção do léxico. Abaixo, apresentaremos detalhadamente o tipo do movimento direcional e a quantificação aproximada para cada um desses tipos de movimentos:

- 123 sinais apresentaram movimento ou foram produzidos de forma suspensa do lado contralateral do sinalizante. O lado contralateral é assim definido tendo como base o espaço ou locação do corpo oposta ao lado da mão dominante do sinalizante. Neste caso, se o sinalizante é destro, o movimento *contralateral* se dá no espaço ou na parte do corpo à esquerda do sinalizante. Para isso, separamos os lados com uma linha imaginária localizada verticalmente bem no centro do corpo do sinalizante. Caso esse sinal demonstre movimento, ou seja, suspenso no espaço da mão dominante, denominamos um sinal com característica *Ipsilateral*;
- 221 sinais analisados apresentam movimento ou são suspensos do lado dominante do sinalizante, ou seja, são sinais com característica *Ipsilateral*;
- 83 sinais analisados apresentam movimento na parte *contralateral* e se movem até a parte *ipsilateral* e vice-versa;
- 107 sinais analisados apresentam movimento *Distal*, ou seja, as mãos se distanciam uma da outra ou do braço no decorrer de sua produção;
- 333 sinais analisados apresentam movimento *proximal*, ou seja, as mãos se aproximam ou se tocam uma na outra ou no braço no momento de sua produção. Os sinais feitos de forma suspensa com contato das mãos ou da mão dominante no braço fraco também são sinais com característica *proximal*;

- 68 sinais analisados apresentam no mesmo sinal o movimento *para cima e para baixo* ou vice-versa;
- 122 sinais apresentam movimento *para cima*;
- 193 sinais apresentam movimento *para baixo*;
- 63 dos sinais analisados possuem movimento *para a frente e para trás*, ou vice-versa, no mesmo sinal;
- 85 dos sinais analisados possuem movimento *para trás*;
- 237 dos sinais analisados possuem movimento *para a frente*;
- 1 sinal analisado possui movimento *da locação e para a locação* no mesmo sinal. Este movimento se dá quando o sinal parte da locação do sinalizante e volta para a locação do sinalizante. Como exemplo, citamos o sinal de CONSECUTIVA¹;
- 3 dos sinais analisados possuem movimento partindo da locação do sinalizante. Como exemplo, mencionamos os sinais: AVISAR, CONFIAR e DAR;
- 2 dos sinais analisados possuem movimento em direção à locação do sinalizante. Como exemplo, citamos os sinais: EMPRESTAR e ENGANAR.

Os últimos exemplos de sinais (AVISAR, CONFIAR, DAR, EMPRESTAR e ENGANAR) podem flexionar o movimento *de e para a locação* dependendo do interlocutor que está em sua vez de fala. Exemplificamos estes sinais para esses movimentos com base na direção registrada para cada um deles em nosso banco de sinais da Libras.

4.4.1 Forma do movimento

Neste campo, descrevemos a forma como se dá o movimento no decorrer da produção do léxico. Alguns formatos dessa trajetória do movimento são previsíveis de acordo com outros valores fonológicos. Os movimentos retos, por exemplo, são consequências do movimento de um ponto ao outro na produção do sinal. Um outro exemplo de forma de movimento previsível é o de forma em arco que, em muitas das vezes se dá do início ao fim da produção do sinal por seus articuladores, como exemplo, o sinal NÓS. Um outro exemplo de formato previsível é o do sinal FAMÍLIA, que tem esse formato desde o contato inicial até o contato final. Para essa descrição, levamos em conta a forma do movimento das duas mãos apenas para os sinais feitos com as duas mãos simétricas e com o mesmo movimento (2s). Para os demais sinais, foi considerada apenas a forma do movimento da mão dominante. Embora alguns sinais não necessitem da descrição da forma do movimento, optamos por detalhar o formato da trajetória desses movimentos nos 883 sinais descritos por nós. São eles:

- *Circular*: 92 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal BICICLETA ou, no plano vertical, como no sinal SOLTEIRO;
- *Arco*: 350 sinais apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal ALGUM ou, no plano vertical, como no sinal GRAVIDEZ;
- *Ziguezague*: 60 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal CARRINHO ou, no plano vertical, como no sinal ESPERTO;
- *Reto*: 542 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal COMUNICAR ou, no plano vertical, como no sinal APARTAMENTO;
- *Espiral*: 17 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal APOSTILA ou, no plano vertical, como no sinal ALTO;
- *Forma motivada*: 258 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal, como no sinal BOXE ou, no plano vertical, como no sinal ÁFRICA.

4.4.2 Movimento alternado

Neste campo, inserimos o valor *sim* para os movimentos alternados. A alternância refere-se aos movimentos fora de fase como no sinal COMO ou na alternância da mão dominante como no sinal JESUS.

¹ Todos os exemplos desta subseção estão disponíveis na aba Dicionário/Glossário (UFSC, 2020).

Também marcamos os valores opostos para configuração de mão, orientação ou direção do movimento, como, por exemplo, no sinal AGITAR.

Dos 1.170 sinais analisados, 81 sinais possuem algum tipo de alternância.

4.4.3 Movimento repetido

Neste campo, inserimos o valor *sim* para os sinais que possuem repetição no movimento. Essa repetição aplica-se ao (i) trajeto do movimento; ao (ii) movimento interno da mão ou mudança de orientação e à combinação de (i) e (ii).

Dos 1.170 sinais analisados, 569 sinais possuem algum tipo de repetição.

4.4.4 Mudança de Orientação

Neste campo, detalhamos as mudanças das articulações com os dedos selecionados no momento da produção dos sinais contidos no banco de sinais da Libras. Analisamos 1.150 sinais e descrevemos esses valores das articulações que se dão no pulso e antebraço. Adiantamos que pode haver variação na articulação real. Muitas trajetórias de movimento possuem articulação acompanhada de mudança de orientação fonética, principalmente, flexão e extensão, sem que isso seja a essência fonológica do movimento. A seguir, detalhamos cada uma dessas mudanças de orientação:

- *Pronação*: giro do pulso e do antebraço no sentido em que se a palma da mão estiver virada para cima, a orientação dela é alterada em sentido anti-horário para baixo. Dos sinais analisados, 82 apresentam *pronação* em sua articulação;
- *Supinação*: giro do pulso e do antebraço no sentido em que se a palma da mão estiver virada para baixo, a orientação dela é alterada em sentido horário para cima. Dos sinais analisados, 134 apresentam *supinação* em sua articulação. Para melhor entendimento, vejamos a imagem a seguir:



Figura 3: Mudança de Orientação

Fonte: adaptação de CRASBORN; ZWITSERLOOD; VAN DER KOOIJ; SCHULLER(2018, p. 18)

- *Rotação*: para essa mudança de orientação analisamos o giro repetido do pulso em torno do seu comprimento, ou seja, a combinação alternada de *supinação* e de *pronação* e não de qualquer giro do antebraço ou de giro sobre o próprio eixo. Dos sinais analisados, 42 apresentam característica de *rotação* no momento de sua produção. Um exemplo é o sinal COZINHAR, que além de apresentar *flexão* do pulso dominante, é perceptível a alteração entre a *supinação* e a *pronação* durante sua articulação;
- *Extensão*: para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de forma que ele se estende ao ponto de elevar o grau de orientação da palma da mão. Um exemplo de *extensão*, caso a palma da mão esteja virada para baixo, ocorre na mudança de orientação da palma da mão de baixo para a frente. Um exemplo de sinal que apresenta essa mudança de orientação é o sinal EMPURRAR. Dos sinais analisados, 269 apresentam *extensão* em sua articulação;

- *Flexão*: para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de forma que ele se flexione ao ponto de baixar o grau da palma da mão. Como exemplo, caso a palma da mão esteja inicialmente virada para frente, flexiona-se o pulso alterando a orientação da palma para baixo. Um exemplo de sinal que apresenta essa mudança de orientação é o sinal de ASSINAR. Dos sinais analisados, 146 apresentam *flexão* em sua articulação. Para melhor entendimento, vejamos a imagem a seguir:

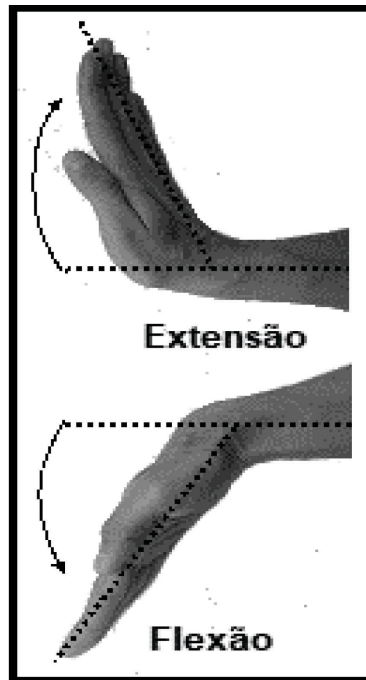


Figura 4: Mudança de Orientação

Fonte: adaptação de CRASBORN; ZWITSERLOOD; VAN DER KOOIJ; SCHULLER (2018, p. 18)

- *Flexão Radial*: para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de modo que ele flexione para a lateral do dedo polegar. Um exemplo de sinal com *flexão radial* é o sinal PASSAR. Dos sinais analisados, 272 apresentam *flexão radial* em sua articulação.

- *Flexão Ulnar*: para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de modo que ele seja flexionado para a lateral do dedo mínimo. Um exemplo de sinal com *flexão ulnar* é o sinal TÁXI3. Dos sinais analisados, 389 apresentam *flexão ulnar* em sua articulação. Para melhor entendimento, vejamos a imagem a seguir:

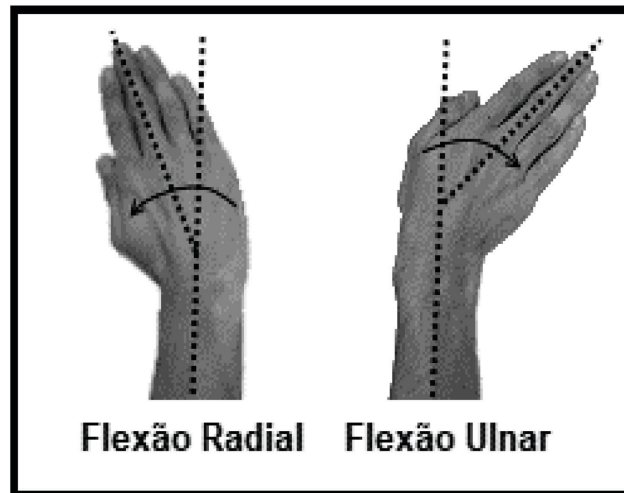


Figura 5: Mudança de Orientação

Fonte: adaptação de CRASBORN; ZWITSERLOOD; VAN DER KOOIJ; SCHULLER (2018, p. 18)

Essas foram as informações fonológicas descritas até o momento. Como pode ser percebido, os parâmetros fonológicos podem ser desmembrados em aspectos mais específicos, descrevendo a Libras de forma mais detalhada, possibilitando um conhecimento mais profundo da sua estrutura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho fez uma breve descrição dos bancos de sinais desenvolvidos pelo mundo no contexto do *Global Signbank*, mostrando a importância deles para o auxílio na documentação das línguas de sinais. Um dos desdobramentos do *Global Signbank* foi o estabelecimento do *Signbank* da Libras. Neste artigo, apresentamos o desenvolvimento da construção do banco de sinais da Libras incluindo as informações fonológicas dos sinais descritos, principalmente em relação às configurações de mãos, que possibilitaram a criação e organização de estratégias para facilitar a busca de CM pelos transcritores e pesquisadores da Libras.

O *Signbank* da Libras está em desenvolvimento, contando com pesquisadores do país para a sua ampliação e detalhamento linguístico. A proposta foi dar o primeiro passo para a sua constituição por meio de sua implementação dentro do contexto do *Global Signbank*. A partir de agora, os próximos passos serão determinados pela evolução das pesquisas da Libras. Atualmente, contamos com quatro estados que implementaram o Inventário Nacional de Libras, Santa Catarina, Alagoas, Ceará e Tocantins, e que passaram a alimentar o *Signbank* da Libras. Gradativamente, ampliaremos a inserção de outros estados brasileiros tornando o *Signbank* da Libras uma ferramenta com representação nacional. Paralelamente, a integração ao *Global Signbank* coloca a Libras no panorama internacional dos estudos de línguas de sinais, um passo importante para as pesquisas linguísticas das línguas de sinais e da própria Libras.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível parcialmente pelos recursos da Organização Holandesa para Pesquisa Científica (*Netherlands Organisation for Scientific Research - NWO*) para a produção o *SignBank* global (#360.70.500 e #277-70-014) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8).

REFERÊNCIAS

CASSIDY, S. *et al.* *Signbank: Software to Support Web Based Dictionaries of Sign Language*. In: CONFERENCE ON LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION (LREC 2018). *Proceedings of the eleventh international*, 2018. p. 2359-2364.

CRASBORN, O.; HULSBOSCH, M.; SLOETJES, H. Linking Corpus NGT annotations to a lexical database using open source tools ELAN and LEXUS. In: REPRESENTATION AND PROCESSING OF SIGN LANGUAGES: INTERACTIONS BETWEEN CORPUS AND LEXICON. *Proceedings of the 5th workshop*, 2012. p. 19-22.

CRASBORN, O.; ZWITSERLOOD, I.; VAN DER KOOIJ, E.; SCHULLER, A. Global Signbank Manual. Version 1. Radboud University, Centre for Language Studies. April, 2018.

QUADROS, R. M. de; LILLO-MARTIN, D.; CHEN-PICHLER, D. Methodological considerations for the development and use of sign language acquisition corpora. In: TOMMASO R.; MELLO, H. (ed.). *Spoken corpora and linguistic studies*, Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 84-102. QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do *Corpus* de Libras. *Revista Leitura*, v.1 n.57, p. 8 -34, jan/jun 2016.

TAUB, S. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

UFSC. Libras. *SignBank* da Libras, 2020. Disponível em: <http://signbank.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.



Recebido em 24/09/2020. Aceito em 08/10/2020.

QUADRO DE REFERÊNCIA DA LIBRAS COMO L2

MARCO DE REFERENCIA DE LIBRAS COMO L2

FRAMEWORK OF REFERENCE OF LIBRAS AS L2

Aline Nunes de Sousa*

Juliana Tasca Lohn**

Ronice Müller de Quadros***

Larissa Dias****

Nicolly Neves*****

Gustavo Gusmão*****

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Nós estamos documentando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio de diferentes recursos com o objetivo de disponibilizar vídeos e anotações para fins de pesquisa e para fins educacionais. O principal objetivo é sistematizar os dados e os sistemas de buscas dos dados em Libras de forma pública com acesso irrestrito e gratuito. Isso tem empoderado a Libras no Brasil em todos os estados (QUADROS *et al.*, 2016, 2019). Para esta documentação, além do *corpus* da Libras e demais materiais, estamos estabelecendo interfaces educacionais como para o Ensino da Libras como segunda língua. Todos estes componentes integram o Portal de Libras (UFSC, 2020). Neste artigo, nós apresentaremos os níveis de ensino de Libras desenvolvidos a partir do Quadro Comum Europeu de Referência de Línguas (CONSELHO DA EUROPA, 2001). Nós também analisamos a organização do quadro de referência europeu para o ensino de línguas de sinais - *ProSign* (LEESON *et al.*, 2016). O objetivo deste projeto é tornar disponível uma descrição dos níveis de proficiência em Libras como segunda língua para oferecer uma referência para o ensino de Libras como segunda língua para os quarenta programas de Libras existentes no Brasil. Também

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras. E-mail: alinesousa@cce.ufsc.br.

** Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras. E-mail: jujutlsurda@gmail.com.

*** Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

**** Estudante do curso de graduação em Letras Libras, bacharelado em tradução/interpretação Libras/Português, na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNPQ. E-mail: diaslarissa67@gmail.com.

***** Estudante do curso de graduação em Letras Libras, licenciatura, na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNPQ. E-mail: nicollyearranildes@gmail.com.

***** Estudante do curso de graduação em Letras Libras, licenciatura, na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista UFSC. E-mail: ggfsurf@gmail.com.

disponibilizaremos videoaulas de referência, planejadas e ministradas por professores surdos, que podem ser usadas por outros professores de Libras como base dos seus planejamentos de aulas. O artigo apresenta o desenvolvimento deste projeto, que está organizado como material de acesso livre e irrestrito, disponível na nova versão do Portal de Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação da Libras. Quadro de referência para a Libras. Ensino de Libras como L2.

RESUMEN: Estamos documentando la Lengua de Señas Brasileira (Libras) a través de diferentes recursos con el objetivo de hacer que los videos y las notas estén disponibles para fines investigativos y educativos. El objetivo principal es sistematizar los datos y las herramientas de búsqueda de datos en Libras de forma pública con acceso abierto. Esto ha empoderado a Libras en todos los estados de Brasil (QUADROS *et al.*, 2016, 2019). Para esta documentación, además del *corpus* de Libras y de otros materiales, estamos estableciendo interfaces educativas para la enseñanza de Libras como segunda lengua. Todos estos componentes forman parte del Portal de Libras (UFSC, 2020). En este artículo, presentaremos los niveles de enseñanza de Libras desarrollados a partir del Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas (CONSEJO DE EUROPA, 2001). También analizamos la organización del marco de referencia europeo para la enseñanza de lenguas de señas - *ProSign* (LEESON *et al.*, 2016). El objetivo de este proyecto es poner a disposición una descripción de los niveles de competencia en Libras (L2) para ofrecer una referencia en la enseñanza de Libras como L2 para los cuarenta programas de Libras existentes en Brasil. También ponemos a disposición video de clases como referencia, planificadas e impartidas por profesores sordos, que pueden ser utilizadas por otros profesores de Libras como base para su planificación de clase. El artículo presenta el desarrollo de este proyecto, que se organiza como material de acceso abierto, disponible en la nueva versión del Portal de Libras.

PALABRAS CLAVE: Documentación de Libras. Marco de referencia para Libras. Enseñanza de Libras como L2.

ABSTRACT: We are documenting Brazilian Sign Language (Libras) through different resources with the goal of making available Libras videos and annotations for research and educational purposes. The main objective is to systematize the data and data search tools in Libras in a public way with open access. This has empowered Libras in all states of Brazil (QUADROS *et al.*, 2016, 2019). For this documentation, in addition to the Libras corpus and other materials, we are establishing educational interfaces for the teaching of Libras as a second language. All these components integrate the Libras Portal (UFSC, 2020). In this paper, we will show Libras Teaching Levels, that were inspired by the Common European Framework of Reference for Languages (COUNCIL OF EUROPE, 2001). We also analyzed the organization of the European Framework for Sign Languages - *ProSign* (LEESON *et al.*, 2016). The goal of this project is to make available the descriptions of the levels of second language proficiency in Libras to offer a reference for all the forty Libras Teaching Programs spread out around the country. Also, there will be available video classes, planned and presented by deaf sign language teachers, that may be used by Libras teachers as a base to plan their own classes. This paper shows the development of this project, which is being designed to be open access, available in the new version of the Libras Portal.

KEYWORDS: Libras documentation. Framework of Reference for Libras. Libras as L2 Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O Quadro de Referência da Libras como L2 integra o projeto Documentação da Libras, que objetiva disponibilizar produções em Libras e materiais relacionados com a Libras para fins de pesquisa e ensino de Libras como segunda língua. A documentação da Libras é abrangente, incluindo desde produções que visam identificar a Libras usada no Brasil por sinalizantes surdos, assim como materiais como o quadro de referência que será apresentado neste artigo, que está voltado para o ensino da Libras como segunda língua.

O Quadro de Referência da Libras configura diretrizes para o ensino de Libras como L2 e objetiva subsidiar os currículos de cursos de Letras Libras e Pedagogia Bilíngue para formação de professores de Libras, tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa e de professores bilíngues de Libras e Língua Portuguesa. A referência curricular para o ensino de Libras partirá do

quadro de referência das línguas da Europa – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas¹ (CONSELHO DA EUROPA, 2001) para a aprendizagem, o ensino e a avaliação.

Neste sentido, o quadro inclui uma composição curricular para servir de referência para as práticas educacionais no ensino de línguas. A metodologia envolveu discussões entre os pesquisadores sobre as competências (conhecimentos, capacidades e atitudes) que são acessadas pelos usuários de uma língua e que são consolidados pelos aprendizes da língua por meio da experiência de uso da língua, que lhes permite comunicar para além das fronteiras linguísticas e culturais.

Para o estabelecimento dos níveis para o ensino de Libras como L2, foi realizado um estudo detalhado dos níveis de referência de ensino de línguas e, após, uma discussão com grupos de trabalhos envolvendo professores de Libras, para, então, estabelecer os níveis de referência para o ensino de Libras. Os níveis estabelecidos são seis, definidos por diferentes atividades linguísticas que são fundamentais para a competência comunicativa: a recepção (compreensão oral e leitura), interação e produção (produção oral e produção de textos escritos).

A partir do QECR, o Quadro de Referência da Libras foi organizado com o intuito de fomentar a criação de ambientes que sejam espaços de aprendizagem e que se tornem espaços reais de comunicação. Essa referência, portanto, incentiva situações de comunicação autêntica entre pessoas de diferentes estados, em várias universidades e instituições de ensino do país. O material serve também para o ensino da Libras como segunda língua na rede regular de ensino, considerando a educação bilíngue para surdos, servindo como referência aos professores para que tenham a possibilidade de planejar suas aulas de forma mais estruturada e técnica, considerando a transparência e a comparabilidade dos processos de ensino e aprendizagem correspondentes a cada nível de competência alcançado. Nesta aplicação, as famílias das crianças surdas, assim como a comunidade escolar, na sua grande maioria ouvinte, se beneficia com as referências de ensino de Libras como segunda língua propostas neste quadro. Isso também permitirá a mobilidade acadêmica entre os alunos dos cursos de Letras Libras e dos cursos de Pedagogia Bilíngue. Além do QECR, foi considerado o *ProSign*, que é um desdobramento do QECR para referência para o ensino de línguas de sinais europeias. O *ProSign* segue basicamente a mesma proposta do QECR, mas incluindo aspectos específicos das línguas de sinais.

Um professor de Português ou de Inglês no Brasil tem acesso às diretrizes, conteúdos, competências e habilidades que devem ser ensinadas na escola porque contam com uma Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017). No entanto, os professores de Libras ainda não dispõem desse tipo de orientação para o ensino da língua, o que torna o processo bastante complexo no sentido de cada docente ter de fazer suas próprias escolhas e tomar decisões sozinho na elaboração de seu planejamento. O uso de referências do português ou outras línguas pode não ser apropriado, as línguas de sinais envolvem modalidade distinta das línguas orais, portanto, nem sempre as habilidades a serem desenvolvidas são as mesmas. Dentro desse contexto, a elaboração de uma matriz que desenhe as competências e habilidades a serem desenvolvidas para o ensino de Libras como segunda língua é fundamental, sobretudo se considerarmos as políticas públicas de inclusão vigentes no Brasil, com vistas à educação bilíngue de surdos. Também se torna fundamental a proposição de referências curriculares de ensino de Libras como primeira língua (L1), considerando o ensino da língua aos alunos surdos. No entanto, o quadro proposto aqui tem como foco exclusivamente o ensino de Libras como L2, ou seja, para aqueles que já contam com uma língua e irão aprender a Libras como segunda língua. Temos como objetivo futuro oferecer também um quadro de referência curricular de ensino de Libras como L1.

Além disso, o espaço do Quadro de Referência da Libras no Portal de Libras inclui videoaulas ministradas pelos próprios professores de Libras do projeto, onde apresentam aulas de referência. Esse espaço será aberto também para outros professores de Libras como segunda língua do país compartilharem suas aulas.

2 AS REFERÊNCIAS DO CONSELHO EUROPEU PARA O ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA

2.1. O QUADRO COMUM EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS (QECR)

¹ Doravante, QECR.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas foi publicado em 2001 pelo Conselho da Europa e é utilizado em muitos países da Europa (e de fora dela) como uma referência no ensino e na avaliação de segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE). Ele fornece uma base comum para a elaboração de conteúdos programáticos, orientações curriculares, testes, avaliações, livros-texto entre outros materiais para o ensino de L2/LE.

Esse quadro descreve o que os aprendizes devem aprender a fazer para usar uma língua com fins comunicativos e quais conhecimentos e habilidades eles precisam desenvolver para agir/comunicar de forma eficiente, abordando, inclusive, questões culturais do contexto da L2/LE. O quadro também estabelece níveis de proficiência que permitem avaliar e medir o progresso dos estudantes em cada estágio da aprendizagem da L2/LE e ao longo de sua vida enquanto aprendizes dessa língua.

Ele foi pensado para ser usado tanto por profissionais relacionados ao ensino e avaliação de línguas (L2/LE) quanto por aprendizes e foi escrito com dois objetivos principais:

1. Encorajar todos os que trabalham na área das línguas vivas, incluindo os aprendentes, a refletirem sobre questões como:
 - O que fazemos exactamente quando falamos ou escrevemos uns aos outros?
 - O que nos permite agir assim?
 - O que é que precisamos de saber a este respeito para tentarmos utilizar uma língua nova?
 - Como definimos os nossos objetivos e avaliamos o nosso progresso entre a ignorância total e o domínio efectivo da língua estrangeira?
 - Como se processa a aprendizagem da língua?
 - Que podemos fazer para nos ajudarmos a nós próprios e aos outros a melhor aprendermos uma língua?
2. Facilitar a troca de informação entre os que trabalham nesta área e os aprendentes, de modo a que estes possam ser informados sobre o que deles se espera, em termos de aprendizagem, e como poderão ser ajudados. (CONSELHO DA EUROPA, 2011, p. 11)

Entretanto, o quadro não foi pensado para ser normativo, a ponto de engessar as práticas de ensino e aprendizagens de L2/LE com suas diretrizes. A função do quadro não é prescrever os objetivos de aprendizagem que os estudantes precisam atingir nem os métodos de ensino que os professores devem utilizar. A intenção do Conselho Europeu, por meio do quadro, foi melhorar a qualidade da comunicação entre os cidadãos europeus de diversas realidades linguísticas e culturais, já que uma boa comunicação leva a uma maior mobilidade, intercâmbio, compreensão recíproca e cooperação, promovendo, assim, uma cidadania democrática.

Dessa forma, o Conselho da Europa (2001, p.12) considera importante que os organizadores da aprendizagem das línguas se baseiem nas “[...] necessidades, motivações, características e recursos dos aprendentes”, respondendo a questões como:

- O que é que os aprendentes precisam de fazer com a língua?
- O que é que eles precisam aprender para serem capazes de usar a língua para esses fins?
- O que é que os leva a aprender?
- Que espécie de pessoas são (idade, sexo, meio social e nível de educação, etc.)?
- Que saberes, capacidades e experiência possuem os professores?
- Que acesso têm a manuais, obras de referência (dicionários, gramáticas, etc.), suportes audiovisuais e informáticos?
- Quanto tempo podem (querem ou são capazes de) dedicar à aprendizagem de uma língua? (CONSELHO DA EUROPA, 2011, p. 12)

Assim, a partir de uma análise da situação de ensino/aprendizagem da L2/LE é que é possível definir objetivos de aprendizagem realistas, em função das necessidades, características e recursos dos estudantes e dos professores.

2.2. PROSIGN

O *ProSign* se trata de um projeto (e de um documento) elaborado para estabelecer critérios para a proficiência em língua de sinais para fins profissionais, focando no ensino de língua de sinais em programas de Estudos Surdos e Interpretação de Língua de Sinais. O documento foi produzido por vários especialistas, engajados na avaliação, testagem e validação dos descritores do QECR para o ensino de línguas de sinais, em consonância com os níveis de referência do QECR. O documento, além de estar na versão escrita (LEESON *et al.*, 2016), está disponível em ISL (língua de sinais internacional) na página web do projeto (ECML/CELV, 2020).

Esse documento serve como um marco de referência para professores de línguas de sinais, formadores de professores de línguas de sinais e desenvolvedores de currículos de línguas de sinais em ambientes educacionais. Ele também serve como suporte para organizações não governamentais como associações e federações de surdos e de intérpretes de línguas de sinais.

Foi uma tarefa complexa da equipe para assegurar que os descritores pensados inicialmente para o QECR descrevessem uma progressão gradual para línguas de modalidade visual-gestual sem a modalidade escrita. Enquanto alguns descritores do QECR tiveram de sofrer pequenas adaptações na descrição, outros sofreram uma reestruturação a fim de se adequarem à modalidade específica das línguas de sinais. Além disso, foram tomadas como base pesquisas na área de linguística e aquisição de línguas de sinais como segunda língua para se estabelecer os descritores para a proficiência em língua de sinais. Foi realizado um grande encontro em 2015, na Áustria, para a validação desses descritores e foram realizadas consultas a professores experientes de língua de sinais como segunda língua que não estavam no encontro.

No contexto brasileiro, a equipe do subprojeto Ensino de Libras como L2, do projeto Documentação da Libras (UFSC/CNPq), composta por professores-pesquisadores surdos, professores-pesquisadores ouvintes, estudantes de graduação surdos e ouvintes está realizando o estudo e a adaptação dos descritores utilizados para língua de sinais.

Por fim, após a publicação dos referidos descritores na página web do Portal de Libras (LIBRAS, 2020), a comunidade surda brasileira (professores de libras como segunda língua, linguistas, usuários da Libras como segunda língua, entre outros) poderá atuar colaborativamente neste trabalho, enviando avaliações, críticas e sugestões à equipe.

2.3. NÍVEIS COMUNS DE REFERÊNCIA

O QECR organiza as competências para um falante de segunda língua em seis níveis. Esses níveis se baseiam em testes reconhecidos de certificação que já eram utilizados na época da criação do quadro. Os descritores se baseiam no que professores de língua materna e não materna consideraram mais úteis e pertinentes. É importante lembrar que esses descritores são recomendações dos elaboradores, e não uma prescrição, os quais deverão sempre ser adaptados aos contextos locais de ensino da língua.

O QECR (CONSELHO DA EUROPA, 2001) apresenta três níveis de conhecimento de língua - e seis subníveis. O nível A representa o falante/usuário como “**utilizador elementar**”, trata de um aprendiz em nível básico. No nível A, existem duas subclassificações: o **A1** (“iniciação”) e o **A2** (“elementar”). Seguidamente, se encontra o nível B, o do “**utilizador independente**”. Esse nível se divide em dois subníveis: **B1** (“limiar” ou “intermediário”) e **B2** (“vantagem” ou “pós-intermediário”). Por fim, existe o nível C, que qualifica o falante/usuário como “**utilizador proficiente**” e está subdividido em **C1** (“autonomia” ou “avançado”) e **C2** (“maestria” ou “proficiente”). A seguir, temos um quadro com a descrição básica de cada um desses seis subníveis.

NÍVEL	DESCRIÇÃO
A1	Definido como sinalizante em iniciação. Pode-se dizer que o utilizador está iniciando o aprendizado na língua de sinais, aprendendo os aspectos básicos da língua como expressões faciais, configuração de mãos etc.
A2	Classificado como utilizador elementar, o indivíduo começa a produzir frases simples. O sinalizante já conhece as características básicas da língua e as utiliza em contextos simples.
B1	Descrito como utilizador limiar ou intermediário, consegue interagir brevemente sobre assuntos de interesse pessoal e familiares. O sinalizante está aprendendo mais aspectos da língua de sinais. Seu interlocutor precisa manter uma sinalização pausada.
B2	Nomeado como utilizador em vantagem ou pós-intermediário, possui a capacidade de interação mais aprofundada. Já compreende profundamente os aspectos linguísticos da língua de sinais e os utiliza em frases mais complexas.
C1	Intitulado utilizador em autonomia ou avançado. A pessoa já compreende muito bem a língua de sinais e sinaliza de forma natural. Consegue argumentar com um ótimo senso argumentativo e crítico.
C2	Descrito como utilizador em maestria ou proficiente. O sinalizante consegue utilizar a língua de sinais em diversos âmbitos. Apresenta um senso crítico e argumentativo em nível acadêmico. O sinalizante conhece e utiliza as variações linguísticas como um sinalizante nativo.

Quadro 1: Descrição dos níveis de proficiência linguística para línguas de sinais

Fonte: Adaptado de Conselho da Europa (2016)

Além desses subníveis, o QECR apresenta alguns outros subníveis, a saber: A2+ (entre o A2 e o B1), B1+ (entre o B1 e o B2) e B2+ (entre o B2 e o C1). No Portal de Libras eles não vão aparecer no plano principal, mas serão incluídos dentro das abas dos níveis principais.

De acordo com o quadro europeu (CONSELHO DA EUROPA, 2001), o subnível **A2+** corresponde a um desempenho denominado **Elementar Forte**. O utilizador, nesse nível, tem uma participação mais ativa na conversação, desde que apoiada pelo interlocutor, mas ainda com certas limitações.

O subnível **B1+** corresponde ao desempenho **Limiar Forte**. Dois aspectos característicos principais do nível B1 continuam presentes: (1) a capacidade de manter a interação e chegar ao que se quer em uma gama variada de contextos e (2) a capacidade de lidar de forma flexível com problemas do dia-a-dia. A esses dois aspectos foram adicionados, no nível B1+, alguns descritores que apontam para a troca de alguma quantidade de informação.

O subnível **B2+** corresponde ao desempenho **Vantagem Forte**. Nesse subnível, mantém-se a atenção à argumentação, à eficácia do discurso social e à consciencialização linguística presentes no nível B2. Entretanto, no B2+, há um destaque para a argumentação e para o discurso social, que pode ser também interpretado como uma atenção maior às capacidades discursivas. Esse novo grau de competência discursiva revela-se na condução da conversação (estratégias de cooperação).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

3.1. A ADAPTAÇÃO DAS ATIVIDADES LINGUÍSTICAS E SEUS DESCRITORES PARA A LIBRAS

O QEER traz descritores do tipo “é capaz de” (“can do descriptors”) para recepção (compreensão oral e leitura), interação e produção (produção oral e produção de textos escritos), do nível A1 ao C2. Conforme mencionado anteriormente, o primeiro passo da equipe brasileira foi estudar o QEER (versão em português de Portugal e versão em inglês) e o modelo do *ProSign* (versão em inglês e em ISL). Após o estudo, chegou-se a uma proposta de organização das competências para as atividades linguísticas de recepção (compreensão em sinais e compreensão de leitura), interação e produção em língua de sinais brasileira (produção sinalizada e produção escrita), as quais se encontram nos quadros a seguir.

A1 – Utilizador Básico

ATIVIDADE LINGUÍSTICA	DESCRITORES
COMPREENSÃO	É capaz de reconhecer palavras e expressões simples, de uso corrente, relacionadas ao sinalizante como, por exemplo, sobre família e contextos em que ele está inserido, desde que o interlocutor sinalize de forma clara e pausada.
LEITURA	É capaz de compreender nomes conhecidos, palavras e frases muito simples, por exemplo, em avisos, cartazes ou folhetos.
INTERAÇÃO	É capaz de se comunicar de forma simples, desde que o interlocutor se disponha a repetir ou sinalizar a mesma mensagem usando outros sinais, em um ritmo mais lento, e ajude o sinalizante a formular aquilo que ele gostaria de dizer. Também é capaz de perguntar e de responder perguntas simples sobre assuntos conhecidos ou relativos a temas de necessidade imediata.
PRODUÇÃO	É capaz de utilizar expressões e frases simples para descrever o local onde o sinalizante vive e as pessoas que ele conhece.
ESCRITA	É capaz de escrever um postal simples e curto para, por exemplo, descrever as férias. É capaz de preencher uma ficha com dados pessoais como, por exemplo, em um hotel, informando o nome, a moradia e a nacionalidade.

Quadro 2: Descritores do Nível A1

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

A2 – Utilizador Básico

ATIVIDADE LINGUÍSTICA	DESCRITORES
COMPREENSÃO	É capaz de compreender expressões e palavras de uso mais frequente, relacionados com aspectos de interesse pessoal como, por exemplo, família, compras, trabalho e meios em que o sinalizante vive. Consegue compreender o essencial de mensagens simples, sendo curtas e precisas, como, por exemplo, em um anúncio.

LEITURA	É capaz de ler textos e cartas pessoais curtas e simples. Consegue encontrar uma informação previsível e concreta em textos simples de uso frequente como, por exemplo, em anúncios, folhetos, ementas e quadros de horários.
INTERAÇÃO	É capaz de se comunicar em situações simples, de rotina do dia-a-dia, sobre assuntos e atividades habituais que exijam apenas uma troca de informação simples e direta. É capaz de participar de breves trocas de informações, apesar de não compreender o suficiente para manter a conversa.
PRODUÇÃO	É capaz de utilizar uma série de expressões e frases para sinalizar, de forma simples, em contextos sobre a família, sobre outras pessoas, das condições de vida, do andamento escolar e do trabalho atual ou mais recente.
ESCRITA	É capaz de escrever notas e mensagens curtas e simples sobre assuntos de necessidade imediata. É capaz de escrever uma carta pessoal muito simples, por exemplo, para agradecer alguma coisa a alguém.

Quadro 3: Descritores do Nível A2

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

B1 – Utilizador Independente

ATIVIDADE LINGUÍSTICA	DESCRITORES
COMPREENSÃO	É capaz de compreender os pontos essenciais de uma sequência sinalizada que aborde assuntos do trabalho, da escola e lazer. Consegue compreender os pontos principais de muitos programas de vídeo e de televisão, sobre temas atuais ou assuntos de interesse pessoal ou profissional, quando o interlocutor sinaliza de forma relativamente lenta e clara.
LEITURA	É capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem do dia-a-dia ou relacionada ao trabalho. É capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e vontades, em cartas pessoais, por exemplo.
INTERAÇÃO	É capaz de lidar com a maior parte das situações que podem surgir durante uma ida para um lugar em que a língua é sinalizada. É capaz de entrar em uma conversa, sem preparação prévia, durante uma interação sobre assuntos conhecidos, de interesse pessoal ou relacionados ao dia-a-dia como, por exemplo, sobre família, passatempos, trabalho, viagens e assuntos da atualidade.
PRODUÇÃO	É capaz de articular expressões de forma simples para descrever experiências e acontecimentos, sonhos, desejos e ambições. É capaz de explicar ou justificar opiniões e planos. Consegue contar uma história, relatar o enredo de um livro ou de um filme e descrever reações.

ESCRITA

É capaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos ou de interesse pessoal e de escrever cartas pessoais descrevendo experiências e impressões.

Quadro 4: Descritores do Nível B1

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

B2 – Utilizador Independente

ATIVIDADE
LINGUÍSTICA

DESCRITORES

COMPREENSÃO

É capaz de compreender exposições longas e palestras. Consegue acompanhar partes mais complexas de uma argumentação, desde que o tema seja relativamente familiar. Consegue compreender a maior parte dos noticiários e outros programas informativos na televisão. É capaz de compreender a maior parte dos filmes, desde que seja utilizada a língua padrão.

LEITURA

É capaz de ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos em relação aos quais os autores adotam determinadas atitudes ou pontos de vista particulares. Compreende textos literários contemporâneos em prosa.

INTERAÇÃO

É capaz de conversar com a fluência e espontaneidade suficientes para tornar possível a interação fluida com falantes nativos. É capaz de fazer uso da palavra em uma discussão que tenha lugar em contextos conhecidos, apresentando e defendendo os seus pontos de vista.

PRODUÇÃO

É capaz de sinalizar de forma clara e detalhada sobre uma gama de assuntos relacionados ao interesse do sinalizante. Consegue explicar um ponto de vista sobre um assunto, apresentando as vantagens e desvantagens de diferentes opções.

ESCRITA

É capaz de escrever um texto claro e detalhado sobre uma gama de assuntos relacionados ao interesse do sinalizante. Consegue redigir um texto expositivo ou um relatório, transmitindo informações ou apresentando razões a favor ou contra um determinado ponto de vista. É capaz de escrever cartas evidenciando determinados acontecimentos ou experiências.

Quadro 5: Descritores do Nível B2

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

C1 – Utilizador Proficiente

ATIVIDADE
LINGUÍSTICA

DESCRITORES

COMPREENSÃO

É capaz de compreender uma exposição longa, mesmo que não esteja claramente estruturada ou quando a articulação entre as ideias esteja apenas implícita. Consegue compreender programas de televisão e filmes sem grande dificuldade.

LEITURA	É capaz de compreender textos longos e complexos, literários e não literários, e distinguir estilos. Compreende artigos especializados e instruções técnicas longas, mesmo quando não se relacionam a área de conhecimento do sinalizante.
INTERAÇÃO	É capaz sinalizar de forma espontânea e fluente, sem dificuldade aparente em encontrar as expressões adequadas. É capaz de utilizar a língua de maneira flexível e eficaz para fins sociais e profissionais. Consegue formular ideias e opiniões com precisão e adequa o discurso aos interlocutores.
PRODUÇÃO	É capaz de apresentar descrições claras e detalhadas sobre temas complexos que integram subtemas, desenvolvendo aspectos particulares e chegando a uma conclusão apropriada.
ESCRITA	É capaz de se expressar de forma clara e bem estruturada, apresentando os pontos de vista com certo grau de elaboração. Consegue escrever cartas, comunicações ou relatórios sobre assuntos complexos, pondo em evidência os aspectos mais importantes, assim como escrever no estilo que considera apropriado para o leitor que tenha em mente.

Quadro 6: Descritores do Nível C1

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

C2 – Utilizador Proficiente

ATIVIDADE LINGUÍSTICA	DESCRITORES
COMPREENSÃO	É capaz de compreender com facilidade qualquer tipo de enunciado sinalizado, tanto face a face como através dos meios de comunicação, mesmo quando se sinaliza depressa, como a velocidade dos sinalizantes nativos, sendo apenas necessário algum tempo para se familiarizar com a variação dos sinais (sotaque).
LEITURA	É capaz de ler com facilidade praticamente todas as formas de texto escrito, incluindo textos mais abstratos, linguística ou estruturalmente complexos, tais como manuais, artigos especializados e obras literárias.
INTERAÇÃO	É capaz de participar sem esforço em qualquer conversa ou discussão e mesmo utilizar expressões idiomáticas e coloquiais. Consegue se expressar fluentemente e transmitir com precisão pequenas diferenças de sentido. Sempre que tem um problema, é capaz de voltar atrás, contornar a dificuldade e reformular, sem que tal dificuldade seja notada.
PRODUÇÃO	É capaz de, sem dificuldade e fluentemente, fazer uma exposição ou desenvolver uma argumentação em um estilo apropriado ao contexto e com uma estrutura lógica tal que ajude o interlocutor a identificar e a memorizar os aspetos mais importantes.

ESCRITA

É capaz de escrever textos em um estilo fluente e apropriado. Consegue redigir de forma estruturada cartas complexas, relatórios ou artigos que apresentem uma situação com uma estrutura lógica que ajude o leitor a entender os pontos essenciais e memorizá-los. É capaz de formular resumos e resenhas de obras literárias e de âmbito profissional.

Quadro 7: Descritores do Nível C2

Fonte: Leeson *et al.* (2016)

3.2. O PROCESSO DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DOS DESCRITORES ESPECÍFICOS PARA A LIBRAS

Na década de 1960, de acordo com Zipser e Polchlopek (2009), a tradução transitava entre duas perspectivas: ser fiel x ser livre. Já nos anos de 1970, a tradução pretendia ser compreensível para o leitor/interlocutor, bem como respeitar suas características culturais. Essa era a visão funcionalista (NORD, 2016), a qual entende a tradução como uma atividade contextualizada.

Nord (2016) menciona que o primeiro passo do tradutor quando se depara com um texto fonte é estudar sua função, realizar buscas terminológicas, materiais envolvidos, localizar leituras do gênero em questão, para então pensar em sua primeira proposta de tradução. Outro passo importante é sempre pensar em seu público alvo, organizando a estrutura do texto traduzido para que esse público possa compreendê-lo de modo eficaz, alcançando o objetivo comunicativo pensado pelo autor/emissor do texto fonte. Para isso, é importante também identificar as questões culturais do texto fonte e traduzi-las (ou adaptá-las) de modo que os leitores compreendam de forma adequada a intenção comunicativa do autor/emissor do texto fonte. Foram esses princípios funcionalistas que embasaram o processo de tradução/adaptação do QEER para a versão brasileira, na Libras.

Inicialmente foi realizado, pela equipe do Projeto de Libras L2, um processo de estudo do QEER nas suas versões inglesa e portuguesa², para, posteriormente, se fazer a adaptação dos descritores específicos para a Libras e a tradução para a Libras e para o português do Brasil. Devido à complexidade desse estudo, foi necessário também assistir, algumas vezes, aos vídeos em ISL, disponíveis no site do *ProSign*, para contextualizar os descritores e compreendê-los com maior precisão.

Em seguida, foi realizada a primeira proposta de glosas pela bolsista ouvinte do projeto³, para a posterior gravação em vídeo dos descritores da Libras pelos estudantes surdos do projeto. Após a primeira proposta de glosas, a bolsista surda⁴ então realizava a revisão dessas glosas. Após o estudo das bolsistas, todos os integrantes do grupo (professores e alunos) se reuniam para discutir as dúvidas e trabalhar na versão final das glosas. Em algumas situações, por exemplo, o quadro trazia descritores com elementos gramaticais específicos da língua do quadro em questão (inglês ou português de Portugal), não ficando viável realizar uma “tradução literal” desses elementos - como, por exemplo, “elementos de coesão” - para a Libras. Nesses momentos, a equipe precisou realizar uma adaptação incluindo exemplos da Libras, bem como aspectos culturais, como se vê no quadro a seguir.

TEXTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	GLOSAS PARA A TRADUÇÃO PARA A LIBRAS
Dirigindo-se a uma audiência	EM PE AUDITÓRIO
Consegue sinalizar uma frase muito curta e ensaiada. Por exemplo: apresentar uma conferência simples, introduzir alguém ou propor um brinde.	SINALIZAR FRASE CURTA, ANTES TREINAR. EXEMPLO: PRODUZIR LÍNGUA-DE-SINAIS SIMPLES, PESSOA-VIR-E-VIRAR PESSOA-HOMENAGEM APRESENTAR EXPLICAR BÁSICO, PESSOA(espaco neutro) PARABENIZAR.

Quadro 8: Exemplo de Glosas - Vídeo 1 - Nível A1

Fonte: Os autores

² De Portugal.

³ Larissa Dias.

⁴ Nicolly Neves.

Foi principalmente durante o estudo e discussão da tradução dos descritores, em grupo, que foram utilizados os fundamentos da teoria funcionalista na perspectiva de Nord (2016). Seguiu-se nessa linha de tradução para não apenas fazer uma tradução literal do quadro europeu, mas manter seu objetivo de comunicar aos leitores (sobretudo estudantes e professores de L2) o que utilizadores de uma L2 são capazes de fazer em cada nível de competência para o uso dessa língua. Assim, o quadro de referência de Libras L2 pretende, também, comunicar ao leitor brasileiro – sobretudo a professores e estudantes de Libras como L2, principais utilizadores do quadro – o que um utilizador de Libras L2 é capaz de fazer em Libras em determinada competência e em determinado nível.

Após o estudo e discussão da versão final das glosas, a estudante surda gravava os vídeos em Libras, como atriz-tradutora, os quais eram editados por outro bolsista surdo⁵ do projeto, o qual acabou também, posteriormente, se tornando ator-tradutor dos níveis mais avançados do projeto. Esses vídeos seriam revisados pelas professoras participantes do projeto. Se necessário, haveria regravação, até se chegar à versão mais adequada para ser postada no Portal de Libras. Como são estudantes em formação (e não tradutores profissionais), a etapa de estudo e preparação das glosas e gravação dos vídeos demorou mais do que o planejado no projeto inicial. Apesar disso, percebe-se o quanto os estudantes participantes do projeto amadureceram com relação aos seus conhecimentos sobre a estrutura da Libras, sobre o ensino de L2 e sobre os procedimentos de tradução para a Libras. A seguir está a organização em que os vídeos vão aparecer no portal de Libras.

COMPETÊNCIAS/ATIVIDADES	TÍTULOS DO DESCRITORES ESPECÍFICOS
Produção	1 - Dirigindo-se a uma audiência
	2 - Compensação
	3 - Monitoramento e reparo
	4 - Produção geral
	5 - Planejamento
	6 - Anúncios públicos
	7 - Discurso monológico descrevendo uma experiência
	8 - Discurso monológico relatando um caso
Compreensão	10 - Compreensão em uma mídia visual
	11 - Identificar sugestões e deduções na sinalização
	12 - Compreensão geral
	13 - Entendimento de conversas de sinalizantes nativos
	14 - Assistindo anúncios e instruções
	15 - Assistindo vídeos
Interação em Sinais	16 - Conversação
	17 - Discurso informal (entre amigos)
	18 - Troca de informações
	19 - Entrevistar e ser entrevistado (a)
	20 - Interação em sinais geral

⁵ Gustavo Gusmão.

Estratégias de Interação	21 - Transações para obter bens e serviços
	22 - Entendendo um interlocutor sinalizante nativo
	23 - Pedir esclarecimento
	24 - Cooperação
	25 - Iniciando um debate ou discurso
Competências Pragmáticas	26 - Variedade linguística no geral
	27 - Precisão gramatical
	28 - Domínio fonológico
	29 - Adequação sociolinguística
	30 - Domínio de vocabulário
	31 - Extensão de vocabulário
	32 - Flexibilidade
Desenvolvimento temático	33 - Narrativas
	34 - Coerência e coesão
	35 - Precisão proposicional
Fatores qualitativos	36 - Fluência em sinalizar
	37 - Produção escrita geral
	38 - Escrita criativa
	39 - Relatórios e ensaios
Capacidade produtiva e perceptiva em textos sinalizados	40 - Compreensão na leitura geral
	41 - Leitura de email e outras mídias
	42 - Leitura para obter orientação
	43 - Interação escrita geral
	44 - Interação em mensagens, formulários e outras mídias

Quadro 9: Organização do Quadro de Referência no Portal de Libras por Nível

Fonte: Os autores

Em cada nível, do A1 ao C2, o usuário do Portal de Libras verá os vídeos dos descritores em Libras para cada um dos títulos mencionados acima, bem como sua tradução para o português brasileiro. Dependendo do nível, não há vídeo para determinados descritores e, em alguns casos, é o mesmo vídeo para mais de um nível, pois alguns descritores se repetem.

Além desses vídeos, no portal haverá a tradução para a Libras dos objetivos gerais do projeto e da descrição geral de cada nível de proficiência (Quadro 1), bem como a tradução dos descritores gerais para cada atividade linguística (Quadros 2 a 7).

3.3 O ENSINO DE LIBRAS L2: PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS DE REFERÊNCIA BASEADAS NO QUADRO BRASILEIRO

No Brasil, a Libras foi reconhecida legalmente como língua das comunidades de pessoas surdas em 2002 por meio da Lei 10.436 (BRASIL, 2002). Essa lei foi o primeiro documento legal brasileiro a tratar do ensino de Libras como segunda língua. De acordo com o seu artigo 4º:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002, art. 4o)

Essa lei foi regulamentada pelo decreto 5626 em 2005 (BRASIL, 2005), e esse decreto trouxe um maior detalhamento sobre o ensino de Libras como L2 e sobre a formação de professores para o ensino de Libras como L2. Entretanto, por ser um decreto e não um documento pedagógico (como um referencial ou orientação curricular), ele trata esses assuntos de forma geral, não sendo suficiente para subsidiar a prática pedagógica cotidiana no ensino de Libras L2, seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior.

Muito antes da lei e do decreto acima mencionados serem publicados, o ensino de Libras como L2 já era uma prática em nosso país. Desde a década de 1980, as associações de surdos, federações de surdos, escolas de surdos e ministérios e pastorais de igrejas vem trabalhando com o ensino de Libras como segunda língua para ouvintes, tanto com instrutores ouvintes quanto com instrutores surdos. Entretanto, a formação acadêmica para professores de Libras só tem início com a criação do primeiro curso de licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2006. Ao longo dos últimos anos, várias outras universidades foram criando cursos de graduação em Letras Libras, presenciais e semipresenciais e, atualmente, temos cursos de Letras Libras em todos os estados da federação, formando professores Libras tanto para o ensino de Libras como primeira quanto como segunda língua.

O ensino de Libras como segunda língua no Brasil durante muito tempo priorizou uma perspectiva lexicalista (ensino de palavras do português relacionadas a sinais da Libras) e, posteriormente, uma perspectiva estruturalista (ensino da estrutura da Libras) - cf. Bernardino, Pereira e Passos (2018). Muitos cursos criavam suas próprias apostilas e seus próprios currículos, sem diretrizes oficiais para o ensino da Libras como L2, até que, em 2004, o MEC, em parceria com a FENEIS lança um programa de formação de instrutores de Libras (Curso de capacitação para Instrutores - Metodologia para o Ensino de Libras) e um material didático para o ensino de Libras para ouvintes em nível básico, o livro *Libras em Contexto: Curso Básico*, em duas versões: uma para o estudante (FELIPE, 2007) e outra para o professor (FELIPE; MONTEIRO, 2006). Esse segundo se trata de um material organizado para servir de apoio ao instrutor de Libras no planejamento e preparação das aulas e atividades extraclases. Esse material trazia uma perspectiva de ensino de língua mais comunicativa, dialógica e contextualizada e menos centrada na gramática e no léxico, como grande parte das propostas de ensino de Libras até então. Infelizmente, esse material só contempla o ensino do nível básico da Libras. Alguns outros materiais surgiram após a publicação do *Libras em Contexto*, numa linha mais comunicativa de ensino de língua, porém a maioria deles ficou centrada no nível básico (como Pimenta e Quadros, 2006).

Existe, portanto, uma lacuna no Brasil em termos de referencial curricular e material didático para o ensino de Libras como segunda língua em todos os níveis de competência de um utilizador - do elementar ao proficiente. Acreditamos, portanto, que o QECR, com sua perspectiva funcionalista de língua e de ensino de língua, é capaz de preencher parte dessa lacuna ao nos embasar para descrevermos as competências de um utilizador de Libras como segunda língua em cada um dos seus estágios de domínio dessa língua. O Quadro de Referência da Libras poderá servir de orientação para criação de currículos para alunos ouvintes da Educação Básica, do Ensino Superior (nas disciplinas básicas de Libras) e de cursos livres, bem como para a criação de currículos para a formação de professores de Libras e de intérpretes-tradutores de Libras (nos cursos de Letras Libras) e para a criação de materiais didáticos para o ensino dos diferentes níveis de competência na Libras. Além disso, o quadro pode servir de parâmetro para a criação de testes de proficiência e nivelamento em Libras.

Além da proposição do quadro de competências em si, o Projeto Libras L2 tem como objetivo fornecer, no Portal de Libras, exemplares de aulas-modelo de Libras como L2 para cada nível, ministradas por professores surdos da UFSC (pesquisadores no ensino de Libras) e planejadas por toda a equipe do projeto. Além disso, o portal será uma plataforma aberta, na qual professores

de Libras do Brasil inteiro poderão criar, postar e comentar videoaulas referentes ao ensino de cada nível de proficiência da Libras, criando assim uma grande rede colaborativa de professores para o ensino de Libras como L2 nos mais variados níveis.

4 RESULTADOS ALCANÇADOS E RESULTADOS ESPERADOS NO PROJETO

A equipe do Projeto Libras L2 já gravou 294 vídeos-rascunho referentes aos níveis de proficiência, assim distribuídos:

A1	A2	A2+	B1	B1+	B2	B2+	C1	C2
25	41	18	44	19	44	18	43	42

Quadro 10: Quantidade de vídeos produzidos para os descritores específicos de cada nível

Fonte: Os autores

Além disso, a equipe também trabalhou na tradução de textos iniciais, com os objetivos do projeto, a descrição geral de cada nível e a descrição geral das atividades linguísticas em cada nível, conforme mostra o Quadro 11.

Texto Introdutório	Descrição Geral dos Níveis	Descrição Geral das Atividades Linguísticas
5	9	30

Quadro 11: Quantidade de vídeos produzidos para os textos introdutórios

Fonte: Os autores

No total, portanto, foram, 338 vídeos, traduzidos e gravados⁶. Agora, estamos na fase da revisão da tradução e, posteriormente, será a gravação/edição da versão final, que vai para o Portal de Libras. Da mesma forma, estamos na fase de planejamento das videoaulas para cada nível, que, posteriormente serão gravadas, editadas, revisadas e postadas no Portal de Libras.

Além de propiciar à comunidade de professores e estudantes de Libras como L2 esse rico material, em um portal de acesso livre e irrestrito, o presente projeto também enriqueceu, de modo particular, a formação acadêmica dos professores e estudantes envolvidos, tanto em seu conhecimento sobre a Libras, sobre o ensino de Libras e sobre o processo de tradução para a Libras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro de referência de Libras como L2 servirá como base para a organização do ensino de Libras nos currículos de Letras Libras (na formação de professores e tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa) e Pedagogia Bilíngue (na formação de pedagogos bilíngue em Libras e Língua Portuguesa), além de cursos livres de ensino de Libras como segunda língua. Desde a década de 1990, quando a FENEIS formava instrutores para o ensino de Libras, não havia uma formalização de níveis de referência para o ensino dessa língua. A proposição do quadro de referência apresentado aqui avança nesse sentido, oferecendo uma organização com base em competências e habilidades a serem atingidas pelos alunos na sua aquisição da Libras como segunda língua. Essa proposição contou com as referências do Quadro Europeu Comum de Referência para o Ensino de Línguas e o *ProSign*, que conta com referências para o ensino de línguas de sinais na Europa.

⁶ Sem contar as regravações.

Além disso, este trabalho resulta também do desenvolvimento de uma metodologia de análise, adaptação e tradução dos materiais propostos para outras línguas aplicados a Libras. O trabalho foi desenvolvido juntamente com professores de Libras, pesquisadores da Libras e alunos de iniciação científica do Letras Libras, bacharelado e licenciatura, contribuindo especificamente para uma proposição que incorpora as especificidades da Libras e das comunidades surdas brasileiras. A equipe integrou um grupo de trabalho com surdos e ouvintes bilíngues garantindo um quadro de referência que reflete aspectos da Libras e das práticas linguísticas e culturais específicas das comunidades surdas brasileiras.

Esse passo é importante no contexto da Documentação da Libras, pois contribui diretamente para a valorização e o reconhecimento dessa língua. No contexto da documentação, o registro das referências propostas em Libras constitui em si um material importante para a socialização e o estudo desta língua. A partir dele, provavelmente, avançaremos ainda mais nas pesquisas do ensino de Libras como segunda língua, instigando também proposições específicas para o ensino de Libras como primeira língua, considerando o contexto de ensino dos alunos surdos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível devido ao recurso do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8).

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, E. L.A.; PEREIRA, M. C. C.; PASSOS, R. Estratégias de ensino da língua brasileira de sinais como segunda língua. *Revista Trama*, v. 14, n. 32, p. 27-39, 2018.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ensino Médio. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, seção 1, pág. 146.

BRASIL. *Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.

BRASIL. *Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Trad. Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. Edições ASA: Lisboa, 2001.

COUNCIL OF EUROPE. *Common european framework of reference for languages: learning, teaching, assessment*. Cambridge University Press: Strasbourg, 2001.

EUROPEAN CENTRE FOR MODERN LANGUAGES OF THE COUNCIL OF EUROPE (ECML/CELV). *Prosign Project Website 2016-2019*. Sign languages and the Common European Framework of Reference for Languages. Disponível em: www.ecml.at/prosign. Acesso em: 28 jun. 2020.

FELIPE, T. *Libras em contexto*. Curso básico. Livro do estudante. 8. ed. Rio de Janeiro: WallPrint Gráfica e Editora, 2007.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto*. Curso Básico. 6 ed. Livro do Professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

LEESON, L. et al. *ProSign*. Sign languages and the Common European Framework of Reference for Languages. Common Reference Level Descriptors. Council of Europe Publishing, European Centre for Modern Languages of the Council of Europe: Strasbourg, Nikolaiplatz 4, 2016. Disponível em: <https://www.ecml.at/Portals/1/mtp4/pro-sign/documents/Common-Reference-Level-Descriptors-EN.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://portal.libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.

LIBRAS. *Portal de Libras*. 2020. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

NORD, C. Princípios teóricos: fundamentos tradutológicos. In: NORD, C. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda, 2016. p. 21-31.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. *Curso de Libras I*. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. Documentação da Libras. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais...* Brasília: IPHAN – Ministério da Cultura, 2016. v. 1. p. 157-174.

QUADROS, R. M.; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LUCHI, M. *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*. Editora Garapuvu: Florianópolis, 2019.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, S. A. *Introdução aos estudos da tradução*. Florianópolis: UFSC, 2009.



Recebido em 24/09/2020. Aceito em 26/10/2020.

ANTOLOGIAS LITERÁRIAS EM LIBRAS

ANTOLOGÍAS LITERARIAS EN *LIBRAS* (LENGUA DE SEÑAS BRASILEIRA)

LITERARY ANTHOLOGIES IN LIBRAS (BRAZILIAN SIGN LANGUAGE)

Rachel Sutton-Spence*

Fernanda de Araújo Machado**

Anna Luiza Maciel***

Ronice Müller de Quadros****

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O presente artigo apresenta a constituição de antologias literárias em Libras. Em especial, estará trazendo elementos metodológicos e teóricos que nortearam a criação da Antologia Literária de Libras publicada no Portal de Libras como parte integrante da Documentação de Libras. O objetivo deste artigo é descrever os fundamentos teóricos e práticos no processo de criação de uma antologia de literatura em Libras que poderá servir de referência para futuras antologias literárias em língua de sinais. A antologia integrante do Portal de Libras apresenta 50 exemplos de obras literárias em Libras selecionados de acordo com diversos critérios considerando os usuários que incluem professores, alunos, artistas e pesquisadores. Uma antologia serve como um instrumento para promover literatura em Libras. É por meio de antologias que conhecemos as literaturas do mundo, inclusive das comunidades surdas brasileiras. Neste artigo, apresentamos a origem de tal antologia, o processo de evolução e mudanças que ocorreram frente aos problemas e desafios que encontramos. Criamos a primeira verdadeira antologia online da literatura de Libras dentro da definição de antologias de Di Leo (2004) (e pode ser que seja a primeira de quaisquer línguas de sinais no mundo). A construção esteve sujeita aos “acidentes” que acontecem em qualquer atividade pioneira (RAMOS, 2000) e a partir desses acidentes a proposta foi contando com estratégias para conhecer melhor o novo terreno, evitar que os mesmos acidentes se repitam no futuro e prever outros possíveis problemas antes deles acontecerem. Neste artigo, apresentamos então este processo de constituição da primeira antologia literária em Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Antologia de Libras. Literatura em Libras. Literatura surda.

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e coordenadora do grupo de pesquisa Literatura em Línguas de Sinais. E-mail: rachel.suttonspence@ufsc.br.

** Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora da Antologia Poética em Língua Brasileira de Sinais, Antologia Literatura em Língua Brasileira de Sinais e coordenadora Festival Folclore Surdo. E-mail: fernanda.machado@ufsc.br.

*** Estudante e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e integrante do grupo de pesquisa Antologia de Literatura em Língua de Sinais, integrante do grupo Festival de Folclore Surdo. E-mail: lulumaciel@gmail.com.

**** Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPq. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

RESUMEN: Este artículo presenta la constitución de antologías literarias en *Libras*. Específicamente, se presentarán los elementos metodológicos y teóricos que guiaron la creación de la *Antología Literaria de Libras* publicada en el *Portal de Libras* como parte integrante de la *Documentação de Libras*. El objetivo de este artículo es describir los fundamentos teóricos y prácticos en el proceso de creación de una antología de literatura en *Libras*, que podrá servir de referencia para futuras antologías literarias en lengua de señas. La antología integrante del portal de *Libras* se compone de 50 ejemplos de obras literarias en *Libras*, seleccionados de acuerdo con diversos criterios, considerando los usuarios que incluyen profesores, alumnos, artistas e investigadores. Una antología sirve como instrumento para promover la literatura en *Libras*. Es por medio de las antologías que conocemos las literaturas del mundo, incluso las de las comunidades sordas brasileñas. En este artículo presentamos el origen de tal antología, el proceso de evolución y los cambios que se fueron dando frente a los problemas y desafíos que encontramos. Hemos construido la primera verdadera antología online de la literatura de *Libras* dentro de la definición de antologías de Di Leo (2004). (y es posible que sea la primera en lengua de señas en el mundo). La construcción estuvo sujeta a los "accidentes" que ocurren en cualquier actividad pionera (RAMOS, 2000) y a partir de esos accidentes la propuesta fue contando con estrategias para conocer mejor el nuevo terreno, evitar que los mismos accidentes se repitan en el futuro y prever otros posibles problemas antes de que estos ocurran. Entonces, en este artículo presentamos ese proceso de constitución de la primera antología literaria en *Libras*.

PALABRAS CLAVE: Antología de *Libras*. Literatura en *Libras*. Literatura sorda.

ABSTRACT: This article considers the creation of literary anthologies in *Libras*, focusing on the methodological and theoretical elements that guided the making of the *Anthology of Libras Literature* published in the *Libras Portal* as part of a larger project for *Documentation of Libras*. We describe the theoretical and practical details underpinning the process of creating an anthology of *Libras* literature that may serve as a reference for future literary anthologies in sign languages. The anthology of the *Portal de Libras* contains 50 examples of literary works in *Libras* selected according to criteria that we considered important for such users as teachers, students, artists and researchers. An anthology is a resource for promoting *Libras* literature. It is through anthologies that we come to know the world's literatures, including that of the Brazilian deaf community. In this article, we present the origin of this anthology, the process of evolution and changes that occurred in response to the problems and challenges we encountered. As far as we know, we have created the first online anthology of *Libras* literature (and it may be the first of any sign languages in the world). Its construction was subject to "the accidents expected on the journey of any pioneering initiatives" (RAMOS, 2000, p. 1) and, learning from these accidents, the proposed anthology developed strategies to better understand the new terrain, to prevent the same accidents from recurring in the future and to foresee other potential problems before they happen. Thus, in this article, we present this process of the making of the first literary anthology in *Libras*.

KEYWORDS: Anthology of *Libras*. Literature in *Libras*. Deaf literature.

1 INTRODUÇÃO

A documentação da *Libras* inclui uma *Antologia Literária em Libras* com diferentes objetivos que se dividem em duas frentes: (i) a pesquisa e (ii) o acesso às produções literárias em *Libras* pela comunidade em geral, especialmente, os professores de *Libras*. Em relação a primeira frente, o objetivo está em estabelecer uma referência literária devidamente organizada em categorias incluindo a identificação dos gêneros literários e suas características. A produção das pesquisas no campo da *Literatura produzida em línguas de sinais* foi considerada para definir estes elementos que poderão servir como referência para pesquisas literárias da *Libras* e de outras línguas de sinais, assim como servir de ponto de partida para o aprimoramento das análises literárias de produções em línguas de sinais. O segundo objetivo da documentação da *Libras* por meio de uma *Antologia Literária em Libras* é a socialização de produções que são consideradas obras literárias entre os professores que ensinam *Literatura em Libras* no espaço educacional, assim como para demais interessados. Os professores encontram no *Portal de Libras* o acesso à documentação da *Libras* no formato de uma *Antologia Literária* que pode ser acessada, consultada e compartilhada com seus alunos como parte integrante do ensino com diferentes objetivos pedagógicos.

Por que um artigo sobre a construção de uma antologia da literatura em *Libras* é importante? Muitas antologias literárias, em nossa experiência, são apresentadas com pouca ou nenhuma explicação sobre o objetivo da antologia ou o raciocínio de sua construção.

No entanto, a criação da antologia de literatura em Libras foi um processo pioneiro, em que nada pode ser esperado e que exigiu muitas decisões com implicações importantes. Assim, essa discussão serve para a compreensão de antologias, de antologias em Libras e a compreensão da literatura de Libras.

Existe uma questão fundamental: o que é literatura em Libras? Em qualquer contexto histórico ou ambiente social, a resposta será diferente. Uma função das antologias é ajudar-nos a entender por que há tantas respostas. A forma, a origem e a função da literatura em Libras apresentam muitas variáveis. Para saber o que podemos abranger em uma antologia, precisamos saber o que é a determinada antologia na qual incluiremos uma produção. Por outro lado, sabemos o que é apenas depois de coletar e estudar as produções literárias dos surdos. As perguntas “o que faz parte de uma antologia de literatura em Libras?” e “o que é literatura surda?” são dois lados de uma mesma moeda.

Nesse artigo, descrevemos o que coletamos, como escolhemos os exemplos, como avaliamos as obras literárias para dizer que integram a antologia que decidimos compor e por quê. O objetivo foi criar uma coleção de textos em Libras para ser estudada e para ser apreciada. Uma antologia de literatura em Libras valoriza a literatura da comunidade surda brasileira e, com isso, possibilita entender melhor as perspectivas linguísticas, culturais, históricas, políticas e estéticas dos sinalizantes de Libras – veja Cirillo (2004) sobre a importância similar de uma antologia de literatura no Caribe. As antologias visam incentivar os usuários a conhecerem e estudarem a literatura apresentada dentro delas e a buscar mais exemplos análogos ou diferentes motivados por elas (LEITCH, 2004).

Embora saibamos que existem diversos tipos de antologia, um dos mais comuns é a antologia de ensino. O aluno surdo na escola como primeira língua e o aluno ouvinte aprendendo Libras como segunda língua devem estudar literatura em línguas de sinais (PARAN 2008; SUTTON-SPENCE, 2020). Nos últimos anos, a literatura em Libras se tornou um tema de estudo de nível universitário, surgindo a necessidade de acesso a alguns exemplos para o ensino. Todos esses estudantes precisam de recursos para os estudos.

Em qualquer nível de ensino, devemos perguntar: o que ensinamos e por quê? Uma antologia de literatura surda em Libras deve incluir produções que são parte do “cânone”. Um cânone literário é um conceito abstrato, que não existe fisicamente, mas é sim a ideia do conjunto de todas as produções literárias que os líderes e os membros de uma comunidade reconhecem como “principal”. Uma antologia é uma coleção física, baseada no cânone. Por outro lado, a antologia cria o cânone porque as produções numa antologia ocupam um status reconhecido (DI LEO, 2004).

Antologias têm funções centrípeta e centrífuga (DOWNING, 2004). De forma centrípeta, elas tentam juntar exemplos díspares para criar definições em relação ao material selecionado na antologia (por exemplo “o que é literatura de libras como a vemos hoje” e “como é a literatura em Libras apresentada nesta antologia”). Esse processo de padronização cria cânones, estabelecendo normas literárias, ajudando a identificar a importância das normas e a perpetuá-las, principalmente por meio do ensino. Por outro lado, de forma centrífuga, uma antologia deve refletir a realidade, com toda a sua incerteza e desafios às definições, enfatizando a pluralidade, a diversidade e o desenvolvimento dessa forma de arte linguística e sociocultural. Assim, eles podem desafiar essas normas, mostrando suas limitações. As antologias trazem novo material para o cânone, rompendo as tradições, o que encoraja iniciativa, criatividade e o não conformismo enquanto pensam nos padrões (no sentido de estar “fora da caixa”).

As antologias on-line são selecionadas de uma ampla variedade de outros materiais disponíveis. A publicação anárquica de material literário em Libras na internet não possui regras que restrinjam sua publicação e nenhuma organização por hierarquia ou autoridade. A seleção de material com base no que a maioria da comunidade considera “bom” reflete as normas da comunidade e tenta apresentar o material de maneira gerenciável. A questão de quem afirma representar a comunidade na aplicação das normas torna a posição dos organizadores sempre discutível e desafiadora.

As antologias fornecem materiais para a crítica literária, a criação artística e o ensino da literatura. Precisamos pensar na leitura das produções (perguntando o quê, por que e como lemos/assistimos a literatura) e nas criações (perguntando o quê, por que e como produzimos). Do ponto de vista pedagógico, isso se torna facilmente uma questão prescritiva sobre o quê, por que e como *devemos*

ler/assistir e produzir. Downing (2004, p. 343) observa que as antologias são a base dos livros didáticos ou mesmo servem como livros didáticos em muitos casos. Ele destaca a inegável importância dos livros didáticos sobre literatura inglesa em “[...] estabelecer o cânone ou reforçar tradições canônicas, instilar atitudes em relação à literatura e à linguagem e determinar como a literatura e a composição serão ensinadas”. Deve ser o mesmo para a literatura em Libras. No entanto, até que uma pessoa conheça as regras atuais da literatura, ela não poderá quebrá-las.

Assim, neste trabalho pioneiro de criar uma antologia, precisamos saber quais são essas produções canônicas. Para conseguir isso, precisamos entender as normas literárias da comunidade surda. Normas são os valores aprovados de uma comunidade e as normas literária da comunidade surda brasileira regulam o que os surdos avaliam como adequado na sua literatura, a linguagem, o estilo e a função. As normas não são sempre articuladas explicitamente pelos membros da comunidade, mas são subentendidas (CAMPOS, 2017). Normas não são prescritivas, mas sim descritivas, e evoluem por anos, sendo estabelecidas, mantidas e promulgadas muitas vezes pelo ensino, e por isso pelas antologias de ensino.

2 LITERATURA EM LIBRAS

Não é a nossa intenção neste artigo definir a literatura em Libras, embora essa questão gere um dos principais desafios na criação de uma antologia: como podemos criar uma antologia de literatura em Libras sem saber o que é? Por enquanto, podemos dizer que a literatura se centra na linguagem estética visual e cria uma experiência emocional afetiva para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. A literatura em Libras se centra na forma estética da Libras que tem características fora do comum, trata do conteúdo com perspectiva não cotidiana e se apresenta de uma maneira que seria diferente da vida comum. Seguindo Sutton-Spence e Kaneko (2016, p. 24), dizemos que a literatura é qualquer “[...] corpo de produções baseado na linguagem que é considerado socialmente, historicamente, religiosamente, culturalmente ou linguisticamente importante para a comunidade.” É uma oportunidade de brincar com Libras, de explorar as possibilidades e os limites e dar prazer aos leitores ou “visuaitores” - seguindo a sugestão de Mourão (2016). É a expressão da perspectiva visual do mundo por uma pessoa surda através da língua de sinais.

Um principal desafio para uma antologia de literatura em Libras é compreender as diversas formas dessa arte linguística para selecionar o que possa ser valorizado. Há perspectivas diferentes sobre conceitos parecidos, como literatura surda, literatura em Libras e literatura sinalizada.

A literatura surda é definida pelo conceito da experiência dos surdos. Pode ser literatura feita por surdos, destinada aos surdos ou sobre os surdos. Segundo Mourão (2011, 2016), as produções de literatura surda podem ser narrativas originais de autores específicos, adaptações de narrativas tradicionais que incluem algo da vida dos surdos, traduções de narrativas tradicionais ou outras narrativas de línguas escritas. Com o mesmo foco nos produtores surdos e no público surdo, Resende (2019) destaca tipos de teatro como teatro dos surdos (produzidos por e para pessoas surdas), teatro com surdos (em que surdos e ouvintes produzem juntos), teatro para surdos (em que uma peça criada pelos ouvintes seja traduzida, adaptada e apresentada pelos surdos), teatro bilíngue (em que uma peça está apresentada simultaneamente em Libras e Português por um elenco surdo e ouvinte). Na antologia de literatura em Libras, todas as produções são feitas por artistas surdos e destinadas primeiramente a um público surdo, mas a origem não é sempre da comunidade surda, havendo exemplos de traduções, recontações e adaptações de literatura (e folclore e filmes) da comunidade maior dos ouvintes. Muitas das produções – mas não todas – falam da experiência de pessoas surdas.

A literatura em Libras é definida pelo fato de ser produzida numa língua articulada no primeiro plano em sinais e não numa língua falada. Neste caso, dentro da Literatura Surda, a definição prioriza a língua. Literatura Surda Brasileira pode ser escrita na língua portuguesa, se for produzida por uma pessoa surda, sobre um assunto relacionado à experiência surda ou destinada aos surdos, mas a literatura em Libras é definida pelo uso estético de sinais e não importa a origem. No caso da nossa antologia, todas as produções são em Libras.

Literatura em Libras sinalizada significa que a modalidade da literatura apresentada é articulada pelo corpo (de uma forma “ao vivo”, análogo ao sentido de “oral”, declamada) e não escrita. Há diversos exemplos de literatura em Libras escrita, principalmente, literatura infantil (MARQUEZI, 2018) e poesias (BARROS; VIEIRA, 2020). No entanto, para nossa antologia, selecionamos apenas produções em Libras sinalizada.

Há estudos de literatura surda que já foram feitos com base em diversos fundamentos teóricos. Os estudos culturais (KARNOPP, 2013; KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011), crítica literária (PEIXOTO, 2016), linguística (MACHADO, 2013; KLAMT, 2018), tradução (BARROS, 2015) e cinema (PIMENTA, 2012). Pesquisas existem sobre poesia (KARNOPP; BOSSE, 2018; KLAMT 2014a, 2014b), teatro (REZENDE, 2019), histórias (CASTRO, 2012; VIEIRA, 2016) e piadas (KARNOPP; SILVEIRA, 2014) em Libras. Outras pesquisas mostram a importância social (MOURÃO, 2016) e educacional (BOSSE, 2019) de literatura surda e em Libras. Nossa antologia não adota uma única perspectiva teórica. A formação linguística das organizadoras impacta no sentido de uma abordagem que tem mais foco na linguagem poética e estética da Libras e reflete o uso da “leitura detalhada” (em inglês, Close Reading) com foco principal no texto, na linguagem do texto e nos efeitos do uso dessa linguagem. No entanto, também referimos a outras perspectivas teóricas que podem contribuir para melhor compreensão da literatura em Libras.

3 OS ELEMENTOS DA ANTOLOGIA

É inerente à ideia de uma antologia que ela deva ser organizada de alguma maneira, seja pela cronologia, autor, título, gênero, estilo, assunto, público-alvo pretendido ou alguma outra característica que a categorize. Uma antologia on-line é menos dependente de uma única ordem de apresentação como apresentada em uma versão impressa, porque o usuário pode escolher o método de categorização que quiser seguir. No entanto, é necessário anotar essas características para permitir que os usuários possam pesquisar o conteúdo. Nada disso é ateuico. Por exemplo, “gênero” é um conceito problemático, com implicações excludentes de que se algo pertence a um gênero, não pertence a outro. Poucos usuários de uma antologia estarão cientes das justificativas dos organizadores para escolher um método de categorização em detrimento de outro, mas as decisões são fundamentais para a estruturação da antologia e do material e dos valores que são determinados para as escolhas dessas categorias que são inevitáveis.

Após muita discussão, seguimos três categorias na antologia, a partir de gêneros principais baseadas na forma das produções e nas origens (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2016; BAHAN, 2006): Poema, Conto origem não surda e Conto origem surda. Destacamos que todos os poemas na antologia têm origem surda, e não há traduções de poemas do português. Cada gênero foi subdividido em diversos subgêneros, baseado nas pesquisas publicadas sobre literatura surda (por exemplo: ROSE, 2006; BAHAN, 2006; MACHADO, 2017) e nas próprias experiências dos organizadores:

Poemas: Delimitado; Dramático, Dueto, Homenagem, Lírico, Perspectiva, Música surda, Feminista, Haiku

Conto Origem não surda: Filme, Folclore brasileiro, Folclore mundial

Conto Origem surda: Ficção original na tradição surda, História infantil, NEP (Narrativa de Experiência Pessoal), Piada tradicional surda, Teatro tradicional surdo.

Dentro destes subgêneros estão marcadas produções de diversos estilos. Seguindo as divisões de Aristóteles de literatura lírica, dramática e épica, o estilo ponto de vista, pode ser o “Eu”, a Personagem (por Incorporação), o Narrador ou “misto”. Relacionada a essa divisão, a antologia marcou o estilo linguístico, sendo composto, principalmente, por vocabulário/sinais estabelecidos, classificadores, incorporação ou misturado. O último estilo destacado foi o metafórico, em que anotamos se a produção seja principalmente literal ou metafórica.

Sabendo que se pode categorizar literatura pelo público-alvo, anotamos o público apropriado: adulto, adolescente, jovem e infantil.

Além da definição da estrutura da antologia, a criação de conteúdo e a escrita das notas introdutórias foram as duas tarefas principais. As notas introdutórias preparam o leitor/visualeitor para que eles estejam prestes a ver a obra literária selecionada e motivados a explorá-la mais (por exemplo, procurar outras obras do autor, outros exemplos de um dado estilo ou gênero, ou algo

destinado a um público semelhante). Essas notas introdutórias numa antologia de ensino são geralmente pequenos ensaios que fornecem uma introdução geral às épocas da literatura, informações sobre cada autor e anotações de cada texto (LEITCH, 2004). As antologias contam com pontos de referência chamados *The Norton Anthologies* que fazem parte de uma série de antologias de literatura para ensino, sendo coleções de obras canônicas publicadas com notas introdutórias. Usamos uma adaptação dos Protocolos para *Notas Introdutórias de Antologia* sugeridos pelos organizadores do Norton apresentados por Leitch (2004), o que inclui:

1. Nome e datas do autor e uma citação do (ou sobre o) autor.
2. Informações biográficas chaves sobre o autor.
3. Referência a outras publicações do autor.
4. Breves descrições de quaisquer fontes ou versões anteriores da obra selecionada.
5. Qualquer informação social ou histórica relevante útil para entender o contexto da obra selecionada.
6. Resumo das principais ideias da obra selecionada.
7. A importância ou o uso atual da obra selecionada.
8. Importantes semelhanças e diferenças entre esta obra selecionada e outras obras na antologia.
9. Declaração de quaisquer questões sobre a seleção da obra.
10. Como a obra foi recebida inicialmente.
11. Lugar da obra selecionada em contextos históricos, literários ou sociais.
12. Explicação dos principais termos e conceitos.
13. Quaisquer questões problemáticas com a obra selecionada.
14. Material adicional, por exemplo fontes secundárias sobre o autor ou a obra e bibliografia de outras produções do autor.

A antologia é em Libras, mas as notas introdutórias precisam estar em português, para permitir uma busca rápida no sistema on-line. Leitch (2004) observa que as notas introdutórias nas *Norton Anthologies* têm em média 2.000 palavras por item. A prioridade da antologia de literatura em Libras era montar o conteúdo (que incluía a criação desse conteúdo) com foco na obra literária e não no comentário. Nossa solução para o problema foi dividir o trabalho das notas introdutórias em duas partes. Primeiramente, para a antologia on-line, criamos fichas curtas, com os principais elementos, conforme segue: a) informações biográficas básicas sobre o autor; b) informações sobre o contexto da produção da obra literária (por exemplo, onde, quando e por que foi realizado); c) um resumo da obra; d) observações que tratam de alguns dos pontos entre 7-14 acima; e) uma captura de tela da produção da obra que mostre o autor produzindo um sinal-chave do trabalho (paralelo ao protocolo para fornecer uma citação). Em segundo lugar, as notas introdutórias estendidas se transformaram em um livro sobre literatura de Libras (SUTTON-SPENCE, no prelo). Este livro tem como objetivo atender ao aspecto didático da antologia, permitindo uma exploração mais detalhada de tópicos como os contextos históricos, literários ou sociais das obras selecionadas e explicação de termos e conceitos-chave, além da apresentação de pesquisas adicionais sobre literatura em Libras.

4 ANTOLOGIA DA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO

A antologia está presente em diferentes espaços no mundo e é organizada de acordo com suas especificidades. As antologias de literatura surda escrita são compostas por trabalhos elaborados por diversos autores.

Nos Estados Unidos, o trabalho *Antologia: Formas surdas II*, (em inglês *The Deaf Way II*) de Stremlau (2000) apresenta escritos criativos contemporâneos de pessoas surdas. Além disso, inclui o trabalho com histórias reescritas e reeditadas, com o título *Mudança poderosa: uma antologia das escritas de surdos americanos, 1816-1864*, (em inglês *A Mighty Change: An Anthology of Deaf American Writing*) de Krentz (2000) e a antologia temática *Olhos de Desejo: uma coleção por Surdos Gays e Lésbicas*, (em inglês *Eyes of desire: a Deaf Gay & Lesbian Reader*) de Luczak (1993).

O livro *Antologia: Formas surdas II* foi produzido partir da 2ª Conferência e Festival *Formas Surdas*, que aconteceu na Gallaudet University, em Washington, DC, em julho de 2002. Este evento contou com mais de 9.000 pessoas presentes, entre pesquisadores,

artistas, intérpretes, estudantes e interessados, instaurando um espaço de interação social que provocou a organização da antologia. Esta antologia é uma coleção que reuniu 16 autores surdos internacionais, com autores surdos e deficientes auditivos. Estão compreendidos nesta antologia trabalhos envolvendo poesia, teatro, conto e uma peça teatral.

O Livro *Uma Mudança Poderosa* por Krentz (2000) contém escritos originais de pessoas surdas da primeira metade do século XIX, quando teve início a educação de surdos nos Estados Unidos. Iniciou com a obra de um surdo francês que foi para os Estados Unidos em 1786 e criou a primeira escola de surdos nos Estados Unidos. Outros escritores surdos que fazem parte da obra, incluindo um poeta surdo, em especial, produziram o verso melífero, publicado nesta coleção.

A antologia temática *Olhos de desejo, uma coleção por surdos gays e lésbicas* (em inglês *Eyes of Desire, A Deaf Gay & Lesbian Reader*), de Luczak (1993) apresenta discussões envolvendo a vida de lésbicas e gays surdos, relatando como descobriram suas identidades, suas lutas, sua comunicação com o mundo e as questões culturais envolvendo gays e lésbicas surdos.

Na Grã-Bretanha, o trabalho *Linguagem para os olhos: antologia de escrita e publicação de surdos* (em inglês *Language for the Eye: Anthology of Deaf Writing and Publishing*) é uma publicação contendo autores surdos, com a organização de George Montgomery (1996), uma coleção que reúne autores e obras literárias escritas.

A antologia literária, especificamente tratando das produções surdas, como *A musa silenciosa: uma antologia de prosa e poesia pelos surdos* (em inglês *The Silent Muse: an Anthology of Prose and Poetry by the Deaf*) de 1960, edição Panara, Denis e McFarlane, reúne prosa e poesia de estudantes surdos escritores, tendo sido publicado pela Gallaudet University Press. A obra compreende temáticas sobre angústias e fragilidade emocional relacionada à história do sujeito surdo, bem como histórias relacionadas às “mulheres más”.

A obra *Poesia Surda Americana*, (em inglês *Deaf American Poetry*) de John Lee Clark (2009), reúne uma coletânea de textos importantíssimos escritos em inglês por surdos americanos. Essa coletânea reúne 95 poemas, redigidos por 35 poetas surdos americanos, que relatam suas vidas através de versos sinalizados. Este trabalho é um marco na história de poetas surdos americanos e retratam o contexto em que se inserem os poetas, suas experiências e histórias de vida.

As antologias bilíngues são uma produção de poetas surdos e utiliza os registros nos formatos escrito e sinalizado. A poetisa surda inglesa Dorothy Miles produziu duas antologias que foram publicadas separadamente. A primeira, de sua autoria, intitulada, *Gestos de Dorothy Miles* (1976), é uma coleção bilíngue em ASL e inglês. A segunda, *Memória Brillante* (1998), em inglês *Bright Memory*) foi organizada por Don Read depois do falecimento inesperado dela e foi publicado em inglês.

Destacamos também algumas organizações de poemas que resultaram em coleções. Na língua de sinais britânica (BSL), *BSL Poetry*, de Paul Scott (2006), e *Made by Hand*, de Richard Carter (2013). Nessas duas coleções, há um pequeno resumo sobre os poemas. Nos Estados Unidos da América, existe uma produção em DVD que contempla três artistas e seus poemas: Clayton Valli, Patrick Graybill e Debbie Rennie. Sendo que esta última apresenta comentários sobre seus poemas. Como pode ser observado, é possível, por meio de uma organização, reunir produções de mais de um artista em uma antologia. Além de poeta, Clayton Valli (1995) organizou a *ASL Poetry*, convidando poetas de diferentes idades para compor essa antologia. Nesta antologia, há comentários sobre os poemas.

Retomando o contexto europeu, temos o poeta holandês Wim Emmerik com suas produções intituladas de *Poetry in Sign Language*, de 1995, e de *Motioning*, de 2005, coproduzida com Giselle Meyer em língua de sinais holandesa (NGT). Além dessas, Rosaria e Giuseppe Giuranna, em 2000, produziram sete poemas em língua de sinais italiana (LIS).

Já nos EUA, o documentário *The Heart of the Hydrogen Jukebox* apresenta as histórias e produções de poetas da ASL do século XX, produzido por Nathan Lerner e Feigel. Nessa produção de 2009, são reunidos poetas surdos estadunidenses e suas experiências no National Technical Institute of the Deaf em Rochester, New York. Podemos considerar essa produção como uma antologia que, de algum modo, abarca poemas e comentários que auxiliam a sua compreensão. Essa produção é um marco histórico salvaguardado.

Com a tecnologia atual, é possível disponibilizar uma antologia on-line por meio de vídeos em plataformas. Um exemplo disso é a *European Community Heritage Online*, organizada por Onno Crasborn no período entre 2003 e 2005. Para compô-la, foram convidados artistas surdos holandeses, suecos e ingleses com suas produções, dentre elas, poemas, narrativas e prosas. Deste modo, ela foi disponibilizada de forma on-line como uma antologia poética em língua de sinais. Seu *corpus* contempla a literatura em seus gêneros diversos como narrativas em prosa. Esses metadados, analisados e detalhados, compõem comentários das poesias.

A primeira antologia criada de poesia em BSL foi organizada por uma equipe na University of Bristol, na Inglaterra, e recebeu financiamento para ser produzida. A equipe responsável pela organização realizou pesquisas, reuniu e disponibilizou 120 poemas em BSL de maneira on-line e com tradução para o inglês. A antologia está disponível, com livre acesso, na plataforma YouTube. A criação desta antologia influenciou a criação da antologia da literatura em Libras

5 ANTOLOGIA DE LITERATURA SURDA BRASILEIRA: EM PORTUGUÊS E EM LIBRAS

Nesta seção, vamos apresentar publicações literárias pré-existentes à antologia literária que estamos compartilhando por meio do Portal de Libras (LIBRAS, 2020). Essas produções podem ser escritas e/ou produzidas em Libras.

Falando de Literatura Surda Brasileira escrita, no Brasil, a antologia literária *O som das palavras*, publicada em 2003, sem autor ou organizador, apresenta obras escritas produzidas por surdos em português.

Em relação às antologias bilíngues brasileiras, produzidas por diversos autores, publicadas em língua portuguesa e Libras, podemos citar o trabalho de Ronise Oliveira, intitulado *Os meus sentimentos em folhas*, de 2005, e a publicação da poeta Emiliana Rosa, intitulada *Borboletas Poéticas*. Ambos os trabalhos publicados em língua portuguesa. Essas coleções reúnem textos literários tanto de surdos quanto acerca da Libras e destacam informações históricas de temas variados.

Diversos materiais estão disponíveis também em redes sociais, como YouTube, Facebook, Instagram e blogs, que são de responsabilidade e organizados pelos próprios autores. As antologias, por sua vez, são organizadas de acordo com critérios específicos e colaboram no sentido de detalhar e explorar determinada temática.

No Brasil, em Libras, temos a *Literatura em LSB*, organizada e comentada por Nelson Pimenta (1999), a qual foi a primeira, com poemas, história de ABC e outros contos, inclusive uma fábula de origem surda e contações de clássicos infantis. Há também *Piadas em Libras* (2009) uma coleção de piadas, de Sandro Pereira em DVD que integram a categoria humor em Libras.

O site *Cultura Surda* (2020), de responsabilidade de Hugo Heiji, de São Paulo, oferece acesso a um amplo material produzido no Brasil e em outros países. O site *Librando* (2020), da UFSC, com a organização de Michelle Schlemper disponibiliza diversos materiais de literatura nacional e internacional.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, instituição educativa de surdos apresenta também material literário produzido por professores e estudantes. *O Diário de Bel* (2020), Bel e Tobias continuam explorando o folclore brasileiro e mundial. *Contação de História* (2020) integra uma série que visa tornar acessível a literatura infantil e juvenil para a comunidade surda de todas as idades. *Baú do Tito* (2020) usa imaginação e mergulha no Baú do Tito. Piadas em Libras, com personagens surdos, como *Comédia da Vida Surda* (2020) que tem como objetivo fazer rir e mostrar os desafios do cotidiano de pessoas surdas. *A Louca Olimpíada* (2020), uma comédia que explora os gestos e a língua de sinais. O material do INES está disponível no site da *TV INES*. Também há publicações literárias disponíveis no *Centro de Educação para Surdos (CES) - Rio Branco* (2020), São Paulo. O CES apresenta Contações de Histórias, Piadas em Libras, Lendas e Comemorações em Libras.

Os materiais disponibilizados por meio de projetos das universidades também compreendem uma fonte de produções literárias. Entre eles, há o projeto do curso de poesia de um grupo fechado na plataforma Facebook com vídeos de poemas em Libras está

disponível em *Repositório da UFSC*, organizado por Fernanda Machado e Rachel Sutton Spence e oferece acesso a produções literárias de estudantes surdos. É possível acessar as informações de autoria, dentre outras informações.

Outro projeto é o site de Festival de Folclore Surdo que é outro espaço no qual são socializadas produções literárias em Libras. Este site é coordenado por Fernanda Machado e Rachel Sutton-Spence e trata de materiais registrados previamente e materiais novos produzidos, incluindo contos, humores, poesias, teatros em Libras, narrativas e entrevistas com artistas no evento *Festival de Folclore Surdo* e disponibilizadas em Repositório da UFSC (edições 2014, 2016, 2018). Incluímos entrevistas com artistas que participaram no evento Workshop de Literatura Surda, do Festival de Folclore Surdo 2018. Os artistas falam da sua experiência e visão de literatura surda. Os direitos autorais ficam com os artistas. As entrevistas são reproduzidas aqui com a permissão dos artistas.

O projeto *Antologia de Poesia* (2018), de Fernanda Machado, é composto ainda pelo *Corpus de Libras*, do Portal de LIBRAS (2020), organizado por Ronice Quadros, ambas da UFSC. Este portal oferece buscas por tags, com informações detalhadas por região. O projeto de extensão da UFSCar, *Atenção Bilingue Virtual* (2020) para crianças surdas em meio à pandemia do coronavírus.

O *Mãos Literárias* (2020) é projeto realizado dentro da Faculdade de Letras da UFMG e produz vídeos de contação de histórias em Libras. O site de *A Arte de Sinalizar* (2020) trata de material produzido a partir de batalhas poéticas, apresentações em vários gêneros literários: narrativas, humores e poesias, disponibilizadas em repositório artístico, pela UFRGS, é coordenado por Claudio Mourão. *Mãos Aventureiras*: canal de histórias infantis em Libras, de Carolina Hessel (2020), da UFRGS. Ainda há o projeto do *Cordel em Libras* por Klicia Araujo (2020), da UFPR, tradução da literatura nordestina.

Acerca das antologias em Língua de Sinais especificamente, temos a *Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira*, de Fernanda Machado (2018), da Universidade Federal de Santa Catarina. No entanto, não existia no Brasil nenhuma antologia literária da Libras, de produções em Libras selecionadas e acompanhadas por perfis dos artistas, análises de elementos constituintes das produções, contextualização de cada obra e estruturas das produções. Por isso, foi proposta a antologia que apresentamos aqui organizada por Rachel Sutton Spence e Fernanda Machado, também da Universidade Federal de Santa Catarina.

6 METODOLOGIA

A partir de estudos sobre antologias de ensino e um levantamento de coleções de literatura em línguas de sinais internacionais, começamos com uma proposta para a antologia, que seria dividida em quatro categorias. A primeira categoria conteria vinte poemas, a segunda categoria dez contos, a terceira categoria dez fábulas e a quarta dez clássicos da literatura infantil. Prosseguimos dessa forma, com essas categorias definidas e começamos o trabalho de pesquisa e organização, fazendo as coletas necessárias para cada uma dessas categorias literárias. Isso exigiu uma exploração e um levantamento em relação ao que já havia sido produzido como literatura em língua de sinais no país. Eram várias produções e com inúmeros tipos de literatura que abrangiam todas as regiões do Brasil e que estavam armazenadas em sites da internet.

Nessas categorias, buscamos materiais em diversas fontes. Alguns eram de materiais já existentes, tais como: o repositório de produções de festivais de folclore surdo; vídeos que encontramos nas redes sociais, como Youtube, Facebook e Instagram. Em outros, nós criamos os espaços para a produção dos materiais novos (MAZZA, 2004). Um curso de poesia, realizado na modalidade a distância, ofertado no Facebook pelas professoras que também organizaram a antologia, forneceu muitos exemplos. O workshop de literatura surda em 2018 foi montado e sediado em Florianópolis com vários palestrantes nacionais e internacionais para quem pedimos a apresentação de uma narrativa para incluir na antologia.

A coleta de narrativas de experiência pessoal (NEP) foi feita por alunos da graduação do curso de Letras Libras da modalidade a distância de três polos abertos no Amazonas, Ceará e Minas Gerais. Os alunos conseguiram encontrar e filmar artistas idosos nas comunidades surdas das suas próprias cidades, os quais eram difíceis de serem encontrados pela equipe em Santa Catarina.

Quando percebemos através das buscas que faltava literatura surda infantil original de natureza pedagógica, organizamos e criamos um projeto para criar literatura para alunos surdos inseridos na educação infantil e no ensino fundamental. O objetivo também era avaliar e testar esses materiais nas escolas do Brasil. Este grupo contava com professores surdos da UFSC e alunas surdas de graduação dos cursos de Letras Libras, nas modalidades presencial e a distância. Mais duas professoras ouvintes com especialidade na literatura infantil e nos estudos literários de Libras acompanhavam os trabalhos, promovendo interações e orientações. Uma aluna de graduação criou imagens adequadas para a faixa etária alvo e os vídeos foram gravados e editados por um cineasta profissional. Todas as literaturas infantis possuíam três elementos. O primeiro deveria ser um jogo de incorporação de animais ou objetos inanimados, o segundo seria um jogo com configuração de mãos para servir de inspiração para se inventar e criar uma poesia a ser contada (como números de zero a dez ou uma única configuração de mão) e o terceiro deveria ser de humor, para criar um conto lúdico e incongruente, com muito exagero (BERGSON, 1983).

Em relação aos critérios para a escolha desses materiais, tentou-se manter equilíbrio entre as forças centrípetas e centrífugas da antologia incluindo: materiais canônicos e materiais de forma mais experimental; qualidade de gravação sendo adequado para incluir; a clareza de produção dos sinais; o tema; a estrutura da obra; a presença destacada de um de uma lista de elementos estéticos, como incorporação, ritmo e simetria; e a extensão, com a maioria sendo de 1 até 4 minutos. Selecionamos produções de artistas de diversos perfis demográficos e de diversos gêneros. O último critério era que a produção deveria ser memorável. Com apenas 50 obras para escolher, tínhamos que descartar muitos bons exemplos, considerando o tamanho da antologia literária proposta. A antologia final acabou sendo estendida e passou a se compor de 52 obras literárias.

Realizamos entrevistas com as pessoas das obras que nós havíamos catalogado, utilizando dois formatos: presencial ou então virtual, através de e-mail, WhatsApp e conversa por videochamada. Foi elaborado um perfil para cada artista e ele foi organizado em planilhas no Excel, contendo vários elementos, como o nome e sinal do ator, gênero (h/m), raça, idade, ano de nascimento, idade de aquisição de Libras, origem regional, onde aprendeu Libras, onde se formou como ator ou poeta e se atuou como professor.

Foram criadas fichas para cada obra literária selecionada, com informações sobre o perfil de cada artista. Incluímos também anotações sobre cada obra: gênero literário, subgênero literário, título, o local onde foi filmada a sua produção, narrativa detalhada sobre a sua poesia e o porquê da sua criação, o ano de registro da filmagem, a fonte onde a encontramos e o tempo de duração da filmagem. Todo esse material foi baixado e armazenado no repositório da UFSC e o seu respectivo link inserido na sua ficha para que as pessoas pudessem facilmente acessar e assistir ao seu vídeo. Elaboramos uma planilha detalhada contendo vários elementos linguísticos como efeitos estéticos, configuração de mãos, as direções do olhar, o espaço token e sub-rogado, simetria e antropomorfismo. Outra tabela focava nos temas, como perspectiva dos surdos, relação da comunidade com o mundo ouvinte, comunicação, linguagem e valores, preconceito social e ignorância, mundos sensoriais (BAHAN, 2006). Anotamos os objetivos, como aprimorar as habilidades de sinalização; aprimorar o ensino de L2; ensinar valores culturais, apresentar fortes imagens visuais, criar ligação com o público (RYAN, 1993).

Com tudo isso já concluído, nós enviamos para cada artista uma autorização cedendo uso de imagem a ser assinada por todos e em seguida recolhemos e guardamos tais termos por segurança. Concluído esta etapa, temos a coleção para ser postada no Portal Libras, criado pela UFSC em parceria com o IFSC Bilíngue (LIBRAS, 2020, na aba Antologia Literária em Libras). Todo esse material será organizado e divulgado para que os usuários possam buscar por estes artistas. O público-alvo é diverso, incluindo professores, alunos surdos que tenham a Libras como L1 ou L2 ou pais e mães que tenham filhos surdos e que possam buscar por estes materiais. A proposta é mostrar a todos os interessados essa literatura de forma divertida e prazerosa. Além disso, pesquisadores podem acessar e usar as obras e suas descrições para outras análises. Finalmente, membros das comunidades surdas e quaisquer pessoas que possam ter interesse, podem também ter esse acesso.

ANTOLOGIA DA LITERATURA EM LIBRAS

Título do poema: **Tinder**Título em inglês: **Tinder**Gênero literário: **Poema**Subgênero literário: **Perspectiva**Nome do artista: **Anna Luiza Maciel**

Perfil do artista:

- Gênero: **feminino**
- Raça: **parda**
- Faixa etária de idade: **20 a 29 anos**
- Idade de aquisição da Libras: **18 anos**
- Origem regional: **São Paulo**

Data de apresentação: **2018**Local de apresentação: **Associação de Surdos da Grande Florianópolis**Comprimento (vídeo): **0:44**

Estilo ponto de vista:

"Eu" () Narrador () Incorporação (X) Misto ()

Estilo metafórico:

Literal (X) Metafórica ()

Estilo linguístico:

Vocabulário sinais () Classificadores () Incorporação (X) Misturado ()

Público apropriado: **Jovens/Adultos**Link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191088>

Resumo dos recursos

Antropomorfismo									
Morfismo									
Direção olhar									
Configuração de mão									
Neologismo									
Simetria									
Uso de espaço									
Ritmo									

Figura 1a: Exemplo da ficha contendo a planilha descritiva de cada obra

Objetivo e conteúdo

Perspectiva dos surdos									
Relação da comunidade com o mundo ouvinte									
Aprimorar as habilidades de sinalização									
Aprimorar o ensino de L2									
Ensinar valores culturais									
Fortes imagens visuais									
Ligação com o público									
Tópico - Comunicação, linguagem e valores									
Tópico -Preconceito social e ignorância									
Tópico -Mundos sensoriais									

Figura 1b: Exemplo da ficha contendo a planilha descritiva de cada obra (continuação)

Notas: Este material foi utilizado em uma atividade sobre o uso de perspectivas diferentes na aula de poesia online através do Facebook ministrada pelas professoras Fernanda Machado e Rachel Sutton-Spence na UFSC.

Resumo: Uma mulher usa o celular e o celular está sendo usado. A mulher procura amor no aplicativo celular para relacionamento chamado "Tinder" no final do poema, ela tira um print de uma imagem que gostou;

Tema: Celular, tecnologia, encontro de amor;

Observação: Um bom exemplo de antropomorfismo de objeto inanimado. Não usa sinais de vocabulário.

Abre sem título. A poetisa avisou que podemos usar o título "Tinder".

Zoom e plano – Dois papéis de incorporação - a mulher e o celular, para mostrar as experiência do usuário e do objeto. Orientação da mão apresenta o ponto de vista dos personagens para que seja possível sua identificação. Utilizam-se classificadores para mostrar as páginas no celular.

Mão quando é celular mostra tamanho da tela, ou páginas passando na tela, ou a mão do usuário. O último sinal é um desafio ao público, no entanto quem presta atenção (e conhece essa função no celular) percebe que a mulher faz "print" da tela.

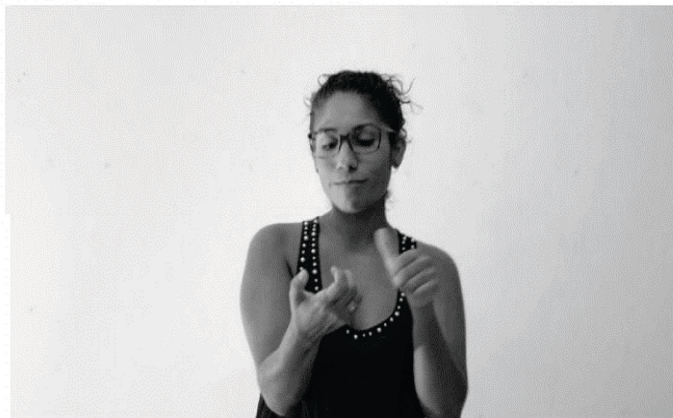


Figura 1c: Exemplo da ficha contendo a planilha descritiva de cada obra (continuação)

Fonte: elaboração das autoras (2020)

A seguir, apresentamos um mapeamento da representação das obras literárias selecionadas quanto ao gênero, a etnia, a origem regional, formação, atuação como professor, gêneros e subgêneros das produções.

Na antologia, tivemos uma representação de 59% de produções de mulheres e 41% de produções de homens (gráfico 1). As mulheres compreendem a maioria nas áreas de poesia e nos contos infantis. Pensando no desequilíbrio histórico a favor dos artistas homens nas coleções de literatura surda (SUTTON SPENCE, 2019), um pequeno desequilíbrio a favor das mulheres ajuda a atingir uma melhor representação do gênero.

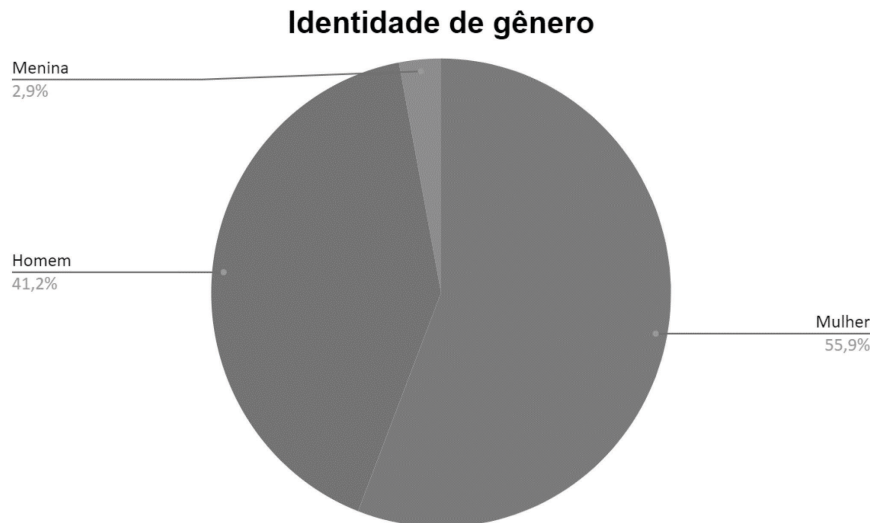


Gráfico 1: Gênero dos artistas

Fonte: elaboração das autoras (2020)

A raça ou etnia pode ser descrita em relação ao gênero dos artistas. Procuramos um perfil mais representativo possível dentro dos limites do projeto, prestando atenção ao gênero e à etnia do artista. Por exemplo, percebemos que os artistas negros eram todos masculinos e procuramos (com sucesso) convidar mais artistas negras a participar na antologia, com produções valiosas, mesmo assim a representação negra é muito restrita. Percebemos também pouca representação de produções literárias por indígenas e asiáticos, mas não conseguimos garantir uma produção mais significativa. No futuro, com acréscimo de novas produções literárias, esperamos um perfil ainda mais representativo de todas as raças.

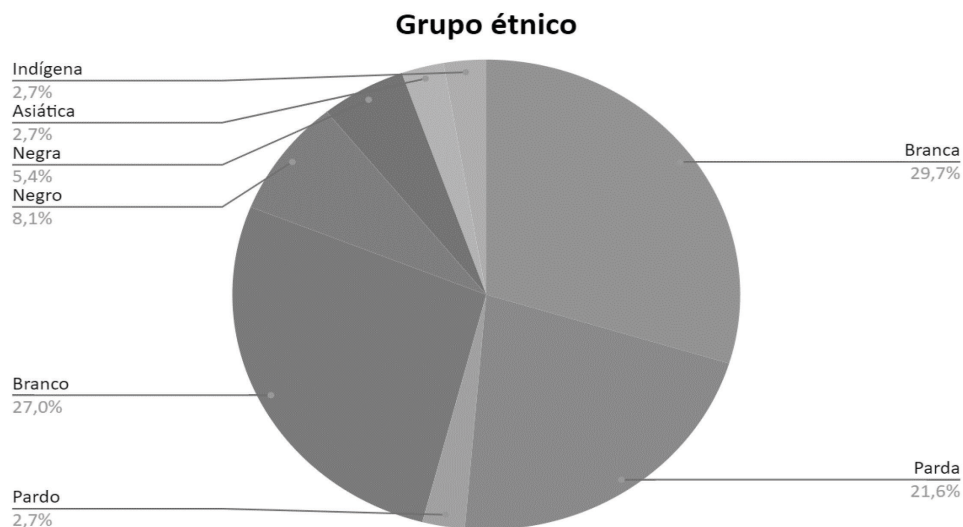


Gráfico 2: Etnias representadas

Fonte: elaboração das autoras (2020)

A antologia foi criada no sul do Brasil em Santa Catarina, mas o nosso objetivo era contar com uma antologia representando o país inteiro, com produções dos artistas brasileiros de todas as regiões. Não conseguimos exemplos literários de cada estado, mas nos esforçamos para ter uma amostra abrangente e conseguimos produções literárias de 12 estados brasileiros. Esperamos no futuro incluir mais produções de produções de outros estados.

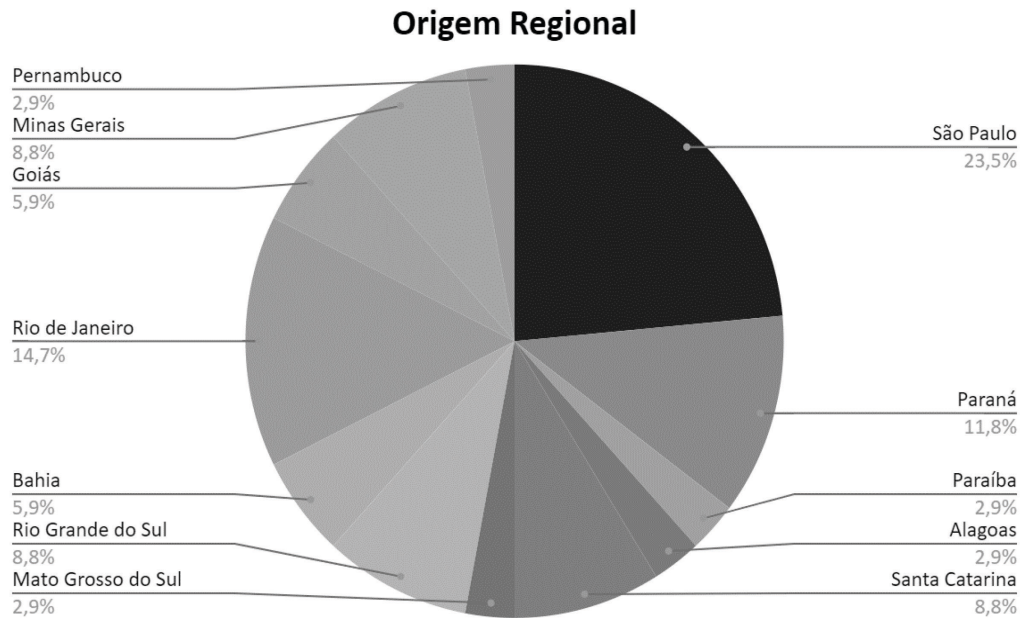


Gráfico 3: Estados brasileiros representados

Fonte: elaboração das autoras (2020)

Percebemos que a grande maioria dos artistas contam com formação para atuarem como ator ou poeta. Quase 60% já fez algum curso e estudou para ser ator ou poeta. Esse é um grande avanço em comparação com muitos países, mas ainda 40% não conta com formação e desenvolveram empiricamente suas habilidades criando as obras com base na experiência tradicional e cultural de participar na comunidade surda.

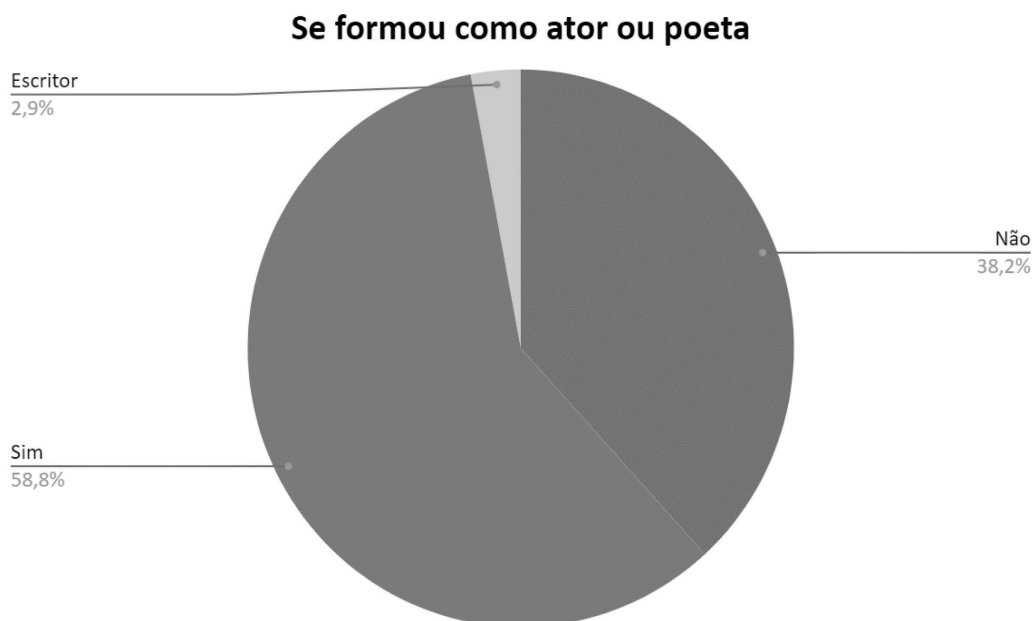


Gráfico 4: Formação para atuar como ator ou poeta

Fonte: elaboração das autoras (2020)

Nossa antologia está destinada principalmente (embora não exclusivamente) aos professores. Vimos que 65% dos artistas atuam ou já atuaram como professor. Com isso, vemos que a tradição de literatura surda pode passar às próximas gerações dos surdos a partir do ensino.



Gráfico 5: Se atua ou atuou como professor

Fonte: elaboração das autoras (2020)

A seguir, apresentamos a representação quanto aos gêneros literários e subgêneros integrantes da antologia. O gênero que apresenta maior incidência é o de poema dramático, seguido de poema dueto e poema homenagem.

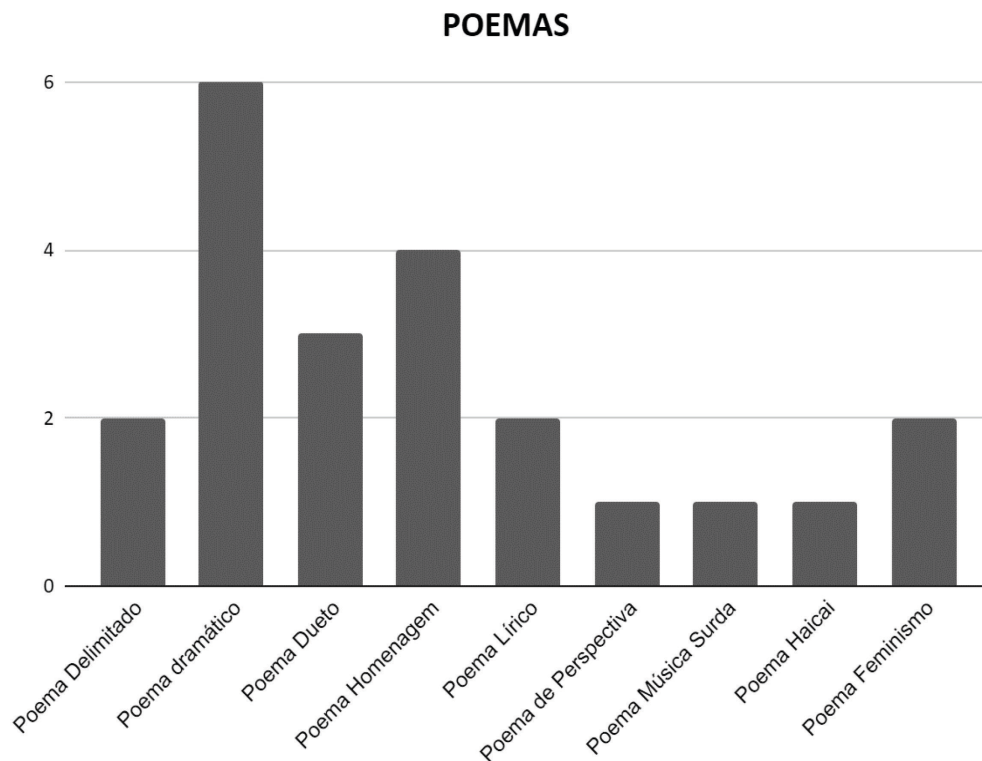


Gráfico 6: Gêneros literários e os subgêneros dos materiais poemas

Fonte: elaboração das autoras (2020)

O gráfico 7 apresenta os tipos de contos de origem não surda, ou seja, contos que foram adaptados ou traduzidos de contos escritos originalmente em Português. Na sequência, o gráfico 8 apresenta os tipos de contos de origem surda, ou seja, que foram criados por surdos.

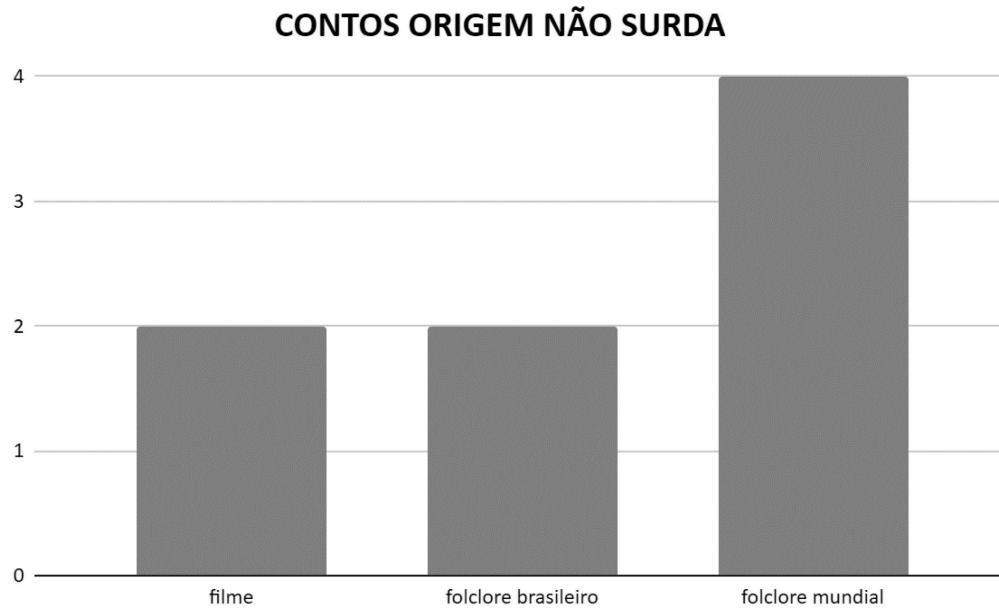


Gráfico 7: Contos de origem não surda

Fonte: elaboração das autoras (2020)

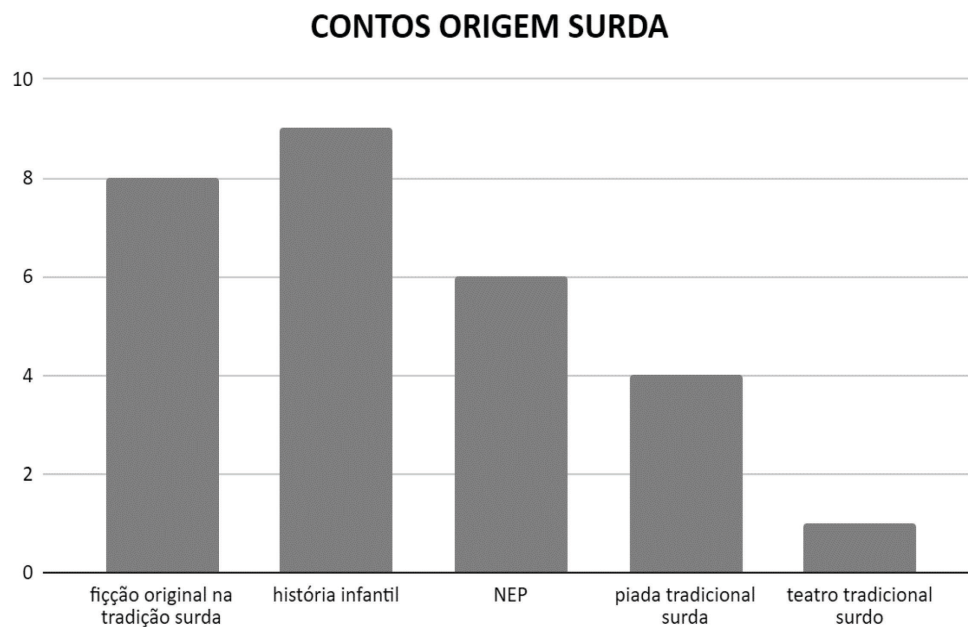


Gráfico 8: Contos de origem surda

Fonte: elaboração das autoras (2020)

Apesar de haver 52 exemplos de produções literárias em Libras, produzidos por artistas surdos de diversos perfis sociais, esperamos que isso seja apenas o início das antologias literárias em Libras.

7 CONCLUSÃO

Chegamos a uma antologia com uma seleção de obras em Libras memoráveis. A partir de todo o trabalho desenvolvido com as pesquisas realizadas, chegamos a 52 obras literárias em Libras. Concebemos uma ficha que compreendeu uma planilha com descrições que trazem elementos de análise literária de produções em Libras feitas por surdos com obras de origem surda e obras adaptadas ou traduzidas.

O material disponibilizado passa a servir de base e referência da Literatura em Libras, englobando vários estados do território nacional. Os registros regionais evidenciam características culturais locais caracterizando uma antologia de âmbito nacional.

A originalidade desta pesquisa fica caracterizada pelo processo de sua constituição que foi sendo determinada ao longo de sua constituição. Novas categorias foram criadas na medida em que nos deparamos com novas obras com suas características específicas. Procuramos honrar cada uma delas ao propor novas interpretações de registro e categorização, mas todas as descrições continuam sendo interpretações que partem da nossa perspectiva e podem ser criativamente reorganizadas. O fato de ser um dos primeiros trabalhos desta natureza faz com que sua forma represente iniciativas de organização literária que poderão ser aprimoradas em antologias futuras.

Decidimos separar as obras de origem surda das obras de origem não surdas porque percebemos diferenças nas temáticas e nas formas criativas de produção. Fizemos várias discussões em paralelo buscando registros filmados e realizando levantamentos. As obras disponibilizadas nesta antologia integram o Portal de Libras que é um espaço de domínio público, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Libras, Programas de Pós-Graduação em Linguística e Estudos da Tradução, em parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina, Unidade Bilíngue, Câmpus Palhoça.

A Antologia Literária em Libras está disponível como referência da Literatura Surda tanto para fins de pesquisa, como para ensino e lazer. Todos os interessados podem acessá-la para desfrutar das obras selecionadas e disponibilizadas por meio de produções em Libras. As famílias de surdos também podem aproveitar para “ler”, ou seja, “assistir” as obras para os seus filhos surdos. Este material apresenta várias possibilidades de uso podendo ser acessado livremente para diferentes fins.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8).

REFERÊNCIAS

A ARTE DE SINALIZAR. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artedesinalizar>. Acesso em: 02 fev. 2021.

ANTOLOGIA DA POÉTICA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. Disponível em: <https://antologiaslibras.wordpress.com>. Acesso em: 02 fev. 2021.

BAHAN, B. 'Face-to-face tradition in the American Deaf community. In: BAUMAN, H-D.; NELSON, J. ; ROSE, H. (org.). *Signing the body poetic*. California: University of California Press, 2006. p. 21-50.

BARROS, R. O.; VIEIRA, Saulo Zulmar. The Relationship between Text and Image on Literary Productions in Libras. *Sign Language Studies*, n. 20, n. 3, Spring 2020, p. 392-410.

BARROS, Thatiane do Prado. *Experiência de tradução poética de português/libras: três poemas de Drummond*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Tradutor, N. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BOSSE, T. O. H. *Literatura Surda no currículo das escolas de surdos*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- CAMPOS, K. de A. *Literatura de cordel em Libras: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CARTER, R. 2013. *Made by Hand*. 2013. DVD. Disponível em: www.bslpoetry.co.uk. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CASTRO, N. P. *Literatura em LSB*, LSB vídeo (DVD). Rio de Janeiro: Editora Abril e Dawn Sign Press, 1999.
- CASTRO, N. P. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA SURDOS (CES) - Rio Branco. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLBCE1E35CE2121DC8>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CIRILLIO, N. Anthologizing the Caribbean, or, Squaring Beaches, Bananas and Nobel Laureates. In: DI LEO, J. (ed.). *On anthologies: Politics and Pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004. p. 222-246.
- CLARK, J. L. (ed.). *Deaf American Poetry*. Washington DC: Gallaudet University Press, 2009.
- CORDEL EM LIBRAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCnawbM63PmSZpPnNWktq7AA>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CORPUS DE LIBRAS. Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CULTURA SURDA. Disponível em: <https://culturasurda.net/> Acesso em: 02 fev. 2021.
- DI LEO, J. Analyzing anthologies. In: DI LEO, J. (ed.). *On anthologies: politics and pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press. 2004. p.1-27.
- DOWNING, D. Theorizing the discipline and the disciplining of theory. In: DI LEO, J. (org.). *On anthologies: politics and pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004. p. 342-370.
- EMMERIK W. *Poezie in Gebarentaal 1*. Amsterdam: Het Komplex. 1995. Vídeo e DVD.
- EMMERIK, W. Bevogen. 2005. Disponível em: <http://www.geelprodukt.nl/motioning.html>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- FESTIVAL DE FOLCLORE SURDO 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130149>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- FESTIVAL DE FOLCLORE SURDO 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172842>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FESTIVAL DE FOLCLORE SURDO. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172842>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GIURANNA, R.; GIURANNA, G. Seven Poems in Italian Sign Language (LIS). Produzido por Rome: Graphic Service, Istituto di Psicologia, Consiglio Nazionale delle Ricerche, 2000. DVD.

GRAYBILL, P. *Poetry in motion*. Burtonsville, MD: Sign Media Inc. 1990.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. *Cinderela surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. *Rapunzel surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 407-413, 2013.

KARNOPP, L.; BOSSE, R. H. Mãos que dançam e traduzem: poemas em língua brasileira de sinais. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 54, p. 123-141, 2018.

KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (org.). *Cultura surda na contemporaneidade*. Canoas: Editora ULBRA, 2011.

KARNOPP, L.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. *Educar em Revista*, Curitiba; Editora UFPR, Edição Especial, n. 2, p. 93-109, 2014.

KLAMT, M. M. *O ritmo na poesia em língua de sinais*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014a.

KLAMT, M. M. *Sonoridade visual e sinalização artística em Língua Brasileira de Sinais*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

KLAMT, M. M. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. *Revista Belas Infêis*, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014b.

KRENTZ, C. (org.). *A mighty change: an anthology of deaf american writing 1816-1864*, Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2000.

LEITCH, V. Ideology of Headnotes. In: DI LEO, J. (org.). *On anthologies: politics and pedagogy*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004. p. 373-383.

LIBRANDO. Disponível em: <https://librando.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://portal.libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.

LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LUCZAK R. (org.). *Eyes of desire, a deaf gay & lesbian reader*. New York: Alyson Publications, 1993.

MACHADO, F. de A. *Simetria na poética visual na Língua de Sinais Brasileira*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

- MACHADO, F. *Poesia Árvore de Natal*. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2005. DVD.
- MACHADO, F.de A. *Antologia da poética de Língua de Sinais Brasileira*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- MÃOS AVENTUREIRAS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- MÃOS LITERÁRIAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCAOnpOwKtOtu5wx5jVyR9KA/playlists>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- MARQUEZI, L. *Literatura surda: o processo da tradução e transcrição em SignWriting*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- MAZZA, C. Finding the Chic in Lit. In: DI LEO, J. (ed.). *On Anthologies: Politics and Pedagogy*. Nebraska: University of Nebraska Press, 2004. p. 155-169.
- MILES, D. *Bright memory*. Doncaster: British Deaf History Society, 1998.
- MILES, D. *Gestures: Poetry in Sign Language*. Northridge, CA: Joyce Motion Picture Co, 1976.
- MONTGOMERY, G. (org.). *Language for the eye: anthology of deaf writing and publishing*. Edinburgh: Scottish Workshop Publications, 1996.
- MOURÃO, C. H. N. *A fábula da Arca do Noé*. Ilustrações Cathe de León. Porto Alegre: Cassol, 2014.
- MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MOURÃO, C. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (org.). *Cultura Surda na contemporaneidade*. Canoas: Editora ULBRA, 2011. p. 71-90.
- MOURÃO, C.; KLEIN, A. *As luvas mágicas do Papai Noel*. Adaptação Cathe de Leon, Léis Cassol. Ilustrações Gisele Federissi Barcellos. Porto Alegre: Cassol, 2012.
- NATHAN LERNER, M.; FEIGEL, D. *The heart of the hydrogen jukebox*. New York: Rochester Institute of Technology, 2009. DVD.
- O SOM DAS PALAVRAS – antologia literária. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2003.
- OLIVEIRA, R. *Meus sentimentos em folhas*. Rio de Janeiro: Editora Litteris. 2005.
- PANARA, R.; TARAS, D. B.; MCFARLANE, J. H. (org.). *The silent muse: an anthology of prose and poetry by the Deaf Gallaudet College Alumni Association* Washington. [s. n.], Washington, 1960.
- PARAN, A. The role of literature in instructed foreign language learning and teaching: An evidence-based survey. *Language Teaching*, v. 41, n. 4, p. 465-496, 2008.
- PEIXOTO, J. *O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- PEREIRA, S. *Piada em Libras*. [S.l.: s.n.], 2009. DVD.

- RAMOS, C. R. *Tradução cultural: uma proposta de trabalho para surdos e ouvintes. Reflexões sobre trabalho de tradução de textos da literatura para a LIBRAS, realizado na Faculdade de Letras da UFRJ entre os anos de 1992 a 2000.* Rio de Janeiro: Arara Azul, 2000.
- RENNIE, D. *Poetry in motion.* Burtonsville, MD: Sign Media Inc. 1990. DVD.
- REPOSITÓRIO DA UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/176559>.
- RESENDE, L. S. *Tradução teatral: produzindo em Libras no teatro surdo.* 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- ROSA, F.; KARNOPP, L. *Adão e Eva.* Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSA, F.; KARNOPP, L. *Patinho surdo.* Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSE, Heidi. The poet in the poem in the performance: the relation of body, self, and text in ASL literature. In: BAUMAN, H; NELSON, J; ROSE, H (org.). *Signing the Body Poetic.* California: University of California Press, 2006. P. 130-146.
- RYAN, S. 'Let's Tell an ASL Story'. In: GALLAUDET UNIVERSITY COLLEGE FOR CONTINUING EDUCATION. *Conference Proceedings...* Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 1993.
- SCOTT, P. *BSL Sign Poetry.* Coleford, Glos: Forest. 2006. DVD.
- STREMLAU, T. M. (org.). *The Deaf Way II Anthology: A literary collection by deaf and hard of hearing writers.* Washington DC: Gallaudet University Press, 2000.
- SUTTON SPENCE, R. *Literatura em Libras.* Rio de Janeiro: Arara Azul, Editora Arara Azul. No prelo.
- SUTTON SPENCE, R. Literatura surda feita por mulheres. In: SILVA, A. et al. (org.). *Literatura e artes, teoria e crítica feitas por mulheres.* Instituto Brasil Multicultural de Educação e Pesquisa – IBRAMEP: Campos dos Goytacazes, 2019. p142-166.
- SUTTON-SPENCE, R. Teaching Sign Language Literature in L2/Ln Classrooms. In: ROSEN, R. (org.). *Routledge handbook of sign language pedagogy.* Abingdon: Routledge, 2020. p. 233-246.
- SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. *Introducing sign language literature: creativity and folklore.* Basingstoke: Palgrave Press, 2016.
- TV INES. Disponível em: http://tvines.org.br/?page_id=12. Acesso em: 02 fev. 2021.
- VALLI, C. *Poetry in motion.* Burtonsville, MD: Sign Media Inc. 1990.
- VIEIRA, S. *A produção narrativa em Libras: uma análise dos vídeos em Língua Brasileira de Sinais e da sua tradução intersemiótica a partir da linguagem cinematográfica.* 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.



Recebido em 21/09/ 2020. Aceito em 08/10/2020.

GRAMÁTICA DE LIBRAS: QUESTÕES METODOLÓGICAS

GRAMÁTICA DE LIBRAS: CUESTIONES METODOLÓGICAS

LIBRAS GRAMMAR: METHODOLOGICAL ISSUES

Ronice Müller de Quadros*

Universidade Federal de Santa Catarina

Jair Barbosa da Silva**

Universidade Federal de Alagoas

Miriam Royer***

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Por que fazer descrições gramaticais de línguas de sinais? Por que descrever a gramática da língua brasileira de sinais – Libras? Os estudos linguísticos da Libras iniciaram na década de 90 (FERREIRA-BRITO, 1995) e começaram a ter mais evidência depois da Lei de Libras - 10.436/2002 - e da criação dos cursos de Letras Libras, em 2005. No entanto, os estudos desta língua iniciam-se com descrições linguísticas a partir de dados individuais, “ideais” (CHOMSKY, 1986) por não haver um *corpus* linguístico disponível, a exemplo do *Corpus* de Libras. Os trabalhos são pontuais e abordam questões específicas da língua. Metodologicamente, essas pesquisas esbarram no fato de se depararem com sinalizantes que apresentam grande variação entre si quanto ao processo de aquisição da língua. Diante da diversidade aquisicional da Libras no Brasil, torna-se fundamental constituir estudos gramaticais dessa língua de modo consistente e robusto, baseado em *corpora* representativos da diversidade linguística do país. A descrição gramatical da Libras faz-se necessária para oferecer uma compreensão da língua para professores de língua de sinais de crianças surdas, para formação de professores de Libras e tradutores e intérpretes, assim como para profissionais da área da linguagem que necessitam de conhecimento da língua para indicarem planos de intervenção linguística para pessoas surdas. O objetivo deste artigo é apresentar aspectos metodológicos a serem considerados na constituição de gramáticas de línguas de sinais, com foco na elaboração de gramáticas da Libras, com dados do *Corpus* de Libras, usando a ferramenta *SignGram Blueprint*, desenvolvida para descrever línguas de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Descrição gramatical. Gramática da Libras. Metodologia para construção de gramática.

* Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

** Professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: jair.silva@fale.ufal.br.

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: miriam15royer@gmail.com.

RESUMEN: ¿Por qué hacer descripciones gramaticales de lengua de señas? ¿Por qué describir la gramática de la lengua de señas brasileña - Libras? Los estudios lingüísticos de Libras iniciaron en los años 90 (FERREIRA-BRITO, 1995) y empezaron a tener más visibilidad a partir de la Ley de Libras - 10.436/2002 - y de la creación de los cursos de Letras Libras en 2005. Sin embargo, los estudios de esta lengua se inician con descripciones lingüísticas basadas en datos individuales, “ideales” (CHOMSKY, 1986) al no existir un *corpus* lingüístico disponible, como el *Corpus* de Libras. Los trabajos son puntuales y abordan cuestiones específicas de la lengua. Metodológicamente, estas investigaciones se topan con el hecho de que encuentran usuarios que muestran una gran variación entre sí en cuanto al proceso de adquisición de la lengua. Dada la diversidad de adquisición de Libras en Brasil, es fundamental establecer estudios gramaticales de esta lengua de manera consistente y robusta, basados en *corpus* representativos de la diversidad lingüística del país. La descripción gramatical de Libras es necesaria para ofrecer una comprensión de la lengua a los profesores que enseñan lengua de señas a niños sordos, para la formación de profesores de Libras, traductores e intérpretes, así como para los profesionales del lenguaje que necesitan conocimientos de la lengua al orientar planes de intervención lingüística para personas sordas. El objetivo de este artículo es presentar aspectos metodológicos que deben ser considerados en la constitución de gramáticas de lenguas de señas, enfocándose en la elaboración de las gramáticas de Libras, con datos del *Corpus* de Libras, utilizando la herramienta *SignGram Blueprint*, desarrollada para describir las lenguas de señas.

PALABRAS CLAVE: Descripción gramatical. Gramática de Libras. Metodología para la elaboración de gramática.

ABSTRACT: Why should we have to do grammatical descriptions of sign languages? Why do we need to describe the grammar of the Brazilian sign language - Libras? Libras linguistic studies started in the 90's (FERREIRA-BRITO, 1995), but it began to have more evidence after the Libras Law 10,436/2002, and the creation of Letras Libras courses, in 2005. However, studies of this language with linguistic descriptions were based on the signer's intuition (CHOMSKY, 1986), because there was no linguistic corpus available, like we have nowadays, the Corpus of Libras. The works were punctual and addressed specific language issues. Methodologically, these researches revealed that signers show great variation among themselves in terms of their language acquisition process. Considering this diversity in Brazil, it turned out to be essential to establish grammatical studies of this language in a consistent and robust manner, based on representative corpora of the Libras linguistic diversity. The actual grammatical description of Libras is necessary to provide an understanding of the language for sign language teachers of deaf children, for the training of Libras teachers and translators and interpreters, as well as for language professionals who need knowledge of the language to indicate language intervention plans for deaf people. The goal of this article is to present methodological aspects to be considered in the constitution of sign language grammars, focusing on the development of Libras grammar, with data from the Corpus of Libras, using the SignGram Blueprint tool developed to describe sign languages.

KEYWORDS: Grammatical description. Grammar of Libras. Grammar development methodology.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro curso de Letras Libras no Brasil foi criado em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Considerando o inevitável impacto social e político que um curso superior impõe a seus usuários e à sociedade como um todo, o fato de a Libras passar a compor a agenda de estudos em nível superior na universidade brasileira trouxe à tona uma série de importantes questões:

1. Qual o estado da arte da descrição da Libras no Brasil?
2. Como era o uso, a gramática e os aspectos culturais da Libras em períodos anteriores (há 10, 20, 30, 40, 50... anos atrás?)
3. Como fazer pesquisa para uma língua em que não há registros escritos sobre ela e, ademais, sendo uma língua de modalidade visuo-espacial?
4. Como ensinar essa língua? Qual o seu papel nas escolas? Qual material didático usar? Há material voltado para cada nível de ensino (Educação Infantil, Ensinos Fundamental, Médio e Superior? Quem deve ensinar esta língua? Qual a formação requerida?
5. Qual(is) metodologia(s) usar para a pesquisa e para o ensino da Libras?

Muitas são as perguntas, poucas as respostas. A Libras, em termos de espaço acadêmico, pode ser considerada embrionária no que concerne à pesquisa e ao consequente desenvolvimento de recursos voltados para a própria pesquisa e para o ensino. A partir de

2011, por meio do Plano Nacional de Direitos da Pessoa com Deficiência, referido como Programa Viver sem Limites, o curso de Letras-Libras, inicialmente proposto e implantado pela/na UFSC, é expandido para cerca de 27 universidades brasileiras. Paradoxalmente, se por um lado pode-se reconhecer uma excelente conquista político-educacional, sobretudo, um grande ganho para as pessoas surdas, por outro, há de se reconhecer a enorme carência de recursos materiais e humanos com que estes cursos foram implantados no Brasil.

Os cursos criados, desde então, demandam materiais disponíveis sobre a Libras, em especial de livros textos, teóricos e aplicados, bem como, de gramáticas que descrevam e expliquem os fenômenos linguísticos desta língua. Além disso, o fato de estar instituída uma educação bilíngue para surdos faz com que os professores busquem por materiais sobre a Libras para subsidiar um currículo de ensino desta língua como L1 (para os alunos surdos) e como L2 (para os alunos ouvintes) nas universidades e nas escolas bilíngues (Libras e Língua Portuguesa).

A partir disso, torna-se relevante o desenvolvimento de gramáticas da Libras abrangendo alguns níveis linguísticos específicos. Esta gramática torna-se possível neste momento, considerando os estudos que já foram realizados ao longo dos anos no Brasil (tais como, QUADROS, 1999; QUADROS; KARNOPP, 2004; ARROTÉIA, 2005; XAVIER, 2006; 2014; LEITE, 2008; NASCIMENTO, 2009; SILVA, 2013; FERREIRA, 2013; MIRANDA, 2014; LOURENÇO, 2014; ANDRADE, 2015; QUADROS; PIZZIO, 2015; SABANAI, 2016; XAVIER; NEVES, 2016), assim como, diante do Inventário Nacional de Libras, que conta com produções em Libras devidamente transcritas e anotadas (por exemplo, CNPQ Processos 234255/2013-7; 303725/2013-3; 471355/2013-5; 304102/2010-5; 471478/2010-5; e Ministério da Cultura, IPHAN, parceria IPOL/UFSC 2016-2018, QUADROS et al. 2018) e o desenvolvimento do Portal de Libras (LIBRAS, 2020) que inclui parcerias com vários pesquisadores brasileiros e internacionais para descrever a Libras (CNPQ Processo 440337/2017-8).

A primeira gramática da Libras resultante de nossas pesquisas apresenta uma versão em Libras que estará disponível no Portal de Libras (LIBRAS, 2020), com acesso público, na interface voltada para professores da rede pública e privada brasileira, portal que estará disponível no âmbito de um projeto que conta com financiamento do CNPQ (Processo 440337/2017-8). Para o desenvolvimento desta primeira gramática na versão em Libras, foram estabelecidos aspectos metodológicos que serão apresentados neste artigo.

2 CORPUS DE LIBRAS

2.1 O QUE É CORPORA DE LÍNGUAS?

Corpora de línguas são registros de diferentes gêneros textuais escritos e falados de diferentes línguas. Segundo O’Keeffe e Maccarthy (2010), a ideia de *corpus* de uma língua começou em 1960 com os estudos lexicográficos. Com o avanço da tecnologia, os *corpora* começaram a ser compilados com o uso de computadores. A exemplo disso, os autores citam o primeiro *corpus* do inglês que foi coletado e organizado na Brown University com um milhão de palavras do inglês de textos literários. A partir de 1970, já havia vários *corpora* de línguas sendo estabelecidos. Maccarthy e O’Keeffe mencionam que os *corpora* servem para disponibilizar dados linguísticos em quantidade para possibilitar a verificação de padrões que são usados. Assim sendo, a linguística de *corpus* viabiliza o acesso a grandes quantidades de dados para que os linguistas possam explicar os fenômenos linguísticos. A tarefa do linguista passa, então, a ser a elaboração de metodologias confiáveis para descrever e dar conta dessas evidências linguísticas a partir de dados disponibilizados em *corpora* de línguas diversas. Os autores ainda discutem a questão do tamanho do *corpus*. Há um movimento na linguística de *corpus* de *megacorpora* para *minicorpora*, no sentido de organização de um *corpus* específico para atender a determinados objetivos, conforme a proposta da pesquisa. Além disso, com a revolução da internet, cada vez mais temos acesso a diferentes *corpora* que vão de monomodal a multimodal, ou seja, os dados linguísticos incluem além da informação verbal ou escrita, informações *corporais*, imagéticas, sonoras e, em algumas circunstâncias, até táteis e olfativas.

Os autores definem *corpus* como compêndio linguístico de um texto (*parole*) com evidências para a compreensão sobre a língua (*langue*) com dois objetivos centrais: (1) verificar a extensão de um padrão encontrado (valor descritivo) e (2) analisar os fatores

contextuais que influenciam a variabilidade (valor explicativo). Esses objetivos exigem a identificação e a análise de ocorrências no uso da língua e, para conclusões mais abrangentes sobre um fenômeno linguístico, é necessária uma grande quantidade de dados de diferentes usuários da língua. Esses são alguns dos problemas metodológicos levantados por Maccarthy e O’Keeffe (2010).

2.2 O CORPUS DA LIBRAS

Para a elaboração das gramáticas da Libras, usamos um *corpus* partindo do princípio de que este compreende um banco de produções de uma língua organizado por diferentes tipos e gêneros textuais sinalizados para fins de registro da língua. No caso específico do *corpus* em questão, o *Corpus de Libras* (2020), temos vários conjuntos de produções da Libras organizados a partir de projetos de pesquisa com diferentes propostas, mas todos têm em comum o registro de interações em Libras seguindo a metodologia do Inventário Nacional da Libras (ver Quadros, Silva, Machado e Ludwig, neste dossiê), por meio de filmagens em vídeo e transcrições usando o Sistema de Anotação Eudico – ELAN [<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>] (QUADROS, 2016).

O material do *Corpus* de Libras já transcrito e traduzido está sendo usado como referência da descrição de aspectos linguísticos da primeira versão da Gramática da Libras, em Libras, apresentada neste artigo.

3 GRAMÁTICAS DE LÍNGUAS DE SINAIS

3.1 GRAMÁTICAS DE LÍNGUAS DE SINAIS NA EUROPA: PROJETO SIGNGRAM BLUEPRINT

O *SignGram Blueprint* (2020) é uma ferramenta desenvolvida no escopo de um projeto chamado *SignGram COST Action* (IS1006) que objetiva mapear as gramáticas das línguas de sinais europeias, considerando que este mapeamento permite a cidadania de sinalizantes surdos e a proteção de suas heranças linguísticas. COST é uma rede europeia com atividades de pesquisas nacionais que promovem e financiam projetos científicos com um objetivo específico. O *SignGram COST Action* foi um projeto conduzido no período de 2011 a 2015 para criar o *Blueprint*. Foi um projeto que reuniu 13 países europeus. O *Blueprint* é uma ferramenta de *open-access* podendo ser acessada por quaisquer interessados para escrever gramáticas de línguas de sinais. O *Blueprint* compreende um manual e um *checklist* que orienta o processo de elaboração da gramática.

Após o desenvolvimento da ferramenta, os pesquisadores aprovaram um novo projeto de pesquisa, o SIGN-HUB (2016-2020) para disponibilizar *online* as seguintes gramáticas de línguas de sinais: Língua de Sinais Alemã, Língua de Sinais Italiana, Língua de Sinais Espanhola, Língua de Sinais Catalã, Língua de Sinais Holandesa e Língua de Sinais Turca (SIGN-HUB, 2020).

A Língua Brasileira de Sinais se integra a esta proposta, iniciando a descrição gramatical de alguns dos aspectos compreendidos no *checklist* do *SignBram Blueprint*. Os aspectos abordados iniciam com uma contextualização sociolinguística das práticas linguísticas que compreendem a Libras, a formação dos sinais, a formação das sentenças, a formação dos textos (aspectos relacionados à coesão e coerência, gêneros discursivos e produções criativas).

3.2 GRAMÁTICA DA LIBRAS

Há algumas publicações no Brasil que são referidas como estudos gramaticais da Libras (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; Série de *Estudos da Língua de Sinais*, volumes 1, 2 e 3).

No entanto, tais publicações apresentam apenas alguns dos aspectos linguísticos específicos que serão abordados na gramática da Libras proposta nesta pesquisa. Segue um quadro síntese destas publicações:

Publicação	Síntese
Ferreira-Brito (1995)	<p>Neste livro, Ferreira-Brito apresenta a primeira descrição da Libras. A autora apresenta aspectos gerais da fonologia, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe. Os aspectos linguísticos abordados compreendem a negação, os pronomes e os classificadores. No nível lexical, a autora aborda empréstimos linguísticos em Libras. A autora também apresenta uma análise das modalidades epistêmicas e deodônticas da Libras. A autora discute aspectos metodológicos da pesquisa da Libras, incluindo uma primeira proposta de um sistema de transcrição de enunciados e textos em línguas de sinais. No capítulo final, a autora apresenta uma comparação inicial entre a Libras e a Língua de Sinais Kaapor Brasileira. A obra compreende o primeiro registro de aspectos gramaticais realizado sobre a Libras no país.</p>
Quadros e Karnopp (2004)	<p>Quadros e Karnopp (2004) iniciam a obra com uma discussão sobre o estatuto linguístico da Libras. A partir disso, introduzem uma análise de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. As análises resultam das teses das autoras que apresentam descrições detalhadas sobre os aspectos linguísticos abordados. No nível fonológico, as autoras apresentam uma análise dos fonemas que constituem a Libras e, também, de processos fonológicos que se aplicam à Libras. No nível morfológico, foram abordados, de maneira geral, aspectos quanto aos processos de formação dos sinais, considerando os processos derivacionais e os flexionais. No nível sintático, é apresentada uma análise detalhada das estruturas das frases da Libras, compreendendo uma descrição da composição da sentença e dos diferentes tipos de estruturas: negativas, interrogativas polar, interrogativas QU, condicionais, tópico e foco.</p>
Quadros, Stumpf e Leite (2013) <i>Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais</i> , volume I	<p>A Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais compreende produções de pesquisa de vários autores brasileiros em duas áreas de investigação: (1) Linguística e Estudos da Tradução. Os diferentes estudos descritos compreendem temas específicos de dissertações e teses em diferentes programas brasileiros. Os fenômenos linguísticos compreendem aspectos específicos variados, tais como, a organização de morfemas livres e presos na Libras (NASCIMENTO, 2013); uma análise do sistema quantificacional na Libras (FINAU, 2014), indicadores de formalidades na Libras (Silva, 2011); simetria e ritmo na Libras (KLAMT, 2014); estrutura narrativa na Libras (NEVES, 2013).</p>
Stumpf, Quadros e Leite (2014) <i>Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais</i> , volume II	

Além destas publicações, há dissertações e teses sobre a Libras produzidas a partir da década de 90, com uma grande intensificação dos estudos depois da virada do milênio (QUADROS, 2013). Foi realizado um levantamento de teses e dissertações que estão contempladas na gramática da Libras em Libras (com publicação prevista para o segundo semestre 2020) por meio de um apêndice incluindo todos os resumos dos trabalhos concluídos do âmbito da linguística traduzidos para a Libras.

4 METODOLOGIAS QUE NORTEIAM A ELABORAÇÃO DAS GRAMÁTICAS DA LIBRAS

Uma metodologia para constituição de uma gramática de línguas de sinais parte de dados que constituem o *corpus* que serve de referência para a sua produção. As gramáticas da Libras que estamos desenvolvendo se constituem a partir de vários estudos com diferentes autores e *corpora* da Libras, mas sempre sendo corroborada por meio dos dados que constituem o *Corpus* da Libras do Inventário Nacional de Libras (ver descrição no artigo Inventário Nacional de Libras de Quadros, Silva, Machado e Ludwig, neste dossiê). Também estamos utilizando as referências de constituição de gramáticas de outras línguas de sinais, tais como a proposta metodológica do *SignGram Blueprint* que integra um projeto europeu de elaboração de gramáticas das línguas de sinais europeias.

4.1 METODOLOGIA DO SIGNGRAM BLUEPRINT

O *SignGram Blueprint* é uma ferramenta para ser usada pelo linguista que irá descrever uma língua de sinais. Segundo Quer e Cecchetto (2014), o *SignGram Blueprint* foi desenvolvido com uma lista exaustiva para inventariar de aspectos gramaticais a serem descritos. Os autores se inspiraram no questionário de estudos linguísticos descritivos de Comrie e Smith (1977), mas sofisticaram a ferramenta, incluindo informações adicionais ao documento para orientar o linguista na descrição das línguas, a exemplo de materiais para eliciar dados. A ferramenta consiste de dois componentes principais: (a) uma tabela de conteúdos e (b) um manual de instruções. A tabela de conteúdos apresenta uma lista para ser verificada pelo linguista, item a item, na língua a ser descrita. O manual é um guia com instruções e informações mais detalhadas sobre cada aspecto listado para verificação na gramática da língua. Quer e Cecchetto (2014) conceberam estes componentes no sentido de incluir uma descrição e definição de cada aspecto gramatical, apresentação de exemplos representativos da língua de sinais, testes que podem ser usados para identificar cada fenômeno linguístico descrito, materiais disponíveis sobre eliciação de dados linguísticos e referências bibliográficas.

O *Blueprint* está organizado a partir de níveis linguísticos principais (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), bem como no nível lexical. Esta ferramenta está disponível abertamente por meio de um documento eletrônico que inclui também exemplos em vídeo de diferentes línguas de sinais. Segue um exemplo destas listas.

Part3 Lexicon

Chapter 1. The native lexicon

Core lexicon
 Non-core lexicon
 Classifier constructions
 Pointing
 Buoys
 Interaction between core and non-core lexicon
 Lexicalization processes
 Modification of core lexicon signs
 Simultaneous constructions and use of the non-dominant hand

Quadro 1: Exemplo da lista de itens a serem considerados no escopo lexical

Fonte: *SignGram Blueprint* (2020)

No guia do *SignGram Blueprint*, aparece o detalhamento e as orientações relativas a esta lista. O detalhamento apresenta uma introdução sobre o que significa realizar uma descrição gramatical e de como usar o *Blueprint*. Cada nível linguístico apresenta seções de introdução, informações gerais, definições, classificações e sugestões de como implementar a descrição com possíveis desafios com que o linguista pode se deparar. Após esta parte, há também materiais de eliciação do nível linguístico abordado. O guia aborda os níveis linguísticos de forma exaustiva, mas cabe ao pesquisador tomar as decisões do que incluir na gramática a ser descrita. O guia também inclui um glossário que orienta os linguistas quanto à terminologia empregada. Segue um trecho do manual referente à Parte 3 listada acima sobre o Léxico:

Chapter 1. The native lexicon

Definitions and challenges

What is the native lexicon?

The native lexicon includes all signs developed within that language. [...]

In order to study the native lexicon of a sign language, it is necessary to have a basic understanding of the language's phonology, and much of this work will be covered in the phonology part of the grammar. [...]

A series of properties characterize and differentiate the core and non-core lexicon, based on phonological, morphosyntactic, and semantic criteria. Johnston & Schembri (1999) propose following list for Auslan:

Table Lexicon-1: Properties that characterize signs in the core and the non-core lexicon (adapted from Table 1 in Johnston & Schembri (1999:136)

Core lexicon	Non-core lexicon
Phonologically restricted in parameters and structure (subject to phonological constraints, e.g. the dominance condition)	Makes use of a wider range of parameters and frequently violates phonological constraints.
Space is exploited as the phonological parameters of location of movement.	Space and movement are used topographically/isomorphically.
Subunits are discrete and categorical; variation is allophonic.	Forms exhibit gradience: variations in form create changes in meaning.
[...]	[...]

Quadro 2: Exemplo do manual do *SignGram Blueprint*

Fonte: *SignGram Blueprint* (2020)

A seguir, será apresentada a metodologia que usamos na constituição da Gramática da Libras, em Libras, que também compreenderá uma versão da Gramática da Libras no formato impresso (em elaboração).

4.2 DESCRIÇÕES METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DAS GRAMÁTICAS DA LIBRAS

A presente pesquisa está utilizando os dados do *Corpus* de Libras, especificamente do Inventário Nacional de Libras dos surdos como referência. Esse inventário foi constituído seguindo a proposta do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2020), do Ministério da Cultura. Na proposta do INDL, há guias que apresentam uma metodologia para inventariar as línguas brasileiras. Nós utilizamos essa metodologia do INDL, que inclui as pessoas de referência de uma dada comunidade linguística – no nosso caso, os surdos de referência. Essas pessoas são consideradas referências por serem lideranças, por serem conhecedoras profundas das línguas e manifestações culturais, sociais e políticas das comunidades linguísticas a que pertencem. Assim, foram 35 surdos de referência que integraram o Inventário Nacional da Libras (QUADROS *et al.* 2018).

Os surdos de referência que integram o Inventário Nacional de Libras participaram de um Seminário e de uma formação sobre o INDL com o objetivo de serem agentes multiplicadores do registro da Libras no Brasil (Seminário 8 e 9 de maio de 2017). Além da formação, esses surdos participaram de filmagens, que compreenderam entrevistas sobre sua inserção na comunidade surda, narrativas e produção de vocabulário. Esse material está disponível na página do *Corpus* de Libras (QUADROS *et al.*, 2020).

Os dados produzidos em Libras pelos surdos de referência foram transcritos compreendendo 1.093 horas e 11 minutos de produções em Libras, com 80.050 sinais transcritos produzidos com a mão direita e mais 49.478 sinais transcritos produzidos com a mão esquerda dos surdos de referência, 13.620 sinais transcritos de sinais produzidos com a mão direita e 6.036 sinais produzidos com a mão esquerda do interlocutor.

A partir desse material com base no uso da Libras e considerando também aspectos da metodologia do *SignGram Blueprint*, constitui-se a descrição gramatical dos seguintes aspectos da Libras:

- Aspectos sócio-históricos (a comunidade de sinalizantes da Libras, o estatuto da Libras, o estudo linguístico, variação sociolinguística);
- Nível fonológico: estrutura sublexical (articuladores ativos, locação, movimento, marcadores não-manuais, prosódia, processos fonológicos);
- Nível lexical: o léxico nativo e o léxico não nativo (classificadores, apontação, bóias, soletração, sinais iniciados com letras do alfabeto manual, articulação da boca, empréstimos); classes de palavras (nome, verbo, adjetivos, advérbios, pronomes, conjunções, numerais, quantificadores, partículas, interjeições);
- Nível morfológico: composição, derivação, flexão verbal, flexão nominal, classificadores;
- Nível sintático: tipos de sentença (declarativas, interrogativas, imperativas, exclamativas, negativas.); estrutura frasal (estrutura argumental e transitividade, tipos de predicados, predicação não-verbal, existenciais e possessivos, funções gramaticais – sujeito e objeto – argumentos e adjuntos, ordem das palavras, argumentos nulos, cópia do pronome); parataxe, hipotaxe e encaixadas (marcações manuais e não-manuais, orações relativas, orações adverbiais, condicionais, orações temporais, orações locativas, orações de maneira, orações concessivas, orações adjetivas, orações abolitivas, orações comparativas);
- Nível textual: coesão e coerência, estrutura da narrativa, gêneros textuais, usos criativos da Libras.

Estamos incluindo também uma seção específica para abordar o uso dos espaços na Libras, considerando o uso do espaço abstrato, uso do espaço topográfico, expressões temporais, perspectiva, para a versão impressa.

Também estão sendo consideradas as pesquisas já realizadas pelos pesquisadores brasileiros em diferentes universidades do país que resultaram em dissertações e teses com análises de aspectos gramaticais específicos, bem como publicações em periódicos de

resultados de pesquisas. Até o presente foram coletados os seguintes trabalhos que contemplam os níveis linguísticos que serão incluídos na gramática da Libras proposta no escopo do projeto:

Aspectos sócio-históricos	(PERLIN, 1998; MIRANDA, 2001; STROBEL, 2008; DINIZ, 2010; QUADROS E CAMPELLO, 2010; CAMPELLO, 2011; SCHMITT, 2013; QUADROS, 2015; QUADROS, 2017a)
Nível fonológico	(KARNOPP, 1994, 1999; XAVIER, 2006, 2014)
Nível lexical	(NASCIMENTO, 2009; PIZZIO, 2011; OLIVEIRA, 2015)
Nível morfológico	(BERENZ, 1996; FINAU, 2004; FINAU E MAZZUCHETTI, 2015; QUADROS, 2004; NASCIMENTO, 2009; SILVA, 2010; QUADROS; QUER, 2010; DEDINO, 2012; FERREIRA, 2013; XAVIER; NEVES, 2016; WANDERLEY, 2017)
Nível sintático	(QUADROS, 1995, 1999; FERREIRA-BRITO, 1995; FELIPE, 1998, 2006; ARROTÉIA, 2005; PIZZIO, 2006; NUNES; QUADROS, 2008; LEITE, 2008; SILVA, 2013; MIRANDA, 2014; LOURENÇO, 2014; ANDRADE, 2015; SABANAI, 2016; ROYER 2019).
Espaço na língua de sinais	(QUADROS, 1995; BERENZ, 1996; LEITE, 2008; CAMPELLO, 2008; SILVA, 2011; LUCHI, 2013)

Quadro 3: Pesquisas realizadas sobre a Libras que serão contempladas na gramática geral da Libras

Fonte: a autoria

A tarefa está compreendendo a validação das pesquisas com os dados do *Corpus* de Libras e a análise documental de todas estas pesquisas em uma publicação para disponibilizar um material acessível devidamente organizado. Assim, a partir do conjunto dessas pesquisas já realizadas, a análise dos dados do *Corpus* de Libras e o levantamento com base no *SignGram Blueprint* será, então, concluída uma gramática geral da Libras, abrangendo os aspectos linguísticos já mencionados para ser disponibilizada à comunidade.

A proposta foi de compor uma primeira versão da gramática da Libras em Libras que será apresentada na próxima seção. Posteriormente, haverá também uma gramática na versão impressa com todos os exemplos da Libras disponíveis online no Portal de Libras (libras.ufsc.br). Ambas versões compreendem a colaboração de vários pesquisadores do Brasil: Aline Lemos Pizzio, Aline Nunes de Sousa, Ana Regina e Souza Campello, Anderson Almeida da Silva, André Xavier, Angélica Rodrigues, Bruna Crescêncio Neves, Bruno Gonçalves Carneiro, Carlos Roberto Ludwig, Carolina Pego, Charley Soares, Débora Campos Wanderley, Felipe Aleixo, Fernanda de Araújo Machado, Guilherme Lourenço, Jair Barbosa da Silva, João Paulo Ampessan, José Ishac Brandão El Khouri, Liona Paulus, Marcos Luchi, Marianne Rossi Stumpf, Marilyn Mafra Klamt, Miriam Royer, Rachel Sutton-Spence, Rimar Segala, Rodrigo Custódio da Silva, Rodrigo Nogueira Machado, Ronice Müller de Quadros e Sandra Patrícia Farias do Nascimento.

5 A PRIMEIRA GRAMÁTICA DA LIBRAS EM LIBRAS

A primeira versão da gramática da Libras foi produzida totalmente em Libras e estará disponível no Portal de Libras (2020) – [<http://libras.ufsc.br>]. A produção desta gramática foi feita de forma colaborativa com vários pesquisadores. A seguir, relatamos o processo de elaboração desta gramática.

A Gramática da Libras em Libras foi elaborada a partir de várias pesquisas produzidas incluindo dados do Inventário Nacional da Libras, dos surdos de referência. A proposta foi constituída por meio de roteiros que serviram de referência para a produção do conteúdo em Libras. O roteiro apresentou a seguinte estrutura:

1. Apresentação da Gramática da Libras
 - 1.1. Objetivos desta gramática da Libras
 - 1.2. O que é uma gramática?
 - 1.3. Tipos de gramáticas
 - 1.4. Tipo de gramática que estamos apresentando aqui
 - 1.5. O *Corpus* de Libras - Surdos de Referência
 - 1.6. Os dados da Libras apresentados na gramática com base nos usos
 - 1.7. Os estudos gramaticais da Libras: os autores
 - 1.8. Organização desta gramática

2. Libras e seus sinalizantes
 - 2.1. A Libras e as comunidades surdas
 - 2.2. Cultura surda
 - 2.3. Educação de surdos
 - 2.4. História da Libras
 - 2.5. Legislação e Políticas Linguísticas
 - 2.6. As pesquisas com língua de sinais

3. Sinais
 - 3.1. A Fonética e a Fonologia das Línguas de Sinais
 - 3.1.1. O que é fonética?
 - 3.1.2. Fonemas
 - 3.1.3. Fonética Articulatória Visual
 - 3.1.4. Transcrição
 - 3.1.5. Fonologia
 - 3.2. Morfologia da Libras
 - 3.2.1. Flexão e Derivação
 - 3.2.2. Parte 1 Morfologia Simultânea própria flexão
 - 3.2.3. Parte 2 Número-pessoal
 - 3.2.4. Normal ou Puro
 - 3.2.5. Reversa
 - 3.2.6. Orientação da Mão
 - 3.2.7. Flexão Aspectual
 - 3.2.8. Flexão de número
 - 3.2.9. Genero
 - 3.2.10. Espaciais (afixos locativos)
 - 3.2.11. Morfologia Sequência própria Derivação
 - 3.2.12. Composição
 - 3.2.13. Incorporação

- 3.2.14. Aglomeração
- 3.2.15. Morfema-boca
 - 3.3. Classificadores (descritivos imagéticos)
 - 3.4. Empréstimos linguísticos na Libras
 - 3.4.1. Empréstimos Linguísticos de Línguas Orais para Libras
 - 3.4.2. Empréstimos Linguísticos de Outras Línguas de Sinais para Libras
 - 3.4.3. Reflexão sobre a importância do Empréstimo Linguístico na Libras
 - 3.5. Terminologia em Libras
 - 3.5.1. Desenvolvimentos de dicionários de libras em comuns
 - 3.5.2. Desenvolvimento da língua de sinais de Moçambique (MARTINS; FERREIRA; MINEIRO, 2012)
 - 3.5.3. Processos variacionais e derivacionais dos sinais
 - 3.5.4. Neologismo
 - 3.6. Variação lexical na Libras
- 4. Sentenças
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. Ordem das sentenças na Libras
 - 4.3. Outras possíveis ordenações de dados a partir de Quadros (1999), Arrotéia (2005), Royer (2019) e dados com base no *Corpus* de Libras para esta gramática
 - 4.4. Articulação de orações
 - 4.5. Tipos de parataxe/coordenação
 - 4.6. Hipotaxe
 - 4.6.1. Causais
 - 4.6.2. Comparativas
 - 4.6.3. Condicionais
 - 4.6.4. Finais (ou de finalidade)
 - 4.6.5. Temporais
 - 4.7. Encaixadas (orações subordinadas)
- 5. Texto
 - 5.1. O estudo do texto em língua de sinais
 - 5.2. A coesão do texto sinalizado
 - 5.2.1. O que é coesão?
 - 5.2.2. Que funções tem coesão do texto?
 - 5.2.3. Os procedimentos e recursos da coesão
 - 5.2.4. Coesão textual: conceito e mecanismos
 - 5.3. A coerência do texto sinalizado
 - 5.3.1. O que é coerência?
 - 5.3.2. Que funções tem a coerência do texto?
 - 5.4. Níveis de (in)formalidade em Libras
 - 5.5. Estrutura da Narrativa
 - 5.6. Literatura em Libras
 - 5.7. Gêneros textuais acadêmicos em Libras
 - 5.7.1. Resumo
 - 5.7.2. Resenha
 - 5.7.3. Prova
 - 5.7.4. Considerações finais sobre os gêneros textuais acadêmicos em Libras

Esta é a estrutura da Gramática da Libras em Libras que inclui também um glossário com os termos usados na gramática, além de resumos de teses e dissertações sobre estudos linguísticos da Libras a partir de um levantamento realizado no Portal da Capes e resumos de dez artigos de referência sobre estudos linguísticos de línguas de sinais produzidos por pesquisadores internacionais. Todo o material está sendo disponibilizado em Libras com tradução para a Língua Portuguesa produzida por meio de dublagem, com acesso público.

A próxima etapa desta gramática será disponibilizada na forma impressa com acesso a todos os exemplos coletados do *Corpus* de Libras em Libras, compreendendo novos estudos sobre a gramática da Libras, incluindo novos autores.

6 REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE GRAMÁTICAS DA LIBRAS

Após ter concluído a produção da primeira gramática de Libras em Libras, concluímos que as gramáticas da Libras precisam ser em Libras ou serem híbridas, contendo textos em português com produções em Libras. Falar sobre a Libras em Libras traz uma nova perspectiva sobre os estudos linguísticos da Libras, pois tivemos a oportunidade de experimentar a própria Libras para falar sobre a Libras. Usar a língua na sua função metalinguística propicia novas formas discursivas que impõem uma elaboração linguística diferenciada e, ao mesmo tempo, exigem formas reflexivas de empacotar as informações em forma textual de modo apropriada a apresentar a própria língua. Este exercício ao qual nos desafiamos foi muito importante para os estudos da Libras, assim como para os estudos linguísticos de forma geral. Ademais, produzir e propagar conhecimentos em uma dada língua é valorizá-la, bem como um compromisso ético com seus usuários. Como pesquisadores de Libras, nós, os autores da Gramática da Libras em Libras, sentimo-nos intimados a dar esse retorno à comunidade surda brasileira.

Ainda precisamos reiterar as questões éticas que permeiam a elaboração das gramáticas da Libras. Essas gramáticas precisam ser constituídas por autores surdos, mesmo que em parceria com autores ouvintes, afinal de contas, a Libras é uma língua de sinais estabelecida nas comunidades surdas brasileiras. Nós sabemos que as línguas são de quem as usa, isso significa que as línguas são de surdos e ouvintes. No entanto, a razão das línguas de sinais continuarem existindo no mundo se dá porque os surdos se encontram e usam uma língua de sinais, mesmo que já tenham sido proibidos por outros ouvintes de usá-la em diferentes momentos da História. Essas línguas de sinais formam um dos pilares da constituição identitária das comunidades surdas aqui no Brasil e em qualquer parte do mundo. Os ouvintes se encontram e usam uma língua falada. Os surdos, por outro lado, se encontram e usam uma língua de sinais. As línguas de sinais, assim como a Libras, são línguas que se constituem a partir do olhar e do corpo. É uma tradução da natureza humana de comunicação em uma forma visual, espacial e *corporal*. Assim, as formas de pensar, de criar, de produzir conhecimento são manifestadas pelo corpo por meio das mãos, da face, da composição dos olhares, dos movimentos e dos espaços em forma de língua. Essas manifestações linguísticas traduzem também as formas de ser dos surdos. Aí é que os surdos tornam-se protagonistas importantes. Da mesma forma que todas as línguas no mundo são estudadas por linguistas quase que na íntegra nativos da língua, precisamos garantir que os surdos sejam autores das gramáticas da Libras. Claro que também sabemos que temos linguistas que estudam outras línguas que não são suas línguas nativas, mas isso não é a regra. Da mesma forma, afirmamos aqui que não deve ser a regra dos estudos da Libras. Quando linguistas estudam outras línguas, normalmente eles estabelecem parcerias com outros linguistas nativos da língua a ser estudada. Os pesquisadores ouvintes, portanto, precisam estabelecer parcerias com os pesquisadores surdos na constituição das gramáticas da Libras.

Dessa forma, a Gramática da Libras contou com pesquisadores surdos e ouvintes que trabalharam juntos para torná-la possível e essa parceria deve ser assegurada como parte constitutiva de outras gramáticas que podem e devem ser elaboradas com o propósito de descrever a Libras, língua ainda carente de descrições gramaticais em todos os níveis de análise, do fonético ao discursivo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8, #304179/2017-5). Como forma de reconhecimento a todos os Surdos que participaram/participam dos diversos

projetos que temos desenvolvido nas Universidades Brasileiras, faremos um agradecimento nominal aos Surdos que participaram da elaboração da Gramática da Libras em Libras, o qual é extensivo a todos os Surdos brasileiros: Ana Regina e Souza Campello (UFRJ); Charley Soares (UFV); Débora Campos Wanderley (UFSC); Fernanda de Araújo Machado (UFSC); João Paulo Ampessan (UFSC); José Ishac Brandão El Khouri (UFT); Liona Paulus (UzK); Marianne Rossi Stumpf (UFSC); Miriam Royer (UFSC); Rimar Segala (UFSCar); Rodrigo Custódio da Silva (UFSC); Rodrigo Nogueira Machado (UFC).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. de M. F. *Causatividade em Libras*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2015.

ARROTÉIA, J. *O papel da marcação não-manual em sentenças negativas na Língua de Sinais Brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

BERENZ, N. F. *Person and deixis in Brazilian Sign Language*. 1996. Dissertation (Ph.D in Linguistics) – Department of Linguistics, University of California, Berkeley, 1996.

BRASIL. Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Presidência da República Casa Civil. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências*. Brasília, Distrito Federal, N. 181ª da Independência e 114ª da República, p. 1, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.

CAMPELLO, A. R. e S. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, A. R. e S. A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XXI. *Revista Mundo & Letras*, José Bonifácio, São Paulo, v.2, p. 8-25, 2011.

CHACON, T. C. *et al.* Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística e pesquisa. *Iphan*, Brasília, Distrito Federal, v. 1, 95 p., 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%201.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.

CHACON, T. C. *et al.* Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística e pesquisa. *Iphan*, Brasília, Distrito Federal, v. 2, 103 p., 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Guia%20de%20Pesquisa%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20INDL%20-%20Volume%202.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

COMRIE, B. e SMITH, N. *Língua Descriptive Studies Questionnaire*. [1977]. Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária, Departamento de Linguística. Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/questionnaire/linguaQ.php>. Acesso em: 25 jan. 2020.

DEDINO, M. de L. S. M. Incorporação de numeral na Libras. In: ALBRES, N. de A.; XAVIER, A. N. (org.). *Libras em estudo: descrição e análise*. São Paulo: Feneis, 2012. p. 123-139.

DINIZ, H. G. *A história da Libras: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2010.

ELAN. *Sistema Eudico Annotator*. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 16 abr. 2020.

FELIPE, T. A. de S. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. de S. Os processos de formação de palavra na Libras. *Educação Temática Digital*, Campinas, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, G. A. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira*. 2013. Dissertação (Mestrado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

FINAU, R. A. *Os sinais de tempo e aspecto na Libras*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, na Área de Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2004.

FINAU, R. A. Uma análise do sistema quantificacional da Libras. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. e LEITE, T. de A. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Editora Insular, v. 2, 2014. p. 119-143.

FINAU, R. A.; MAZZUCHETTI, V. A Incorporação de numeral em estruturas classificadoras de Língua Brasileira de Sinais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 13, n. 24, p. 67-86, 2015.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. 2020. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em: 25 abr. 2020.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. On defining lexeme in a signed language. *Sign Language & Linguistics*. v. 2, n.2, p. 115-185, 1999.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. 1994. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1994.

KARNOPP, L. B. *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999.

KLAMT, M. M. *O ritmo na poesia em língua de sinais*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014.

LEITE, T. de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://portal.libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.

LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

- LOURENÇO, G. *Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.
- LUCHI, M. *Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?* 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.
- MIRANDA, J. P. V. *Voz passiva em Libras? ou outras estratégias de topicalização?* 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2014.
- MIRANDA, W. de O. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- NASCIMENTO, S. P. F. do. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2009.
- NASCIMENTO, S. P. F. do. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; e LEITE, T. de A. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*, Florianópolis: Editora Insular, v. 1, 2013. p.79-118.
- NEVES, B. C. *Competência narrativa: uma análise das produções das crianças bilíngues bimodais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.
- NUNES, J.; QUADROS, R. M. de. Phonetic realization of multiple copies in Brazilian Sign Language. In: *Theoretical Issues of Sign Language Research* 8, 2008, Barcelona: Signs of the time. Selected papers from TISLR. Hamburg/Germany: Signum Press, v. 1, 2008. p. 179-192.
- OLIVEIRA, J. S. de. *Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2015.
- O'KEEFFE, A.; MCCARTHT, M. (ed.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. London, New York: Routledge, 2010.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 52-73.
- PIZZIO, A. L. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.
- PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011.
- QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. 1995. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1995.

QUADROS, R. M. de. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999.

QUADROS, R. M. de. Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbos e suas repercussões na sintaxe. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 289-320, 2004.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Editora Insular, v. 1, 2013, p.15-36.

QUADROS, R. M. de. *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do *Corpus* de Libras. *Revista Leitura*, Maceió, n.57, v 1, n.57, p.8-34, jan./jun. 2016.

QUADROS, R. M. de. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Editora Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de, CAMPELLO, A. R. e S. Constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais. In: VIEIRA-MACHADO, L. M.; LOPES, M. C. (org.). *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda*. Santa Cruz, Rio Grande do Sul: EDUNISC, v.1, 2010. p. 15-47.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. *Aspectos fonético-fonológicos da Libras*. Teresina: Fuespi, 2015.

QUADROS, R. M. de; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais.. In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, Rozana Reigota Naves. (org.). *Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. Goiânia: Cànone Editorial, v. 1, 2010. p. 33-58.

QUADROS, R. M. de *et al.* *Corpus de Libras*. 2020. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

QUADROS, R. M.; NEVES, B. C.; LOHN, J. T.; SCHMITT, D. e LUCHI, Ml. *Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiros* Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. e LEITE, T. de A. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Editora Insular, v. 1, 2013.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. e LEITE, T. de A. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Editora Insular, v. 2, 2014.

QUADROS, R. M. de; WEININGER, M. J. (org.). *Série Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Editora Insular, v. 3, 2014.

QUER, J.; CECCETTO, C. A tool for sign language grammaticography: The SigBram Blueprint. In: BELKADI, A.; CHATSIU, K.; ROWAN, K. (org.). *Proceedings of Conference on Language Documentation and Linguistic Theory 4*, London: School of Oriental and African Studies, University of London, 2014. Disponível em: www.hrhelp.org/eprints/ldlt4_11.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

ROYER, M. *Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

SABANAI, L. N. *Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2016.

SCHMITT, D. *A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

SIGNGRAM BLUEPRINT. 2020. Disponível em: <http://signgram.eu>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SIGN-HUB. 2020. Disponível em: <https://www.sign-hub.eu>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, A. A. da. *Sintagmas nominais: marcas de referencialidade e determinação na Libras*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, 2013.

SILVA, L. *Investigando a categoria aspectual na aquisição da língua brasileira de sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2010.

SILVA, R. C. *Indicadores de formalidade no gênero monológico em libras*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2011.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC. 2008.

WANDERLEY, D. C. *A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais: uma análise a partir do SignWriting*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2017.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. *Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016.



Recebido em 27/09/2020. Aceito em 29/10/2020.

SOBREPOSIÇÃO DE LÍNGUAS: DESCRIÇÕES LINGUÍSTICAS

SUPERPOSICIÓN DE LENGUAS: DESCRIPCIONES LINGÜÍSTICAS

BLENDING LANGUAGES: LINGUISTIC DESCRIPTIONS

Ronice Müller de Quadros*

Universidade Federal de Santa Catarina

Diane Lillo-Martin**

University of Connecticut

Marilyn Mafra Klamt***

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Este artigo apresenta o fenômeno da sobreposição de línguas em bilíngues bimodais, que apresentam um bilinguismo simultâneo peculiar, pois as línguas que adquirem ao longo do desenvolvimento linguístico envolvem diferentes modalidades: língua de sinais e língua falada. A investigação que dá origem a esse estudo trabalha com dois pares de línguas: língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa brasileira (PB) e língua de sinais americana (ASL) e língua inglesa americana (EA). Na análise da produção simultânea, é possível verificar a combinação das línguas na sobreposição e os possíveis impactos disso na constituição de bilíngues bimodais, bem como compreender o fenômeno linguístico do bilinguismo. Os resultados apresentados focam no par Libras e PB, embora haja um paralelo próximo encontrado no par ASL e EA. Os aspectos gramaticais abordados envolvem dois tipos de construções na produção sobreposta: passivas e causativas, em que ocorre uma convergência consistente evidenciando a síntese das línguas.

PALAVRAS CHAVE: Bilinguismo bimodal. Desenvolvimento bilíngue. Sobreposição de línguas.

RESUMEN: Este artículo presenta el fenómeno de la superposición de lenguas en bilingües bimodales, que presentan un peculiar bilingüismo simultáneo, ya que las lenguas adquiridas durante el desarrollo lingüístico involucran diferentes modalidades: lengua de señas y lengua hablada. La investigación que dio lugar a este estudio trabaja con dos pares de lenguas: lengua de señas brasileña (Libras) y lengua portuguesa de Brasil (PB) y lengua de señas estadounidense (ASL) e inglés americano (EA). En el análisis de la

* Ronice Müller de Quadros é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

** Diane Lillo-Martin é professora e pesquisadora da University of Connecticut. E-mail: diane.lillo-martin@uconn.edu.

*** Marilyn Mafra Klamt é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras. E-mail: marilyn.mafra@ufsc.br.

producción simultánea, es posible verificar la combinación de lenguas en el solapamiento y los posibles impactos de esta en la constitución de bilingües bimodales, así como comprender el fenómeno lingüístico del bilingüismo. Los resultados presentados se centran en el par Libras y PB, aunque existe un estrecho paralelo en el par ASL y EA. Los aspectos gramaticales cubiertos involucran dos tipos de construcciones en la producción superpuesta: pasiva y causativa, en las que hay una convergencia consistente que muestra la síntesis de lenguajes.

PALABRAS CLAVE: Bilingüismo bimodal. Desarrollo bilingüe. Superposición de lenguas.

ABSTRACT: This article presents the phenomenon of blending of languages in bimodal bilinguals. For bimodal bilinguals, the languages acquired during linguistic development involve different modalities: a sign language and a spoken language. Because the languages are expressed in different modalities, it is possible to produce structures using both languages simultaneously. We use such productions to better understand the architecture of bilingual linguistic systems both in general and for bimodal bilinguals in particular. The investigation that gave rise to this study works with two pairs of languages: Brazilian sign language (Libras) with Brazilian Portuguese (PB), and American Sign Language (ASL) with American English (EA). The results presented here focus on the pair Libras and PB, although there is a close parallel found in the pair ASL and EA. The grammatical aspects covered involve two types of constructions in blending production: passives and causatives. The bimodal productions show a consistent convergence as provided by our view of the synthesis of languages.

KEYWORDS: Bimodal bilingualism. Linguistic development. Code-blending.

1 INTRODUÇÃO

Os bilíngues bimodais são aqueles que possuem duas línguas em modalidades diferentes: uma visual-espacial (língua de sinais) e uma oral-auditiva (língua falada). Esses bilíngues apresentam características já identificadas em outros bilíngues que são decorrentes do contato íntimo entre as duas línguas pela mesma pessoa, gerando possibilidades desdobradas do fenômeno de transferência entre línguas. Um exemplo comum é a alternância de línguas (*code-switching*) como um subconjunto da mistura de línguas (*code-mixing*). No entanto, no caso específico dos bilíngues bimodais, encontramos ainda uma forma de misturar as línguas bastante peculiar que é a sobreposição de línguas (*code-blending*). Esse último fenômeno é possível somente com bilíngues bimodais, por causa das línguas que utilizam diferentes canais de articulação, ou seja, as línguas de sinais utilizam (mãos, face, tronco) e as línguas faladas utilizam a boca e os ouvidos. Assim, essas línguas podem ser combinadas simultaneamente, o que não é possível de ser observado em outros bilíngues unimodais (línguas na mesma modalidade).

Os bilíngues bimodais, que foram estudados na pesquisa apresentada neste artigo, são filhos ouvintes de pais surdos, embora possam ser quaisquer pessoas que produzam as línguas em diferentes modalidades. Os filhos ouvintes de pais surdos são chamados de Codas (*children of deaf adults*) de forma genérica e Kodas de forma específica para as crianças pequenas (*kids of deaf adults*). Nós utilizamos o termo Codas para os participantes da nossa pesquisa, mas podemos eventualmente utilizar o termo Kodas seguindo a forma usada pelos artigos que serão mencionados ou por especificar que estamos nos referindo às crianças ouvintes pequenas. No entanto, nosso estudo apresentado aqui envolve apenas aos adultos ouvintes, filhos de pais surdos.

Quadros (2017) explica que os Codas podem ser considerados falantes/sinalizantes de língua de herança, ou seja, aqueles que crescem em uma família que usa uma língua diferente da língua usada no entorno social maior. No caso brasileiro, os Codas nascem nas famílias que usam a Libras em casa com seus pais e a Língua Portuguesa na maior parte dos espaços sociais em que interagem com outras pessoas da comunidade (escolas, igrejas, clubes, etc.).

Quadros (2017) observou que a L1 e a L2 podem ser língua primária ou secundária para os bilíngues bimodais balanceados a depender do contexto sociolinguístico, já que eles podem alternar as línguas dependendo de seu interlocutor. Na sobreposição especificamente, em que são usados diferentes canais de articulação para sobrepor a língua oral e a língua sinalizada, podem alternar entre uma e outra língua a condição de língua primária, ou seja, escolhem a língua que irá dirigir a derivação sintática em uma proposição. Outros autores definem essa língua que dirige a derivação como língua matriz (EMMOREY *et al.*, 2008). Já os bilíngues bimodais desbalanceados têm a sua L1, a Libras, como língua secundária e a L2, o Português, assume a condição de língua primária.

Neste caso, eles não apresentam alternância entre língua primária e língua secundária e a derivação sintática se origina do Português, utilizando elementos da língua secundária. O modelo de síntese explica estas possibilidades.

O modelo de síntese aplicado aos bilíngues bimodais foi apresentado pela primeira vez por Lillo-Martin *et al.* (2010) e, posteriormente por Lillo-Martin *et al.* (2016). Este modelo teórico apresenta um sistema computacional no qual diferentes línguas podem ser sintetizadas durante o processo de derivação da sentença. Esta proposta segue modelos já elaborados para a alternância de línguas em bilíngues (MACSWAN, 2000, 2005). O modelo não é de produção on-line, mas de derivação incorporando pressupostos da sintaxe gerativa minimalista (CHOMSKY, 1995). Nós adotamos também a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) associada a este modelo, seguindo propostas de outros pesquisadores, tais como Pierantozzi (2012). No entanto, o modelo de síntese também considera a possibilidade de duas interfaces articulatórias: uma para as línguas faladas e outra para as línguas de sinais. Assim, damos conta da sobreposição das duas línguas de forma simultânea. O modelo de síntese está apresentado na figura 1.

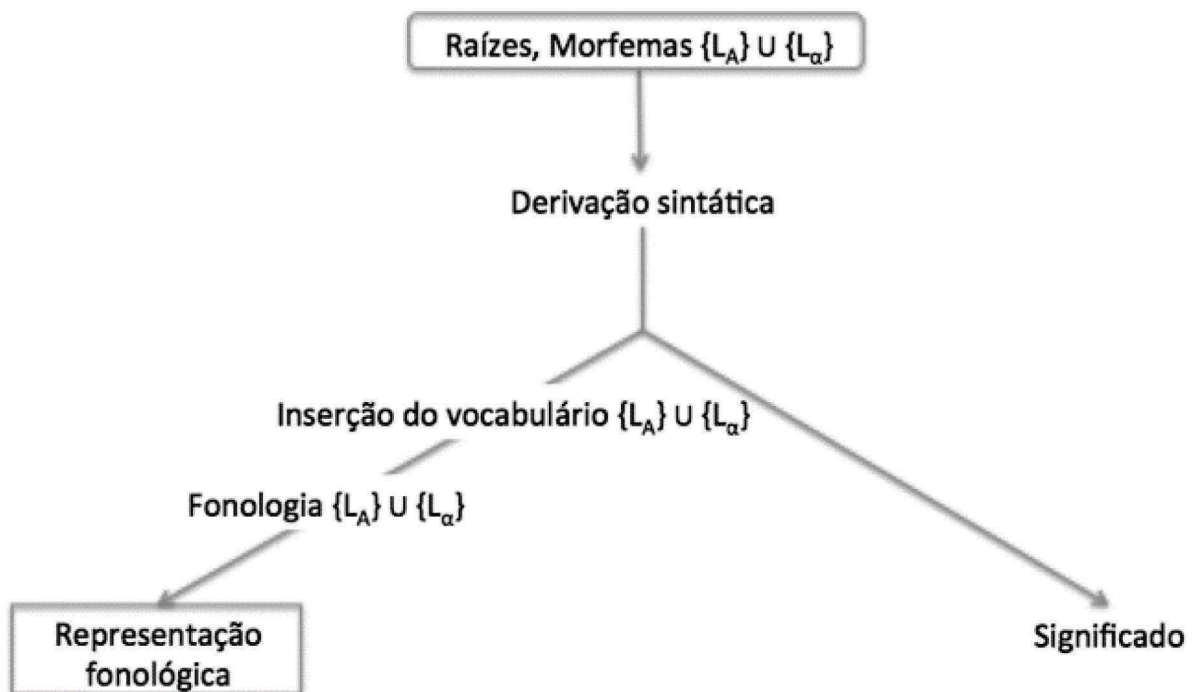


Figura 1: Modelo de Síntese de Línguas

Fonte: Lillo Martin *et al.* (2016)

Os casos mais simples de sobreposição de línguas envolvem duas palavras que são equivalentes de tradução inseridos na derivação: uma no sinal e outra na fala. Estes casos de co-inserção ocorrem frequentemente na sobreposição de línguas. É um fenômeno linguístico que traz questionamentos importantes do ponto de vista teórico. É importante especificar que embora haja várias instâncias de co-inserção em uma única sentença, não é o caso de que o mapeamento entre os sinais e a fala seja um a um. A sobreposição não é um Português Sinalizado (comunicação simultânea artificial) que submete a Libras ao Português incluindo gestos para completar os elementos da fala com o intuito de ensinar a estrutura dessa língua em detrimento da Libras. Em contraste, a sobreposição é uma produção natural em contextos bimodais (dois modos, sinais e fala) que reflete tanto a gramática da língua de sinais, quanto da língua falada, com nuances prosódicas das duas línguas (VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2002).

Neste artigo, estamos apresentando alguns resultados do estudo com Cudas adultos, considerando especificamente as estruturas causativas e passivas, no sentido de verificar se o modelo de síntese se aplica ou não. Essas estruturas são interessantes, exatamente por apresentarem uma forma de estruturação gramatical diferente nas línguas de sinais e nas línguas faladas (estruturas

incongruentes, não convergentes do ponto de vista sintático). Vamos analisar em mais detalhes a sobreposição das línguas na derivação destas estruturas, especialmente, no par de línguas Libras e PB.

2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE O BILINGUISMO BIMODAL E O MODELO DE SÍNTESE

Os estudos com bilíngues bimodais iniciaram com a aquisição da linguagem (VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2002). Chen Pichler *et al.* (2016), Lillo-Martin *et al.* (2010, 2014, 2016) e Quadros *et al.* (2012, 2014) realizaram um estudo com crianças bilíngues bimodais nos Estados Unidos e no Brasil entre 18 meses e seis anos de idade (estudo longitudinal e experimental). Os estudos experimentais com crianças entre quatro e oito anos de idade incluíram diferentes aspectos gramaticais: fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e discursivos (QUADROS *et al.*, 2015). O foco destes estudos foi a análise do desenvolvimento bilíngue bimodal, observando-se como as crianças misturavam as línguas. As autoras constataram que as crianças usam as estruturas gramaticais de forma apropriada em uma língua com palavras da outra língua simultaneamente. Isso não caracteriza a alternância de línguas, pois as crianças combinavam as duas línguas simultaneamente, o que passamos a chamar de sobreposição de línguas, seguindo a proposta de Emmorey *et al.* (2008). As autoras também observaram que as crianças procuram usar as duas línguas de forma congruente, ou seja, produzindo estruturas comuns entre as duas línguas, privilegiando as estruturas que sejam gramaticais em ambas as línguas.

Um dos estudos destas autoras (LILLO-MARTIN *et al.*, 2014) focou na produção de quatro crianças bilíngues bimodais (duas americanas e duas brasileiras), observando, que por volta dos dois anos, elas já mostram sensibilidade ao interlocutor e modulam sua escolha linguística a depender de com quem estão interagindo, mas também são influenciadas por outros fatores, como o estilo de comunicação usado em casa ou a percepção da língua falada ser predominante na comunidade. Os dados refletem a produção de mais sentenças sinalizadas com interlocutores surdos e mais fala com interlocutores ouvintes e três das quatro crianças foram também fortemente afetadas pela dominância da língua falada no contexto sociolinguístico da comunidade porque distinguiram entre os contextos de fala e sinais, mostrando preferência pelo uso da fala em ambos os contextos. A outra criança mostrou um padrão de separação dos discursos e preferência por usar mais a produção bimodal do que apenas sinais na seção sinalizada, sendo que sua mãe usa uma estratégia monolíngue mais estrita ao interagir com ela. A pesquisa confirmou que uma maior separação do discurso está relacionada à estratégia monolíngue no recebimento do input caseiro. Lillo-Martin *et al.* (2014) observam então que, diferentemente dos bilíngues unimodais que necessariamente precisam inibir uma língua para produzir a outra, os bilíngues bimodais têm a tendência de mesmo em sessões sinalizadas usarem ambas as línguas ou usarem sinais não manuais próprios da língua de sinais enquanto estão produzindo a língua falada. Isto ocorreu com os quatro participantes, mas em um deles a taxa de uso da sobreposição foi maior do que os outros. Inibir completamente uma das línguas implicaria um alto processamento linguístico para os bilíngues bimodais.

Lillo-Martin *et al.* (2010) e Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler (2016a) comparam a produção da criança e do adulto bilíngue bimodal e concluem que eles diferem com relação ao desenvolvimento da coordenação da produção bimodal, mas por outro lado ambos fazem uso completo das possibilidades disponíveis no bilinguismo bimodal, combinando aspectos das duas línguas - falada e sinalizada. As crianças surdas com implante coclear desenvolvem o bilinguismo bimodal de forma similar às crianças ouvintes bilíngues bimodais quando expostas desde cedo à língua de sinais. As autoras discutiram o grau de coordenação e congruência das sentenças *code-blended* e a localização dos elementos-QU nas questões-QU. Com relação à coordenação e congruência, tanto os adultos quanto as crianças produzem estruturas *blended* e as duas línguas contribuem para uma única proposição. As sentenças em sua maioria são redundantes entre sinais e fala e há uma forte coordenação temporal entre fala e sinais, embora esta coordenação esteja sendo desenvolvida pelas crianças. Com relação à coordenação estrutural em *wh question* testadas em crianças de 4 a 8 anos, as que estão em estágios mais iniciais de aquisição, em geral usam a estrutura apropriada na língua cujas palavras foram elaboradas, mas existem algumas exceções especiais em que a criança usa estruturas na língua falada que são apenas permitidas para a língua de sinais, como o QU *in situ* e o QU duplicado. O QU em posição final e *in situ* são estruturas permitidas em contextos bastante específicos no inglês e no português, mas as crianças bilíngues adquirem estas estruturas mais cedo do que as crianças monolíngues e isto é analisado como um efeito da língua de sinais sobre a língua falada. No caso das crianças mais velhas, foi observado o oposto, ou seja, um maior efeito da língua falada na língua de sinais, pois apesar de elas produzirem uma variedade de tipos estruturais nas

questões QU, elas seguem na maioria das vezes a ordem de palavras da língua falada, com o QU em posição inicial. A conclusão é de que a síntese de línguas atua em diferentes estágios e em variadas direções (sinais para fala e fala para sinais) e a mudança na língua dominante para as crianças ouvintes bilíngues bimodais, que passa dos sinais para a fala, se dá, principalmente, pela entrada da criança na escola e pela pouca interação com sinalizantes surdos.

O mesmo estudo também trouxe à tona a questão do bilinguismo bimodal das crianças surdas, filhas de pais surdos, com implante coclear que são expostas desde o nascimento à língua de sinais, o que irá influenciar positivamente o aprendizado posterior da língua falada. Elas têm desenvolvimento semelhante às Kodas e isto pode diminuir os efeitos do atraso na aquisição da outra língua. As autoras afirmam que apesar de haver um crescente aumento de estudos com relação à interação entre sinais e fala nas crianças surdas com implante, esta é altamente complexa e depende de uma série de fatores e os resultados desses estudos são por vezes contraditórios. No entanto, quando a criança recebe um acesso irrestrito à língua de sinais natural desde seu nascimento esta exposição não acarreta prejuízo à língua falada. Outro grupo descrito é o de intérpretes de língua de sinais, Cudas ou não, que também são bilíngues bimodais, com a diferença de que por seu treinamento e habilidades profissionais lidam com padrões específicos na interação entre as línguas, como por exemplo: adicionar vocabulário de uma língua em outra, movimentação da boca durante a sinalização com configurações de boca da língua de sinais e uso simultâneo das duas línguas (*code-blending*). Além disso, eles podem aumentar a inibição da outra língua se comparada à produção dos bilíngues bimodais não intérpretes. Tanto as crianças e os adultos bilíngues bimodais como as crianças bilíngues bimodais com implante coclear usam a síntese de línguas, mas as crianças ainda estão em desenvolvimento com relação aos contextos *code-blending*. O modelo de síntese dá conta de todas as misturas de línguas ativadas pelos bilíngues bimodais, como o *code switching*, o *code blending*, o *blending parcial* e as sentenças produzidas com características da outra língua. O resultado é uma única derivação no nível fonológico, sendo os materiais inseridos de ambas as línguas congruentes no nível sintático.

Com adultos Cudas, Quadros *et al.* (2016a, 2016b) estudaram a produção simultânea de língua oral e língua de sinais dos Cudas, procurando entender como a língua de sinais e a língua oral, que são de diferentes modalidades, interagem e quais os efeitos linguísticos dessas interações. A sobreposição sempre envolve uma proposição e uma derivação sintática e, de acordo com o modelo de síntese, as línguas seguem uma computação sintática e inserem elementos morfológicos das duas línguas. As autoras observaram que quando a língua de sinais rege a derivação sintática, ou seja, quando é língua primária, há efeitos na prosódia da fala, como ajustes na fala para acomodar os sinais, preenchedores sonoros durante a sinalização, omissões na língua falada. Além disso, também foram observadas intrusões da língua falada, como o uso de soletração e palavras funcionais, como preposições, artigos, conjunções, pronomes e verbos auxiliares. Além disso, pode haver transferências semânticas na sobreposição, ou seja, termos de uma língua podem fazer parte de termos mais abrangentes na outra língua, como nos exemplos BIRD em ASL e Tweety em inglês; SINAIS em Libras e fala em Português; SOLETRAR em Libras e escrever em português. Quando ocorreram incongruências entre fala e sinais (no par Libras/Português), isto poderia indicar duas derivações sendo processadas simultaneamente, no entanto estas ocorrências ocorrem na mesma fase de derivação e, portanto, são permitidas pelo modelo de síntese. A conclusão das autoras é de que na sobreposição são feitos ajustes de uma língua para outra ou das duas línguas permitindo preservar a derivação sintática em uma computação única em cada proposição.

A proposta de Quadros (2019) é a de descrever fenômenos linguísticos nas produções de sinalizantes bilíngues bimodais com diferentes fluências na Libras, aliando os modelos de Emmorey *et al.* (2008) e Lillo-Martin *et al.* (2010, 2014, 2016). No primeiro modelo, as produções sincronizadas na sobreposição alternam as duas línguas (ASL e inglês) como língua matriz, sendo esta que dirige a derivação e a outra língua acomoda-se a sua estrutura. No entanto, nem sempre é possível identificar qual a língua matriz, já que algumas produções sobrepostas são gramaticais em ambas as línguas. No modelo de síntese, há uma única derivação na qual são inseridos elementos das duas línguas, que estão ativas. As estruturas sintáticas e semânticas das duas línguas são congruentes e sincronizadas do ponto de vista do modelo de síntese. Isto ocorre por haver um esforço dos bilíngues bimodais de disponibilizar sentenças que sejam compatíveis nas duas línguas e, quando isso não é possível, uma das duas línguas dirige a derivação e a outra se acomoda à sua estrutura. Considerando estes dois modelos, portanto, a autora analisou dados de bilíngues bimodais com diferentes níveis de fluência, observando a eleição de uma língua primária (matriz) para as produções. A alternância na escolha da língua primária ocorre especialmente entre os bilíngues bimodais balanceados. No caso dos desbalanceados, houve preferência pela língua mais forte, ou quando o contexto favoreceu a outra língua como primária, a estrutura da língua mais forte se acomodou à língua

primária. Portanto, ainda que uma das línguas esteja adormecida, ambas encontram-se ativadas, de acordo com o modelo de síntese. Alguns fenômenos observados pela autora foram: efeitos morfológicos da língua primária na língua secundária como a não marcação de gênero e número; flexão verbal que não ocorre na língua secundária ou a repetição do verbo no português considerando o movimento reiterativo realizado na Libras como marca aspectual; omissão de verbos auxiliares ou outras palavras funcionais no português; omissão de palavras no português quando há itens complexos na Libras e não há uma tradução equivalente, como no caso dos descritivos visuais (DV). Apesar de haver diferentes níveis de fluência e os bilíngues bimodais balanceados conseguirem produzir mais sentenças gramaticais nas duas línguas simultaneamente, observou que houve um padrão de regularidade nas estruturas sobrepostas - a sintaxe geralmente é congruente pois os bilíngues bimodais evitam uma ordem conflitante entre a sintaxe das línguas ou então é feita uma acomodação sintática, ou seja, a síntese de línguas acontece por meio de uma única derivação.

O estudo apresentado aqui vai continuar estas análises considerando estruturas que apresentam uma estrutura gramatical diferente nas línguas de sinais e nas línguas faladas, mais especificamente, na Libras e no PB. O fato destas línguas apresentarem nestes tipos de construção formas sintáticas diferentes torna o estudo mais interessante no sentido de verificar se realmente a síntese das línguas é privilegiada ou não. A congruência das duas línguas observada até então se aplica a estruturas que apresentam uma forma similar nas duas línguas. Assim, se a síntese de línguas realmente acontece, os bilíngues bimodais precisarão evitar a sobreposição de estruturas que não sejam as mesmas nas diferentes línguas ou submeter uma língua a outra, no caso, a língua secundária à língua primária no processo de derivação para garantir a congruência sintática por meio da síntese. Alternativamente, os bilíngues bimodais devem buscar outras estratégias para manter a síntese das línguas buscando a convergência e mantendo condições felizes na interação comunicativa.

3 A SOBREPOSIÇÃO NOS CODAS ADULTOS BILÍNGUES BIMODAIS

A presente pesquisa investiga a faculdade da linguagem da perspectiva de bilíngues bimodais, ou seja, bilíngues em uma língua de sinais e uma língua falada. Os participantes envolvem adultos ouvintes, filhos de pais surdos, que adquiriram a língua de sinais em casa com seus pais e a língua falada na sociedade em geral (PRESTON, 1995; BISHOP; HICKS, 2005; QUADROS, 2017), ou seja, os Codas. Como mencionado na introdução, o bilinguismo dos Codas é conhecido como bilinguismo bimodal, um tipo de bilinguismo que tem recebido atenção, pois apesar de apresentarem várias características identificadas em bilíngues unimodais, eles apresentam especificidades muito interessantes. Nosso foco principal envolve exatamente tais especificidades, ou seja, investigar a sobreposição de línguas, que envolve a produção simultânea das línguas faladas e sinalizadas, com o objetivo de refinar a proposta teórica de síntese de línguas (LILLO-MARTIN *et al.*, 2010, 2016).

Os dados foram coletados usando experimentos que incluíram entrevistas, produções de narrativas, elicitación de dados e julgamento de gramaticalidade. Nossa pesquisa focou nas características linguísticas dos participantes analisando suas produções em três diferentes modos: fala, sinais e a combinação de sinais e fala sobreposta (produção bimodal simultânea). O presente artigo analisa os dados coletados na tarefa de elicitación de sobreposição das línguas. Enquanto bilíngues, Codas apresentam alternância de línguas, além da sobreposição, produzindo uma mistura criativa regrada. Os estudos já verificaram que a alternância de línguas é uma manifestação linguística de bilíngues bastante regrada tanto no nível lexical, como no estrutural (por exemplo, POPLACK, 1980). Ao estudar de forma mais detalhada a sobreposição de línguas, será possível identificar se as restrições identificadas na alternância de línguas que são impostas pela linearidade estão relacionadas com aspectos da produção, ou se são restrições que estão entranhadas no sistema linguístico, no sentido que, mesmo quando questões impostas pelo sistema articulatório não se apliquem (caso da sobreposição), elas acontecem sendo restringidas por questões de ordem linguística. Portanto, a pesquisa relatada aqui traz elementos da análise da extensão da sobreposição, que tipos de sobreposição são possíveis e como um sistema linguístico precisa ser projetado para explicar estes elementos considerando dois aspectos linguísticos: as construções passivas e causativas.

A tarefa de elicitación de sobreposição de línguas consistia em apresentar para os participantes Codas, uma sequência de imagens que compunham uma cena (no exemplo abaixo, as imagens 1, 2 e 3). A seguir, os participantes viram uma imagem com quatro alternativas de resposta (4), sendo que a alternativa que melhor descrevia a cena estava destacada na cor verde e as outras eram

distratores. A partir dessa seleção, os participantes foram requisitados a sintetizar em uma sentença o que viram na sequência de imagens. Uma pessoa junto com o aplicador da tarefa recebe uma ficha com as mesmas alternativas, mas sem marcação (5), para quem os participantes sintetizam a imagem destacada relacionada com as imagens vistas anteriormente. A pessoa que recebe a sentença produzida precisa reconhecer o que foi dito na sua ficha sem marcação.

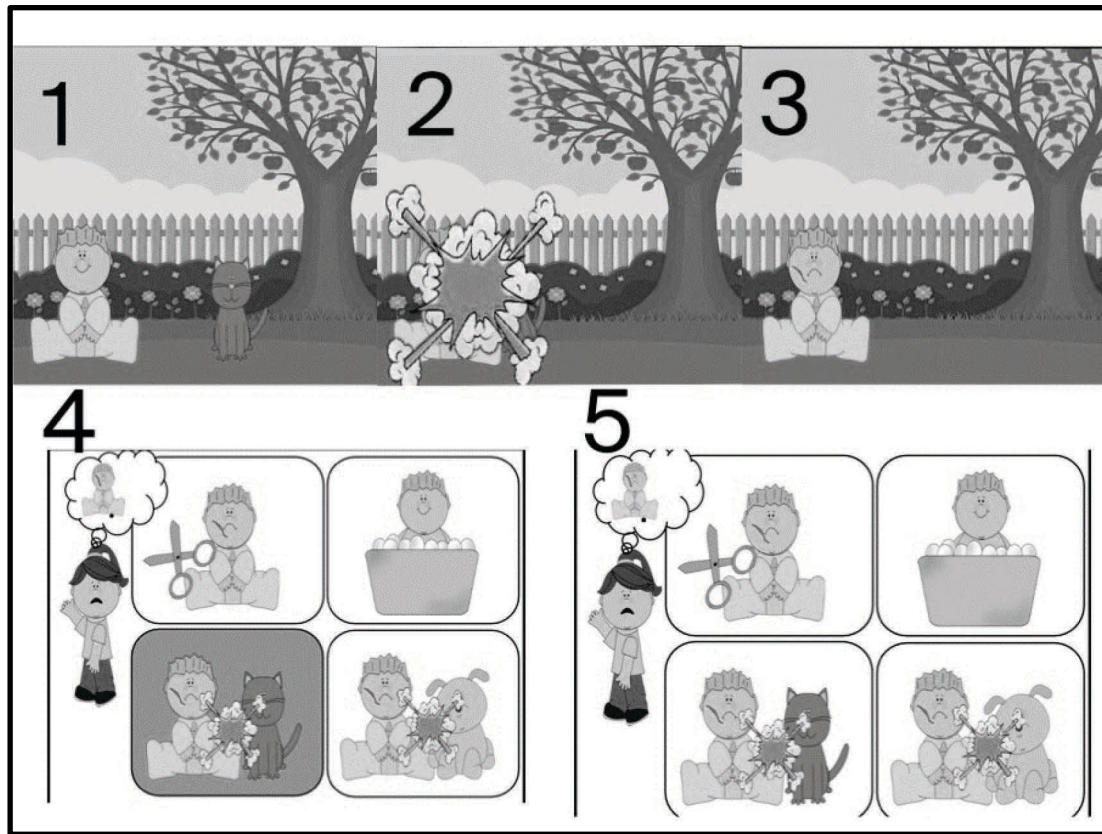


Figura 2: Exemplo de item da tarefa de elicitación

Sentença alvo "o bebê foi arranhado pelo gato"

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Para a produção das sentenças, a aplicadora interagiu encorajando a produção bimodal e utilizando, também, sobreposição. Essa interação foi importante e muitas vezes foram necessárias intervenções e reiteraões para que o participante produzisse uma resposta esperada, ou seja, que a sentença se aproximasse às sentenças-alvo pré-formuladas para cada cena, com aspectos linguísticos a serem considerados na análise de sobreposição de línguas. Depois, a outra aplicadora tinha uma ficha com as quatro alternativas sem nenhum tipo de destaque e deveria apontar qual a imagem correspondente à sentença sobreposta produzida pelo participante. No caso específico em análise neste artigo, foram selecionadas as sentenças passivas e causativas que foram produzidas ao longo da tarefa.

Para este trabalho, nosso objetivo foi de analisar a estrutura linguística destas estruturas produzidas simultaneamente em Libras e no Português buscando identificar se estas construções são passíveis de serem explicadas a partir do modelo de síntese, assim como identificar possíveis restrições que se apliquem a este modelo.

4 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

As construções causativas ocorrem quando um agente causador executa uma ação que irá modificar o estado de um elemento. Estas construções podem utilizar diferentes tipos verbais que devem influenciar na ordenação sintática. Observamos em nossos dados que a tipologia verbal apresenta efeitos distintos para a construção das sentenças sobrepostas, sendo identificados os verbos em geral e verbos manuais (*handling verbs*). Os verbos manuais envolvem uma configuração de mão representando um objeto manipulado e corresponde ao objeto direto, enquanto o sujeito e o objeto indireto são definidos pelos pontos inicial e final da trajetória do movimento que impõe ao objeto ser movido para antes do verbo na ASL (LIDDELL, 1980), assim como na Libras (QUADROS, 1999). Esse movimento do objeto para antes do verbo parece estar associado com a complexidade destes verbos (*heavy verbs*), uma vez que apresentam várias informações nas suas próprias formas. Jo Napoli *et al.* (2017) também identificaram que as ordenações Sujeito-Objeto-Verbo e Objeto-Sujeito-Verbo, ou seja, com o objeto antes do verbo, apresentam produtividade nas produções com verbos manuais (as autoras identificam como integrantes de predicados intensionais), tais como, PENDURAR, TRICOTAR, ATIRAR em contraste com verbos do tipo PENSAR, SONHAR, DIZER (integrantes de predicados extensionais). Esses verbos apresentam um componente icônico, pois as formas que tomam são motivadas pelos objetos a que se referem. Essa iconicidade é específica da modalidade das línguas de sinais. As causativas na Libras quando contam com verbos manuais apresentam-se em ordem diferente das causativas no PB.

Considerando que as ordenações são diferentes, os participantes utilizaram estratégias para buscar convergência entre as estruturas, mesmo quando as estruturas não coincidiram. Há a escolha de uma das línguas para reger a derivação sintática, mas também o uso de alternância pode ser uma das estratégias para manter ambas produções mais felizes, mesmo que sejam submetidas à estrutura da outra língua. Também vimos que o uso de verbos manuais favorece a escolha da língua de sinais como língua primária, enquanto que a aplicação de verbos gerais favorece o PB como língua a reger a derivação sintática. Assim, as escolhas das línguas como primária e secundária em contextos nos quais os interlocutores são bilíngues e podem alternar entre uma e outra língua primária podem ser influenciadas pelo tipo de estrutura sintática a ser derivada. Os bilíngues bimodais parecem escolher a língua primária de modo a favorecer a produção de sentenças bimodais mais informativas observando condições felizes de produção no ato da interação.

No exemplo 1¹, temos uma construção em que CHUTAR e QUEBRAR são verbos em geral, gerando uma construção SVO em ambas as línguas, mas ao incluir um sinal descritivo visual, o sinalizante alternou as línguas, ao invés de sobrepor-las.

EXEMPLO 1

HOMEM	CHUTAR	DV (quadrado)	JANELA	QUEBRAR	VIDRO
O menino	chutou a bola		na janela	e quebrou	o vidro

No exemplo 2, FUTEBOL2 se refere à ação praticada pelo agente, correspondendo a um verbo sobreposto no português “jogando bola”. Nos dois casos, foi observado que o agente foi pronunciado em ambas as línguas (HOMEM/O menino e CRIANÇA-HOMEM/O menino).

EXEMPLO 2

CRIANÇA-HOMEM	FUTEBOL2	DV(chutar-bola)	QUEBRAR	VIDRO
O menino	jogando bola	chutou	quebrando	o vidro

¹ Todos os exemplos apresentam um link com o vídeo em Libras.

Assim, a tendência é de que a Libras siga a estrutura do Português e, neste caso, o participante pronuncia o agente, o causador da ação, de modo a manter as sentenças mais compreensíveis, mesmo que não totalmente gramaticais na língua secundária. Diferente desses casos, as construções com verbos manuais alteraram a ordem SVO, sugerindo que prevalece a estrutura da Libras e a sentença em Português acomoda-se sintaticamente a ela.

No exemplo 3, a ação de pegar um balde e colocar a neve dentro dele é articulada a partir dos verbos manuais: DV (pegar-balde) e DV (colocar-balde). Note-se que aqui a ordem é O(S)V, já que primeiro o objeto NEVE, que sofre a ação, é pronunciado no início da sentença em ambas as línguas. Em seguida, uma sequência de verbos manuais descreve a ação de alguém (S) pegar o balde, colocar a neve no balde (V) e a consequência (DERRETER ÁGUA/ aí derreteu). Ou seja, aqui o Português precisou se acomodar à estrutura da língua principal, a Libras, que é favorecida ao serem usados verbos manuais.

EXEMPLO 3

NEVE	FS (neve)	DV (pegar-balde)	DV (colocar-balde)	DERRETER	ÁGUA
Neve		pegou	e botou num balde	aí derreteu	

Outra característica interessante é que o sujeito, que coincide com o agente causador (S), não é pronunciado nas duas línguas. Isto parece indicar que esse tipo de construção com verbos manuais, pelo fato de incorporarem simultaneamente a ação e o agente, não demonstra a necessidade de marcação de sujeito explícita. Nas imagens apresentadas aos participantes, um menino é o agente causador que pega a neve e coloca no fogão para derreter.

Há ainda um caso identificado em que não há acomodação de uma língua à outra. Na Libras, DV(balde) NEVE é claramente o objeto da sentença na posição de tópico no exemplo 4. A participante sinaliza o objeto (o balde de neve), depois o verbo manual que inclui de uma só vez o agente(S) e a ação do balde sendo colocado no fogão (V). O agente é incorporado no verbo manual em Libras, enquanto que em Português não há um agente. Neste caso, houve uma tentativa por parte do falante/sinalizante de produzir as duas sentenças o mais próximas possíveis em termos fonológicos, mas este esforço teve um efeito morfossintático na sentença em português. O resultado foi a produção de uma sentença na qual 'o balde de neve' é o que está no fogão para ser derretido, em termos sintáticos, e não a 'neve', uma vez que o uso do morfema marcando gênero em 'derretido' concorda com 'balde' e não com 'neve'. A tentativa em adaptar as línguas, uma a outra, mantendo a gramaticalidade nas duas causou este efeito, embora a informatividade seja mantida.

EXEMPLO 4

DV (balde)	NEVE	DV (colocar-balde-fogão)	FOGO_	DILUIR
O balde	de neve	está	no fogão	para ser derretido

A sentença causativa 5 com verbo manual segue a estrutura SVO em Português e SOV em Libras na sentença subordinada, apresentando incongruência. Neste exemplo, a incongruência entre BARCO e afundar talvez aconteça porque na sequência foi usado um classificador manual, AFUNDAR-BARCO, assim, a falante/sinalizante introduz o SINAL referente ao classificador de entidade que irá pronunciar na sequência. Aqui a pronúncia do agente em ambas estruturas está explícita.

EXEMPLO 5

HOMEM	REUNIÃO	DECIDIR	BARCO	AFUNDAR-BARCO	VELHO
Homens	na reunião	decidiram	afundar	um barco	velho

Portanto, os resultados mostram duas estruturas causativas possíveis com base na tipologia verbal nas sentenças sobrepostas apresentadas. Ora o Português é a língua que rege a derivação sintática: isso ocorre especialmente nos verbos que geram uma sentença com ordem SVO com agente pronunciado. Já nos verbos manuais, a tendência é de a Libras ser a língua primária e, nestes casos, a ordem pode ser OSV com o objeto na posição tópico. Além disso, uma vez que os verbos manuais sinalizam a ação sofrida pelo objeto e ao mesmo tempo implicitamente incorporam o agente causador, não há a obrigatoriedade de pronunciá-lo.

Estas construções causativas revelam que há alternâncias na escolha da língua primária pelos bilíngues bimodais e são feitas acomodações sintáticas de uma língua para outra, gerando a síntese no processo de derivação de uma sentença única. Portanto, nas construções causativas em Português e Libras geradas a partir deste estudo, ocorrem por meio da congruência de línguas que pode ser explicadas a partir do modelo de síntese, mesmo que as estruturas sejam diferentes. No nível sintático, o fato de os verbos manuais incorporarem o objeto favorece o pronunciamento do objeto em Português juntamente com o verbo manual, pois os traços do objeto estão presentes no próprio verbo e isso é usado como estratégia pelos sinalizantes. Percebemos que há uma adaptação de uma língua a outra para potencializar a comunicação, mesmo que isso tenha um custo maior. A tendência, assim como Sorace (2011) verificou para outros pares de línguas, é de adaptação da produção bilíngue para buscar alternativas mais comunicativas. A estratégia usada nestas sentenças é de acomodação de uma língua a outra, na qual uma das línguas torna-se primária e a outra língua segue sua ordenação. O fato de os verbos manuais encapsularem o agente e a forma do objeto referente facilita a recuperação da informação na Libras tornando a produção inteligível e mantendo-se então a ordem SVO do português, porque a estrutura computada está nesta ordem.

5 CONSTRUÇÕES PASSIVAS

Nas línguas de sinais, as construções passivas em ASL foram estudadas por Janzen *et al.* (2001). Os autores argumentam que nestas, o sinalizante apresenta o evento do ponto de vista do paciente e o agente, entendido como executor da ação, é rebaixado, podendo mesmo não ser mencionado por ser desconhecido ou irrelevante. Nas construções passivas em ASL, o corpo do sinalizante refere-se ao paciente e o movimento das mãos à ação praticada pelo agente. Este movimento do verbo é comumente associado ao agente ainda que ele seja rebaixado e o paciente, em posição de destaque na sentença, é imóvel. Em uma construção passiva, quando o agente não é especificado, o movimento dos verbos de concordância inicia em um lócus morfossintático, mas semanticamente vazio. Janzen *et al.* (2001) referem-se ainda às construções passivas com *role shifting*. No *role shifting*, há uma mudança na direção do tronco e do ombro para marcar a troca de papéis de personagens em narrativas. No caso das passivas, a mudança de perspectiva do *role shifting* ocorre de agente para paciente. Os autores também comentam outro tipo de construção em ASL que está relacionada à passiva: um agente não especificado em um plano alto é articulado junto com um verbo com movimento para cima e para longe do sinalizador, construção que também é conhecida na literatura como *high locus*. No presente estudo, identificamos características bastante semelhantes a estas descrições na Libras. No entanto, verificamos que em Libras, na produção de uma estrutura com *role shift* associada com verbos com concordância ou manuais ao tomar o corpo do sinalizante associado ao *role shift* como paciente da ação, sempre há um agente, mesmo que omitido em função da forma dos verbos. Sendo assim, a estrutura gerada não é de passiva, pois o agente da ação continua sendo o sujeito, apesar de ser um sujeito-nulo, uma vez que a Libras é uma língua *pro-drop* (QUADROS, 1995).

Ainda com relação à construção de passivas em ASL, outro estudo é o de Villanueva (2010) que analisa sentenças de tarefa de elicitación, de tradução de passivas em inglês para ASL. A autora não encontrou diferença entre os verbos das sentenças com agente desfocado daquelas sentenças com foco no agente, além de o paciente não aparecer em posições sintáticas diferentes das sentenças com agente focado. Não expressar abertamente o sujeito foi considerada a principal estratégia para desfocar o agente. As sentenças em ASL com agente desfocado mostram: 1. Sujeito não-declarado; 2. *Conceptual Blending*, com *depicting signs* e construções classificadoras; 3. *Surrogate blending*= R-loci; 4. Verbos indicadores/de concordância; 5. Respostas às questões retóricas (questões-rh); 6. Forma lexical não especificada, tal como um pronome. Os principais traços de desfocagem do agente identificados por Villanueva (2010) são falta de proeminência e falta de especificidade e os tipos verbais influenciam no status do agente. Os verbos simples mostram relações entre um agente e um paciente que não mencionam a identidade do agente e o resultado é uma construção

em que o agente é desfocado. Já os verbos indicadores (com concordância) possuem uma referência espacial com seus trajetos revelando proeminência mesmo quando a identidade não é declaradamente especificada e isso resulta em uma construção com foco reduzido. Da mesma forma, as construções classificadoras (*depicting signs* incluindo os verbos manuais) como uma representação da ação de um substituto indicando o agente de forma visualmente proeminente, que pode ser produzido sem mencionar a identidade do agente substituto; o resultado da interação entre uma alta proeminência e uma baixa especificidade é uma construção com foco reduzido no agente. Na comparação entre as sentenças em ASL sem agente declarado e a passiva em inglês, a autora argumenta que ambas têm função de desfocar o agente, que tanto em ASL como no inglês não existe um marcador morfofonológico para a passiva; não existe mudança na trajetória e locação dos referentes (não há um movimento do objeto para a posição do sujeito). Os sinalizantes em ASL, ao usarem expressões sem sujeitos nominais, deixam a posição gramatical de sujeito, que é a mais proeminente, vazia e a identidade do agente não especificada. Essa combinação de falta de especificidade e falta de proeminência resulta em uma construção em que o agente é completamente desfocado. Concluindo, enquanto a ativa em ASL tem o sujeito declarado, a passiva em ASL tem um sujeito não-declarado, no contexto que o sujeito não foi previamente expresso no discurso. Se o sujeito já foi estabelecido no discurso é diferente da construção com agente desfocado, pois traz status diferentes para o agente. No caso da Libras, verificamos que apesar de haver o uso do que a autora refere como sujeito desfocado, o tipo de estrutura produzido em Libras não é de uma verdadeira passiva, pois mesmo que o sujeito seja indeterminado (que é o caso da maioria dos exemplos citados por Villanueva (2010) ao referir sujeitos desfocados), do ponto de vista sintático, há um sujeito agentivo gramatical, mesmo que não esteja determinado ou pronunciado. O uso de sujeitos indeterminados é uma das estratégias usadas pelos sinalizantes de Libras para sobrepor a Libras a estruturas passivas em PB.

No Português, as construções passivas são aquelas em que o sujeito da frase ativa se torna o agente e o objeto da sentença ativa se torna o sujeito de um verbo que combina o auxiliar 'ser' e o particípio passado do verbo transitivo. Esta é uma das formas de construção da passiva no Português. O agente da passiva, nessa língua, também pode ser apagado (DUBOIS *et al.*, 2006).

Ao observarmos a produção das sentenças pelos participantes Cotas bilíngues bimodais, procuramos identificar se havia alguma estrutura na Libras para a construção passiva, combinada com a passiva do Português. Identificamos a utilização de estratégias para ajustar a Libras à estrutura passiva do Português que tornaram a estrutura da Libras também adequada, com convergência e adaptação à estrutura passiva do PB, mesmo não havendo uma verdadeira construção passiva na Libras. Entre elas, vimos o uso do sujeito indeterminado, a omissão do sujeito para não conflitar com o material fonológico pronunciado no PB e da alternância das estruturas sintáticas da Libras e do PB, ao invés da sobreposição, favorecendo a alternância das estruturas sintáticas da Libras e do PB.

Um tipo de construção observado é o de passivas no Português sobrepostas a uma estrutura em Libras em que verbos são produzidos com movimento *down-up* ou *up-down*. Estas construções na Libras possuem um sintagma determinante (DP) localizado em uma área alta (*high locus*), ou seja, um ponto alto no espaço de sinalização. Neste caso, os sujeitos são interpretados como indeterminados, pois não são especificados pelo sinalizante.

Este é o caso do exemplo 6, porque a sentença na Libras segue a mesma ordem da sentença passiva no Português, no entanto o verbo ASSALTAR é produzido com um movimento do espaço neutro em direção à cabeça (de baixo para cima). Este movimento é feito em um ponto alto do espaço e o sujeito indeterminado na Libras que não é pronunciado em função da sua indeterminação, viabilizando a sobreposição com o PB na estrutura passiva que rege esta derivação. Parece que os sinalizantes estão tentando produzir uma estrutura adequada na Libras enquanto produzem a passiva no Português, isto porque, com base na imagem visualizada, não era possível identificar o agente da ação em ASSALTAR. Em Libras, o uso do *role shift* também foi usado e justificase pela própria natureza do verbo direcional referindo-se à ação sofrida por um paciente animado.

EXEMPLO 6

HOMEM	ASSALTAR	RUA
Um homem	foi assaltado	na rua

Da mesma forma, no exemplo 7, a construção em Libras que se sobrepõe à passiva no Português possui um movimento produzido de cima para baixo, em direção ao espaço neutro, ao se referir a uma entidade inanimada (LOJA) mas sem especificar quem praticou a ação. O exemplo 7 apresenta uma estrutura de *high locus*, porém não é *role shift*, já que o verbo direcional, junto com o paciente inanimado (a loja) direciona-se para o espaço neutro e não para o corpo do sinalizante.

EXEMPLO 7

LOJA	ASSALTAR
A loja	foi assaltada

A estrutura para cima (*up*) em Libras também mostrou a possibilidade de combinação com a sentença impessoal em Português, como no exemplo 8, no verbo manual DV (pegar-carteira).

EXEMPLO 8

ROUBAR	DV(pegar-carteira)	DV(pegar-carteira)	ROUBAR	DV(pegar-carteira)	HOMEM
Roubaram	a carteira da	roubaram	a	carteira	do moço

Os exemplos acima mostram estratégias que permitem sobrepor a Libras e o Português, com estruturas adequadas em ambas as línguas, tanto combinada com a forma passiva quanto à forma impessoal em Português.

Barberà e Hofherr (2017) analisam as construções com movimento para cima (*up*) como *high-locus construction*, em língua de sinais catalã. As autoras afirmam que sentenças desse tipo não se comportam exatamente como passivas, por não envolverem redução de transitividade e por não haver evidências de que o objeto seja reduzido a sujeito. Então argumentam que nestas construções há uma referencialidade deficiente do sujeito, sem qualquer mudança na transitividade, comparável a uma construção sem sujeito especificado. Esta conclusão de Barberà e Hofherr (2017) parece também ser observada na Libras, uma vez que notamos que estas estruturas mantêm o sujeito gramatical que originalmente é agente, diferente do processo de passivação que acontece no PB.

Como mostramos nos exemplos de 5 a 8, a construção em Libras sobrepõe-se tanto à passiva quanto à forma impessoal no Português. Esta sobreposição evidencia uma acomodação da Libras ao Português, mas há uma tentativa de adaptação dentro das possibilidades linguísticas disponíveis de produzir a Libras da melhor forma possível (a la SORACE, 2011). Neste sentido, a estrutura gramatical gerada é de passiva ou de impessoal e a acomodação dos itens lexicais da Libras no nível fonológico (após *spell-out*) é combinada acomodando o conteúdo fonológico sem comprometimento desta estrutura. Em relação ao impessoal, torna-se mais fácil compatibilizar as estruturas, mas em relação à passiva vemos que material lexical é omitido de uma língua para permitir a checagem da estrutura com o material lexical da outra língua, minimizando o comprometimento das estruturas pronunciadas em ambas línguas.

As autoras distinguem duas estruturas de agente de fundo na língua de sinais catalã: construções *high-locus* e as construções centrais sem concordância. Nas construções *high-locus* não há um agente expresso, o verbo é flexionado (verbos de concordância ou simples), a concordância entre um *high-locus* e um agente não foi previamente ativada; o corpo do sinalizante tem função de paciente (com pacientes animados) ou a sinalização é feita no espaço neutro (com pacientes inanimados); com pacientes animados pode ser feito um *role shift* do sinalizante ao paciente marcado pelo desvio do olhar e inclinação do corpo. Exemplo: POLICEMAN 3up-

HIT-1. Nas construções centrais sem concordância, o agente não é expresso, o verbo não é flexionado, o paciente é inanimado, o sinal é articulado no espaço neutro em frente ao sinalizador e frequentemente é usado o marcador “ALREADY”. Exemplo: HOUSE BUYc ALREADY. Nas construções *high-locus*, foram identificados tanto verbos de concordância como verbos simples, mas as construções centrais sem concordância são limitadas a verbos simples. Em um verbo simples como QUEBRAR, se articulado no espaço neutro em frente ao sinalizador, é interpretado como a articulação *default* do verbo, ou seja, uma construção central sem concordância. No entanto, ele pode ser articulado com inclinação do corpo e *high locus* e esta configuração é interpretada como um agente humano não específico. Na Libras, mesmo que não haja a inclinação, há o *role-shift* que fica registrado por meio do uso do corpo do sinalizante, podendo ser mais proeminente ao ser associado à inclinação ou elevação dos ombros.

Outro conjunto de exemplos que ilustra esta relação com estruturas em que há pacientes animados também mostrou que é possível sobrepor a passiva do PB a uma estrutura que parece ser utilizada como passiva na Libras; são os casos de *role-shift* nos verbos manuais. Na verdade, vemos que a estrutura com *role-shift* é agentiva na Libras, mas a sobreposição é possível porque o *role-shift* ocupa a posição do agente sem afetar a estrutura gramatical de passiva do Português permitindo a sobreposição. Sempre em que há o *role-shift*, o paciente é o corpo do sinalizante para o qual o movimento do verbo é direcionado.

EXEMPLO 9

HOMEM	DV(risco)	DV(garra)	GATO
O menino	foi machuc[ado]	arranhado	pelo gato

EXEMPLO 10

BEBÊ	DV(risco)	IX (esse)	GATO
Um bebê	foi arranhado	pelo	gato

As estruturas acima mostram que foram produzidas sentenças sobrepostas que evidenciam a compatibilização das línguas, mesmo com estruturas diversas. A estrutura gramatical gerada na passiva do PB é preenchida com material da Libras de forma sobreposta sem ser comprometida do ponto de vista gramatical, pois há um esforço do sinalizante em produzir em ambas as línguas estruturas o mais aceitáveis possível.

Outra possibilidade encontrada foi a de produzir passiva ou impessoal em PB, com a Libras apenas se submetendo à estrutura do Português, ou seja, os sinais seguiram a ordem da sentença em PB, não produzindo uma sentença sobreposta completa, uma sobreposição parcial com alternância entre as línguas para tentar salvar a produção da outra língua de forma mais aceitável possível, novamente adaptando uma língua a outra (a la SORACE, 2011). Nesses casos, o PB é a língua que rege a derivação sintática.

EXEMPLO 11

HOMEM	ROUBAR
O cara	foi roubado

EXEMPLO 12

ROUBAR	CARTEIRA	HOMEM
Roubaram	a carteira	do homem

EXEMPLO 13

	QUEBRAR	ROUBAR	QUEBRAR	ROUBAR
A loja foi	quebr[ada]	assaltada	quebrada	por assaltantes

Há também uma tendência de produção de sentenças causativas em Libras, o que pode ser uma evidência de produção de causativa no lugar da passiva, influenciando também na transformação do Português em causativa. Desta forma, há uma tentativa de conciliar o Português com a Libras, com ajustes para que ambas as línguas sejam realizadas na forma causativa e se evite a construção passiva, provavelmente por ser mais natural produzir causativa em Libras. Então há uma reorganização da sentença em Libras na forma causativa, que influencia também o Português. As sentenças abaixo são um exemplo, com a causativa sendo produzida em Português e a não marcação do verbo manual em Libras.

EXEMPLO 14

GATO	DV (garra)	BEBÊ
O gato	arranhou	o bebê

Outra possibilidade de tentativa de reorganização da Libras e do PB à estrutura causativa pode gerar omissão de elementos de uma das línguas, com o acarretamento de incongruências ao sobrepor as duas línguas. No exemplo abaixo, houve produção de efeito sonoro no lugar do verbo em PB sobreposto ao verbo manual em Libras. Os efeitos sonoros indicam o uso de ações construídas gestuais que são recursos visuais gramaticalizados na Libras enquanto resultado da modalidade da língua visual-espacial. Esses efeitos sonoros associados aos verbos manuais foram também identificados por Quadros *et al.* (2019).

EXEMPLO 15

HOMEM	ESTAR	BRINCAR	GATO2	DV(garra)	MENINO
O menino	estava	brincando	e o gato	s.e. (tsss)	o menino

Uma outra estrutura encontrada foi quando o participante produziu uma passiva no PB, inicialmente seguindo a estrutura do Português com sobreposição da Libras, seguida de alternância para a Libras com marcação para cima sem sujeito definido, como podemos observar no exemplo (16). Este é um exemplo de alternância de línguas. Ele passa para a Libras para fazer o verbo manual para cima e parece que reanalisa a própria produção em Libras mantendo a passiva do Português, viabilizando a sobreposição das duas línguas de forma mais aceitável possível, sem ofender a estrutura derivada. O exemplo (15) sobrepôs o efeito sonoro que é um tipo de produção icônica oral ao material icônico lexicalizado da Libras sem marcar a agentividade no PB que está presente na Libras por meio do sinal produzido. No caso do exemplo (16), o material em PB não foi pronunciado ao haver esta mesma produção icônica lexical em Libras que marca a agentividade da sentença que não está presente no PB. Estas duas possibilidades permitem a sobreposição e a alternância das línguas garantindo a adequação das produções para fins comunicativos.

EXEMPLO 16

HOMEM					
MULHER	DV(pessoa-movimento)	É	ROUBAR	DV(puxar-cima)	NÃO-VER
HOMEM					
Um rapaz	no meio da multidão	foi	roubado		e ele não percebeu

Identificamos, portanto, as seguintes formas de sobreposição da Libras a estruturas passivas em PB:

1. Passivas ou impessoais em Português + Libras seguindo a estrutura do Português ou não realizando *blending* completo.
2. Passivas em Português + Libras com *high locus* com *role-shift* associado ao paciente da passiva ou *role-shift* associado ao agente na direção do paciente da passiva inanimado.
3. Passivas em Português + Libras com verbos manuais com *role shift* preservando a agentividade por meio da animacidade associada ao corpo do sinalizante no *role shift*.

A alternância de línguas também pode ser empregada para evitar sobreposições incongruentes e, também, o uso de efeitos sonoros associados às construções descritivas visuais na Libras permite a sobreposição sem conteúdo associado a conteúdo gramatical favorecendo a síntese.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo procurou observar como Cotas adultos produzem estruturas causativas e passivas sobrepondo Libras e Português, com o objetivo de verificar se estas construções poderiam ser explicadas pelo modelo de síntese, bem como identificar possíveis restrições, utilizando para tal uma tarefa de elicitación de sobreposição das duas línguas. Foi observado o caso de apenas uma das línguas ser escolhida para reger a derivação sintática ou haver alternâncias entre uma ou outra estrutura. No primeiro caso, uma língua é escolhida como primária e a outra ajusta-se da melhor forma possível àquela estrutura. No segundo caso, também se observa o esforço para produzir de forma compreensível em ambas as línguas.

No caso das construções causativas, a tipologia verbal influenciou na construção da sentença. Os exemplos que mostramos elucidaram algumas possibilidades de estratégias para a tentativa de produção de boas sentenças em ambas as línguas: causativa SVO com descritivo visual, que alternou duas línguas no lugar de sobrepô-las; SVO em ambas as línguas com agente pronunciado em Libras e PB; mudança na ordem SVO em Libras quando é produzido verbo manual, com PB acomodando-se sintaticamente à Libras; marcação de sujeito não explícita nas duas línguas, em sentenças com verbos manuais; não acomodação de uma língua a outra, embora mantida a informatividade; causativa com verbo manual e agente explícito em ambas, apresentando incongruência pois gerou SVO em PB e SOV em Libras. As causativas na Libras geralmente seguiram a ordem do Português (SVO) nas sentenças com verbos em geral, no entanto naquelas com verbo manual, há mudança na ordem, com movimento do objeto para antes do verbo, ou seja, a ordem da Libras fica diferente da causativa em PB. Assim, concluímos que o verbo manual favorece a Libras como língua primária e os verbos gerais favorecem o PB.

Nas construções passivas, a ideia era verificar se havia alguma estrutura na Libras que fosse compatível com as passivas no PB. O que foi observado não foi uma verdadeira passiva em Libras, mas estratégias possíveis para sobrepor a Libras à estrutura passiva do PB. Assim, foram construídas passivas no Português com movimento do verbo em Libras localizado em uma área alta (*high locus*), interpretados como sujeitos indeterminados por não serem especificados. Com relação à ação sofrida por um paciente animado, também foi produzido em Libras um *role shift*, associado a um verbo direcional, indicando o paciente que sofre a ação descrita. Neste caso, ainda assim há um agente da ação que continua sendo o sujeito, mesmo que este seja um sujeito nulo. Quando o sinalizante se refere a uma entidade inanimada foi produzida uma outra possibilidade, um movimento do verbo direcional produzido de cima para baixo em direção ao espaço neutro, não sendo possível também identificar quem praticou a ação. Esta

mesma estrutura também foi possível combinar com uma sentença impessoal do PB. A sobreposição, nestes casos, mostra a acomodação da Libras à estrutura passiva ou impessoal do PB, havendo compatibilização das línguas. Foi observada também uma tendência de produção de causativas em Libras no lugar da passiva, evitando esse tipo de construção; a presença de incongruências na tentativa de reorganização da Libras e do PB à estrutura causativa gerando perdas de elementos de uma das línguas; ou alternância das línguas, quando o participante começa a produzir uma passiva no PB seguindo a estrutura dessa língua mas depois alterna para Libras como língua primária, reanalizando a produção em Libras e mantendo a passiva do PB. Sintetizamos, então, três formas possíveis de sobreposição da Libras à passiva do PB: (i) Libras seguindo a estrutura passiva do PB ou não realização de *blending* completo; (ii) Libras com *high locus* e *role shift* associado ao paciente animado ou *role shift* associado ao agente em direção ao paciente inanimado em direção ao espaço neutro; (iii) Libras com verbos manuais e *role shift*, preservando a agentividade pela animacidade associada ao corpo do sinalizante. Sendo assim, observou-se que estas estruturas em Libras que se sobrepueram às passivas do PB, apesar de não serem verdadeiras passivas, tornaram a Libras também adequada.

Os resultados sugerem que os bilíngues bimodais, ao produzirem sentenças causativas e passivas sobrepondo Libras e PB, valem-se de uma série de estratégias para alcançar uma convergência consistente entre as produções das duas línguas, com o intuito de haver uma boa interação comunicativa. Assim, eles escolhem uma língua como primária, que irá gerar a derivação, enquanto a outra procurará uma forma de se ajustar à primeira estrutura. Há também tentativas de busca de convergência de sentenças aceitáveis sem infringir a síntese de línguas, mesmo com estruturas gramaticais tipicamente diferenciadas entre as línguas, que é o caso de produções causativas e passivas no par de línguas analisado, Libras e PB. Quando isso acontece, há o uso de estratégias para evitar a sobreposição de sentenças incongruentes. Para isso, o uso de alternância de línguas, a sobreposição parcial das línguas e o preenchimento lexical da língua secundária podem ser opções produzidas para evitar produções não gramaticais nas línguas sobrepostas. Além disso, a opção gramatical mais convergente será a opção para a sobreposição. Conclui-se, então, que parece haver uma tendência para a produção de sentenças causativas em Libras ao invés de estruturas passivas. Quando no Português é produzida uma sentença passiva, a sentença em Libras se torna ininteligível por utilizar a ordem do Português. Em alguns casos de passiva no Português, o sinalizante utilizou-se de estratégias em Libras, como o uso do impessoal (*up*) ou *role shifting*. Estas foram estratégias usadas para produzir sentenças sobrepostas em Libras e PB. Mas, de modo geral, a tendência é a produção de causativas em Libras e isso é confirmado na produção dos dados dos surdos - grupo controle. Quando veem a sentença escrita em Português, os surdos produzem uma sentença em Libras causativa.

REFERÊNCIAS

- BARBERÀ, G.; HOFHERR, P. C. Backgrounded agents in Catalan Sign Language (LSC): Passives, middles, or impersonals? *Language*, Baltimore, v. 93, n. 4, p. 767-798, 2017.
- BISHOP, M.; HICKS, S. Orange Eyes: Bimodal bilingualism in hearing adults from Deaf families. *Sign Language Studies*, Washington, v.5, p. 188-230, 2005.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- DUBOIS *et al.*, 2006. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- EMMOREY, K. *et al.* Bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 11, n.1 p. 43-61, 2008.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K; KEYSER, S. J. (org.). *The View from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- JANZEN, T.; O'DEA, B.; SHAFFER, B. The Construal of Events: Passives in American Sign Language. *Sign Language Studies*, Washington, v. 1, n. 3, p. 281-310, 2001.

- LIDDELL, S. *American Sign Language Syntax*. The Hague: Mouton Publisher, 1980.
- LILLO-MARTIN, D. *et al.* Bimodal bilingual cross-language influence In unexpected domains. In: COSTA, J; CASTRO, A.; LOBO, M.; PRATAS, F. (org.). *Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA 2009*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press, 2010. p. 264-275.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de; CHEN-PICHLER, D.; Language choice in bimodal bilingual development. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 5, n. 1163, p. 153-167, out. 2014.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de; CHEN-PICHLER, D. The development of bimodal bilingualism: Implications for linguistic theory. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdã, v. 6, p. 719-755, 2016.
- MACSWAN, J. The architecture of the bilingual language faculty: Evidence from code- switching. *Bilingualism: Language & Cognition*, Cambridge, n. 3, p. 37-54. 2000.
- MACSWAN, J. Codeswitching and generative grammar. *Bilingualism: Language & Cognition*, Cambridge, v. 8, n. p. 1-22, 2005.
- NAPOLI, D. J.; SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. Influence of Predicate Sense on Word Order in Sign Languages: Intensional and Extensional Verbs. *Language*, Baltimore, v. 93, n. 3, p. 641-670, 2017.
- PIERANTOZZI, C. Agreement within early mixed DP. In: BRAUNMÜLLER, K.; GABRIEL, C. (org.). *Multilingual Individuals and Multilingual Societies*. John Benjamins, Amsterdã, 2012. p. 137-152.
- POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPANOL: Towards a typology of code-switching. *Linguistics*, Mouton Publisher, The Hague, v. 18, p. 581-618, 1980.
- PRESTON, P. Mother Father Deaf: The heritage of difference. *Social Science and Medicine*, Amsterdã, v. 40, n.11, p.1461-1467, 1995.
- QUADROS, R. M. As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- QUADROS, R. M. de. *Phrase Structure in Brazilian Sign Language*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- QUADROS, R. M. de.; LILLO-MARTIN, D.; CHEN-PICHLER, D. Bi-national Bi-modal Bi-lingual corpora of child language. In: MELLO, H.; PETTORINO, M.; RASO, T. (org.). *Proceedings of the VIIth GSCP [Gruppo di Studi sulla Comunicazione Parlata]*. International Conference: Speech and Corpora, Firenze: Firenze University Press, 2012. p. 87-92.
- QUADROS, R. M. de.; LILLO-MARTIN, D.; CHEN-PICHLER, D. Methodological considerations for the development and use of sign language acquisition data. In: RASO, T. MELLO, H.; PETTORINO, M. (org.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. John Benjamins Publishers, Amsterdã, 2014. p. 84-102.
- QUADROS, R. M. de. *et al.* Methods in bimodal bilingualism research: Experimental studies. In: ORFANIDOU, E.; WOLL, B.; MORGAN, G. (org.). *The Blackwell Guide To Research Methods In Sign Language Studies*. Blackwell, Nova Jersey, 2015. p. 250-280.
- QUADROS, R. M. de. ;LILLO-MARTIN, D; CHEN-PICHLER, D. Bimodal Bilingualism: Sign Language and Spoken Language. In: MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. *The Oxford Handbook of Deaf Studies in Language*. New York: Oxford University Press, 2016a. p. 181-196.

QUADROS, R. M. de. ; LILLO-MARTIN, D.; EMMOREY, K. As línguas de bilíngues bimodais. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v. 11, p. 139-160, 2016b.

QUADROS, R. M. de. *Língua de Herança*. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de. Fundamentos do bilinguismo bimodal. In: MOTA, M. B.; NAME, C. (org.). *Interface linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística*. Tubarão: Copiart, 2019. p. 219-241.

QUADROS, R. M. de. *et al.* Code-blending with depicting signs. *Linguistic Approaches to Bilingualism*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdã, p. 1-19, 2019.

SORACE, A. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. Keynote epistemological article. *Linguistic Approaches to Bilingualism*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdã, v. 1, n. 1, p. 1-33, 2011.

VAN DEN BOGAERDE; BAKER, A. Are young deaf children bilingual? In: MORGAN, G.; WOLL, B. (org.). *Directions in Sign Language Acquisition*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 183-206.

VILLANUEVA, M. N. Non-agent focused constructions in American Sign Language: A Cognitive Linguistic Analysis. . 2010. Dissertation (Doutorado em Filosofia) – Department of Linguistics and the Graduate School of Gallaudet, Washington, 2010.



Recebido em 18/09/2020. Aceito em 08/10/2020.

PORTAL DE LIBRAS

PORTAL LIBRAS

LIBRAS PORTAL

Renata Krusser*

Instituto Federal de Santa Catarina | campus Palhoça Bilíngue

Daniela Saito**

Instituto Federal de Santa Catarina | campus Palhoça Bilíngue

Ronice Müller de Quadros***

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O Portal de Libras é uma interface que centraliza uma série de materiais e ferramentas disponíveis que tenham relação com a língua brasileira de sinais (Libras) e que possam ser usadas para fins de pesquisa e para fins educacionais. O Portal de Libras foi desenvolvido para compreender ferramentas que fomentem a constituição de uma rede de formação e/ou comunidade de prática, viabilizando o compartilhamento de conhecimentos e a interação em Libras e em Português. Ela foi desenvolvida levando em conta aspectos relacionados à acessibilidade e à usabilidade *web*, sobretudo no que tange aos vídeos em Libras, uma vez que estes deverão permitir a fácil utilização do site, tanto em relação ao acesso aos menus e aos *hiperlinks*, quanto à utilização das ferramentas de comunicação disponibilizadas na comunidade de prática. Além disso, o sistema de gerenciamento de conteúdo do Portal foi customizado de modo a suportar a disponibilização dos vídeos sem a necessidade de implementação via código. O layout apresenta um design atraente e explora recursos visuais compatível com os usuários surdos. Foram desenvolvidas ferramentas que favoreçam a acessibilidade, indexação de informações e *upload* de vídeos, constituindo-se esta etapa numa possibilidade de pesquisas e desenvolvimento de produtos que poderão ser revertidos a toda comunidade surda e ouvinte. Ademais, a rede/comunidade dispõe de repositórios para compartilhamento de materiais, tais como imagens, arquivos, fotos, ferramentas de apoio à decisão, ferramentas visuais para atividades colaborativas. O desenvolvimento envolveu várias pesquisas que serão descritas neste artigo.

PALAVRAS-CHAVES: Design. Interface bilíngue. Acessibilidade.

* Renata Krusser é designer e professora da área de design e multimídia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) câmpus Palhoça bilíngue. E-mail: renata.krusser@ifsc.edu.br.

** Daniela Saito é professora e pesquisadora de multimídia e acessibilidade no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) câmpus Palhoça bilíngue. E-mail: daniela.saito@ifsc.edu.br.

*** Ronice Müller de Quadros é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Libras e pesquisadora do CNPQ E-mail: ronice.quadros@ufsc.br

RESUMEN: El Portal de Libras es una interfaz que centraliza una serie de materiales y herramientas disponibles que tienen relación con la lengua de señas brasileña (Libras) y que pueden ser utilizados con fines investigativos y educativos. El Portal de Libras se desarrolló para comprender las herramientas que fomentan la formación de una red de capacitación y/o comunidad de práctica, permitiendo el intercambio de conocimientos y la interacción en Libras y en portugués. Se desarrolló teniendo en cuenta aspectos relacionados con la accesibilidad y utilidad en la web, especialmente en lo que respecta a los videos en Libras, teniendo en cuenta que estos deben permitir un fácil uso del sitio web, tanto en lo relacionado con el acceso a menús e hipervínculos, como con el uso de herramientas de comunicación disponibles en la comunidad de práctica. Además, el sistema de gestión de contenido del Portal se personalizó para admitir la disponibilidad de videos sin la necesidad de implementación de códigos. El formato presenta un diseño atractivo y aprovecha recursos visuales compatibles con los usuarios sordos. Se desarrollaron herramientas que favorecen el acceso, la indexación de información y la carga de videos, constituyéndose esta etapa en una posibilidad de investigación y desarrollo de productos que pueden ser compartidos a toda la comunidad de personas sordas y oyentes. Además, la red/comunidad tiene repositorios para compartir materiales, como imágenes, archivos, fotos, herramientas de apoyo a la toma de decisiones, herramientas visuales para actividades colaborativas. El desarrollo involucró varias investigaciones que se describirán en este artículo.

PALABRAS CLAVE: Diseño. Interfaz bilingüe. Accesibilidad.

ABSTRACT: The Libras Portal is an interface that makes available in one place a series of materials and tools related to Brazilian Sign Language (Libras) and it can be used either for the purpose of research and educational goals. The Libras Portal was developed to encode tools that support the constitution of a network for education and/or community of practice, making the sharing of knowledge and the interaction in Libras and Portuguese possible. It was developed considering aspects related to web accessibility and usability, especially with respect to videos in Libras, because these will facilitate the use because of the menu access and hyperlinks, regarding to the tools available related to communication considering the target community of practice. The layout presents an interesting design and it explores the visual resources compatible with deaf users. It developed tools in favour of accessibility, information indexicalization and upload of videos as a set of product research and development that will make possible the use by deaf and hearing communities. Moreless, the network and community offer repositories for material sharing, such as images, files, pictures, support tools to help the decisions, visual tools for collaborative activities. The development included various researches that will be described in this paper.

KEYWORDS: Design. Bilingual interface. Accessibility.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do Portal de Libras (LIBRAS, 2020) incluiu os pesquisadores de todas as instituições envolvidas no projeto, em especial, a equipe especialista em tecnologia, comunicação multimídia e design da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). O Instituto Federal de Santa Catarina conta com os cursos técnico em Comunicação Visual e graduação Tecnologia em Produção Multimídia que incluem pesquisadores das áreas de design, computação gráfica e tradução de vídeos aplicados para a educação bilíngue para surdos. A Universidade Federal de Santa Catarina conta com pesquisadores da área da tecnologia voltada para a acessibilidade *web* e educação bilíngue para surdos. Essa composição viabilizou a concepção das interfaces digitais multilíngues, didáticas e acessíveis do Portal de Libras.

A metodologia adotada para as questões técnicas foi composta pelas seguintes etapas:

- 1) Levantamento do referencial teórico considerando temas relacionados a acessibilidade *web*, desenvolvimento de interfaces bilíngues (língua de sinais e língua oral na modalidade escrita), usabilidade e recuperação de informações. O levantamento foi realizado em bases indexadas de caráter multidisciplinar, de modo a abranger as diversas temáticas relacionadas ao desenvolvimento de interfaces tecnológicas acessíveis.
 - a) Em relação à acessibilidade:
 - i) Promover coexistência harmônica entre a língua de sinais e a língua oral em sua modalidade escrita. Os autores identificados na busca (FOTINEA; EFTHIMIOU, 2008; LI; XU, 2009; NASR, 2010;

TRINDADE; GUIMARÃES; GARCÍA, 2013) afirmam que esta perspectiva, além de ampliar a acessibilidade, estimula a aprendizagem da língua oral escrita além de estimular a interação entre surdos e ouvintes.

ii) Autores como Li e Xu (2009), Nasr (2010), e Trindade, Guimarães e García (2013) salientam a importância de se considerar as particularidades do modo de comunicação dos surdos na seleção das ferramentas tecnológicas a serem disponibilizadas. Esta consideração tem em vista impactar a motivação dos usuários surdos, fomentar a participação ativa na comunidade, bem como a formação do senso de identidade daqueles que fizerem parte da comunidade de prática. Para tanto, sugere-se a disponibilização de ferramentas de interação e comunicação (sejam elas síncronas ou assíncronas), ferramentas de cooperação e ferramentas de colaboração que tenham um caráter visual. Entre os exemplos de ferramentas podem ser elencados: fóruns de discussão que contemplem o uso de imagens e de vídeos em língua de sinais; ferramentas colaborativas de geração de mapas mentais e mapas conceituais; funcionalidades cooperativas para a validação de conteúdo (exemplos: curtir e não curtir, ranqueamento, entre outros).

b) Para a usabilidade de interface:

- i) A navegabilidade do sistema deve ser projetada incorporando a língua de sinais e a existência de *feedbacks* ao usuário (FOTINEA; EFTHIMIOU, 2008; LI; XU, 2009). De acordo com Flor (2016), o uso de traduções em língua de sinais para auxiliar a navegação diminui as ambiguidades e equívocos com palavras distratoras em português.
- ii) Recomenda-se que os ícones tenham forma semelhante ao objeto que representam e, quando existirem ícones convencionalizados pelo uso, optar pela convenção, visto que são mais familiares e funcionais (FLOR, 2016; HICKS, 2011).
- iii) Para melhor desempenho de leitura e uso das funções disponibilizadas, Flor (2016) aponta que os vídeos explicativos devem estar na mesma página e próximos aos conteúdos correspondentes. Em complemento, aponta a importância de recursos de controle da velocidade de sinalização nos vídeos, tal como será posteriormente explanado neste documento.

2) Definição dos requisitos do Portal de Libras que contemplou as seguintes sessões:

a) **Módulo Materiais:** publicações de materiais literários (poesias, contos, narrativas, fábulas, lendas e entrevistas), materiais acadêmicos (livros, teses, dissertações, artigos, revistas e exemplos de Libras) e materiais didáticos (coleções, vídeos, imagens, atividades, textos, recursos interativos, aulas e outros), incluindo *e-books*, *v-books*, textos em Libras e em português, relacionados com os surdos em diferentes áreas do conhecimento.

- i) Acessar materiais
- ii) Favoritar materiais
- iii) Baixar materiais
- iv) Publicar novos materiais

b) **Módulo de Cursos (cursos oferecidos no país relacionados com a Libras)**

- i) Cursos de Libras
- ii) Cursos técnicos
- iii) Cursos de graduação
- iv) Cursos de pós-graduação
- v) Outros cursos para surdos
- vi) Cadastrar cursos

c) **Módulo de Língua (diferentes materiais específicos sobre a Libras)**

- i) Gramática da Libras:

Gramática da Libras, em Libras e com áudio em português
 Cadastro de outros estudos gramaticais da Libras

- ii) Antologias da Libras:
 Antologia Literária em Libras
 Publicação de outras antologias
- iii) Ensino de Libras como L2:
 Quadro de referência para o ensino de Libras como L2
 Publicação de exemplos de aulas de Libras
- iv) Corpus da Libras
- v) *Signbank* da Libras

d) Módulo de Pesquisas

- i) Cadastro de pesquisas em desenvolvimento
- ii) Estatísticas do Portal de Libras

e) Módulo de avaliação (os materiais publicados no Portal de Libras podem ser avaliados pelos usuários)

f) Módulo Perfil do Usuário (os usuários podem criar um perfil e salvar suas preferências e materiais no seu perfil)

- 3) Seleção da plataforma para desenvolvimento, considerando os requisitos determinados para o Portal de Libras;
- 4) Levantamento de ferramentas que atendem à filosofia *open source* que possam ser agregadas à plataforma;
- 5) Desenvolvimento dos projetos de design para as diferentes interfaces;
- 6) Desenvolvimento das atividades de programação do Portal de Libras primando pela filosofia *open source*;
- 7) Testes de usabilidade;
- 8) Disponibilização da plataforma e suas ferramentas para as comunidades surda e ouvinte.

O Portal de Libras envolveu pesquisas na área de design para o desenvolvimento de um projeto de identidade visual que valorizasse a cultura surda e as formas de orientação visual dos surdos. Além de considerar as diretrizes de acessibilidade *web*, são importantes as recomendações de estudos específicos que analisaram o uso de ambientes *web* pelos surdos como os de Flor (2016) e Fajardo, Parra e Cañas (2010). Tais estudos destacam a importância do uso da língua de sinais e o uso de recursos visuais contextualizados.

Um ambiente digital, com suas cores, estilo gráfico, imagens e composição transmite uma ideia sobre o conteúdo e pode instigar o interesse pelo tema abordado, pode favorecer que o usuário se identifique com a proposta, participe das interações, e contribua para o desenvolvimento dos conteúdos. Conforme Ambrose e Harris (2011), a tipografia é um dos recursos gráficos que mais influencia o caráter e a qualidade emocional do produto. “Ela pode produzir um efeito neutro ou despertar paixões, simbolizar movimentos artísticos, políticos ou filosóficos, ou ainda expressar a personalidade de um indivíduo ou organização (AMBROSE; HARRIS, 2011, p.6)”.

Elementos como espaçamentos, estrutura, pontuação, tipo, estilo e layout desempenham uma função muito importante na articulação dos sentidos (LUPTON; MILLER, 2011). Assim também o design dos textos apresentados em vídeos por intérpretes de língua de sinais que utiliza diferentes elementos do design, mas igualmente importantes para a leitura, navegação e para a qualidade emocional do projeto. A presença de um intérprete é muito marcante e pode atrair a atenção ou despertar antipatia, aproximar ou afastar o usuário. Os estudos sobre recursos videográficos articulados com a interpretação em Libras, sobre o projeto da relação entre as janelas de interpretação com as demais imagens, textos escritos, animações, gráficos ou infográficos e para o enquadramento, cores e estilo visual adotado pelo intérprete reúnem recomendações importantes para o trabalho (CASTRO, 2010; SILVA, 2013; WOLL *et. al.*, 1999).

O design que tem como foco a experiência do usuário deve ser planejado considerando os diferentes aspectos dessa experiência, ou seja, visando que o usuário alcance seus objetivos com eficiência, mas também considerando a qualidade da experiência, em

seus aspectos perceptivos e emocionais. Para isso é preciso reconhecer que as expectativas, desejos, capacidades e objetivos de cada usuário são diferentes, assim como os contextos de uso. Para projetar a experiência do usuário (*User Experience Design* ou *UX Design*) a equipe de projetistas deve contar com a participação dos prováveis usuários ao longo do processo e elaborar protótipos para a realização de testes de usabilidade que conduzam as decisões projetuais (KALBACH, 2009; PREECE; ROGERS; SHARP, 2010; GRANT, 2019).

A partir desses estudos e visando a atender as expectativas dos usuários no acesso aos materiais, manter o padrão gráfico e facilitar a publicação dos diferentes tipos de materiais no portal, foram elaboradas orientações, a partir de recursos visuais e verbais (nas duas modalidades linguísticas), e incluídos recursos para a adaptação automática de formatos, tamanhos e configurações.






O design compreendeu também a organização dos conteúdos em uma interface gráfica que permita a navegação utilizando imagens, Libras e textos escritos. Além do design visual, o projeto com foco na experiência do usuário inclui o projeto da arquitetura de informações e o design de interação. A complexidade das informações reunidas no ambiente bilíngue e a necessidade de oferecer uma navegação que valorize uma orientação pelo visual e pela língua de sinais colocam desafios importantes para os projetistas. Vários pesquisadores estavam produzindo e reunindo materiais em Libras e sobre a Libras e catalogando esses materiais. Tais estudos incluem o Corpus de Libras, gramática da Libras, literatura em Libras, materiais didáticos e acadêmicos, banco de sinais e glossários, referências para o ensino de Libras, exemplos de aulas, grupos e projetos de pesquisas.






Conforme Rosenfeld, Morville e Arango (2015), a arquitetura da informação é o projeto de ambientes de informações localizáveis e compreensíveis. A arquitetura da informação envolve a organização dos dados em categorias, a organização visual dessas categorias, a definição dos caminhos para se navegar entre esses grupos de informações e os sistemas de buscas para localizar conteúdo específico. Inclui também a rotulação, ou seja, a definição dos nomes, e sinais em Libras, e os ícones representativos dessas categorias.




A organização dos materiais resultou num layout que priorizou a clareza, utilizando uma distribuição das informações com pouca profundidade, ou seja, com poucos cliques se pode acessar qualquer conteúdo do portal de Libras.

As orientações para a navegação incluem o uso da língua de sinais e ícones. Na apresentação dos materiais buscou-se explorar os recursos visuais permitindo que se usem filtros para localizar informações de forma mais eficiente e a escolha por visualizar os materiais por capa e título, ordenados pelos mais recentes, ou pela foto e nome dos autores, ordenados por ordem alfabética (Figura 1).


PORTAL DE LIBRAS
Língua Brasileira de Sinais










-  Materiais
-  Cursos
-  Língua
-  Pesquisas
-  Espaço Interativo





 UFSC - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
 Departamento de Libras
 E-mail: portallibras@contato.ufsc.br
 Telefone: (48) 3721-9704

PORTAL DE LIBRAS
Língua Brasileira de Sinais




-  **Materiais**
 - Literários
 - Acadêmicos
 - Didáticos
-  Cursos
-  Língua
-  Pesquisas
-  Espaço Interativo




 UFSC - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
 Departamento de Libras
 E-mail: portallibras@contato.ufsc.br
 Telefone: (48) 3721-9704

PORTAL DE LIBRAS
Língua Brasileira de Sinais







-  **Materiais**
-  **Cursos**
 - Libras
 - Escolas Bilíngues
 - Técnico
 - Graduação
 - Pós Graduação
 - Outros
-  Língua
-  Pesquisas
-  Espaço Interativo




 UFSC - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
 Departamento de Libras
 E-mail: portallibras@contato.ufsc.br
 Telefone: (48) 3721-9704



Figura 1: Layout de páginas do portal de Libras: *home*, menus e Materiais literários (com filtros de infantil, juvenil ou adulto, data, região, gênero literário e língua, Libras ou português) e visualização da lista de materiais por título e capa.

Fonte: LIBRAS (2020)

A definição dos rótulos contou com reuniões entre pesquisadores e estudantes que estavam desenvolvendo as pesquisas na área de Língua de sinais e educação bilíngue, incluindo surdos e ouvintes, que também são prováveis usuários do portal. As discussões, por vezes longas, com decisões que pareciam definitivas e que se transformavam ao longo do desenvolvimento do projeto – gerando novas discussões sobre a relação entre o texto em língua de sinais, texto em português escrito e o desenho dos ícones –, evidenciaram a importância da precisão terminológica e a exigência de objetividade e clareza.

Por exemplo, a primeira palavra indicada para representar o conjunto de literatura, produção acadêmica e materiais didáticos foi “biblioteca”, e a representação da biblioteca seria a imagem de um livro. Mas a produção em Libras não possui relação com livros impressos e a biblioteca não é um espaço representativo do conhecimento produzido em Libras. Mesmo as bibliotecas digitais e aquelas que incluem textos em vídeos na língua de sinais, geralmente não oferecem ambientes amigáveis para os surdos. Os participantes relataram que enfrentam dificuldades para localizar materiais nos sistemas mais comuns de bibliotecas, como o *Pergamum* e *Sophia*. A referência a bibliotecas não é simpática aos usuários surdos e o ícone de um livro não é facilmente associado a vídeos digitais em Libras.

Os textos explicativos dos menus e o desenho dos ícones também precisam de muita objetividade. Fajardo, Parra e Cañas (2010) indicam que o uso de ícones para orientar a navegação na *web* pelos surdos é eficiente quando representam conceitos comuns e familiares, mas não são adequados quando os conceitos são desconhecidos e abstratos. Nesses casos, o uso da língua de sinais é

fundamental e precisa estabelecer uma relação muito íntima com as imagens associadas. Por sua vez, o sistema de buscas, recurso que é simples e eficiente em línguas escritas, também demandou pesquisas e busca de soluções tecnológicas.

Os sistemas digitais atuais permitem que se use a palavra escrita para acessar dicionários ou glossários de forma muito ágil, se façam buscas para localizar uma informação em um texto, site ou mesmo na *web*, e oferecem tradução automática para qualquer língua escrita. Essas facilidades, no entanto, não estão disponíveis para os usuários de línguas de sinais.

Não existem ainda sistemas eficientes e amplamente adotados pelos surdos para buscas a partir de um sinal em Libras visando a localizar uma informação na *web* e mesmo para localizar um sinal em um glossário ou dicionário. Os glossários e dicionários, na maioria das vezes, oferecem apenas a tradução da língua escrita para a língua de sinais e os poucos que oferecem a opção de buscar pelo sinal exigem selecionar vários parâmetros da língua visual como a configuração de mãos, posição do sinal, direção do movimento. Mesmo com esses filtros, os sinais possíveis são geralmente mostrados por uma imagem, não por um vídeo e organizados por ordem alfabética. Isso dificulta a localização do sinal a ser traduzido.

Os tradutores automáticos funcionam bem na tradução de textos escritos ou orais para a língua de sinais. No Brasil, alguns exemplos bem populares são o *VLibras*, o *ProDeaf* e o *HandTalk*. Mas a tradução da língua de sinais é mais difícil. No mundo inteiro, estão sendo feitos esforços para avançar pesquisas computacionais de reconhecimento automático de sinais, mas esbarram em problemas como um contraste fraco entre a cor das mãos e do rosto na sinalização. A cor da pele também pode não ter um contraste adequado com a cor de fundo ou com a roupa do intérprete. Os movimentos com profundidade, aqueles que não são feitos na frente do intérprete, mas vão de trás para a frente, por exemplo, também dificultam o mapeamento para sistemas de identificação dos sinais.

Nesse sentido, o projeto incluiu o *redesign* da interface do *Signbank* da Libras visando facilitar a busca a partir de sinais em Libras. O desenvolvimento de um sistema de localização rápida da configuração de mãos em um *slider*¹ deslizante e uma organização gestual dos sinais que utilizam essa configuração foi possível porque a catalogação dos sinais foi feita em um banco de dados com muitos detalhes sobre cada sinal. Foram catalogados o número de mãos usadas para fazer o sinal (uma mão, duas mãos simétricas, duas mãos diferentes), configuração de mãos, localização da articulação do sinal, registro sobre a existência de mudança de orientação, movimento alternado, movimento repetido, movimento direcional, orientação relativa de movimento e localização, forma do movimento e tipo de contato entre as mãos.

Para que o trabalho de design pudesse explorar os recursos de enquadramento, cores e recortes foi necessário filmar e editar novamente todos os sinais e configurações de mãos. São os detalhes na apresentação das imagens que facilitam a identificação visual.

A integração do *Signbank* permitiu também que fosse desenvolvido um sistema de pesquisa no portal com busca pelo sinal em Libras ou pela palavra escrita. A integração dos textos em Libras, possibilitando acessar os itens do banco de sinais através de *links* nos vídeos é possível, mas o trabalho exige inserir cada *link* ao longo dos vídeos e melhorias nesse sistema ainda requer aprofundamento nos estudos de usabilidade e desenvolvimento de recursos computacionais.

Outra proposta do design foi de planejar o design de interação para fomentar a criação de comunidades de prática e facilitar a interação entre surdos e ouvintes. Conforme Preece, Rogers e Sharp (2010), design de interação é o projeto de sistemas para apoiar a comunicação e interação entre as pessoas. Além do desenvolvimento de um espaço interativo, com opções de uso do português escrito e da língua de sinais, o portal de Libras permite que os usuários avaliem os materiais, façam denúncias de conteúdos inadequados e colaborem com o desenvolvimento do portal publicando suas produções literárias, de materiais didáticos, exemplos de aulas, glossários e pesquisas. Existem muitos estudos que resultaram em normas e diretrizes de acessibilidade. No entanto, essas recomendações gerais não são suficientes para promover uma interação intuitiva dos usuários surdos e tem

¹ Recurso objetiva aprimorar a experiência do usuário por meio uma estratégia de visualização clara e objetiva de um conjunto de imagens com o auxílio de recursos de interação e de animação.

demandado estudos mais específicos como os de Fajardo, Vigo e Salmerón (2009), Flor (2016) e Li e Xu (2009).

Para facilitar a interação entre os usuários e fomentar o desenvolvimento de comunidades de prática, o espaço interativo oferece orientações visuais e bilíngues e um sistema de buscas para localizar os temas abordados.

Ainda foi realizado o desenvolvimento do design visual/editorial para a Gramática da Libras e o Quadro de Referência para o ensino da Libras. O projeto gráfico para a apresentação do material coletado, organizando as formas de acesso, subsidiou a elaboração de uma gramática da Libras e de um espaço para publicação de diferentes pesquisas sobre os aspectos gramaticais da língua. Também foi desenvolvido o design para o Quadro de referência para o ensino de Libras com espaço para publicação de aulas de exemplo.

O Portal incorporou um banco de dados para armazenar os materiais em Libras, em especial os conteúdos da Antologia Literária e do Corpus de Libras, os quais estarão disponíveis para consultas, pesquisas e uso pelos pesquisadores colaboradores, professores, tradutores, intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, assim como demais interessados para fins educacionais. Além disso, o portal conta com espaços desenvolvidos especificamente para fomentar o desenvolvimento da Gramática da Libras e de um Quadro de Referência para o ensino de Libras como segunda língua integrando o banco de dados para ser usado nos espaços educacionais. Ademais, esse banco comporta dados criados a partir do compartilhamento de informações (texto, imagens, vídeos, etc.) realizado na Comunidade de Prática de formação e/ou Rede de formação. A criação de um ambiente de colaboração mediado pela tecnologia vai ao encontro da definição de Davidson (2008) sobre uma geração de ferramentas que é denominada *Humanities 2.0*: "*Humanities 2.0 is distinguished from monumental, first-generation, data-based projects not just by its interactivity but also by openness about participation grounded in a different set of theoretical premises, which decenter knowledge and authority*" (DAVIDSON, 2008, p. 711-12)

Considerando que o Portal de Libras e a Comunidade de Prática e/ou Rede de formação favorece a interação em Libras e Português, foram desenvolvidas, customizadas e/ou integradas as seguintes ferramentas:

- 1) Recursos para busca visual considerando as especificidades da Libras.
- 2) Ferramentas de interação assíncrona.
- 3) Ferramentas de colaboração.
- 4) Sistema de pesquisa por sinais em Libras.

As ferramentas desenvolvidas foram concebidas para serem de fácil uso, sem necessidade de conhecimentos de programação, em diferentes equipamentos; aquelas que forem modularizáveis estarão disponíveis no Portal para *download* em consonância com a filosofia *open source*. Esta definição objetivou a disseminação dos conhecimentos desenvolvidos, bem como o estímulo à livre-contribuição da comunidade de usuários para o aprimoramento das ferramentas e tecnologias desenvolvidas.

Em síntese, o Portal de Libras compreendeu os seguintes pontos:

- 1) O desenvolvimento do Portal de Libras com a possibilidade dos usuários realizarem a gestão de sua aprendizagem, a partir de ferramentas construídas para este fim (exemplo: progresso de leitura, gestão de materiais acessados, favoritos, indicação conteúdos relacionados, colaboração entre os usuários, etc.).
- 2) A organização e geração de uma base multimídia para o banco de sinais na plataforma internacional de *signbanks*.
- 3) A indicação de ferramentas para apoio à realização do projeto e divulgação de materiais em Libras, que estejam em consonância com a filosofia *digital humanities*, em especial *humanities 2.0*.
- 4) A geração de uma base de dados multimídia de objetos de aprendizagem.
- 5) O desenvolvimento de ferramentas de gestão da plataforma com funcionalidades de desenvolvimento de materiais, gestão de conteúdos e usuários, conteúdos mais acessados, ferramentas de busca semântica e relacional, etc.
- 6) A integração das informações do portal e das bases de dados utilizadas e geradas.

O Portal de Libras também está disponibilizando em Libras um amplo acervo de materiais já existentes e de acesso aberto, consolidando este espaço como meio para a rede de formação dos profissionais e alunos da área. Também possibilita o gerenciamento dos recursos educacionais voltados a comunidade surda e aos profissionais que atuam nos cursos de Libras. Destaca-se que estas tecnologias e recursos educacionais viabilizam e potencializam as orientações em Libras, tendo sua eficácia comprovada em experiências anteriores.

O portal também inclui o Corpus de Libras no Inventário Nacional de Libras, no sentido de documentar a Libras de forma representativa no país. Trata-se da metodologia desenvolvida no projeto piloto em Santa Catarina, que foi replicada nos estados de Alagoas, Ceará e Tocantins, que, ao pesquisarem sobre o Corpus de Libras, estão coletando os dados locais no seu estado.

2 AÇÕES DE EDUCAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

No âmbito do Portal de Libras, foi prevista a criação de um ambiente público e de acesso livre, que contemplasse materiais em diferentes formatos sobre as questões contemporâneas relacionadas à Libras, com o objetivo de democratizar o acesso às informações e às formações na área. Essa necessidade de livre acesso ao conhecimento produzido vem em sintonia com o debate nacional atual na área, influenciado pelas experiências e políticas internacionais. Há que se considerar que as tecnologias trazem novas formas de aprendizagem, denominada de *aprendizagem ubíqua*, possíveis devido às vantagens que as redes apresentam em termos de flexibilidade, velocidade, adaptabilidade e de acesso aberto à informação. Caracteriza-se pelo conjunto de processos de aprendizagem abertos, espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes (SANTAELLA, 2010). Segundo Santaella (2010), esses processos de aprendizagem acontecem com a possibilidade de compartilhamento de diversos espaços-tempos simultaneamente, ao que a autora chamou de ubiquidade. A proposta é, portanto, fazer do Portal de Libras um espaço que permita aos usuários desenvolver essa habilidade de comunicação a qualquer tempo e hora, por meio de diferentes dispositivos móveis. Assim, a ubiquidade está associada à mobilidade favorecendo práticas pedagógicas por meio do acesso às tecnologias, estabelecendo uma nova relação entre espaço e tempo.

A criação do Portal de Libras objetivou responder a uma necessidade premente de acesso à informação qualificada por parte dos profissionais da Educação e da comunidade em geral, e de subsidiar processos formativos de profissionais que atuam com surdos, na perspectiva da difusão do conhecimento nesta temática. A Educação de Surdos avançou celeremente na última década, incorporando uma série de pesquisas sobre esses sujeitos que podem favorecer a suas aprendizagens. No entanto, essas informações ainda são restritas a um pequeno número de profissionais. Portanto, a sua organização de acordo com o público-alvo, divulgação e socialização são de suma importância, agregado ao fato que o Portal destina áreas de colaboração, permitindo que seus usuários também publiquem informações relevantes sobre o tema, garantindo uma permanente atualização e troca de informações e possibilitando a diversificação e articulação da rede de serviços públicos para proteção e cuidado da comunidade surda, tal como previsto nas políticas/planos federais, estaduais e municipais.

Todos os materiais elaborados estão sendo publicados em formato aberto no Portal de Libras e podem ser utilizados gratuitamente em diferentes contextos por toda a comunidade interessada. Além disso, o Portal também apresenta ferramentas que fomentem uma rede de formação e/ou Comunidade de Prática, viabilizando a interação em Libras e em Português. Foram desenvolvidas ferramentas que favoreçam a acessibilidade, indexação de informações, registro e *upload* de vídeos, constituindo-se numa possibilidade de pesquisas e desenvolvimento de produtos que poderão ser revertidos a toda comunidade surda e ouvinte.

Todos os materiais disponibilizados no Portal de Libras podem ser utilizados para formação em diferentes instâncias, por entidades públicas e privadas para fins educacionais relacionados com a Libras, a educação de surdos, a capacitação de profissionais, a formação de professores, tradutores e intérpretes.

3 DA ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DOS DADOS ON-LINE

Com o objetivo de manter a segurança, por um lado, e por outro o acesso facilitado, todos os dados coletados são armazenados em servidor específico do Corpus de Libras, alocado no Núcleo de Processamento de Dados da UFSC.

Os dados do Corpus de Libras são organizados levando-se em conta a seguinte estrutura hierárquica: cidade, data da coleta, nome dos participantes. Na pasta, foram armazenados os dados “dados_editados”, onde serão incluídos os arquivos já editados e configurados para a sua utilização no ELAN. Ambas as pastas foram subdivididas em: “_informante_1” e “_informante_2”, dentro das quais serão especificados: “tipo de dado” (i.e. entrevista, narrativa, eliciação, conversação); e, quando for o caso, o “_texto específico” (exemplo: *Pear Story*, no caso de narrativas; classificadores na sessão de eliciação). Os arquivos transcritos foram armazenados nas mesmas pastas em que estiverem localizados os arquivos de mídia editados que lhes servirão de base para transcrição.

A Antologia de Literatura em Libras envolveu a disponibilização de ferramentas de buscas em Libras e em português com espaço para postagem de outras antologias. A interface foi desenvolvida, pois não havia ainda nenhuma interface disponível. A disponibilização dos dados da Antologia foi feita por meio de uma interface acessível e amigável que foi desenvolvida com a participação de professores, tradutores, intérpretes de Libras.

O Quadro de Referência da Libras foi também disponibilizado por meio de uma interface em Libras e português com espaço para postagem de propostas de ensino de Libras entre os seus usuários. A interface conta com ferramentas de buscas eficientes que localizem temas de discussão e favoreçam as práticas pedagógicas. Este espaço tem como público-alvo principal os professores de Libras que atuam em diferentes níveis da educação, em especial, na educação básica.

A fim de viabilizar não apenas o armazenamento de dados e metadados do projeto num banco de dados consistente, mas também a disponibilização da documentação de forma *on-line* e gratuita para consulta por parte do público acadêmico, o banco de dados criado foi elaborado em consonância com a página *on-line* do Corpus de Libras, da antologia e do ensino de Libras, o que exigiu o diálogo entre os programadores das páginas, a congruência das mesmas no Portal de Libras e a equipe executiva do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do portal de Libras teve como objetivo apoiar a disseminação de conteúdos relacionados à Libras e à educação de surdos promovendo a formação de comunidades de prática. Neste sentido, a comunidade de prática refere-se à identidade partilhada em torno dos temas e desafios abordados no contexto do portal de Libras.

A complexidade da relação entre as informações, a quantidade e variedade do conteúdo disponível, a perspectiva de crescimento em função da demanda por materiais relacionados com a Libras, além da necessidade de valorização do visual e da Libras, exigiu o desenvolvimento de diferentes pesquisas teóricas sobre acessibilidade e surdez tendo em vista a escolha de tecnologias a serem utilizadas, bem como a elaboração de recursos tecnológicos inovadores.

O projeto envolveu estudos para a elaboração de uma arquitetura de informações que tornasse clara a organização dos conteúdos, permitindo que fossem localizados por uma orientação visual e pela língua de sinais,

Buscando uma solução para a navegação que permitisse localizar os materiais em no máximo dois níveis de profundidade, o menu principal foi organizado em cinco tópicos e subtópicos: Materiais (literários, acadêmicos e didáticos), Cursos (Libras, técnico, graduação, pós-graduação e outros), Língua (gramática, *Signbank*, glossários, ensino, Corpus de Libras e antologias), Pesquisas (projetos, grupos e dados estatísticos) e Espaço interativo. Os subtópicos direcionam para páginas com os conteúdos principais, como a gramática e banco de sinais ou para listas de opções como em materiais, cursos, glossários.

Levando em consideração os estudos feitos, foram utilizados filtros que permitem aos usuários visualizarem, por exemplo, os materiais pelas miniaturas das capas ou pelas fotos dos autores e os cursos pela marca da instituição. Os tópicos oferecem filtros específicos permitindo ao usuário escolher visualizar apenas materiais em Libras ou português, público infantil, juvenil ou adulto, selecionar região e espaço de tempo, etc.

Os botões, em consonância com as orientações identificadas na literatura científica, possuem ícones, texto em português e texto em Libras apresentando as opções do menu, de modo a explorar a visualidade dos surdos e eliminar as ambiguidades na interpretação dos textos em português.

O sistema de buscas foi integrado com o banco de sinais (Libras *Signbank*) permitindo que o usuário selecione um sinal de forma facilitada e o sistema retorna uma palavra utilizada automaticamente para localizar no portal os assuntos relacionados.

O design de interação foi desenvolvido levando em consideração os estudos relacionados com a acessibilidade aos surdos considerando aspectos como navegabilidade e geração de valor em comunidades de prática e para promover maior engajamento do público do portal. Também foram feitos estudos de design editorial, com foco nos textos em Libras, visando promover uma leitura fluida e agradável. Para tanto foi adaptado um *player* de vídeo específico para a leitura em Libras.

O portal de Libras pretende reunir grande quantidade de dados e a organização visual desses dados pode ser muito útil e significativa. A partir dos conteúdos publicados, dados dos usuários e autores, e informações dos acessos, foram elaborados gráficos dinâmicos que indicam, por exemplo, tipos de cursos e materiais disponíveis e buscados, por regiões e por períodos. Tais informações podem subsidiar pesquisas e políticas públicas além de indicar possíveis melhorias no portal de Libras para desenvolvimentos futuros.

O projeto, com foco na experiência do usuário, visou a facilitar a catalogação, a navegação e as buscas com orientações visuais e bilíngues, e envolveu participantes surdos e ouvintes nas definições e nos testes de usabilidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (# 440337/2017-8).

REFERÊNCIAS

AMBROSE, G.; HARRIS, P. *Tipografia*. Trad. de Priscila Lena Farias. Porto Alegre: Bookman, 2011.

CASTRO, N. P. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COETZEE, L.; OLIVRIN, G.; VIVIERS, I. Accessibility Perspectives on Enabling South African Sign Language in the South African National Accessibility Portal. *In: INTERNATIONAL WORLD WIDE WEB CONFERENCE W4A200*, 18, Madrid, 2009. *Proceedings...* Madrid, Spain, 2009. p. 62-65.

FAJARDO, I. ; PARRA, E.; CAÑAS, J. J. Do sign language videos improve web navigation for deaf signer users? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 15, n. 3, p. 242–262, 2010.

- FAJARDO, I.; VIGO, M.; SALMERÓN, L. Technology for supporting web information search and learning in Sign Language. *Interacting with Computers*, v. 21, n. 4, p. 243-256, ago. 2009.
- FOTINEA, S.-E.; EFTHIMIOU, E. Tools for deaf accessibility to an eGOV environment. *Lecture Notes in Computer Science*, n. 5105, 2008. p. 456-453.
- FLOR, C. da S. *Recomendações para a criação de pistas proximais de navegação em websites voltadas para surdos pré-linguísticos*. 2016. 336 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- GRANT, W. *UX design: guia definitivo com as melhores práticas de UX*. São Paulo: Novatec, 2019.
- HICKS, J. *The icon handbook*. United Kingdom: Five Simple Steps, 2011.
- KALBACH, J. *Design de navegação web: Otimizando a Experiência do usuário*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.
- LIBRAS. *Portal de Libras*. Disponível em: <https://portal.libras.ufsc.br>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- LIBRAS. *Portal de Libras*. 2020. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- LI, Y.; XU, J. C. Through virtual learning community to achieve liberated learning for deaf students. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTER SCIENCE AND INFORMATION TECHNOLOGY*, 2, Ukraine, 2009. *Proceedings...* Ukraine, 2009. p. 37-42.
- LUPTON, E.; MILLER, A. *Design, escrita, pesquisa: a escrita no design gráfico*. Trad. Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman. 2011.
- NASR, M. M. An enhanced learning environment for Deaf/HOH pupils. *In: 2nd International Conference on Computer Technology and Development*. Cairo, Egypt, 2010. p. 724-727.
- PREECE, J.; ROGERS, Y.; SHARP, H. *Design de interação*. Trad. Isabela Gasparini. 3. ed., São Paulo: Bookman, 2013.
- ROSENFELD, L.; MORVILLE, P.; ARANGO, J. *Information architecture: for the web and beyond*. 4. ed., [s.l.]: O'Reilly Media, 2015.
- SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SILVA, R. C. da. *Indicadores de formalidade no gênero monológico em libras*. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- TRINDADE, D. de F. G.; GUIMARÃES, C.; GARCÍA, L. S. conceptual framework of collaborative environments: cultivating communities of practice for deaf inclusion. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENTERPRISE INFORMATION SYSTEMS*, 15., Angers, 2013. *Proceedings...* Angers, 2013. p. 206-2015.

WOLL, B. *et. al.* *Signing books: testing of prototypes* [1999]. Disponível em: http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/signingbooks/sbrc/pdf/del_61.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.



Recebido em 27/09/2020. Aceito em 25/10/2020.